

A PEQUENA LOJA
DOS **GRANDES**
MILAGRES



**KEIGO
HIGASHINO**

BESTSELLER INTERNACIONAL

**MAIS DE 15 MILHÕES
DE EXEMPLARES VENDIDOS**

 **PRESENÇA**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A PEQUENA LOJA
DOS **GRANDES**
MILAGRES



**KEIGO
HIGASHINO**

BESTSELLER INTERNACIONAL

**MAIS DE 15 MILHÕES
DE EXEMPLARES VENDIDOS**

 **PRESENÇA**



A PEQUENA LOJA
DOS **GRANDES**
MILAGRES

KEIGO HIGASHINO

A PEQUENA LOJA
DOS **GRANDES**
MILAGRES



TRADUÇÃO DE
ANDRÉ PINTO TEIXEIRA

 PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *A Pequena Loja dos Grandes Milagres*

Título original: *Namiya Zakkaten No Kiseki*

Autor: *Keigo Higashino*

Copyright © Keigo Higashino 2012, 2014

First published in Japan in 2012 by KADOKAWA CORPORATION, Tokyo.

Portuguese translation rights arranged with KADOKAWA CORPORATION, Tokyo, through TUTTLE-MORI AGENCY, INC., Tokyo.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução do japonês: *André Pinto Teixeira*

Revisão: *Joaquim E. Oliveira/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2024

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO 1

A RESPOSTA ESTÁ NA PALETE DO LEITE

Foi Shôta quem sugeriu que fossem à casa abandonada. Dizia que havia uma mesmo a jeito.

— Como assim, «mesmo a jeito»? — questionou Atsuya, a olhar de cima a baixo para Shôta, que, além de baixinho, ainda tinha feições de menino.

— «Mesmo a jeito» é «mesmo a jeito». Quero dizer que é perfeitinha para a gente se esgueirar. Encontrei-a por acaso enquanto sondava a zona. Quando a vi, nem pensei que nos fosse de alguma utilidade.

— Desculpem lá — disse Kôhei, encolhendo o corpo gigante. Fitou o velho *Crown*, estacionado ao lado, com um olhar pouco convencido. — Nunca imaginei que ficasse sem bateria num sítio destes.

Atsuya suspirou.

— Dizer isso agora já não serve de nada.

— Mas que se terá passado? Até vir para aqui, nunca tinha tido problemas. E eu não deixei as luzes ligadas o tempo todo...

— É uma questão de esperança de vida — cortou Shôta. — Não viste o número de quilómetros percorridos? Já passou de um milhão. Ficou senil. E com a vida a chegar ao fim, quando veio para aqui acabou por colapsar por completo. Foi por isso que te disse que era melhor que roubasses um carro novo.

Kôhei cruzou os braços, num resmungo.

— Mas os carros novos têm sistemas antirroubo.

— Já chega dessas conversas — interrompeu Atsuya, a agitar a mão. — Shôta, a casa abandonada fica aqui perto?

Shôta anuiu com a cabeça.

— Se andarmos rápido, fica a uns vinte minutos.

— Boa. Sendo assim, vamos lá. Guia-nos, está bem?

— Por mim, tranquilo. Mas o que fazemos com o carro? Podemos deixá-lo aqui?

Atsuya examinou o lugar que os rodeava. Estavam num parque de estacionamento reservado, em plena zona residencial. Como havia um lugar vago, puseram ali o *Crown*. Todavia, quando o dono do lugar desse por ele, chamaria inevitavelmente a polícia.

— Não, não podemos. Mas ele não anda, pelo que não temos alternativa. Vocês não tocaram em lado nenhum sem luvas, pois não? Assim, não devem conseguir saber quem somos quando examinarem o carro.

— Ou seja, vamos deixar a nossa sorte nas mãos do céu.

— Não te disse já que não temos escolha?!

— Estava só a confirmar. Tudo bem. Vá, venham comigo.

Shôta estugou o passo, seguido de imediato por Atsuya. A mala que trazia na mão direita pesava-lhe.

Kôhei pôs-se em fila, com eles de lado.

— Olha lá, Atsuya. E que tal se apanhássemos um táxi? Mais um bocado e chegamos a uma estrada larga. De certeza que há um táxi vazio por aquelas bandas.

Atsuya fungou sonoramente.

— Três homens suspeitos a apanhar um táxi a estas horas e num sítio destes? O motorista nunca se esquecerá de nós. Depois disso, faziam um retrato igualzinho a nós e íamos desta para melhor.

— Mas achas que o taxista vai olhar fixamente para nós?

— E se olhar? Mesmo que não olhe fixamente, há quem consiga lembrar-se de uma cara olhando só de relance.

Kôhei guardou silêncio. Dando alguns passos, pediu desculpa em voz baixa.

— Já chega. Cala-te e anda.

Os três passaram por uma zona residencial. Eram duas da manhã. As casas em banda tinham todas o mesmo *design*, mas não havia quase nenhuma janela iluminada. No entanto, não se podiam descuidar. Se cometessem o erro de falar em voz alta, talvez alguém os ouvisse e talvez contasse à polícia que «estavam três homens suspeitos a passear em plena noite». Atsuya queria que a polícia achasse que os criminosos tinham fugido de carro da cena do crime. Para isso, contudo, era preciso que o *Crown* levasse algum tempo a ser encontrado.

A estrada ganhou ali uma ligeira inclinação. À medida que caminhavam, porém, o declive foi-se tornando mais pronunciado e, com ele, as casas foram-se diluindo na noite.

— Então? Vamos até onde? — interrogou Kôhei, ofegante.

— É só mais um bocado — respondeu Shôta.

Na verdade, pouco depois disso, Shôta estacou. Ao seu lado, havia uma casa.

Era um edifício não muito grande que tanto era um negócio, como uma residência. A parte habitacional era em estilo japonês, feita de madeira. A loja, com uma fachada de menos de dois metros, tinha a portada fechada. A portada revelava uma ranhura na qual se inseria correio, mas não continha qualquer informação escrita. Ao lado, havia um pequeno edifício que talvez servisse de armazém e de garagem.

— É aqui? — perguntou Atsuya.

— Muito bem...

Shôta examinou a casa e inclinou a cabeça.

— Devia ser aqui...

— Como assim, «devia ser»? Não é?

— Não, acho que aqui está bem. Mas parece-me diferente desde a última vez que cá vim. Pensava que fosse um pouco mais nova.

— Não será porque dessa vez vieste durante o dia?

— Se calhar.

Atsuya retirou uma lanterna da mala e fez a luz incidir sobre a portada. Em cima, havia um letreiro com a indicação «Bazar» em caracteres vagamente legíveis. Ao lado, deveria estar o nome da loja, mas não o conseguiam ler.

— Um bazar? Num lugar como este? Mas alguém vem para aqui? — questionou Atsuya, sem pensar.

— Não foi por não vir ninguém que foi à falência? — adicionou Shôta.

— Faz sentido. Mas por onde é que entramos?

— Há uma entrada nas traseiras. O cadeado está estragado. É aqui — anunciou Shôta, e entrou para o espaço entre o edifício grande e o pequeno.

Atsuya e os restantes seguiram-no. A fresta tinha cerca de um metro de largura. Enquanto prosseguiram, olharam para o céu. A lua redonda flutuava lá no topo.

De facto, havia uma entrada de serviço nas traseiras. Ao lado da porta, como que emergiu uma pequena caixa de madeira.

— Que é isto? — sussurrou Kôhei.

— Não sabes? É uma palete do leite, para pôr o leite das entregas — respondeu Atsuya.

— Ai sim?

Kôhei observou a palete com um ar curioso.

Os três abriram a porta das traseiras e adentraram o espaço. Tresandava a poeira, mas não a ponto de agonizar. Ali, havia uma área sem pavimento com pouco mais de três metros quadrados, e uma máquina de lavar roupa enferrujada e provavelmente estragada.

Havia ainda um par de sandálias cheio de poeira, para quem quisesse descalçar os sapatos. O trio evitou as sandálias e entrou na zona interior da casa com os sapatos da rua.

Mal entraram, chegaram à cozinha. O chão era de tábuas. À janela, havia um lava-louça e um forno. Ao seu lado, um frigorífico com duas portas. No centro da sala, uma mesa e cadeiras.

Kôhei abriu o frigorífico.

— Não tem nada — declarou, aborrecido.

— Claro que não — retrucou Shôta. — E se tivesse? Comias?

— Eu só disse que não havia nada.

A divisão contígua era uma sala de estilo japonês. Ainda guardava uma cômoda e um altar budista. No canto, estavam empilhadas almofadas para quem se senta no chão. Havia ainda um armário, mas ninguém teve vontade de o abrir.

Da sala japonesa para a frente, era a loja propriamente dita. Atsuya iluminou o espaço com a lanterna. Nas prateleiras, sobreviviam alguns produtos, embora muito poucos. Eram artigos de papelaria, de cozinha e de limpeza.

Quando Shôta abriu a gaveta do altar budista, exclamou:

— Que sorte! Há aqui velas, podemos usá-las para fazer luz.

Acendeu as velas com o isqueiro e distribuiu-as pela sala. Graças a elas, o espaço tornou-se mais claro. Atsuya desligou a lanterna.

— Bem... — declarou Kôhei, sentando-se de pernas cruzadas no tatâmi. — Agora é só esperar que amanheça.

— Olhem, estava aqui isto.

Shôta retirou da gaveta de cima do altar budista algo que parecia uma revista. Tinha o ar de uma antiga revista semanal.

— Mostra aí — ordenou Atsuya, estendendo a mão.

Expulsou o pó e reexaminou a capa. Parecia apresentar uma celebridade; uma jovem mulher a sorrir. Observou-a por momentos, pois sentia que a conhecia de algum lado. Acabou por se aperceber de que, naqueles dias, costumava fazer o papel de mãe em várias séries. Deveria ter agora sessenta e poucos anos.

Revirou a revista e confirmou a data de publicação. Remontava a cerca de quarenta anos. Ao dizerem-no em voz alta, os dois entreolharam-se.

— Incrível. Que terá acontecido nessa altura? — perguntou Shôta.

Atsuya virou as páginas. Eram praticamente do mesmo formato das revistas modernas.

— «Supermercado mergulhado no caos por compras em excesso de papel higiénico e detergente.» Acho que já tinha ouvido falar disto.

— Ah, já sei — disse Kôhei. — Foi durante a Crise do Petróleo.

Atsuya passou os olhos pelo índice. Por fim, viu a secção das modelos e fechou a revista. Não tinha quaisquer fotos eróticas ou nuas.

— Até quando terá vivido gente aqui?

Atsuya devolveu a revista à gaveta do altar e revistou o quarto.

— Ainda há alguns artigos na loja, já para não falar do frigorífico e da máquina de lavar a roupa. Parecem ter saído daqui à pressa.

— Escaparam de noite, não haja dúvida — determinou Shôta. — Como não tinham clientes, afogaram-se em dívidas e, certa noite, puseram-se em fuga. Deve ter sido isso que se passou.

— Sabe-se lá.

— Está-me a dar a fome — protestou Kôhei, num tom lastimoso. — Não haverá uma loja de conveniência aqui na zona?

— Mesmo que houvesse, não te deixava ir — cortou Atsuya, a olhar para Kôhei. — Temos de ficar aqui até de manhã. Se te puseres a dormir, passa num instante.

Kôhei apoiou a cabeça nos joelhos.

— Não sou capaz de adormecer quando estou com fome.

— E eu não sou capaz de me deitar nestes tatâmis cheios de pó — acrescentou Shôta. — Se pelo menos houvesse qualquer coisa onde me deitar...

— Espera um bocado — pediu Atsuya, levantando-se.

Atsuya pegou na lanterna e rumou à loja.

Moveu-se lá por dentro alumiando os produtos. Estava esperançoso de que houvesse um saco de plástico que pudessem usar.

Encontrou papel em rolo, para portas de deslizar. Se o desenrolasse, talvez servisse. Era isso que se preparava para fazer quando ouviu um som discreto atrás de si.

Surpreendido, virou-se. Viu algo branco a cair para dentro de uma caixa de cartão, em frente à portada. Com a lanterna, iluminou a caixa. Parecia tratar-se de um envelope.

Por momentos, o seu sangue ferveu. Alguém havia inserido uma coisa pela ranhura do correio. Àquelas horas, quem poderia ser? Quereriam informá-los de algo?

Atsuya inspirou profundamente, abriu a tampa da caixa do correio e espreitou. Talvez já estivessem rodeados de carros-patrolha. Mas lá fora continuava escuro, o que lhe traía a imaginação. Não havia quaisquer sinais de gente.

Já mais calmo, pegou no envelope. Não tinha nada escrito na face. Ao virá-lo, leu nele as palavras «Coelha da Lua».

Em seguida, regressou à sala japonesa com o envelope na mão.

— Que é isso? Não estava lá antes? — perguntou Shôta.

— Meteram-no agora no correio. Vi-o com os meus próprios olhos, não tenho dúvidas. E olha para o envelope: é novinho em folha. Se já cá estivesse, devia estar cheio de pó.

Kôhei encolheu o corpo enorme.

— Será a polícia?

— Pensei no mesmo, mas não deve ser. A polícia nunca faria algo tão rebuscado.

— Tens razão — suspirou Shôta. — E a polícia nunca assinaria como «Coelha da Lua».

— Então, de quem será?

Kôhei moveu as pupilas, ansioso.

Atsuya fitou o envelope. O conteúdo parecia-lhe bastante grosso. Se fosse uma carta, tinha de ser extremamente longa. O que estariam a tentar dizer-lhes?

— Não, não pode ser — murmurou. — Esta carta não é para nós.

— Porque dizes isso? — perguntaram os outros dois, em coro, a olhar para Atsuya.

— Pensem bem: quanto tempo passou desde que estamos nesta casa? Se fosse apenas um lembrete, ainda admito que fosse possível. Mas uma carta tão longa demoraria pelo menos uns trinta minutos a escrever.

— Pois... agora que dizes isso, faz sentido — assentiu Shōta. — Mas pode não ser uma carta.

— Tens razão.

Atsuya reexaminou o envelope. Estava firmemente selado. Determinado, apertou-o com ambas as mãos.

— Que estás a fazer? — questionou Shōta.

— Vou tentar abri-lo. A solução mais rápida é ver o que está aqui dentro.

— Mas a carta não é para nós — disse Kōhei. — Não acho boa ideia abrires sem autorização.

— Não temos alternativa, a carta não tem destinatário.

Atsuya rasgou o envelope. Ainda com as luvas calçadas, inseriu o dedo no envelope e desalojou a carta. Ao desdobrá-la, revelou-se uma caligrafia bastante apertada, em tinta azul. A primeira linha dizia: «Esta é a primeira vez que escrevo a pedir conselhos.»

— Que é isto? — sussurrou Atsuya por reflexo.

Kōhei e Shōta espreitaram de lado.

Era, na verdade, uma carta estranhíssima.

Esta é a primeira vez que escrevo a pedir conselhos.

Chamo-me «Coelha da Lua». Sou mulher. Por razões que são só minhas, não posso revelar o meu verdadeiro nome. Lamento.

Para ser franca, pratico uma certa modalidade desportiva. Peço desculpa, mas também não poderei dizer qual. Talvez seja presunçoso da minha parte dizê-lo, mas os meus bons resultados levaram-me a ser escolhida para representar o nosso país nos Jogos Olímpicos do ano que vem. Portanto, se mencionasse a modalidade que pratico, facilmente saberia quem sou. O assunto para o qual necessito de aconselhamento requer que mantenha oculta a minha identidade enquanto futura atleta olímpica. Agradeço, desde já, a compreensão.

Amo um certo homem. Ele é quem melhor me compreende, coopera comigo e apoia-me. Ele desejava de todo o coração que eu pudesse participar nos Jogos Olímpicos. Para isso, estava disposto a fazer qualquer sacrifício. Ajudou-me financeira e mentalmente de mais maneiras do que eu poderia enumerar. Só consegui dar tudo e aguentar treinos dolorosos graças ao seu altruísmo. Sempre pensei que subir ao palco dos Jogos Olímpicos seria uma forma de lhe

retribuir tudo o que me deu.

No entanto, aconteceu-me uma coisa, saída de um pesadelo. Subitamente, ele colapsou. Mal ouvi o nome da doença, vi as trevas a engolirem o mundo à minha frente: era cancro.

Não havia prognósticos de que fosse curável e o médico revelou-me que esperava meio ano de vida. Provavelmente, ele também estava ciente disso.

Enquanto estive internado, disse-me que não me preocupasse com ele, que me focasse, ao invés, nos treinos, pois agora estávamos a passar por uma fase vital da preparação. Tal como me dissera, tinha planeadas sessões intensivas e treinos no estrangeiro. Como havia sido escolhida, agora teria de me dedicar ainda mais. Racionalmente, eu sabia disso.

Ora, havia dentro de mim um outro eu, que, ao contrário do meu «eu» competitivo, só queria estar com ele. Nem me importava de abandonar os treinos para estar ao lado dele e cuidar dele. Até lhe cheguei a propor a renúncia à minha participação nos Jogos Olímpicos. Mas, quando o fiz, a sua expressão tornou-se tão triste que quase me dá vontade de chorar só de me lembrar. Implorou-me: «Não faças isso, ver-te nos Jogos Olímpicos é o meu maior sonho. Por favor, não desistas. Enquanto não subires ao palco dos Jogos Olímpicos, arranjaréi forma de não morrer. Por isso, promete-me que irás dar tudo por tudo.»

Nunca revelei o nome da doença às pessoas que me rodeavam. Planeávamos casar depois dos Jogos Olímpicos, mas não falámos disso com as nossas famílias.

Continuo a viver sem saber o que fazer. Por muito que treine, não consigo ter o estado de espírito certo ou concentrar-me. E, assim, nunca serei bem-sucedida. Se for para estar assim, mais vale desistir. Pelo menos, é o que penso. Porém, o seu rosto triste não me permite consumir essa decisão.

Estava sozinha, a remoer tudo isto, quando ouvi falar do Bazar Namiya. Escrevo-lhe esta carta com a esperança de que tenha uma boa ideia para me apresentar.

Incluo neste envelope um outro envelope, para que me responda. Por favor, ajude-me.

Coelha da Lua

Quando terminaram a carta, os três entreolharam-se.

Shôta foi o primeiro a levantar a voz.

— Que é isto? Porque é que puseram esta carta aqui? Não vive cá ninguém.

— Porque estão preocupados — respondeu Kôhei. — É o que aí diz.

— Eu percebi. Mas porque é que mandaram uma carta a pedir conselhos para um bazar? Ainda por cima, para um bazar falido onde não vive ninguém.

— Mesmo que mo perguntes, não sei como te responder.

— Não te perguntei nada, Kôhei. Estava só a especular o que seria isto.

Ao ouvir a conversa, Atsuya espreitou para o envelope. Lá dentro havia outro envelope dobrado, com o nome «Coelha da Lua» escrito com caneta de feltro na secção do destinatário.

— Que poderá ser isto? Não parece ser uma partida. Querem mesmo conselhos. E têm razões muito fortes para estar preocupados.

— Se calhar, enganaram-se — propôs Shôta. — Talvez haja um outro bazar que ofereça aconselhamento e enganaram-se no destinatário.

Atsuya pegou na lanterna e levantou-se.

— Vou só averiguar uma coisa.

Saiu pela porta das traseiras e investigou a frente da loja. Com a lanterna, iluminou o letreiro sujo.

Fitou-o. Uma parte do letreiro era extremamente difícil de ler, pois a tinta havia desbotado. Mas era inegável que o nome que se lia à frente de «Bazar» era «Namiya».

Regressou à casa e transmitiu a informação aos outros dois.

— Então, era mesmo esta loja. Mas eu cá não acho que valha a pena enviar uma carta para uma loja abandonada como esta. Nunca irão responder — disse Shôta, inclinando a cabeça.

— Será outra «Namiya»? — questionou Kôhei. — Talvez o verdadeiro Bazar Namiya fique noutro sítio e a pessoa se tenha confundido.

— Não, é impossível. As letras do letreiro estão muito clarinhas. Quase nem dá para as ler. Ainda para mais... — Atsuya pegou na revista de pouco antes. — Acho que já tinha visto esta loja em qualquer lado.

— Já a tinhas visto? — perguntou Shōta.

— O nome «Namiya». Se bem me lembro, vi-o aqui nesta revista.

— O quê?

Atsuya virou as páginas da revista até ao índice. Examinou-o rapidamente. O seu olhar parou de imediato numa passagem específica.

Era um artigo com o título: «O popular bazar que resolve problemas!»

— Era isto! Mas não diz «Namiya», diz «Nayami»¹.

Abrindo a página, foi confrontado com o seguinte artigo:

Um bazar que resolve qualquer tipo de problemas tem feito furor. Esta loja é o Bazar Namiya, na cidade XX. Se deixar à noite uma carta com as suas preocupações na ranhura do correio na entrada da loja, o bazar responde no dia seguinte, deixando a resposta numa paleta do leite nas traseiras.

Conta-nos o proprietário, Yūji Namiya (72 anos), rindo:

«Tudo começou com uma discussão com as crianças do bairro. Costumavam dizer mal e de propósito o nome da loja. “Nayami, nayami.” E como o leteiro no exterior dizia que prestávamos aconselhamento sobre encomendas, perguntaram-me se também dava conselhos. Quando lhes perguntei que tipo de conselhos procuravam, acabei mesmo por ajudar. Como era tudo uma brincadeira, no início eram só conversas sobre temas menos importantes, como: “Detesto estudar, mas quero ter cinco a tudo. Que devo fazer?” Contudo, acabei por responder francamente, o que me trouxe pedidos de aconselhamento cada vez mais sérios. Por exemplo: “Os meus pais estão sempre a discutir e isso causa-me sofrimento.” Foi aí que comecei a pedir que pusessem cartas com as suas respetivas preocupações na ranhura do correio da entrada. Eu, por minha vez, respondia na paleta do leite das traseiras. Isso permitiu-me lidar com pedidos anónimos. A dada altura, comecei a receber pedidos de aconselhamento de adultos. Achava que não seria boa ideia um velhote normal como eu dar conselhos. Mesmo assim, faço o meu melhor para pensar a fundo nas suas questões e dar-lhes resposta.»

Quando perguntámos que tipo de preocupações são mais comuns, respondeu-nos que a maioria tem que ver com o amor.

«Mas, na verdade, essas são as questões a que tenho mais dificuldade em responder», revelou o senhor Namiya. «Essa até é uma das minhas preocupações.»

O artigo continha uma pequena fotografia. Não havia margem para dúvidas: era uma imagem do bazar. E diante da loja estava um idoso.

— Esta revista não foi guardada por acaso, foi intencional, porque fala desta loja. Mas, mesmo assim... — Surpreendido, Atsuya sussurrou: — O Bazar Namiya que dá conselhos. Será que ainda hoje há gente que envia as suas preocupações? Já se passaram quarenta anos...

Dito isso, olhou para a carta da «Coelha da Lua».

Shōta pegou nela.

— Diz aqui que ouviu falar do Bazar Namiya. Pelo que está na carta, parece que ouviu falar do bazar recentemente. Mas ainda há alguém que fale desta loja?

Atsuya cruzou os braços.

— Talvez. Duvido...

— Se calhar, foi um velhote senil que lhe falou dela — disse Kōhei. — Esse velhote não sabia que o Bazar Namiya estava neste estado e falou na mesma com a senhora «Coelha».

— Mesmo que isso tenha acontecido, mal visse o estado da loja, perceberia que algo estava errado. É óbvio que ninguém vive aqui.

— Ou então a senhora «Coelha» não bate bem. Anda tão preocupada que ficou neurótica!

Atsuya abanou a cabeça.

— Aquele texto não parece ter sido escrito por alguém com problemas mentais.

— Então, como é que se explica isto?

— Não é o que estamos a tentar perceber?

Shōta avançou então com o seu parecer:

— Talvez ainda funcione.

Atsuya fitou Shōta.

— Funcione o quê?

— O serviço de aconselhamento da loja. Mesmo que já ninguém aqui viva, talvez ainda recebam os pedidos de aconselhamento. Talvez o velhote se tenha mudado para outro sítio e venha cá buscar as cartas e pôr as respostas na palete do leite de vez em quando. Se assim fosse, já seria possível.

— Concordo que faz sentido, mas isso significa que o velhote ainda estaria vivo. Teria mais de cem anos.

— Se calhar, já não é a mesma pessoa que trata disso.

— Mas não há sinais de que tenha entrado ou saído gente daqui.

— Não chegam a entrar na casa. Abrem a portada e recolhem as cartas, mais nada.

As palavras de Shōta persuadiram os demais. Para averiguarem os factos, os três dirigiram-se à parte da casa que correspondia ao bazar. No entanto, a portada estava soldada por dentro, sendo impossível de abrir.

— Merda! — cuspiu Shōta. — Que raio se está a passar aqui?

Os três regressaram à sala de estilo japonês. Atsuya voltou a ler a carta da «Coelha da Lua».

— Que fazemos? — perguntou Shōta a Atsuya.

— Quer dizer, acho que não temos de nos preocupar, porque nos vamos embora daqui de manhã.

Atsuya devolveu a carta ao envelope e colocou-o em cima do tatâmi.

O silêncio durou alguns momentos. Escutou-se o sopro do vento. As chamas das velas ondularam levemente.

— E o que é que ela vai fazer? — perguntou Kôhei.

— Como assim? — retrucou Atsuya.

— Em relação aos Jogos Olímpicos. Será que vai desistir? — prosseguiu Kôhei.

— Acho que não — respondeu Shôta. — O amor da vida dela quer vê-la participar.

— Mas o amado está doente e às portas da morte. Nessas circunstâncias, ninguém conseguiria treinar. O melhor é ficar ao lado dele. O amado dela, na verdade, até deve querer isso — insistiu Kôhei num tom estranhamente forte.

— Não acho. Ele está a lutar contra a doença para a poder ver brilhar. Eu acredito que consiga sobreviver até esse dia. Se ela desistisse dos Jogos Olímpicos, ele perderia as forças para lutar.

— Mas olha lá o que está aqui escrito: ela diz que não se consegue concentrar. Assim, nem consegue ir aos Jogos. De que valeria, se não pudesse estar com o seu amado nem concretizar o seu sonho?

— É por isso que tem de se esforçar até ele morrer. Não tem tempo a perder com estas preocupações. Pelo seu amado, tem de dar o máximo nos treinos, arranjar maneira de ir aos Jogos Olímpicos e vencer. Não tem outra opção.

— Fogo — exclamou Kôhei, torcendo o nariz. — Eu cá não seria capaz.

— Também ninguém te está a dizer que o faça. Estamos a falar da senhora Coelho.

— Mas eu também não consigo obrigar outros a fazer aquilo que eu próprio não consigo. E tu, Shôta? Eras capaz?

Quando Kôhei o questionou, Shôta viu-se subitamente atrapalhado pela pergunta. Com uma expressão confusa no rosto, virou-se para Atsuya e passou-lhe a questão:

— Que é que farias, Atsuya?

Atsuya olhou para os dois.

— Mas vocês estão mesmo a discutir isto? Não temos nada que ver com isso.

— Então, que fazemos com a carta? — perguntou Kôhei.

— Nada, não poderíamos fazer nada com ela.

— Mas temos de escrever uma resposta. Não podemos simplesmente pô-la de lado.

— Hã?! — Atsuya fitou o rosto arredondado de Kôhei. — Não me digas que queres mesmo escrever uma resposta!

Kôhei anuiu.

— Não seria melhor? Nós abrimos a carta sem estarmos autorizados.

— O que é que estás para aí a dizer? Ninguém vive aqui, a culpa é de quem

pôs a carta cá. É natural que fique por responder. Concordas comigo, Shôta?

Shôta coçou o queixo.

— Agora que o dizes, acho que sim.

— Claro que concordas. Vamos pôr a carta de lado, não vamos fazer nada desnecessário.

Atsuya foi até à zona do bazar, pegou em vários rolos de papel de porta e passou-os aos restantes. Atsuya estendeu os rolos no chão de tatâmi e recostou-se cuidadosamente. Planeava fechar os olhos e dormir, mas apercebeu-se de que os outros dois não se haviam movido. Abriu os olhos e ergueu o rosto.

Estavam ambos agarrados ao papel de porta, sentados de pernas cruzadas.

— Não poderá ir com ela? — sussurrou Kôhei.

— Quem? — perguntou Shôta.

— O amado dela, o que está doente. Se pudesse ir com ela para os treinos e para as viagens, poderiam estar sempre juntos, ela conseguiria treinar e participar nos torneios.

— Isso é impossível. Ele está doente. Ainda por cima, só tem meio ano de vida.

— Mas não sabemos se se consegue mexer ou não. Se puder mover-se em cadeira de rodas, poderia acompanhá-la, não?

— Se assim fosse, ela teria escrito isso na carta. De certeza que está acamado e incapaz de se mexer.

— Será?...

— Sim, quase de certeza.

— Então, pá? — cortou Atsuya. — Até quando estão a pensar ficar a falar dessas tretas? Não vos disse já que se deixassem disso?

Embaraçados, os outros calaram-se e baixaram as cabeças. Pouco depois, Shôta levantou o rosto.

— Percebo o que queres dizer, Atsuya. Mas não consigo esquecer isto. Esta senhora «Coelha» está mesmo preocupada. Não a queres ajudar?

Atsuya fungou e levantou o corpo.

— Ajudá-la? Não digas parvoíces. O que é que pessoas como nós poderiam fazer? Não temos dinheiro, nem estudos, nem cunhas. A única coisa que sabemos fazer é assaltar casas vazias, que nem uns unhas de fome. E nem isso correu como planeado. Pensávamos que íamos encontrar alguma coisa que valesse algum dinheiro, mas o carro que roubámos para escapar avariou. Foi por isso que acabámos neste sítio, rodeados de poeira. Como é que nós, que nem nos conseguimos satisfazer a nós mesmos, poderíamos dar conselhos aos outros?

Quando Atsuya terminou o seu longo discurso, Shôta encolheu a cabeça, cabisbaixo.

— Bem, o melhor é irmos dormir. De manhã, as pessoas vão todas para o

trabalho. Aí, aproveitamos a confusão para fugir.

Com estas palavras, Atsuya voltou a deitar-se.

Shôta começou finalmente a estender o papel de porta. No entanto, os seus movimentos demoravam-se.

— Olha... — chamou Kôhei, algo hesitante. — Não queres escrever qualquer coisa?

— O que é que queres dizer com «qualquer coisa»? — perguntou Shôta.

— Uma resposta. Não me sinto bem se deixar as coisas como estão...

— Não sejas burro, pá — cortou Atsuya. — Estás-te a martirizar com isso para quê?

— Mas eu acho que faz toda a diferença escrever qualquer coisa. Há casos em que a outra pessoa só quer que a oiçam. Ela tem sofrido porque teve de guardar as suas ansiedades sem nunca as partilhar com mais ninguém. Mesmo que não lhe dêmos uns conselhos fantásticos, se lhe dissermos que compreendemos a sua preocupação e que lhe damos a nossa força, tenho a certeza de que se sentirá melhor.

— Bah! — cuspiu Atsuya. — Façam como quiserem, seus imbecis.

Kôhei levantou-se.

— Há aí alguma coisa para escrever?

— Acho que há material de escritório.

Shôta e Kôhei foram para a parte da casa correspondente ao bazar. Depois de o vasculharem por momentos, regressaram.

— Encontraram alguma coisa para escrever? — perguntou Atsuya.

— Sim. Os marcadores não funcionavam, mas dá para escrever com estas esferográficas. E também encontrámos papel de carta — respondeu Kôhei, com uma expressão feliz no rosto.

Entraram na cozinha. Puseram o papel de carta na mesa e sentaram-se.

— Muito bem, o que é que vamos escrever?

— Não disseste que era para pôr que «compreendemos a sua preocupação» e que «lhe damos a nossa força»? — revidou Atsuya.

— Não pode ser. Se escrevermos só isso, é demasiado bruto.

Atsuya estalou a língua.

— Façam como bem entenderem.

— E se lhe fizeres aquela sugestão de há pouco? De o amado também ir com ela para os treinos? — propôs Shôta.

— Não foste tu que disseste que se isso fosse possível, ela não teria pedido conselhos?

— Sim, disse isso ainda há bocado, mas talvez vale a pena confirmá-lo.

Kôhei virou o semblante confuso na direção de Atsuya.

— Que achas?

— Sei lá — retrucou Atsuya, virando-se de lado.

Kôhei pegou na esferográfica. Contudo, antes de começar a escrever, voltou a olhar para Atsuya e para Shôta.

— Como é que se começa uma carta?

— Hum, se bem me lembro, tens de saudar com «Exma. Senhora», ou lá o que é — respondeu Shôta. — Mas não precisamos de pôr isso. A carta dela também não tinha nenhuma saudação. Podes escrever como se fosse um *e-mail*.

— Está bem, vou fazer de conta que é um *e-mail*. «Lemos... a sua... carta...».

— Não precisas de repetir em voz alta — advertiu Shôta.

O som de Kôhei a escrever chegou aos ouvidos de Atsuya. Parecia carregar na caneta com uma força imensa.

Passados alguns minutos, Kôhei anunciou «está pronto», levando o papel de carta até aos restantes.

Shôta pegou na missiva.

— A tua caligrafia é mesmo feia!

Atsuya espreitou pelo lado. Era, de facto, uma letra horrível. Ainda por cima, escrevera quase tudo em *hiragana*².

Li a sua carta. Não deve ser fácil. Entendo a sua preocupação. Tenho uma ideia: e se ele também for para onde você vai? Peço desculpa por não termos nenhuma ideia melhor.

— Que tal? — perguntou Kôhei.

— Por mim, tudo bem — redarguiu Shôta. — Não achas?

Shôta procurava a aprovação de Atsuya.

— Tanto faz — disse Atsuya.

Kôhei dobrou cuidadosamente a carta e colocou-a no envelope que tinha como destinatário a senhora «Coelha da Lua».

— Vou pôr a carta na paleta — informou, dirigindo-se para as traseiras.

Atsuya lançou um suspiro.

— Mas no que é que vocês estavam a pensar? A darem conselhos a uma desconhecida. E como é que tu foste nessas conversas, Shôta?

— Não digas isso. Qual é o mal de fazer uma coisa destas de vez em quando?

— De vez em quando?

— Sim! Normalmente, não ouvimos as preocupações dos outros porque não pedimos conselhos aos outros. Talvez seja a primeira vez na minha vida que o faço, e possivelmente a última. Por isso, deixa-nos lá, só desta vez.

— Hum — Atsuya voltou a fungar. — Isso é a imaturidade a falar.

Kôhei regressou.

— A tampa da paleta do leite era demasiado pesada. Desisti. Acho que não deve ser usada há muito tempo.

— Obviamente! Mas alguém ainda entrega leite hoje em...

Atsuya estava a meio da frase quando foi interrompido.

— Olha lá, Kôhei. Onde estão as tuas luvas?

— As minhas luvas? Estão aqui — indicou, apontando para o tampo da mesa.

— Quando é que as tiraste?

— Quando escrevi a carta. Se estivesse com luvas, seria difícil escrever.

— Estúpido! — Atsuya levantou-se. — Se calhar, deixaste impressões digitais no papel.

— Impressões digitais? Mas qual é o problema? — perguntou Kôhei, com uma expressão baralhada.

Atsuya só tinha vontade de dar uma estalada na cara arredondada do outro.

— Mais cedo ou mais tarde, a polícia vai saber que nos escondemos aqui. Se a tal mulher com a alcunha «Coelha da Lua» não vier buscar a resposta à paleta do leite, a polícia vai poder investigar as nossas impressões digitais. E, aí, estamos feitos. Já te colheram as impressões digitais por infrações de trânsito, não foi?

— Ah, pois é...

— Foi por isso que disse para não fazerem nada estúpido.

Atsuya agarrou na lanterna e passou pela cozinha em passos largos, saindo para o exterior pelas traseiras.

A paleta do leite estava selada com uma tampa. Tal como Kôhei dissera, era pesadíssima. No entanto, foi capaz de a abrir com a sua força bruta.

Atsuya iluminou o interior com a lanterna. Estava vazia.

Abriu a porta das traseiras e, regressando ao interior, interrogou:

— Olha lá, Kôhei, onde é que a puseste?

Enquanto punha as luvas, Kôhei respondeu:

— Onde? Na paleta do leite.

— Mas não está lá.

— O quê? Impossível!

— Acredito que tenhas tido intenção de o fazer, mas deve ter caído ou algo assim.

Atsuya apontou a luz da lanterna para o chão.

— Tenho a certeza de que isso não aconteceu. Meti-a lá dentro, de certezainha.

— Então desapareceu, queres ver?

— Sei lá... — retrucou Kôhei, virando a cabeça.

Ouviu-se subitamente o som de passos galopantes. Era Shôta.

— Que é que te deu? — questionou Atsuya.

— Ouve sons no bazar, fui lá ver o que podia ser. Isto estava caído por debaixo da janelinha do correio.

Com uma expressão pálida, Shôta mostrou-lhes um envelope.

Atsuya engoliu em seco. Desligou a lanterna e passou lentamente pela empena

da casa, de modo que não emitisse qualquer ruído. Pela sombra, espreitou para dentro do bazar.

No entanto...

Não estava ali ninguém. Nem havia sinais de que alguém por ali tivesse passado.

¹ Em japonês, «preocupações». (NT)

² A língua japonesa é escrita combinando dois silabários, *hiragana* e *katakana*, e caracteres chineses (*Kanji*). A escrita exclusivamente em *hiragana* pode ser associada à infância ou ao analfabetismo. (NT)

Obrigada pela rápida resposta. Estive o dia inteiro a pensar se não vos teria incomodado quando pus a minha carta a pedir conselhos no vosso correio ontem à noite. Quando recebi a vossa resposta, fiquei mais tranquila.

A dúvida do senhor Namiya faz todo o sentido. Se possível, eu também gostaria que o meu amor fosse comigo para os treinos. Mas, pensando bem na sua doença, sei que é impossível. Estando no hospital a receber tratamento contínuo, talvez assim se atrase o avanço da doença.

Em alternativa, poderia considerar treinar mais perto dele. Contudo, perto do hospital onde ele está internado não existem espaços onde possa treinar adequadamente. Acho que só vou poder estar com ele por mais tempo nos dias em que não tenha treinos.

Entretanto, o próximo treino aproxima-se. Fui vê-lo hoje. Pediu-me que obtenha o melhor resultado possível. E eu disse-lhe que o faria. Na verdade, não quero ir. Queria dizer-lhe que desejava ficar a seu lado. Mas detive-me. Se lho dissesse, sei que sofreria ainda mais.

Seria muito bom se nos pudéssemos ver à distância, se houvesse aqueles telefones com televisão, como se vê na banda desenhada. Tenho sonhado com essas coisas para fugir da realidade.

Senhor Namiya, muito obrigada por ouvir as minhas preocupações. A sua simples resposta tranquilizou-me imensamente.

Creio que terei de ser eu a encontrar uma solução. Mas, se se lembrar de alguma coisa, responda-me de novo, por favor. Peço desculpa pelo incómodo.

*Haja o que houver, amanhã volto a dar uma vista de olhos à paleta do leite.
Muito obrigada.*

Shôta foi o último a ler a carta. Levantou o rosto e pestanejou duas vezes.

— Que é isto?

— Não sei — respondeu Atsuya. — Que é que se está a passar? Que vem a ser isto?

— Deve ser a resposta da senhora Coelho — respondeu Kôhei.

Atsuya e Shôta fitaram-no em simultâneo.

— Como é que a resposta veio? — disseram os dois em coro.

— Como assim, «como veio»?

Kôhei coçou a cabeça.

Atsuya apontou para as traseiras.

— Tu puseste a carta na paleta do leite há pouco mais de cinco minutos. Mas, quando eu fui lá ver, e foi logo a seguir, a carta tinha desaparecido. Mesmo que tenha sido a tal «Coelha da Lua» a tirá-la, não tinha tempo para escrever uma resposta tão longa. Mas apareceu ali uma segunda carta. É muito estranho.

— Também acho que é estranho, mas a resposta é da «Coelha da Lua», não restam dúvidas. Até referiu a pergunta que lhe fiz.

Atsuya não podia refutar a resposta de Kôhei. Este tinha toda a razão.

— Deixa-me ver — ordenou, roubando a carta das mãos de Shôta. Releu-a. Não podia ter sido escrita como estava se não tivesse lido a resposta de Kôhei.

— Fogo, que cena marada. Estão a gozar connosco? — vociferou Shôta, possesso.

— Nem mais. — Atsuya apontou para o peito de Shôta. — Alguém engendrou isto.

Atsuya arremessou a carta e abriu o armário ao seu lado. Lá dentro, havia apenas *futons* e uma caixa de papelão.

— Que estás a fazer, Atsuya? — indagou Shôta.

— Estou só a ver se não está aqui ninguém escondido. A única explicação é terem-nos escutado a conversar antes de o Kôhei escrever a carta e terem antecipado a resposta. Ou, então, têm escutas. Investiguem aí essa zona.

— Espera. Mas quem faria tal coisa?

— Sei lá. Um curioso qualquer, que gosta de pregar partidas a quem entra neste bazar falido às escondidas.

Atsuya iluminou o interior do altar budista com a lanterna.

Mas Shôta e Kôhei não deram sinais de se quererem mexer.

Atsuya voltou a perguntar, mas Shôta abanou a cabeça.

— Não, não acho que tenha sido isso. Não acredito que exista alguém assim.

— Na verdade, deve existir. Não consigo pensar em mais nada.

— Talvez... — Shôta não parecia convencido. — Mas como é que a carta desapareceu da paleta do leite?

— Deve ter sido... um truque. Tipo magia ou algo do género.

— Um truque...

Kôhei releu a segunda carta e ergueu o rosto.

— Esta pessoa é um bocado estranha.

— Porque dizes isso? — indagou Atsuya.

— Porque diz que gostava que houvesse telefones com televisão. Não tem telemóvel? Ou então o dela não tem câmara.

— Se calhar não pode usar o telemóvel no hospital — adicionou Shôta.

— Mas ela diz que são telemóveis com televisão «como na banda desenhada». Provavelmente, nem sabe que há telemóveis com câmara.

— O quê? Impossível, nos dias que correm.

— Não, tenho a certeza que é isso. Tenho de lhe contar a verdade.

Kôhei dirigiu-se para a mesa da cozinha.

— Mas o que é que te deu? Vais escrever outra resposta? Estão a fazer de ti parvo!

— Ainda não sabemos.

— É óbvio que estão a gozar connosco. Enquanto estamos a conversar, já estão a preparar a próxima carta. Espera, já sei. — Fez-se luz na mente de Atsuya. — É isso, Kôhei. Escreve uma nova resposta. Tive uma grande ideia.

— O que é que te deu, assim de repente? — interrogou Shôta.

— Não te preocupes, vais sabê-lo num instante.

Por fim, Kôhei declarou:

— Já está.

E pousou a esferográfica. Em pé, ao seu lado, Atsuya examinou o manuscrito. A caligrafia era feia, como de costume.

Li a sua segunda carta. Vou-lhe ensinar algo interessante: já existem telemóveis, que são telefones com televisão. Todos os fabricantes têm modelos desses. Acho que pode utilizá-lo no hospital, desde que o faça às escondidas.

— Que tal? — perguntou Kôhei.

— Está bom — respondeu Atsuya. — Qualquer coisa dá. Vai lá pôr o envelope.

O segundo envelope também continha um outro tendo como destinatário a senhora «Coelha da Lua». Kôhei dobrou a carta que escreveu e inseriu-a nesse envelope.

— Eu vou contigo. Shôta, ficas aqui.

Atsuya pegou na lanterna e dirigiu-se para as traseiras.

Quando chegou ao exterior, viu Kôhei a pôr a carta dentro da paleta do leite.

— Muito bem, Kôhei. Esconde-te nalgum lado e fica a olhar para a caixa.

— Está bem. E tu, Atsuya?

— Vou circular pela fachada. Quero ver quem é que veio cá pôr a carta.

Passou pela empena da casa, pelas traseiras e pela fachada, mas não viu fosse quem fosse.

Volvidos alguns momentos, sentiu uma presença atrás de si. Ao virar-se, viu Shôta a aproximar-se.

— Porque é que estás aqui? Não te disse para ficares dentro da casa? — questionou Atsuya.

— Apareceu alguém?

— Ainda não. É por isso que estou aqui.

Shôta parecia absolutamente perplexo, com a boca a descair-lhe.

— Que foi? — perguntou Atsuya.

Shôta apresentou-lhe então um envelope.

— Chegou.

— O quê?

— Já sabes... — Shôta humedeceu os lábios e prosseguiu: — A terceira carta.

Muito obrigada pela nova resposta. Sinto-me muito melhor por haver alguém que compreende as minhas preocupações.

Peço desculpa por ser demasiado honesta, mas desta vez não compreendi o que quis dizer com a sua resposta, senhor Namiya.

Talvez seja por minha causa, que não estudei o suficiente, ou por não ser culta, ou então o senhor Namiya queria encorajar-me com uma piada e eu não entendi. Mas sinto-me verdadeiramente constrangida por isso.

A minha mãe costumava dizer-me que quando não sabemos algo, antes de pedirmos aos outros para nos ensinarem, devemos tentar investigá-lo por nós mesmos. Por esse motivo, tento esforçar-me sempre para averiguar por mim mesma. Desta vez, contudo, não consegui.

O que é um «telemóvel»?

Pela forma como estava escrito, pareceu-me ser um estrangeirismo. Mas não encontrei a palavra em lado nenhum. Pensei que pudesse vir do inglês telemeter ou telemetrograph, mas parece que não. Não era uma palavra inglesa.

Enquanto não compreender o que significa «telemóvel», as suas preciosas palavras serão como «pérolas a porcos», senhor Namiya. Se me pudesse esclarecer, agradecia.

E peço desculpa por tirar tanto do seu tempo, sei que deve estar ocupado.

Coelha da Lua

Os três espalharam as três cartas da «Coelha da Lua» em cima da mesa e sentaram-se nas suas cadeiras.

— Vamos lá esclarecer isto — disse Shōta. — Mais uma vez, a carta que o Kōhei pôs na paleta do leite desapareceu. O Kōhei esteve sempre a ver se não vinha alguém, mas não viu ninguém a aproximar-se da paleta. Ao mesmo tempo, o Atsuya vigiou a parte de fora do bazar. Ninguém se acercou da portada. Mesmo assim, a terceira carta foi deixada aqui. Portanto, a nossa história deve estar equivocada de alguma forma.

— Não, não está — revidou Atsuya, curto.

Kōhei assentiu em silêncio.

— Portanto... — Shōta ergueu o dedo indicador. — Ninguém se aproximou

desta casa, mas a carta do Shôta desapareceu e chegou uma carta da senhora Coelho. Investigámos a portada e a paleta do leite, mas não encontrámos nelas nenhum engenho. O que é que se estará a passar aqui?

Atsuya inclinou o corpo, ajustando o seu peso, e entrelaçou os dedos das duas mãos atrás da cabeça.

— É precisamente por não sabermos que estamos preocupados.

— Que achas, Kôhei?

Kôhei abanou as bochechas arredondadas.

— Não sei.

— Shôta, sabes alguma coisa?

À interrogação de Atsuya, Shôta fitou as três cartas.

— Não acham estranho? Esta pessoa diz que não sabe o que é um telemóvel, acha que é um estrangeirismo.

— Deve estar a gozar connosco.

— Será?

— Claro. Há algum japonês nos dias que correm que não saiba o que é um telemóvel?

Shôta apontou então para a primeira carta.

— Vejam mais uma coisa. Diz aqui que vai participar nos Jogos Olímpicos do ano que vem. Mas, se pensarmos bem, no ano que vem não há Jogos Olímpicos, nem de inverno nem de verão. Os Jogos Olímpicos de Londres acabaram há pouco tempo.

— Ah — exclamou Atsuya sem querer. Para disfarçar, franziu o rosto e passou o dedo pelo nariz. — Deve estar a fazer confusão, só pode.

— Achas? Penso que nunca se enganaria na data dos Jogos em que ela quer participar. Mas como nem sabe que há telemóveis com câmaras, se calhar faltam-lhe uns parafusos, não acham?

— Sim, mas...

— Mais uma coisa... — Shôta baixou a voz. — Algo estranhíssimo. Apercebi-me disso quando fui lá para fora ainda há bocado.

— Que foi?

Shôta hesitou por momentos e, por fim, pronunciou-se:

— Que horas marca o teu telemóvel, Atsuya?

— O meu telemóvel? — Atsuya retirou o aparelho do bolso e confirmou as horas no visor. — Três e quarenta da manhã.

— Certo. Portanto, há uma hora e meia que aqui estamos.

— Exato. E então?

— Anda cá, já te mostro.

Shôta levantou-se.

Voltaram a sair pelas traseiras. Shôta ficou de pé na fresta entre o bazar e o

armazém do lado, fitando o céu noturno.

— Quando passei aqui pela primeira vez, reparei que a lua estava mesmo acima de nós.

— Também dei por isso. Mas qual é o problema?

Shôta fitou Atsuya.

— Não achas esquisito? Já passou mais de uma hora e a lua continua no mesmo sítio.

Atsuya ficou-se, perplexo, sem compreender o que Shôta lhe tentava dizer. Mas depressa entendeu. O coração pulou-lhe freneticamente. O semblante enrubescceu-lhe, um arrepio gelado atravessou-lhe a espinha.

Sacou do telemóvel. O visor indicava 03:40.

— Que raio? Porque é que a lua não se mexe?

— Talvez seja a estação em que a lua anda menos — propôs Kôhei.

— Não há nenhuma estação assim — refutou Shôta prontamente.

Atsuya comparou o telemóvel e a lua no céu noturno. Não fazia ideia do que se estaria a passar.

— Já sei — disse Shôta, mexendo no ecrã do telemóvel. Parecia estar a tentar fazer uma chamada.

O seu rosto endureceu. Nem parecia ser capaz de pestanejar.

— Que foi? Estás a ligar a quem? — questionou Atsuya.

Shôta apontou para o telemóvel em silêncio. Pedia aos demais que ouvissem atentamente.

Atsuya aproximou o telemóvel do ouvido. Dele, escapou a voz de uma mulher.

— Hora atual: duas horas e trinta e seis minutos.

Os três voltaram para dentro da casa.

— O telemóvel não está estragado — declarou Shôta. — É esta casa que é marada.

— Não haverá por aqui um aparelho que interfira com o relógio do telemóvel?

Shôta não aceitou a hipótese levantada por Atsuya.

— Não creio que nenhum engenho esteja a interferir com o telemóvel, está a funcionar normalmente. Mas a hora que marca é diferente.

Atsuya franziu o sobrolho.

— Mas porque é que isso aconteceu?

— Deve existir uma interrupção temporal entre o interior e o exterior da casa, o que leva o tempo a passar de maneira diferente. Longas horas aqui dentro são meros instantes lá fora.

— Que raio... Que queres dizer com isso?

Shôta baixou os olhos na direção das cartas e voltou a fitar Atsuya.

— Ninguém se devia ter aproximado desta casa. Mas a carta do Kôhei desapareceu e as cartas da senhora Coelha chegaram. Para começar, isso não

deveria ser possível. Mas e se quem levou e leu as cartas do Kôhei e traz as respostas nos seja invisível?

— Invisível? Uma pessoa transparente? — redarguiu Atsuya.

— Ah, já sei. Deve ser obra dos fantasmas. Irra, nunca pensei que aparecessem num sítio desses — disse Kôhei, encolhendo-se e olhando em volta.

Shôta abanou lentamente a cabeça.

— Não é uma pessoa invisível nem um fantasma, mas é alguém que não pertence a este mundo. — Apontando para a terceira carta, prosseguiu: — É uma pessoa do passado.

— Do passado? Queres dizer o quê? — inquiriu Atsuya, ríspido.

— Esta é a minha teoria: a caixa do correio na portada e a paleta do leite estão ligadas ao passado. Alguém do passado envia cartas para o Bazar Namiya da sua época e elas chegam aos dias de hoje. Não tenho a certeza de que seja esta a explicação, mas não consigo pensar em mais nenhuma hipótese. A senhora Coelho é do passado — concluiu Shôta.

Atsuya não foi capaz de responder de imediato. Não sabia o que dizer. O seu cérebro recusava-se a raciocinar.

— Não pode ser — declarou, finalmente. — Isso é impensável.

— Concordo. Mas não consigo pensar em alternativas. Se achas que estou errado, dá-me uma ideia melhor, Atsuya. Uma que faça sentido.

Pressionado por Shôta, Atsuya hesitou em responder. Obviamente, não era capaz de explicar o sucedido de um modo convincente.

— A situação complicou-se porque tu escreveste uma resposta — disse Atsuya, descarregando em Kôhei.

— Desculpa...

— Não culpes o Kôhei. Mas, se a minha teoria estiver certa, estamos perante um cenário incrível. Estamos a trocar correspondência com pessoas do passado — anunciou Shôta, com os olhos a cintilar.

Atsuya sentia-se confuso. Não sabia o que fazer.

— Vamos sair daqui — disse, levantando-se. — Vamo-nos embora deste lugar. Os outros dois olharam para ele, surpreendidos.

— Porquê? — inquiriu Shôta.

— Porque isto é arrepiante. E se acontecer algo pior, estamos feitos. Vamos embora. Deve haver mais lugares onde nos possamos esconder. Por muito tempo que fiquemos aqui, na realidade é como se o tempo estivesse praticamente parado. Nunca será manhã. Assim, não vale a pena escondermo-nos.

Mas os outros dois não estavam de acordo. Permaneceram ambos em silêncio, com expressões de tristeza nos rostos.

— Que é que foi? Digam alguma coisa — vociferou Atsuya, furioso.

Shôta levantou a cara. Dos seus olhos transbordava uma luz sincera.

— Eu vou ficar aqui mais algum tempo.

— Hã?! Mas para quê?

Shôta torceu a cabeça.

— Nem eu sei para quê. Mas estou ciente de que esta é uma experiência fantástica. Oportunidades destas quase nunca surgem... não: só surgem uma vez na vida. E eu não a quero desperdiçar. Podes ir-te embora, Atsuya. Mas eu vou ficar aqui mais algum tempo.

— Que pretendes fazer neste lugar?

Shôta observou as cartas em cima da mesa.

— Para começar, vou escrever cartas, pois comunicar com pessoas do passado, por si só, é inacreditável.

— Pois é — assentiu Kôhei. — E temos de ajudar a senhora Coelho a resolver os seus problemas.

Ainda de olhos fitos nos dois, Atsuya recuou um tudo-nada e abanou veementemente a cabeça

— Vocês são doidos! No que é que estão a pensar? E qual é a piada de falar com pessoas do antigamente? Deixem-se disso! Que será de vocês se forem apanhados em coisas maradas? Eu cá não me quero meter nisso!

— Já te disse que te podes ir embora, Atsuya — repetiu Shôta, com uma expressão mais suave.

Atsuya suspirou fundo. Queria ripostar, mas as palavras não lhe saíam.

— Façam o que vos apetecer. Se vos acontecer alguma coisa, não tenho nada que ver com isso.

Atsuya voltou para a sala de estilo japonês, pegou na mochila e saiu disparado pelas traseiras sem olhar para os demais. Olhou para o céu noturno. Como suspeitava, a lua de setembro praticamente não se movera.

Tirou o telemóvel. Lembrou-se de que continha um radiorrelógio incorporado que acertava automaticamente as horas. Segundo o que se via no ecrã, não havia passado um minuto sequer desde que haviam escutado a informação das horas.

Atsuya caminhou sozinho pela rua parcamente iluminada. O ar noturno era gelado, mas o seu rosto estava tão encarnado que nem fez caso.

«É impossível», matutou.

A ranhura do correio na portada e a paleta do leite estavam ligadas ao passado e uma mulher chamada «Coelha da Lua» enviava cartas desse tempo?

Que parvoíce! A teoria até podia ser coerente, mas uma coisa desse género jamais poderia ocorrer. Só podia ser um erro. Estavam a ser ridicularizados por alguém.

Mesmo que a hipótese de Shôta estivesse correta, era melhor não se envolverem com esse mundo desconhecido. Se lhes acontecesse alguma coisa, ninguém lhes acudiria. Tinham de se proteger a si próprios. Foi assim que viveram até àquele

momento. Nada de bom sucederia se lidassem com outras pessoas além das estritamente necessárias. Ainda pior se o outro fosse uma pessoa do passado, que nada poderia fazer por eles nos dias de hoje.

Caminhando por algum tempo, Atsuya foi parar a uma estrada mais larga. De vez em quando, passava um carro. Andando ao longo dessa estrada, foi desembocar numa loja de conveniência, mais à frente.

Lembrou-se de Kôhei e das suas queixas de que tinha fome. Se passasse a noite em claro naquele lugar, decerto ficaria ainda mais esfomeado. O que é que eles planeavam fazer ali? Ou, se o tempo estivesse parado, também não sentiriam fome?

Havia o risco de que o funcionário se lembrasse da sua cara se entrasse na loja de conveniência àquelas horas. Pior ainda: seria filmado pelas câmaras de vigilância. Eles que se orientassem sozinhos, decerto encontrariam uma maneira de se safar.

Atsuya continuava imerso nos seus pensamentos quando parou de caminhar. Além do funcionário, mais ninguém se via no interior da loja de conveniência.

Atsuya lançou um suspiro. «Eu tenho uma boa personalidade.» Escondeu a mochila atrás do caixote do lixo e empurrou a porta de vidro.

Comprou bolas de arroz, pães doces e bebidas em garrafas de plástico, e saiu da loja. O funcionário era um homem jovem. Não olhou para Atsuya uma única vez. Mesmo que as câmaras de vigilância estivessem em funcionamento, a polícia não suspeitaria dele só por ter feito compras àquela hora. Aliás, talvez até acreditassem que fosse estranho um criminoso fazer tal coisa.

Recolheu a mochila escondida e regressou ao caminho de onde tinha vindo. Pretendia oferecer comida aos outros dois e ir-se logo embora. Não tinha vontade nenhuma de permanecer naquela casa bizarra.

Por fim, regressou ao bazar em ruínas. Felizmente, ninguém se cruzou com ele na estrada.

Atsuya observou novamente a casa. Olhou para a ranhura do correio na portada fechada e questionou-se sobre a era em que no Bazar Namiya receberiam a carta, caso ali pusesse uma.

Passou pela fresta entre a casa e o armazém do lado e foi até às traseiras. A porta estava aberta. Deu um passo em frente e espreitou para o interior da casa.

— Ah, é o Atsuya! — exclamou Kôhei alegremente. — Voltaste! Ao fim de uma hora, pensava que já não vinhas.

— Uma hora? — Atsuya olhou para o relógio do ecrã do telemóvel. — Mas só passaram quinze minutos. E eu não voltei, só vos vim trazer mantimentos. — Atsuya pousou o saco da loja de conveniência em cima da mesa. — Não sei até quando pensam ficar aqui...

— Uau! — clamou Kôhei, com o semblante a iluminar-se mal pegou nas

bolinhas de arroz.

— Estão aqui há muito tempo, mas nunca mais é manhã — disse Atsuya a Shōta.

— Tenho uma boa estratégia para o combater.

— Uma boa estratégia?

— Deixar a porta lá de trás aberta.

— Ah.

— Se a deixarmos aberta, o tempo dentro e fora da casa é o mesmo. Descobri-o ao fazer várias experiências com o Kōhei. Mas parece que nós os dois e tu só nos desfasámos uma hora e pouco.

— Já percebi... — Atsuya observou a porta das traseiras. — Mas como é que esta casa funciona?...

— Não sei, mas já não precisas de te ir embora, Atsuya. Mesmo que fiques aqui, a manhã vai acabar por chegar.

— Exatamente. O melhor é ficares aqui connosco — concordou Kōhei.

— Mas vocês querem continuar a trocar cartas?

— Qual é o problema? Se não te agrada, não precisas de participar, Atsuya. Na verdade, queríamos os teus conselhos.

Ao ouvir as palavras de Shōta, Atsuya arqueou a sobancelha.

— Conselhos?

— Depois de saíres, estivemos a escrever a terceira resposta. Mas, entretanto, chegou uma nova carta. Lê-a.

Atsuya olhou de volta para os dois. Ambos pareciam suplicar-lhe algo.

— Só vou ler — disse, sentando-se. — E que resposta é que vocês escreveram?

— Bem, temos aqui o esboço.

Shōta pousou uma carta.

As respostas de Shōta e dos companheiros eram as seguintes. Fora Shōta quem as escrevera à mão, com a sua caligrafia fácil de ler e com caracteres chineses no texto.

Esqueça o que disse sobre telemóveis. Não tem nada que ver consigo neste momento.

Conte-me mais sobre si e o seu amado. Qual a modalidade? Têm algum passatempo em comum? Fizeram alguma viagem juntos recentemente? Ou viram um filme? Se gostam de música, têm alguma canção favorita de entre os sucessos dos dias de hoje?

Se nos contar isso, estarei mais habilitado a aconselhá-la. Obrigado (desta vez, foi outra pessoa a escrever a carta, mas não faça caso).

— O que é isto? Porque é que fizeste essas perguntas? — questionou Atsuya, largando a carta.

— Porque achei que, em primeiro lugar, precisamos de determinar de que

época é esta tal «Coelha da Lua». Sem sabermos isso, a conversa não vai andar para a frente.

— Então porque é que não escreves diretamente «de que tempo és»? — questionou Atsuya.

Shôta ergueu o sobrolho.

— Põe-te na posição dela. Ela não sabe desta situação. Se lhe perguntasse isso sem mais nem menos, acharia que sou estranho.

Atsuya mordeu o lábio inferior e coçou a face com o dedo. Não tinha como ripostar.

— E que resposta é que ela enviou?

Shôta tirou um envelope de cima da mesa.

— Aqui tens. Lê.

Embora achasse que seria um desperdício de tempo, Atsuya pegou no envelope e abriu a carta.

Obrigada por mais uma resposta. Ainda voltei a pesquisar sobre «telemóveis» e perguntei sobre isso aos meus conhecidos, mas ninguém fazia ideia. Fiquei muito curiosa, mas se não tiver que ver comigo, vou tentar não pensar nisso. De qualquer forma, se me pudesse esclarecer um dia, ficar-lhe-ia profundamente agradecida.

Tal como indiquei na primeira carta, pratico desporto. Antigamente, praticava com o meu namorado, e foi assim que nos conhecemos. Ele já representou o país nos Jogos Olímpicos. Mas, tirando isso, eu e ele somos pessoas normalíssimas. O nosso hobby em comum é ver filmes. Este ano, vi o Super-Homem e o Rocky 2. Também vimos o Alien. Ele adorou, mas eu não gosto de ver esse tipo de filmes. Também costumamos ouvir músicas. Ultimamente, gosto de ouvir os Godiego e os Southern All Stars. Para mim, a sua melhor canção é «Itoshi no Ellie».

Só de escrever sobre isso, lembro-me de quando ele era saudável e fico mais animada. Talvez fosse essa a sua intenção, senhor Namiya. De qualquer dos modos, esta troca de correspondência (por muito invulgar que seja) tem sido uma fonte de enorme encorajamento. Caso seja possível, gostaria de contar consigo de novo amanhã. Obrigada.

Coelha da Lua

— Tenho uma ideia — sussurrou Atsuya, terminando de ler a carta. — *Alien* e «Itoshi no Ellie». Dá para ter uma ideia de que período vem. É da geração dos nossos pais.

Shôta anuiu.

— Ainda há bocado pesquisei no telemóvel. Mas ele não funciona nesta casa, só abrindo a porta das traseiras. Seja como for, confirmei o ano de lançamento dos três filmes de que ela fala. São todos de 1979. E a canção «Itoshi no Ellie»

também.

Atsuya encolheu os ombros.

— Então, pronto, é de 1979.

— Ou seja, a senhora Coelho quer participar nos Jogos Olímpicos de 1980.

— Claro. Mas e daí?

Então, Shôta olhou fixamente para Atsuya, olhos nos olhos, a ponto de lhe examinar o fundo da alma.

— Que é que queres? — questionou Atsuya. — Tenho alguma coisa na cara?

— Não sabes? Que o Kôhei não saiba, ainda percebo. Mas até tu, Atsuya?

Shôta inspirou fundo e continuou:

— Em 1980, foram os Jogos Olímpicos de Moscovo. Aqueles que o Japão boicotou.

Obviamente, Atsuya também conhecia a verdade dos factos. Simplesmente, não sabia que aquilo se passara em 1980.

Foi em plena Guerra Fria. O boicote foi motivado pela invasão do Afeganistão pela União Soviética em 1979. Como forma de protesto, os Estados Unidos da América foram os primeiros a anunciar o boicote, apelando aos países do bloco ocidental que seguissem a mesma via. O Japão contestou a medida até ao último momento. No fim de contas, acabou por escolher imitar o exemplo norteamericano. Foi assim que Shōta resumiu as informações que recolhera da Internet. Era a primeira vez que Atsuya ficara a saber os detalhes do incidente.

— Sendo assim, o problema não está resolvido? Se o Japão não vai participar nos Jogos Olímpicos do ano que vem, podes escrever na carta para ela deixar de treinar e ficar a cuidar do namorado doente.

Ao ouvir as palavras de Atsuya, Shōta assumiu uma expressão ríspida.

— Mesmo que escrevesse isso, ela não acreditaria. Na realidade, os atletas japoneses estavam confiantes de que iriam participar nos Jogos até ao último momento, quando o boicote foi oficializado.

— E se lhe dissermos que somos do futuro? — O rosto de Atsuya endureceu.
— Não dá?

— Ia achar que estávamos a gozar com ela.

Atsuya fez estalar a língua e deu um murro na mesa.

— Olhem... — hesitou Kōhei, que até então permanecera em silêncio. — Temos de explicar o motivo?

Atsuya e Shōta olharam para ele ao mesmo tempo.

— Eu acho que... — Kōhei coçou a parte de trás da cabeça. — Não precisamos de lhe dar um motivo. Basta dizermos que deixe os treinos e se foque em acompanhar o namorado. Não?

Atsuya e Shōta entreolharam-se. Ambos permaneceram com as cabeças reclinadas.

— Já sei — disparou Shōta. — É mesmo isso. Ela quer que a aconselhem sobre o que fazer. Está à beira do desespero. Portanto, nem precisamos de lhe contar o verdadeiro motivo. Devemos dizer-lhe que, se ela ama o namorado, deve ficar ao

seu lado até ao fim e que, no fundo, é isso que ele deseja.

Shôta pegou numa esferográfica e começou a escrever no papel de carta.

— Que tal?

Quando mostrou o texto a Atsuya, constatou que o seu conteúdo era praticamente igual à conversa que acabavam de ter.

— Parece-me bem.

— Boa.

Shôta pegou na carta e foi até às traseiras, fechando a porta. Se escutasse com atenção, era possível ouvir a tampa da palete do leite a ser aberta. Em seguida, o baque da mesma a fechar-se.

Foi imediatamente a seguir. O sibilar claríssimo de algo a cair.

Atsuya foi até à parte da casa que correspondia ao bazar. Espreitando para a caixa de cartão em frente à porta, viu um envelope acabado de chegar.

Obrigada pela resposta.

Para ser franca, não esperava tanta resolução. Julguei que me fosse presentear com uma resposta ambígua e que, no fim de contas, deixasse a decisão do meu lado. Mas parece que o senhor Namiya não gosta de deixar as coisas por resolver. É por isso mesmo que as pessoas adoram e confiam no seu Bazar Namiya, que tantos conselhos nos dá.

«Se o ama, deve ficar do seu lado até ao fim.»

Esta frase ficou-me gravada no fundo do peito. Acredito que seja assim mesmo. Não tenho motivos para hesitar.

No entanto, não acho que ele deseje isso no seu âmagô.

Ainda hoje, falei com ele ao telefone. Tal como o senhor Namiya instruiu, planeava contar-lhe a minha intenção de abandonar os Jogos Olímpicos. Mas antes sequer de lhe poder dizer o que quer que fosse, disse-me que, se tinha tempo para falar ao telefone, também tinha tempo para treinar. Era como se tivesse previsto o que lhe ia dizer. Disse-me que ficava feliz por ouvir a minha voz, mas que, enquanto conversávamos, as minhas rivais estariam a passar-me à frente.

Tenho medo. Receio que, se desistir dos Jogos Olímpicos, o meu amado fique tão desiludido que a sua doença se agrave. Sem ter a certeza de que isso não sucederá, não consigo tomar uma decisão.

Serei fraca por pensar assim?

Coelha da Lua

Quando terminou de ler a carta, Atsuya olhou para o teto empoeirado.

— Não percebo. O que é que ela quer? Se ela não vai ouvir os nossos conselhos, para que é que os veio pedir?

Shôta lançou um suspiro.

— É inevitável. Ela nem imagina que está a pedir conselhos a pessoas do futuro.

— Se falou com o namorado por telefone, devem viver longe um do outro — declarou Kôhei, observando a carta. — Coitadinha.

— Este homem também me está a dar raiva — disse Atsuya. — Não percebe os sentimentos de uma mulher! Os Jogos Olímpicos são só uma versão mais espampanante dos torneios que se fazem na escola! É desporto, nada mais. Quem é que se preocupa com isso quando a pessoa a quem se ama fica com uma doença incurável? Mesmo estando doente, ele só lhe está a causar problemas com o seu egoísmo.

— Mas ele também está a sofrer. Ele sabe que ir aos Jogos Olímpicos é o sonho dela. E não quer que ela deixe de ir por causa dele. Talvez se esteja a fazer de forte, a ser orgulhoso, a ir demasiado longe, mas...

— É isso que me deixa furioso! Ele está demasiado convencido de que agir assim é o mais correto.

— Quem sabe...

— Sei eu. É óbvio. Ele quer agir como a heroína da tragédia, a vítima... heroína não, herói!

— Então, o que é que pomos na resposta? — perguntou Shôta, pegando no papel de carta.

— Que, primeiro, tem de abrir os olhos do homem. Que lhe diga diretamente que desporto é só desporto, que não deve restringir a sua namorada e que os Jogos Olímpicos são só mais uma competição, não justifica tanta preocupação.

Shôta ergueu o sobrolho, ainda de caneta na mão.

— Ela nunca lhe irá dizer tais coisas, mesmo que lho digamos.

— Problema dela, que mais podemos dizer-lhe?

— Não digas parvoíces. Se ela pudesse fazê-lo, nunca teria escrito esta carta.

Atsuya coçou a cabeça com as mãos.

— Que chatice...

— E se outra pessoa falasse com ele sobre isso? — propôs Kôhei de supetão.

— Outra pessoa? Mas quem? — perguntou Shôta. — Mais ninguém sabe da sua doença.

— Esse é que é o problema. Nem sequer falaram com os pais? Isso é terrível. Se falassem com a família, ela sentir-se-ia mais apoiada.

— É isso — exclamou Atsuya, estalando o dedo. — Podem ser os pais dela ou dele. Seja como for, o importante é revelar que ele está doente, pois mais ninguém a pressionará a ir aos Jogos Olímpicos. Shôta, escreve isso.

— Está bem — respondeu Shôta, movendo rapidamente a esferográfica.

A carta que redigiu ficou assim:

Compreendo o sentimento que a apoquentas, mas desta vez tem de confiar em mim. Mesmo que pense que a estou a enganar, faça como lhe digo.

Basicamente, o seu namorado não tem razão.

Isto é só desporto. Os Jogos Olímpicos são uma versão maior de qualquer outro torneio. Desperdiçar os últimos momentos com o amor da sua vida por causa disso seria estúpido. E você tem de o informar disso.

Se pudesse, eu mesmo falaria com ele. Mas tal não é possível.

Assim sendo, peça aos pais dele que o digam por si. Tenho a certeza de que, se lhes contar sobre a doença, alguém a ajudará.

Não hesite mais. Esqueça os Jogos Olímpicos. Nunca lhe diria algo mau. Faça como lhe digo. Decerto pensará que fez bem em acatar os meus conselhos.

Bazar Namiya

Shōta pôs a carta na paleta do leite e voltou das traseiras.

— Desta vez, fomos mais insistentes. Talvez o problema fique resolvido.

— Kōhei — chamou Atsuya, virando-se para a frente da casa. — A carta já veio?

— Ainda não — respondeu Kōhei, com a voz a viajar desde o bazar.

— Ainda não? Que estranho — disse Shōta, inclinando a cabeça. — Até agora, tinham vindo sempre de imediato. A porta das traseiras terá ficado bem fechada?

E levantou-se da cadeira para ir averiguar.

Foi nesse momento que se ouviu a voz de Kōhei a partir da loja, anunciando «finalmente» enquanto trazia a carta consigo.

Peço desculpa pela demora. Sou a Coelho da Lua. O senhor teve o trabalho de me responder, mas eu fiquei sem lhe responder cerca de um mês. As minhas mais sinceras desculpas.

Queria ter escrito mais cedo, mas entretanto os meus treinos deslocados começaram.

Na verdade, isto é apenas uma desculpa, pois nem sabia como responder.

Quando percebi a forma tão determinada como escreveu que o meu namorado está enganado, fiquei um tudo-nada surpreendida. O facto de conseguir declarar com tamanha firmeza que o outro está errado mesmo sendo alguém doente até me obrigou a sentar-me direita.

Talvez seja mesmo só desporto, talvez não passem dos Jogos Olímpicos. Quase de certeza que assim é. Quiçá estejamos a fazer uma tempestade num copo de água.

No entanto, nunca lho poderia dizer. Sei que outras pessoas não se importam com isso, mas, no passado, ele deu a sua vida em prol do desporto.

Eu sei que teremos de falar com os nossos pais sobre a doença dele. Mas, para já, não o posso fazer, pois a irmã acabou de ter um bebé e os pais dele ainda estão felicíssimos da vida.

Ele diz que quer deixá-los serem felizes por mais algum tempo. E eu entendo os seus sentimentos.

Durante este estágio destacado, liguei-lhe várias vezes. Quando lhe disse que estava a dar tudo por tudo nos treinos, ficou muito contente. E não acho que ele esteja a fingir.

Mesmo assim, devo mesmo esquecer os Jogos Olímpicos? Pôr o desporto de lado e focar-me em cuidar dele? Isso seria em proveito dele?

Quanto mais penso nisso, mais indecisa fico.

Coelha da Lua

Atsuya só queria gritar. A raiva que borbulhava em si foi-se revelando à medida que lia a carta.

— O que é que esta gaja está a fazer? Eu disse-lhe para desistir do desporto e ela foi para um estágio! E se ele morresse entretanto?

— Ela não deve conseguir faltar aos treinos à frente dele — especulou Kōhei num tom tranquilo.

— Mas, no fim de contas, os treinos serão em vão. Mas porque é que ela diz que se sente mais dividida quanto mais pensa nisto? Eu já lhe disse o que fazer! Porque é que ela não me ouve?

— Porque está a pensar nele — respondeu Shōta. — Ela não lhe quer roubar os sonhos.

— Mas vão acabar por ser roubados de qualquer maneira. Haja o que houver, ela não vai aos Jogos Olímpicos. Fogo... não haverá maneira de o fazer entender isso?

Atsuya começou a abanar as pernas.

— E se ela se lesionasse? — sugeriu Kōhei. — Se ela disser que não pode ir aos Jogos Olímpicos por causa de uma lesão, ele deve desistir da ideia.

— Uau, bem visto.

Atsuya concordou, mas Shōta rejeitou a proposta:

— Não pode ser. Isso continuaria a roubar-lhe os sonhos, e isso é uma coisa que a senhora Coelha não é capaz de fazer.

Atsuya torceu o nariz, com as rugas a delinear-se.

— Sonhos para aqui, sonhos para ali... há mais sonhos além dos Jogos Olímpicos!

Shōta esbugalhou os olhos. Parecia ter tido uma ideia.

— Já sei. Temos de o levar a ter um outro sonho que não os Jogos Olímpicos. Por exemplo... — Matutando por algum tempo, tentou: — Um filho.

— Um filho?

— Um bebé. Podemos propor-lhe que diga que está grávida e que o namorado é obviamente o pai. Nesse caso, ela teria mesmo de desistir dos Jogos Olímpicos.

Mas como teria o novo sonho de ver o filho nascer, continuaria a ter razões para viver.

Atsuya organizou a ideia mentalmente. Em seguida, bateu palmas.

— Shōta, és um génio. Vamos dizer-lhe isso. É perfeito. Ele só vai viver seis meses, no máximo. Mesmo que lhe minta, não haverá problema.

— Está bem — acedeu Shōta, sentando-se em frente à mesa.

Atsuya tinha a certeza de que a abordagem funcionaria. Não sabia há quanto tempo a sua enfermidade havia sido descoberta, mas, lendo as cartas, não parecia ter sido há poucos meses. Até então, devia ter levado uma vida normal, inclusive no que dizia respeito ao sexo. Havia sempre a possibilidade de ela estar grávida, e era por aí que ela o deveria ludibriar.

Contudo, após colocarem a sua carta na paleta do leite, receberam imediatamente a seguinte resposta:

Li a sua carta. A sua ideia rocambolesca apanhou-me de surpresa. E até me comoveu. De facto, trocar o sonho dos Jogos Olímpicos por outro sonho seria uma maneira de resolver o problema. Se ele soubesse que estou grávida, nunca me obrigaria a abortar para ir aos Jogos Olímpicos. Decerto ansiaria por que eu desse à luz um bebé saudável.

Mas há algumas questões que têm de ser abordadas. Primeiro, o período de gestação. Se bem me recordo, a última vez que tive relações sexuais com ele foi há mais de três meses. Se só descobrisse agora que estou grávida, seria algo estranho. E o que faria se ele me pedisse para apresentar provas?

Partamos do pressuposto de que ele acreditou. Em seguida, teria de falar com os pais dele. E com os meus, obviamente. Entretanto, a notícia espalhar-se-ia por entre os nossos familiares e conhecidos. Mas eu nunca lhes poderia dizer que a minha gravidez era mentira, pois teria de lhes explicar o porquê da minha falsidade.

Eu não tenho jeito para representar. E não me dou bem com mentiras. Não tenho confiança em mim mesma para manter uma gravidez falsa diante de tanta gente e tanta confusão. Outra coisa: se não tiver barriga passado tanto tempo, começa a ser suspeito, o que implicaria que usasse algum tipo de camuflagem. Na verdade, não creio que a mentira passasse despercebida.

Um outro problema: se a progressão da doença dele se atrasar, é possível que ainda esteja vivo na suposta data de nascimento do filho. Se chegar esse dia, mas o filho não nascer, saberá que tudo não passou de uma mentira. Só de pensar na desilusão que sentiria nesse momento, até me dói o peito.

Acho que a sua ideia é fantástica, mas, para mim, não dá.

Muito obrigada por me ter dado tantas ideias, senhor Namiya. Estou satisfeita com todos os conselhos que me deu, e agradeço-lhe imensamente. Creio, no entanto, que só eu poderei pensar na melhor solução para este problema. Não precisa de responder a esta carta. Peço desculpa pelo incómodo causado.

— Que raio? — Atsuya arremessou o papel de carta e levantou-se. — Andou a comunicar connosco tanto tempo para agora dizer que não precisamos de responder? Esta mulher quer ouvir o que os outros têm para lhe dizer? Ela ignorou tudo!

— Mas eu até percebo o que ela queria dizer. Manter a farsa durante tanto tempo seria complicado — declarou Kôhei.

— Cala-te! Se tem o amado às portas da morte, porque é que está a ser tão amadora? Se estiveres a morte à tua frente, tudo te é possível!

Atsuya sentou-se em frente à mesa da cozinha.

— Vais escrever uma resposta, Atsuya? — perguntou Shôta. — A caligrafia vai ser diferente.

— Que se lixe, tenho de lhe dizer o que penso sem papas na língua.

— Já percebi. Mas conta-me o que lhe queres dizer e eu escrevo.

Shôta sentou-se de frente para Atsuya.

Coelha da Lua,

És burra? Não, és mesmo burra.

Estou-te a dizer o que deves fazer, mas não o segues. Porquê?

Quantas vezes te tenho de dizer que esqueças os Jogos Olímpicos?

Por muito que treines para ir aos Jogos, tudo será em vão.

Nunca irás participar. Por isso, desiste. É impossível.

Hesitar também é inútil. Se tens tempo para isso, vai já ter com ele.

Ele vai ficar triste se abdicares dos Jogos Olímpicos?

Não brincues. Não foste aos Jogos Olímpicos: e daí?

Neste momento, o mundo está em guerra. Muitos países nem estão preparados para os Jogos Olímpicos. E o Japão não pode fazer de conta que isto é um problema alheio. Já percebeste?

Mas não faz mal. Faz o que te apetece. Faz o que te der na gana e arrepende-te com todas as tuas forças. Volto a dizê-lo uma última vez: és uma burra.

Bazar Namiya

Shôta acendeu mais velas. Talvez a sua vista já estivesse acostumada, pois, com as chamas de poucas velas, a sala ficou perfeitamente iluminada.

— Não vem mais nenhuma carta — disse Kôhei, derreado. — É a primeira vez que demora tanto tempo. Acho que não quer escrever-nos mais.

— Pois, eu acho que ela já não nos vai escrever — retrucou Shôta, suspirando. — Depois de levar uma sova daquelas, das duas, uma: ou ficou deprimida ou ficou furiosa. Seja qual for o caso, de certeza que não vai responder.

— Mas porquê? Isto agora é culpa minha, queres ver? — questionou Atsuya, fitando Shôta.

— Não foi isso que eu disse. Acho o mesmo que tu e acho que fizeste bem em escrever o que escreveste. Mesmo assim, também acho inevitável que ela não responda depois daquela carta.

— Se é só isso, tudo bem.

Atsuya virou-se de lado.

— Mas o que é que ela terá feito? — perguntou Kôhei. — Terá continuado a competir? E foi escolhida como representante olímpica, para depois o Japão boicotar os jogos? Que piada!

— Se tiver sido assim, bem feita! A culpa é dela por não ouvir o que a gente lhe diz — cuspiu Atsuya com desdém.

— Que terá sido do namorado? Até quando terá vivido? Terá sobrevivido até ao dia em que foi anunciado o boicote?

Atsuya manteve-se calado enquanto ouvia as palavras de Shôta. O silêncio desconcertante envolveu os três.

— Olha lá, por quanto mais tempo vamos fazer isto? — interrogou Kôhei, insatisfeito. — Se não fecharmos a porta das traseiras, o tempo nunca mais vai passar!

— Mas, se a abrirmos, perdemos a ligação ao passado. Mesmo que ela nos envie uma carta, nunca chegará aqui.

Shôta virou-se para Atsuya.

— Que fazemos?

Atsuya mordiscou o lábio inferior e fez estalar as articulações dos dedos.

Depois de ter estalado todos os dedos da mão esquerda, olhou para Kôhei.

— Kôhei, abre a porta das traseiras.

— Tens a certeza? — inquiriu Shôta.

— Não faz diferença. Vamos esquecer-nos da Coelhinha. Não temos nada que ver com ela. Kôhei, despacha-te.

— Está bem — aquiesceu Kôhei, levantando-se.

Foi então.

«Tum, tum», escutou-se da entrada.

Os três pararam de imediato, coordenados. Entreolharam-se e seguiram para a parte da frente da casa.

Atsuya dirigiu-se calmamente ao bazar. Shôta e Kôhei seguiram atrás dele.

De novo, o mesmo ruído: «Tum, tum.» Alguém estava a bater na portada exterior. Davam-lhe pancadas como se tentassem perscrutar o interior do bazar. Atsuya parou e susteve a respiração.

Por fim, uma carta passou pela ranhura do correio.

Senhor Namiya, ainda aqui vive? Se aqui viver outra pessoa e esta carta tiver chegado até si, peço-lhe que não leia o resto e queime-a, por favor. Não escrevi nada de especial, pelo que não ganhará nada em lê-la.

A seguir, começava a parte da carta dirigida ao Sr. Namiya.

Há quanto tempo. Ainda se lembra de mim? Chamo-me «Coelha da Lua», escrevi-lhe várias vezes no fim do ano passado. Já passou tanto tempo. Está tudo bem consigo?

Obrigada por tudo o que fez por mim naquela altura. Nunca me esquecerei dos seus gentis conselhos. Todas as suas respostas me ficaram gravadas no coração.

Tenho duas novidades para lhe contar.

Em primeiro lugar, creio que já esteja a par disso, mas o Japão boicou oficialmente os Jogos Olímpicos. Estava algo preparada para essa possibilidade, mas quando foi implementado de facto, fiquei genuinamente chocada. Até sinto um aperto no peito não só por não poder participar, como também por todos os meus amigos que perderam essa oportunidade.

Política e desporto. Para mim, são duas coisas completamente distintas. Mas quando surgem problemas entre países, é difícil fazer essa afirmação.

A segunda coisa que gostaria de lhe revelar tem que ver com o meu amado.

Ele lutou arduamente contra a doença que o atacou. Todavia, no dia 15 de fevereiro do presente ano, deu o seu último suspiro no hospital. Por mero acaso, estava livre, o que me permitiu ir a correr para o hospital. Tive a oportunidade lhe apertar a mão e de o acompanhar durante a sua travessia.

As últimas palavras que me dirigiu foram: «Obrigado pelos sonhos.»

Acho que talvez tenha sonhado comigo nos Jogos Olímpicos até ao derradeiro momento. Imagino que tenha sido essa a sua esperança na vida.

Por esse motivo, mal terminei de cuidar dele, recomecei imediatamente os treinos. Como faltava pouco tempo para os apuramentos, tive de dar tudo por tudo para conseguir a minha mais do que derradeira oportunidade. Vejo-a como uma espécie de oferta em sua honra.

No fim de contas, não fui selecionada como representante olímpica. Faltaram-me as forças. Mas, tendo dado tudo o que tinha, não me arrependo de nada.

Mesmo que tivesse sido escolhida, não poderia ter ido aos Jogos Olímpicos. Seja como for, não acho que a forma como escolhi passar este ano tenha sido um desperdício.

Hoje, só consigo pensar desta maneira graças a si, senhor Namiya.

Para ser franca, quando lhe enviei a primeira carta a pedir os seus conselhos, estava inclinada para o abandono dos Jogos Olímpicos. Obviamente, queria estar ao lado do meu amado e cuidar dele até ao fim. Mas, na verdade, não era só isso.

Naquela altura, a competição fazia-me sentir num beco sem saída.

Andava tão nervosa que não conseguia atingir resultados positivos. Todos os dias, sentia-me no limite das minhas possibilidades. Os confrontos com as minhas rivais deixavam-me vergada, e a pressão de ter imperativamente de ir aos Jogos Olímpicos tornava-se insuportável. Só pensava em fugir.

Foi nessa altura que soubemos da doença dele.

Não posso negar que vi ali uma oportunidade para escapar dos treinos árduos. O meu amado estava a sofrer com uma doença incurável. Era natural que me dedicasse integralmente a ele. E ninguém me censuraria por tal comportamento. Acima de tudo, podia persuadir-me a mim mesma.

Mas ele apercebeu-se da minha fraqueza. Foi por isso que me pediu continuamente para que não desistisse dos Jogos. Disse-me que não desistisse dos sonhos dele. Antigamente, nunca se havia dado a egoísmos desse tipo.

Fiquei verdadeiramente sem saber o que fazer. A vontade de cuidar do meu amado, de fugir dos Jogos Olímpicos e de concretizar os sonhos dele rodopiou-me no peito. Quando dei por mim, tinha deixado de saber o que desejava.

Tinha atingido o pico da preocupação quando escrevi aquela primeira carta. Mas, nela, não escrevi o que pensava realmente. Ocultei o facto de desejar fugir dos Jogos Olímpicos.

No entanto, o senhor Namiya não foi facilmente enganado pelos meus engodos.

Depois de várias trocas de correspondência, disse-me, sem margem para dúvidas, que, se o amava, tinha de «ficar com ele até ao fim». Quando li essas palavras, senti um enorme choque, como se tivesse levado com um martelo na cabeça. Porquê? Porque a minha forma de pensar não era assim tão pura. Era ardilosa, feia, covarde.

O senhor Namiya deu-me então conselhos ainda mais diretos:

«É só desporto.»

«Os Jogos Olímpicos são um torneio como os outros.»

«Não hesites. Vai ter com ele: já.»

Foi estranho. Mas, por fim, percebi por que motivo era capaz de dizer essas coisas com tanta confiança. O senhor Namiya estava a testar-me, não é verdade?

Se, quando me disse que esquecesse os Jogos Olímpicos, eu o tivesse feito facilmente, a história acabava aí. Simplesmente abdicava da competição e concentrava-me de corpo e alma em cuidar dele. Mas quanto mais o senhor Namiya me instigava a desistir, mais eu hesitava. Isso significa que devia ter um forte apego aos Jogos Olímpicos.

Foi aí que me apercebi subitamente de algo.

No meu íntimo, eu queria ir aos Jogos Olímpicos. Era o meu sonho de infância. E não podia desistir facilmente dele.

Naquele dia, disse-lhe:

«Amo-te mais do que a qualquer outra pessoa e quero ficar sempre do teu lado. Se desistir da competição te salvasse a vida, fá-lo-ia sem hesitar. Mas, se isso não é possível, não posso abdicar dos meus sonhos. Vivo à minha maneira precisamente porque vim seguindo esses sonhos. E acho que foi por esse meu “eu” que tu te apaixonaste. Nunca me esqueço de ti, por um momento que seja. Por isso, deixa-me seguir os meus sonhos.»

E ele chorou. Esperara por estas minhas palavras.

«Ver-te preocupada comigo fez-me sofrer. Roubar os sonhos daqueles que amamos é pior do que a própria morte. Mesmo que estejas longe de mim, os nossos corações estão sempre lado a lado. Não tens nada com que te preocupar ou arrepender. Segue os teus sonhos.»

Foi isto que ele me disse.

Naquele dia, fui treinar sem a menor dúvida em mente. Estar ao lado dele não era só cuidar dele. Foi isso que finalmente percebi.

Por fim, ele lançou o seu último suspiro. As suas últimas palavras, «Obrigado pelos sonhos», e o sorriso satisfeito que levava no rosto quando morreu foram a melhor recompensa que poderia alguma vez receber. Não pude ir aos Jogos Olímpicos, mas consegui algo mais valioso do que uma medalha de ouro.

Muito obrigada, senhor Namiya. Se não tivesse conversado consigo, teria perdido algo muito importante e ter-me-ia arrependido para toda a vida. Devo-lhe o mais alto respeito e o mais profundo agradecimento pelos seus conselhos perspicazes.

Talvez já nem viva nesta casa, mas rezo para que esta carta chegue até si.

Coelha da Lua

Shôta e Kôhei guardaram silêncio. Atsuya calculou que não soubessem o que dizer, pois o mesmo se aplicava a ele.

A última carta da Coelha da Lua superara a imaginação de todos. Não abdicara dos Jogos Olímpicos. Apesar de o seu esforço, levado até ao fim, não lhe ter garantido lugar enquanto representante do país e de o Japão ter ficado sem o lugar nos Jogos Olímpicos, ela não se arrependia nem um pouco. Estava felicíssima do fundo do coração por ter logrado algo mais precioso do que uma medalha de ouro.

E pensava que tinha sido tudo graças ao Bazar Namiya. As cartas que Atsuya escrevera motivado pela mais pura raiva levaram-na a tomar a decisão correta. Se ela o odiasse ou estivesse a ser irónica, jamais teria escrito uma carta como aquela.

Começaram a ouvir-se risos. Era uma situação verdadeiramente estranha. Atsuya fez balançar o corpo, começando a gargalhar, primeiro baixo, até que a sua voz se agigantou.

— Como podia não me rir? Esta mulher é mesmo parva! Dissemos-lhe que desistisse mesmo dos Jogos Olímpicos, mas ela leu a carta à sua maneira e fez o que lhe apeteceu. Mas, como o resultado lhe conveyo, agradeceu-nos. Diz que nos deve «o mais alto respeito e o mais profundo agradecimento pelos conselhos perspicazes». A gente não lhe deu nada disso.

Shōta assumiu uma expressão mais branda.

— Não faz mal. O que importa é que o resultado foi positivo.

— Pois é. Eu cá diverti-me bastante — disse Kōhei. — Foi a primeira vez na minha vida que dei conselhos a alguém. Mesmo que o resultado só tenha sido bom por acaso, fico contente por ela ter ficado satisfeita com a decisão de se aconselhar. Não concordas, Atsuya?

O rosto de Atsuya tornou-se mais severo enquanto coçava o nariz.

— Bem, não vejo nada de mal nisto.

— Claro que não! Eu bem te disse.

— Mas não estou tão contente como tu. Não quero saber mais disto. Vamos abrir a porta das traseiras. A continuar assim, o tempo não passa.

Atsuya dirigiu-se para as traseiras.

Pegou no manípulo da porta e tentou abri-la.

— Esperem — interrompeu Shōta.

— Que foi?

Mas Shōta seguiu até ao bazar sem responder.

— Que é que lhe deu?

Questionou Kōhei, mas este limitou-se a inclinar a cabeça.

Em seguida, surgiu Shōta. Estava com um ar desalentado.

— Que foi? — questionou Atsuya.

— Veio mais uma carta — retrucou Shōta, erguendo lentamente a mão esquerda. — Mas esta é de outra pessoa.

Tinha preso entre os dedos um envelope castanho.

CAPÍTULO 2

UMA HARMÓNICA NA MADRUGADA

Do outro lado do balcão dos visitantes, estava um homem magro, na casa dos sessenta e poucos anos. No ano anterior, ainda não estava ali. Talvez tivesse vindo depois de se reformar do posto vitalício na câmara municipal.

Katsurô estava reticente. Fosse como fosse, arriscou:

— Chamo-me Matsuoka.

Tal como esperado, o homem perguntou:

— De onde vem, senhor Matsuoka?

— O meu nome é Katsurô Matsuoka. Vim atuar para os meninos...

— Atuar?

— Para o espetáculo de Natal...

— Ah — exclamou o homem, finalmente esclarecido. — Ouvi dizer que vinha alguém tocar, mas pensei que fosse um grupo musical. Já vi que é só o senhor, não é?

— Sim, lamento — respondeu.

— Espere um pouco.

O homem começou a fazer um telefonema. Depois de o seu interlocutor dizer duas ou três frases, instruiu Katsurô:

— Aguarde aqui.

Pouco depois, surgiu uma mulher de óculos. Lembrava-se dela. Era a responsável pela festa do ano anterior. Ela também se devia recordar dele, pois saudou-o com um sorriso e um «há quanto tempo».

— Obrigado pela colaboração em mais um ano — cumprimentou Katsurô.

— Isso dizemos nós — retribuiu a mulher.

Em primeiro lugar, foi levado a uma sala de espera. Era uma divisão simples, com sofás e mesas.

— Em relação ao tempo, temos cerca de quarenta minutos. Deixo os arranjos e a seleção do repertório ao seu critério. Pode ser? — inquiriu a mulher.

— Pode. Vou tocar maioritariamente canções de Natal. O resto, são alguns originais meus.

— Ai sim?

A mulher exibiu um sorriso ambíguo. Talvez se questionasse como seriam

esses originais.

Ainda faltava algum tempo até à atuação, mas Katsurô ficou na sala de espera, a aguardar. O edifício ficava a meio de uma colina. Era uma estrutura de betão armado com quatro andares, que consistia em refeitórios e salas de banho, entre outras infraestruturas, sendo habitada comunitariamente por crianças da mais tenra idade até aos dezoito anos. Até então, Katsurô já havia visitado várias instituições semelhantes. Mas esta estava entre as maiores que conhecia.

Katsurô pegou na guitarra. Fez um último *soundcheck*. Começou a aquecer discretamente a voz. «Está tudo bem, estou afinado quanto baste.»

A mulher de pouco antes retornou. Estava na hora de atuar. Sorvendo mais um gole de chá, Katsurô levantou-se.

O palco da atuação seria um ginásio. As crianças estavam obedientemente sentadas em cadeiras dobráveis dispostas em filas. Eram maioritariamente crianças com idade para frequentarem a escola primária. Quando Katsurô entrou no espaço, eclodiram em aplausos. Decerto, haviam sido instruídas pelos professores.

Tinham-lhe preparado um microfone, uma cadeira e um suporte para as partituras. Katsurô virou-se para as crianças e dirigiu-lhes uma vénia. E sentou-se na cadeira.

— Boa tarde a todos.

— Boa tarde — retribuíram as crianças em coro.

— É a segunda vez que aqui venho. No ano passado, também vim na noite de Natal. Por isso, até pareço o Pai Natal. Mas, infelizmente, não vos trouxe presentes.

Os risos foram muito poucos.

— Mas, tal como no ano passado, vim oferecer-vos algumas canções.

Primeiro, tocou a canção «Rudolph, a Rena do Nariz Vermelho». Como as crianças também a conheciam, a meio, começaram a cantar com ele.

Em seguida, tocou várias canções de Natal famosas. Entre cada música, dizia algumas palavras. As crianças pareciam estar divertidas. Às vezes, batiam palmas. Podia afirmar-se que estava um ambiente animado.

Ora, a meio da atuação, Katsurô reparou numa das crianças.

Era uma menina. Estava sentada na extremidade da segunda fila de cadeiras. Devia andar no quinto ou sexto ano. Olhava para todo o lado menos para Katsurô. Não parecia ter interesse nas canções e nem sequer movia a boca.

A sua expressão deprimida cativou Katsurô. Tinha uma graciosidade que não parecia própria de uma criança. E Katsurô queria arranjar maneira de lhe conquistar a atenção.

Como talvez ela achasse as canções infantis demasiado aborrecidas, experimentou cantar a música «Koibito ga Santa Claus»³, de Yumi Matsutôya. Era um dos temas do filme de sucesso *Take Me Out to the Snowland*, que saía no

ano anterior. Tocá-la ali seria tecnicamente uma infração aos direitos de autor, mas com certeza que ninguém o denunciaria.

Muitas crianças explodiram de alegria. Mas ela continuou sentada de lado, sem olhar para Katsurô.

A seguir, tocou mais canções de que meninas daquela idade pudessem gostar, mas nenhuma surtiu efeito. Ela não se interessava por música. Só lhe restava desistir.

— Chegou finalmente a hora da última canção. Esta é daquelas que tenho de tocar em todos os concertos. Oçam lá, a ver se gostam.

Katsurô pousou a guitarra e pegou numa harmónica. Inspirou, fechou os olhos e começou a soprar lentamente. Já havia tocado aquela canção milhares de vezes. Nem precisava de pauta.

A canção durou cerca de três minutos e meio. Durante todo esse tempo, o ginásio permaneceu em silêncio. Quando terminou de tocar a harmónica, Katsurô abriu os olhos. Nesse momento, o choque apoderou-se dele.

Ela tinha estado a olhar fixamente para ele. O seu olhar era genuíno. Katsurô sentiu um embaraço desadequado à sua idade.

Quando terminou a atuação, as crianças aplaudiram e Katsurô abandonou o ginásio. A responsável veio ter com ele para lhe agradecer.

Katsurô queria perguntar-lhe sobre a menina, mas engoliu as palavras não pronunciadas. Não era capaz de pensar num bom motivo para o inquirir.

Ainda assim, acabou por conversar com ela em circunstâncias inusitadas.

Depois do concerto, foi servida uma refeição na cantina, para a qual Katsurô também foi convidado. Estava a comer o seu prato quando a menina veio ter com ele.

— Como é que se chama aquela música? — perguntou diretamente, fitando Katsurô.

— Qual delas?...

— A última, com a harmónica. Não a conhecia.

Katsurô aquiesceu, sorrindo.

— É normal. É um dos meus originais.

— Um original?

— Sim, fui eu que a escrevi. Gostaste?

A menina meneou energicamente a cabeça.

— Acho que é supergira. Quero ouvi-la outra vez.

— A sério? Então, espera só um bocadinho.

Katsurô ia passar a noite ali. Foi até ao quarto preparado para si para buscar a harmónica e voltou ao refeitório.

Levou a menina até ao corredor e começou a tocar a harmónica para ela. Ela, por sua vez, escutou-o com um olhar compenetrado.

— A música não tem nome?

— Tem... para já, chama-se «Renascer».

— Renascer... — sussurrou a menina. Em seguida, começou a trautear a canção. Katsurō ficou chocado. Ela era capaz de recriar perfeitamente a melodia de «Renascer».

— Já a aprendeste? — perguntou.

A menina mostrou-lhe um sorriso pela primeira vez.

— Tenho jeito para memorizar canções.

— Mas isso é incrível!

Katsurō fitou o semblante da menina. A palavra «talento» passou-lhe pela mente.

— O senhor Matsuoka não quer ser músico profissional?

— Profissional? Não sei...

Katsurō inclinou a cabeça, tentando esconder a inquietude que despertara no seu coração.

— Acho que essa canção ia vender bem!

— Achas?

A menina anuiu.

— Eu gosto dela.

Katsurō sorriu.

— Obrigado.

Nesse momento, ouviu-se uma voz a chamar:

— Seri! — Era a responsável, vinda da cantina. — Podes ir dar de comer ao Tatsu?

— Sim, vou já — respondeu a menina Seri. Fez uma vénia a Katsurō e voltou para o refeitório.

Pouco depois, Katsurō fez o mesmo. Seri sentou-se ao lado de um menino pequeno e começou a servir-lhe uma colher. O menino tinha um corpo diminuto e um ar depauperado.

Como a responsável pelo concerto estava sentada ao seu lado, Katsurō aproveitou para perguntar a respeito de Seri e do menino. A mulher assumiu uma expressão dócil.

— São irmãos e vieram para as nossas instalações nesta primavera. Eram vítimas de maus-tratos da parte dos pais. O Tatsu, o mais novo, só fala com a Seri, mais ninguém.

— A sério?

Katsurō observou Seri enquanto cuidava do irmão pequeno. De certo modo, percebia por que motivo ela rejeitara as canções de Natal.

Quando a refeição chegou ao fim, Katsurō dirigiu-se ao seu quarto. Deitou-se na cama, mas continuavam a ouvir-se vozes animadas do outro lado da janela. Até

que se levantou e olhou lá para fora. As crianças estavam a brincar com fogo de artifício. Não pareciam minimamente incomodadas com o frio.

Seri e Tatsu também ali estavam. Olhavam para as outras crianças de um ponto mais distante.

«Não quer ser músico profissional?»

Há muito tempo que não ouvia aquela pergunta. A última vez em que sorrisse para disfarçar as suas emoções devia ter sido mais de uma década antes. Mas os seus sentimentos de então e os de agora eram tudo menos iguais.

«Pai», sussurrou ao céu noturno. «Desculpa-me, eu ainda nem lutei nessa guerra que estou condenado a perder.»

Katsurō evocou os eventos de oito anos antes.

3 Tradução: «O meu amor é o Pai Natal». (NT)

A notícia da morte da avó chegou em inícios de julho. Katsurô estava a fazer os preparativos para abrir a loja quando recebeu um telefonema da irmã, Emiko.

Sabia que a avó não estava bem de saúde. Tinha o fígado e os rins de tal forma debilitados que a sua morte acabou por não surpreender. Mesmo assim, Katsurô não voltou a casa. Embora estivesse preocupado com a avó, tinha motivos para não o querer fazer.

— O velório é amanhã à noite, o funeral é depois de amanhã. Mano, voltas? — perguntou Emiko.

Katsurô apoiou o cotovelo no balcão ainda com o auscultador na mão. Com a outra mão, coçou a cabeça.

— Tenho de trabalhar. Primeiro, preciso de falar com o gerente.

O som de Emiko a inspirar fundo chegou-lhe aos ouvidos.

— Mas trabalhar no quê? És um mero ajudante. O gerente da loja não tinha dito que antigamente trabalhava sozinho? Ele há de se desenrascar sem ajuda por um ou dois dias. E não tinhas dito que tinhas decidido trabalhar nessa loja em vez de noutros sítios porque podes tirar folga quando te apetece?

Era verdade. A memória de Emiko era notável; o seu carácter, firme. Não seria ludibriada por palavras. Katsurô guardou silêncio.

— Se não voltares para casa, vai ser muito difícil para mim — insistiu Emiko, acutilante. — O pai não está bem de saúde e a mãe está cansadíssima por ter cuidado da avó. E a avó fez muito por ti, mano. Deves, pelo menos, ir ao seu funeral.

Katsurô suspirou.

— Eu sei. Hei de arranjar uma solução.

— Volta o mais rapidamente que te for possível. Se puderes, hoje à noite.

— Impossível.

— Então, amanhã de manhã. O mais tardar, à hora do almoço.

— Vou pensar nisso.

— Pensa bem. Até agora, tens vivido a tua vida como te dá na gana.

Que coisa horrível de se dizer. Estava prestes a resmungar, mas entretanto a chamada foi desligada.

Pousou o auscultador e sentou-se num banco. Ficou a olhar para um quadro fixo na parede, meditabundo. A pintura retratava as dunas de Okinawa. O dono do café adorava a cidade. Por isso, todos os recantos do pequeno bar estavam decorados com bibelôs e outras coisas que faziam lembrar Okinawa.

O olhar de Katsurô virou-se para o canto da loja. Viu uma cadeira de vime e uma guitarra *folk*. Eram ambas de Katsurô. Quando os clientes lhe pediam, sentava-se na cadeira e tocava. Alguns clientes cantavam enquanto ele tocava. Mas, regra geral, o cantor era Katsurô. Quase todos os clientes que ouviam as suas músicas pela primeira vez ficavam surpreendidos. Não parecia de todo um amador. Era comum dizerem-lhe que devia seguir uma carreira musical profissional.

A sua resposta era quase sempre um «nada disso» modesto. Mas, lá no fundo, replicava «é esse o meu objetivo». Foi para isso que deixou a licenciatura por concluir.

Desde a escola básica que se interessava por música. Quando andava no oitavo ano, foi brincar na casa de um colega que tinha uma guitarra. O colega contou-lhe que era do irmão mais velho e ensinou-o a tocar. Foi a primeira vez que tocou. A princípio nem era capaz de mexer os dedos. Mas depressa se pôs a tocar breves passagens de canções simples. A alegria que sentia nesses momentos era inexplicável. Era uma felicidade que lhe atravessava todo o corpo e que não podia alcançar nas aulas de música da escola, em que era obrigado a tocar flauta.

Poucos dias depois, reuniu coragem e pediu aos pais que lhe comprassem uma guitarra. O pai era pescador. A sua vida não tinha nada que ver com música. Ao ouvir o pedido, esbugalhou os olhos e não conteve a ira. Furioso, ordenou-lhe: «Não faças amigos com gente dessa.» Para o pai, jovens que tocassem guitarra só podiam ser vândalos.

Então, fez-lhe um pedido de todo o coração, acompanhado de uma promessa por escrito: ia estudar, como esperado, e ia para a melhor escola secundária da terra; se chumbasse, desistia da guitarra e nunca mais voltaria a tocar.

Até ali, Katsurô nunca desejara nada. Os pais ficaram admirados. Primeiro, falou com a mãe, para a persuadir. Por fim, o pai cedeu ao seu pedido. Contudo, em vez de o levar a uma loja de instrumentos musicais, foi com ele a uma de penhores. Teria de se contentar com uma guitarra penhorada.

— Ainda vais ter de a deitar fora. Não vale a pena comprar uma cara — disse o pai com um ar desagradado.

De qualquer dos modos, estava felicíssimo com o instrumento, mesmo que penhorado. Nessa noite, pôs a velha guitarra *folk* ao pé da almofada e foi dormir.

Começou a praticar quase todos os dias usando um livro de lições que comprou num alfarrabista. Obviamente, tendo feito uma promessa aos pais, também estudava com afínco. Graças a isso, as suas notas melhoraram e os pais não lhe

diziam nada quando passava as férias inteiras no quarto do primeiro andar a tocar guitarra. E foi admitido na escola secundária que almejava.

Como havia um clube de música ligeira na escola secundária, decidi inscrever-se. Fez amizade com três dos elementos do grupo e, juntos, formaram uma banda. Atuaram em vários lugares, inicialmente tocando *covers* de outras bandas. Contudo, com o passar do tempo, começaram a tocar originais. A maioria das canções foi composta por Katsurô, que era também o vocalista. Os companheiros tinham opiniões muito elogiosas da sua música.

Ora, quando chegou ao décimo segundo ano, a banda deixou naturalmente de existir. Os exames estavam à porta. Os elementos do grupo prometeram reformar a banda caso conseguissem entrar na universidade sem sobressaltos, mas não foram capazes de o fazer. Um dos companheiros chumbou nos exames. Um ano depois, conseguiu finalmente entrar na universidade. Mas a reformulação da banda não voltou a ser tema de conversa.

Katsurô entrou na Faculdade de Economia de uma universidade em Tóquio. Na verdade, queria ter enveredado pela Música, mas sofreu forte oposição dos pais, pelo que desistiu. Desde pequeno, tinha o destino traçado: assumir a liderança da peixaria da família. Os pais nunca haviam considerado sequer que pudesse escolher outras saídas. Ele mesmo imaginava que talvez fosse mesmo esse o fim que lhe estava reservado.

Na universidade, eram incontáveis os grupos de música. Katsurô juntou-se a um deles, mas sentiu-se logo profundamente desiludido. Os seus elementos só queriam divertir-se e não levavam a música a sério. Quando se queixou dessa atitude, foi recebido com olhares apáticos.

— Estás-te a armar em bom, é? A música é para nos entreter!

— Pois é! Queres levar isto a sério para quê? Não vamos ser profissionais nem nada que se pareça.

Katsurô foi incapaz de refutar qualquer uma das críticas. No fim, abandonou a banda. Achava que discutir com eles de nada serviria. Os seus objetivos eram absolutamente opostos.

Depois disso, não se inscreveu em mais nenhum clube. Achava que seria mais fácil fazer música sozinho. Passar tempo com pessoas desmotivadas só lhe causaria stresse.

Nessa altura, começou a inscrever-se em concursos para amadores. Era a primeira vez, desde a escola secundária, que atuava perante plateias. Nos primeiros concursos, foi eliminado logo nas fases iniciais. Mas, quanto mais desafios foi enfrentando, mais altas foram sendo as suas classificações. Além do mais, muitos dos grupos de concorrentes eram os mesmos, sempre. A dado momento, começou a falar com eles.

E alguns serviram de enorme encorajamento para Katsurô. Se tivesse de o

descrever numa palavra, diria «paixão». Estavam dispostos a sacrificar tudo para elevarem a sua música.

«Não posso perder», pensou numa das atuações.

Quase todos os momentos que passava acordado eram dedicados à música. Mesmo quando comia, ou quando tomava banho, novas canções lhe passavam pela cabeça. No fim, deixou de ir à faculdade. Deixara de fazer sentido ir. Naturalmente, não foi capaz de amealhar quaisquer créditos, chumbando cadeira após cadeira.

Os pais não se deram conta do que se estava a passar com o filho único que fora estudar para Tóquio com as poupanças da família. Pensavam que se iria licenciar dali a quatro anos, como era esperado, regressando à casa paterna. Num certo verão, Katsurô, com os seus vinte e um anos, ligou para os pais e informou-os de que desistira da universidade. A mãe chorou. Depois passou o telefone ao pai, que quis perceber, na mais alta das vozes, o que se estava a passar. Falava num tom ruidoso, irado, a ponto de magoar os ouvidos.

Katsurô respondeu que seguiria uma carreira na música e que não fazia sentido frequentar a universidade. O pai gritou-lhe num tom de voz ainda mais agressivo. Foi tão bruto que lhe desligou a chamada na cara. Na noite seguinte, os pais foram a Tóquio. O rosto do pai, vermelhíssimo; o da mãe, pálido.

Falaram quase até ao amanhecer no quarto de dez metros quadrados do filho. Disseram-lhe que, se desistisse da universidade, teria de regressar rapidamente a casa e assumir as rédeas da peixaria. Mas Katsurô não lhes baixou a cabeça. Recusou as ordens que lhe davam, dizendo que, se fizesse o que queriam, se arrependeria para o resto da vida. Por esse motivo, ficaria em Tóquio até atingir os seus objetivos.

Os pais apanharam o primeiro comboio matinal de regresso a casa, passando a noite quase em branco. Katsurô despediu-se deles pela janela do apartamento, observando-os enquanto se afastavam. Vistos de costas, pareciam duas criaturas solitárias, mirradas. Sem pensar, Katsurô uniu as palmas das mãos, numa oração.

Passaram-se três anos. Por esta altura, já se devia ter licenciado. Mas Katsurô não lograra absolutamente nada. Persistia na sua rotina: competições amadoras e ensaios diários. Entrou em tantos concursos que nem os podia enumerar. Julgara que, se continuasse a participar, acabaria por chamar a atenção de alguém da indústria musical. Até àquele momento, no entanto, ninguém o abordara. Chegou a enviar *demos* para empresas discográficas, mas nunca lhe respondiam.

Numa única ocasião, foi apresentado a um crítico musical por um freguês frequentador da loja. Katsurô tocou duas canções à frente dele. Revelou-lhe que queria ser cantautor e que confiava na qualidade das suas composições.

O crítico musical, grisalho e com uma permanente no cabelo, respondeu-lhe:

— Ainda bem. As canções são leves e tens jeito para cantar. Parabéns.

Ficou felicíssimo. Sentiu um tremor no peito e que parecia estar a anunciar-se a sua iminente estreia enquanto profissional.

O cliente que lhe apresentou o crítico antecipou-se e arriscou:

— Acha que ele pode ser profissional?

Katsurô sentiu o nervosismo no corpo. Não conseguiu olhar para o crítico.

Passado um momento, o crítico começou a resmonear.

— Hum... é melhor não pensar nisso.

Katsurô levantou a cabeça.

— Porquê? — perguntou.

— Há muita gente que canta tão bem como tu. Se a tua voz tivesse algo de especial, seria outra história. Mas não é o caso.

O crítico disse o que disse com tamanha convicção que Katsurô nem teve maneira de lhe responder. Ele próprio estava ciente disso.

— E as canções? Eu acho que são boas — adicionou o gerente da loja, que estava sentado ao seu lado.

— São boas, sim. Para um amador — respondeu o crítico, robótico. — Mas, infelizmente, é só isso que se pode dizer. Fazem lembrar canções que já existem. Isto é, não trazem nada de novo.

A sua crítica era acutilante. O corpo de Katsurô aqueceu, tomado de remorso e humilhação.

Não teria talento? Estaria iludido ao pensar que podia viver da música? Foi nesse dia que enveredou por essa linha de pensamento.

No dia seguinte, deixou o apartamento depois do almoço. Levava apenas um saco de desporto e outro para um fato. Lá dentro, tinha um saco negro que o dono da loja lhe emprestara. Como não sabia quando regressaria a Tóquio, queria ter levado a guitarra. Mas, tendo receado que os pais lhe dissessem alguma coisa, reprimiu esse desejo. Em vez da guitarra, pôs na mala a harmónica.

Apanhou o comboio na estação de Tóquio. Já que a carruagem estava vazia, ocupou sozinho uma zona de quatro lugares. Tirou os sapatos e apoiou os pés no banco, à sua frente. Desde a estação de Tóquio até à vila dos pais, a viagem levava cerca de duas horas, com transbordo pelo caminho. Havia quem fosse de lá para Tóquio todos os dias para trabalhar, coisa impensável na mente de Katsurô.

Mal disse ao dono da loja que a avó tinha morrido, aquele autorizou-o imediatamente a voltar a casa.

— É uma boa oportunidade para falar calmamente com os teus pais sobre o que farás daqui em diante — disse o gerente, num tom admoestador. As suas palavras escondiam a dica implícita de que era altura de abandonar o caminho da música.

Enquanto observava os campos que passavam pela janela do comboio, considerou que não tinha salvação. De certeza que lhe iam dizer que tinha de deixar de sonhar, que o mundo não é assim tão simples, que já estava na hora de acordar e de assumir o negócio da família, a não ser que seguisse outra carreira respeitável. Era-lhe fácil imaginar as palavras que os pais lhe iriam dirigir.

Katsurô abanou um pouco a cabeça. Não valia a pena deixar-se levar por pensamentos depressivos. Abriu o saco de desporto e retirou lá de dentro um *walkman*. Era um aparelho revolucionário que tinha sido vendido pela primeira vez no ano anterior. Agora, podia desfrutar da música em qualquer lugar.

Pressionou o botão *play* e fechou os olhos. A bela melodia de um instrumento electrónico fluíu-lhe pelos ouvidos. A música era do grupo Yellow Magic Orchestra. Embora todos os seus elementos fossem japoneses, tornaram-se famosos primeiro fora do Japão. Segundo se dizia, fizeram furor entre o público de Los Angeles quando foram a banda de abertura dos The Tubes.

Por muito que se questionasse se só esse tipo de pessoa teria talento, os

pensamentos pessimistas continuavam a assolar-lhe a mente.

Por fim, chegou à estação mais próxima da casa dos pais. Quando abandonou o edifício da estação, deparou-se com um cenário que lhe era familiar. Ao longo da rua principal que conduzia às mais importantes artérias rodoviárias, havia uma sequência de pequenas lojas enfileiradas. Todas pareciam servir apenas os clientes habituais, gente do bairro. Era a primeira vez que regressava a casa desde que desistira da universidade. Não obstante, o ambiente da vila não parecia ter mudado.

Katsurō parou. Entre a florista e a mercearia, viu uma portada com três metros, e meio entreaberta. O letreiro indicava o nome, Uomatsu. Ao lado, um outro letreiro ligeiramente mais pequeno anunciava: *Entregas de peixe fresco*.

A peixaria tinha sido fundada pelo avô. A primeira loja situava-se noutro lugar e era bastante maior. No entanto, havia sido destruída durante a guerra. Terminado o conflito, foi ali inaugurada a nova loja.

Katsurō esgueirou-se por debaixo da portada. O espaço estava às escuras. Examinou com atenção o mostruário frio, mas não continha qualquer peixe. Naquela estação, só conseguiam preservar-se os produtos crus por um dia. Os restantes teriam de ser congelados. Na parede, via-se, colado, um papel com a indicação *Novo produto: kabayaki de enguia*.

O cheiro a peixe, ao qual estava habituado, era genuinamente nostálgico. Katsurō seguiu até ao fundo da loja. Nas traseiras, havia um espaço onde se podia descalçar e que dava acesso à casa principal. A porta de correr que ligava à casa estava fechada, mas a luz passava pela sua fresta. Pressentiu movimentos de gente.

Inspirou fundo e anunciou:

— Estou em casa.

Mal o disse, considerou que mais valia ter dito «boa tarde».

A porta abriu-se de rompante. Ali estava Emiko, com um vestido preto. Não a via há algum tempo. Estava feita uma mulher. Ela olhou para Katsurō e suspirou:

— Que bom, pensava que já não vinhas.

— Porquê? Eu disse-te que ia arranjar uma solução.

Katsurō tirou os sapatos e subiu o degrau até ao interior da divisão. Examinando a estreita sala, acrescentou:

— És só tu? Onde está a mãe? E o pai?

Emiko franziu o sobrolho.

— Já estão no local do velório. Eu também devia estar lá a ajudá-los, mas tive de ficar aqui à espera porque seria complicado se viesses e não estivesse aqui ninguém.

Katsurō encolheu os ombros.

— Não me digas... Mano, não me digas que vais ao velório assim vestido!

Katsurō estava de camisola de manga curta e calças de ganga.

— Claro que não. Espera um bocadinho, que vou já mudar de roupa.

— Despacha-te.

— Está bem.

Pegou nas malas e subiu o degrau. No primeiro piso, havia dois quartos japoneses, de seis e dez metros quadrados, respetivamente. O de dez metros fora o quarto de Katsurô até à escola secundária.

Ao deslizar a porta de correr, sentiu-se algo irritado. Estava às escuras, pois as cortinas estavam corridas. Ligou o interruptor de parede. O espaço onde vivera permanecia ali, sob a alva luz das lâmpadas fluorescentes. O velho apara-lápis ainda estava agarrado à secretária e os cartazes dos ídolos, na parede, não tinham sido retirados. Havia uma estante com livros para aprender guitarra, a par de outras referências.

A mãe contou-lhe que, depois de Katsurô ir para Tóquio, Emiko tinha utilizado aquele quarto. «Não faz mal», respondeu. Naquela altura, já havia escolhido o caminho da música e não pensava em ter de regressar à casa dos pais.

Todavia, o facto de o quarto estar preservado daquela forma significava que os pais previam, de certa maneira, o seu regresso. Esse pensamento fê-lo sentir-se pesado.

Vestiu o fato e saiu de casa com Emiko. Estava fresco, para o mês de julho, e ainda bem que assim era.

O velório realizar-se-ia num centro comunitário da vila. Tinha sido construído pouco antes e ficava a dez minutos a pé da casa da família.

Quando começou a caminhar pela zona residencial, reparou em mudanças drásticas na paisagem, o que o deixou algo surpreendido. Segundo Emiko, havia por ali muitos novos moradores. Até uma vila como aquela podia mudar, e muito, considerou Katsurô.

— Que vais fazer, mano? — perguntou Emiko, caminhando.

— Como assim? — retrucou o irmão. Fingiu a sua própria ignorância, embora soubesse perfeitamente a que se referia.

— Obviamente, estou a falar do futuro. Se puderes viver da música, tudo bem, mas sentes-te confiante?

— Claro que sim. Se não, não estaria a seguir esse caminho.

Ao responder, percebeu que o coração era tomado pela apreensão. Sentia que se enganava a si mesmo.

— Mas, olha... para mim, não é assim tão evidente que haja alguém tão talentoso na nossa família. Eu já fui aos teus concertos e acho que és muito bom. Mas julgo que, para seres profissional, era preciso outro nível de competências, não achas?

Katsurô contorceu o rosto.

— Não sejas insolente. O que é que tu sabes? Não passas de uma leiga.

Pensou que Emiko ia ficar furiosa, mas esta manteve a calma.

— Sim, sou uma leiga. Não sei nada da indústria musical. É por isso que te estou a perguntar o que se está a passar contigo. Se tens confiança em ti mesmo, mostra uma visão mais concreta. Que plano tens, como o vais executar daqui para a frente, quando poderás viver da música? Sem que tu saibas disso, nem eu nem os pais o saberemos. E isso deixa-nos preocupados.

A irmã tinha toda a razão. Katsurō fungou ruidosamente.

— Se corresse tudo como planeado, ninguém teria de sofrer. Mas quem andou na universidade da terrinha, para meninas, e arranjou emprego no banco talvez não o perceba.

Estava a falar de Emiko. Estava prestes a licenciar-se, na primavera do ano seguinte, mas havia-se antecipado na procura de emprego, tendo já uma proposta de contratação em mãos. Katsurō tinha a certeza de que, desta feita, Emiko se iria mesmo zangar. No entanto, limitou-se a soltar um longo suspiro. Por fim, perguntou, com aparente enfado:

— Mano, alguma vez pensaste no que será dos pais quando envelhecerem?

Katsurō guardou silêncio. A velhice dos pais era uma das coisas em que não queria sequer pensar.

— Há um mês, o pai voltou a desmaiar. Foi outro ataque cardíaco.

Katsurō parou e fitou o semblante de Emiko.

— A sério?

— Claro que é a sério. — Emiko retribuiu-lhe o olhar. — Felizmente, não foi nada de grave. Mas ficámos todos muito ansiosos, até porque isso aconteceu quando a avó já estava acamada.

— Não fazia ideia.

— O pai e a mãe não queriam que te contasse...

— Não me digas...

Talvez não vissem necessidade de contactar um filho impiedoso como ele. Não tendo como revidar, Katsurō calou-se.

Retomaram ambos a caminhada. Até chegarem ao centro comunitário, Emiko nada mais disse.

O centro comunitário era ligeiramente maior do que uma moradia de um piso. Lá dentro, homens e mulheres trajados de luto andavam às voltas, frenéticos.

Na receção, viu a mãe, Kanako. Estava a conversar com um homem franzino. Katsurō aproximou-se lentamente.

Quando Kanako se apercebeu da sua presença, abriu a boca para o saudar. Estava prestes a dizer-lhe «estou em casa» quando, antes que o pudesse fazer, viu o rosto do homem ao seu lado. A voz não lhe saiu.

Era o pai, Takeo. Estava tão magro que até pensou que fosse outra pessoa.

Takeo fitou Katsurō com a boca cerrada. Até que disparou:

— Vieste? Quem é que te informou?

O tom era brusco.

— A Emiko.

— Ai sim... — Takeo olhou primeiro para Emiko, depois, de novo para Katsurō. — Tens tempo para vir para um sítio destes?

Katsurō sentiu o significado implícito naquelas palavras: que não voltaria a casa enquanto não atingisse os seus objetivos.

— Se queres que volte já para Tóquio, eu volto.

Katsurō e Kanako assumiram expressões severas.

Takeo sacudiu a mão, aparentemente irritado.

— Não disse isso, simplesmente sei que estás ocupado. Não inventes controvérsias — redarguiu, abandonando o local em passos largos.

Olhando-o de costas, Kanako disse:

— Ainda bem que regressaste a casa. Cheguei a temer que não viesses.

Dizia-se que Emiko tinha ligado a Katsurō por indicação de Kanako.

— A Emiko foi bastante insistente. Mas, olha, o pai está tão magrinho. Ouvi dizer que voltou a desmaiar. Ele anda bem?

Às palavras de Katsurō, Kanako deixou descair os ombros, curvada.

— Ele está a fazer-se de forte. Mas, a meu ver, está muito mais fraco. Afinal, já tem mais de sessenta...

— Já tem tantos...

Takeo casou-se com Kanako já depois dos trinta e seis anos. Estava tão

dedicado à reconstrução da peixaria Uomatsu que nem tinha tempo para procurar uma esposa. Katsurō escutara essa história desde a mais tenra infância.

Perto das seis da tarde, hora que marcava o início do velório, os parentes começaram a chegar uns a seguir aos outros. Takeo tinha muitos irmãos. Só do seu lado, vinham pelo menos vinte pessoas. A última vez que Katsurō se tinha encontrado com eles tinha sido havia mais de dez anos.

Takeo tinha um irmão três anos mais novo. O tio estendeu uma mão plena de saudade a Katsurō.

— Viva, Katsurō. Estás com boa cara! Ouvi dizer que ainda andas por Tóquio. Que fazes por lá?

— Sim, ainda lá estou. Digamos que faço muita coisa.

Sentiu vergonha de si mesmo por não poder dar-lhe uma resposta convincente.

— Como assim, «muita coisa»? Não me digas que congelaste as propinas e andas aí na mandriagem!

Foi apanhado de surpresa. Os pais não tinham contado aos parentes que Katsurō abandonara os estudos na universidade. Kanako estava por perto. Era provável que tivesse escutado a conversa, mas manteve-se em silêncio e olhou para outro lado.

Foi possuído por um colossal sentimento de vergonha. Takeo e Kanako não tinham sido capazes de dizer fosse a quem fosse que o filho decidira seguir uma carreira musical.

Mas o mesmo se podia dizer dele mesmo, que era incapaz de o verbalizar sem subterfúgios. Não podia continuar assim. Humedeceu os lábios com a língua e enfrentou o semblante do tio de frente.

— Desisti.

— O quê?

A expressão do tio revelava estranheza.

— Desisti da universidade. Abandonei os estudos. — Pelo canto do olho, viu o corpo de Kanako petrificar. Mas prosseguiu: — Quero tentar viver da música.

— Da «músicaaa»?!

A expressão no rosto do tio era de uma enorme perplexidade, como se nunca tivesse ouvido tal palavra na vida.

A conversa ficou-se por ali, pois o velório começara. Com um ar confuso, o tio começou a conversar com outros parentes. Devia estar a confirmar se aquilo que Katsurō lhe dissera era mesmo verdade.

O velório foi realizado como prescrito, passando pela entoação dos sutras. Katsurō seguiu o exemplo dos presentes e acendeu incenso. No retrato, a avó sorria gentilmente. Lembrava-se de como ela o mimava quando era pequenino. Se ainda estivesse viva, decerto que também hoje lhe daria o seu apoio.

Quando o velório terminou, os presentes seguiram para outra sala. Ali, havia

sushi e cerveja preparados. Olhou em volta; só os parentes haviam ficado. Como a falecida avó tinha os seus noventa anos, a tristeza no rosto dos presentes ficava-se pela superfície. Na verdade, era como uma reunião de família, e o ambiente ali era leve, pois já havia passado muito tempo desde a última.

Subitamente, ouviu-se uma voz, primeiro rumorosa, depois, aos gritos:

— Cala-te! Não te metas na vida dos outros!

Mesmo sem olhar, Katsurō soube que era a voz de Takeo.

— Não é a vida dos outros. Antes de mudares para onde vives agora, era a casa do nosso falecido pai. Eu vivia lá também.

Era o tio de pouco antes quem discutia com ele. Tinham ambos os semblantes avermelhados, provavelmente por culpa do álcool.

— A casa que o pai construiu foi destruída na guerra. A casa atual foi construída por mim. Não tens o direito de dizer o que quer que seja sobre isso.

— Ai não? Tu só começaste o teu negócio porque tinhas o letreiro a dizer «Uomatsu». E foste tu quem herdou esse letreiro do pai. Agora vais fechar a loja sem falares connosco primeiro?

— Mas quem é que vai fechar a loja? Eu planeio manter o negócio.

— Com essa saúde? Mas até quando serás capaz? Já nem consegues carregar as caixas de mercadoria. Ainda por cima, mandaste o teu único filho para Tóquio. É esquisito. Ele não precisa de aprender a gerir a peixaria?

— O quê? Não insultes a peixaria.

Takeo levantou-se de supetão.

Uma nova briga parecia prestes a começar, mas as pessoas ao redor preveniram-no, instando-os a pôr o assunto de lado. Por fim, Takeo voltou a sentar-se.

— Sinceramente, no que é que estás a pensar?

Takeo estava a tentar suavizar o tom. Porém, por entre goles de saquê, o tio sussurrou:

— Pior ainda, deixaste que ele desistisse da universidade para ser cantor. Que ideia mais estúpida.

— Cala-te, ninguém te pediu conselhos — revidou Takeo.

Como a zaragata estava prestes a voltar a explodir, as tias sentaram-nos a ambos em lugares separados. A discussão lá acabou por cessar, mas o leve ambiente de antes não voltou a instalar-se. Um parente levantou-se, declarando que já estava na hora de ir andando. Foi prontamente seguido por outros familiares.

— Também se podem ir embora — disse Takeo na direção de Kanako e Katsurō. — Eu fico a controlar o incenso.

— Tens a certeza? Vê lá, não faças esforços — instou Kanako.

— Não me trates como um doentinho — ripostou Takeo, desagradado.

Katsurō saiu do centro comunitário ao lado de Kanako e Emiko. No entanto,

dados alguns passos, parou.

— Perdoem-me, mas podem ir andando? — pediu a ambas.

— Porquê? Esqueceste-te de alguma coisa? — indagou Kanako.

— Não, não é isso... — murmurou.

— Vais falar com o pai? — perguntou Emiko.

— Sim — aquiesceu. — Acho melhor conversar um pouco com ele.

— Também acho. Está bem. Sendo assim, vamos andando, mãe.

Todavia, Kanako não fez tenção de se mover. Permaneceu cabisbaixa, como que a pensar em algo. Então, ergueu o rosto e fitou Katsurô.

— O teu pai não está zangado contigo. Ele acha que deves fazer como bem entenderes.

— A sério?

— Sim, foi por isso que há bocado discutiui com o tio.

— Ah...

Katsurô pressentia-o. Quando o pai gritou com o tio, dizendo-lhe que não se intrometesse em assuntos alheios, estava a admitir perante os outros que aceitava a vida egoísta do único filho que tinha. No entanto, Katsurô queria ouvir da boca de Takeo os seus verdadeiros sentimentos.

— O teu pai quer que concretizes os teus sonhos, Katsurô — disse Kanako. — Ele pensa que não te deve atrapalhar, não te deve obrigar a desistires dos teus sonhos por causa da sua doença. Podes ir falar com o teu pai, mas não te esqueças disso.

— Está bem, já percebi.

Katsurô ficou a vê-las seguir caminho e deu meia-volta.

A situação tomara um rumo que não fora capaz de antecipar quando entrou no comboio, na estação de Tóquio. Sabia que os pais lhe dariam uma reprimenda e que os parentes o acusariam. Mas os seus pais também agiram como seu escudo. Katsurô recordou-se de quando os dois saíram do apartamento, três anos antes. Como haviam eles superado os seus sentimentos depois de a sua tentativa de persuasão do filho ter fracassado?

As luzes do centro comunitário estavam quase todas desligadas. A única visível provinha da janela das traseiras.

Katsurô ignorou a entrada principal, aproximando-se da janela com passos discretos. Do lado de dentro da janela de vidro, havia uma outra janela de correr que costumava estar fechada. Dessa vez, porém, estava entreaberta. Katsurô espreitou por essa fresta. Aquele não era o salão onde o velório decorrera: era o quarto fúnebre onde estava pousado o caixão. Havia incenso aceso em frente ao altar principal. Takeo estava sentado numa cadeira da fila da frente. Que estaria a fazer, questionou-se. Takeo levantou-se. Retirou algo da mala colocada no chão, ao seu lado. Algo envolto num lenço branco.

Takeo aproximou-se do caixão e desdobrou lentamente o lenço branco. Lá de dentro, saiu algo resplandecente. Soube imediatamente do que se tratava.

Era uma faca de cozinha. Uma antiga faca de cozinha. Katsurō ouvira inúmeras histórias a seu respeito, quase até à exaustão.

Era a faca usada pelo avô quando criou a peixaria Uomatsu. Takeo herdou-a quando ficou decidido que seria ele a assumir a gerência da peixaria. Quando era novo, Takeo utilizara aquela mesma faca para treinar o seu mester.

Takeo desdobrou o lenço branco em cima do caixão e colocou ali a faca. Olhou para o retrato fúnebre, juntou as palmas das mãos e começou a rezar.

Ao vê-lo, Katsurō sentiu um aperto no peito. De certo modo, suspeitava saber o que Takeo estava a dizer à avó.

Provavelmente, estaria a pedir-lhe desculpa por a loja que herdara do pai ir fechar na sua geração. Por não ter passado o legado da faca ao filho unigénito.

Katsurō afastou-se da janela. Sem sequer se virar para a entrada, abandonou o terreno do centro comunitário.

Não era capaz de encarar Takeo. Era a primeira vez que se sentia assim, do fundo do coração. Tinha de lhe agradecer por ter permitido o egoísmo do filho.

Mas poderia mesmo continuar a viver assim?

O tio também o dissera: a saúde de Takeo estava muito debilitada. Não se sabia até quando poderia manter a peixaria. Mesmo que Kanako assumisse a gerência do negócio durante algum tempo, também ia ter de cuidar de Takeo. Era provável que a peixaria tivesse subitamente de fechar.

Que faria, se tal acontecesse?

Na primavera seguinte, Emiko começaria a trabalhar. Como o seu emprego era num banco, poderia continuar a viver com os pais. No entanto, o salário, por si só, não chegava para os sustentar.

«O que é que eu faço? Desistir da música para dar continuidade à peixaria Uomatsu?»

Era uma hipótese realista. Todavia, que seria feito dos seus sonhos de tantos anos? Segundo Kanako, Takeo não queria privar Katsurō dos seus sonhos. Katsurō lançou um longo suspiro, olhou em volta e parou.

Tinha chegado a um lugar desconhecido. Por ali, eram tantas as moradias novas que se enganou no caminho.

Começou a andar na zona com passos cautelosos. Lembrava-se de já ali ter estado. Era perto de um terreno baldio onde costumava brincar quando era criança.

A estrada seguia um ligeiro declive. Katsurō recomeçou a andar calmamente. Viu então, à sua esquerda, um edifício que nele acordou uma enorme nostalgia. Era uma loja que vendia de tudo um pouco e onde costumava comprar artigos de papelaria. Não havia dúvidas. O letreiro impregnado de fuligem confirmava-o: *Bazar Namiya*.

Além de ter comprado coisas ali, tinha outras memórias da loja. Ia lá para pedir conselhos ao velho gerente. Obviamente, agora, as preocupações de então não lhe pareciam nada de extraordinário. Perguntava-lhe, por exemplo, como ser o melhor no torneio de atletismo da escola ou como receber mais dinheiro dos familiares no Ano Novo. Não obstante, o Sr. Namiya respondia sempre com

seriedade. Segundo se recordava, dissera-lhe que o truque para receber mais dinheiro no Ano Novo era obrigar os adultos a porem-no em «envelopes transparentes». Pois, dizia, «os adultos mais orgulhosos» teriam «vergonha de dar pouco dinheiro». O velhote ainda estaria de boa saúde? Katsurō fitou a loja, mergulhando nas suas memórias de saudade. A portada ferrugenta estava fechada e não se via qualquer luz proveniente do primeiro andar, que estava reservado à habitação.

Deu uma volta junto ao armazém contíguo. Tinha o hábito de lhe grafitar as paredes. Mas o velhote nunca se zangara com ele. Dizia-lhe que, se ia pintar, que pintasse bem.

Infelizmente, já não se viam graffito naquelas paredes. Já se tinham passado mais de dez anos. Talvez se tivessem esmaecido.

Foi naquele momento, da frente da casa, ouviu-se o chiado dos travões de uma bicicleta. Katsurō saiu da sombra do armazém. Ali, viu uma jovem mulher a descer da bicicleta.

Parando o veículo, tirou algo da mala que trazia a tiracolo. Em seguida, pôs o objeto na ranhura da pequena janela da portada do Bazar Namiya. Quando a viu fazê-lo, Katsurō abordou-a com um «desculpe».

Não falou excessivamente alto. Mas o local estava tão silencioso que a sua voz acabou por ressoar de mais. Assustada, a mulher olhou para Katsurō. Depois, algo atrapalhada, tentou voltar a montar a bicicleta. Talvez achasse que ele fosse alguém a evitar.

— Espere. Não, não. Eu não sou esquisito — asseverou Katsurō, agitando as mãos enquanto acorria na sua direção. — Eu não me estava a esconder de si. Estava só a olhar para este edifício, pois deu-me alguma saudade.

Estava prestes a arrancar, já com os pés nos pedais, quando virou os olhos desconfiados para Katsurō. Trazia o longo cabelo apanhado atrás. Embora a maquilhagem fosse discreta, estava arranjada. Devia ter a mesma idade de Katsurō ou até fosse mais nova. Devia praticar desporto, pois os seus braços, expostos pelas mangas da *T-shirt*, eram muito robustos.

— Viu, não foi? — perguntou ela.

A voz era bastante rouca. Katsurō continuou calado; não sabia do que falava.

— Não viu o que eu fiz? — repisou. O tom era acusatório.

— Vi que pôs ali um envelope — respondeu Katsurō.

Ela franziu o sobrolho. Mordeu o lábio inferior e desviou a cara. Então, voltou a olhar para ele e insistiu:

— Por favor, esqueça o que viu. E esqueça-se de mim também.

— O quê?...

— Pois bem... — disse ela, preparando-se para pedalar.

— Espere. Diga-me só uma coisa.

Katsurô saiu disparado em direção à bicicleta, parando à sua frente.

— Aquele envelope que pôs ali, era para pedir conselhos?

A mulher levantou o queixo. Parecia dar ares de superioridade.

— Quem és tu?

— Eu conheço bem esta loja. Costumava vir cá pedir conselhos ao velhote quando era pequenino...

— Como te chamas?

De cenho vincado, Katsurô disse:

— Antes de perguntar o nome aos outros, devia primeiro dizer o seu.

Ainda com os pés nos pedais, cuspiu:

— Não posso dizer o meu nome. E o que eu pus ali não era uma carta para pedir conselhos, era um agradecimento.

— Um agradecimento?

— Há mais de meio ano, fui aconselhada aqui e recebi conselhos inestimáveis. Foi graças ao bazar que consegui resolver os meus problemas. Foi por isso que vim agradecer.

— Pediu conselhos aqui? Ao Bazar Namiya? Mas o velhote ainda cá vive? — perguntou Katsurô, dividindo o olhar entre o rosto da mulher e a loja.

Ela inclinou a cabeça de lado.

— Não sei se vive aqui. Mas quando pus aqui cartas a pedir conselhos no ano passado, no dia seguinte, encontrava sempre uma resposta na paleta do leite...

Pois é: pondo cartas à noite na janelinha da portada, recebia-se uma resposta na manhã seguinte, dentro de uma paleta para o leite.

— Será que ainda dá conselhos?

— Não sei... Já passou muito tempo desde a última vez que recebi uma resposta com conselhos. Se calhar, não vai ler a minha carta de agradecimento. Mas não faz mal: escrevi-a já preparada para essa possibilidade.

Ela parecia ter recebido conselhos preciosíssimos.

— Olhe... — disse ela. — Acho que já chega de conversas, não? Já é tarde, a minha família vai ficar preocupada.

Katsurô desviou-se para o lado. Ela pedalou com grande pujança. A bicicleta moveu-se de imediato, ganhando velocidade. Demorou pouco mais de dez segundos até desaparecer da vista de Katsurô.

Olhou de novo para o Bazar Namiya. Não havia quaisquer sinais de que alguém ali estivesse. Se respondessem ao pedido de conselhos a partir daquele edifício, só se poderia concluir que ali viviam fantasmas. Katsurô expirou pelo nariz. «Hum, que parvoíce. Seria impossível», considerou, a abanar suavemente a cabeça. Pouco depois, abandonou o local.

Ao regressar a casa, encontrou Emiko sozinha na sala. Devia ter estado a beber antes de ir dormir, por conta da insónia. Havia uma garrafa e um copo de uísque

em cima da mesa baixa. Quando se tornara ela adulta? Kanako devia ter-se ido deitar primeiro.

— Falaste com o pai? — perguntou Emiko.

— Não. Acabei por não voltar ao centro comunitário. Fui dar uma caminhada, até agora.

— Uma caminhada? A estas horas? Aonde foste?

— Andei por todo o lado. Mas, olha, lembras-te do Bazar Namiya?

— Namiya? Lembro-me. É aquela loja que fica num sítio estranho, não é?

— Sabes se vive lá alguém ainda?

— Hã? — indagou Emiko. — Acho que não vive lá ninguém. A loja fechou há algum tempo e acho que a casa está vaga deste então.

— A sério... eu bem suspeitei.

— Que foi? Que é que se passou com a loja?

— Nada. Não ligués.

Emiko torceu a boca desconfiada.

— Isso agora não importa, mano. Que é que vais fazer? Vais mesmo abandonar a peixaria Uomatsu?

— Não o digas assim.

— Mas é precisamente o que está a acontecer. Se não assumires a gestão do negócio, a loja vai ter de fechar. Eu, pessoalmente, não me importo. Mas e os pais? Também os vais abandonar? Nunca o dirias, pois não?

— Cala-te. Eu tenho andado a pensar no assunto.

— Mas a pensar no quê? Diz-me!

— Já te disse que te calasses.

Rumou ao piso de cima e deitou-se na cama ainda vestido com o fato. A mente era fustigada por uma abundância de pensamentos. Talvez ainda estivesse sob a influência do álcool, pois não estava capaz de pôr as ideias em ordem.

Finalmente, Katsurô levantou-se, vagaroso. Sentou-se em frente à secretária e abriu uma gaveta. Encontrou papel para os trabalhos da escola e esferográficas.

Abriu a folha e começou a escrever, sem demoras:

Prezado Bazar Namiya.

No dia seguinte, sem atrasos, teve lugar o funeral. Os participantes vinham com o mesmo ar da véspera. Os familiares chegaram cedo, mas, devido aos acontecimentos da noite anterior, guardaram todos a sua distância de Katsurô. O tio também não se aproximou dele.

Além dos parentes, davam nas vistas conhecidos da rua comercial ou da associação do bairro. Katsurô conhecia-os desde que era menino.

Deu ainda de caras com um antigo colega. Como estava trajado de luto, não reparou logo que era ele. Mas não havia dúvidas: era um aluno da sua turma da escola básica. A família tinha uma loja de carimbos na mesma rua comercial da peixaria Uomatsu.

Lembrou-se de algo que tinha ouvido alguém dizer no passado. O pai do colega morreu quando este era pequeno. O avô ensinou-o então a fazer carimbos à mão. Depois de concluir o secundário, foi para a loja ajudar. Ou seja, nesse dia, comparecera ao funeral em representação do seu negócio.

O colega terminou de acender o incenso e, ao passar em frente de Katsurô e da família, fez-lhes uma vénia cortês. Parecia muito mais velho do que Katsurô.

Findas as cerimónias fúnebres, era a hora de retirar o caixão e de cremar a finada. Mais tarde, a família e os parentes regressaram ao centro comunitário para participar nas cerimónias budistas do sétimo dia⁴. Por fim, Takeo despediu-se formalmente dos familiares, dando por terminadas as cerimónias.

Depois dessas despedidas, Katsurô e a família partiram também. Tinham muitas malas. Abriram o porta-bagagem do carro e empilharam os altares e as flores. Os lugares dos passageiros tornaram-se apertados. Era Takeo quem ia conduzir.

— Katsurô, vai no lugar do pendura — disse Kanako.

Ele abanou a cabeça.

— Não, vai tu, mãe. Eu vou a pé.

Kanako parecia insatisfeita com a resposta. Devia julgar que não se queria sentar ao lado do pai.

— Eu preciso de passar por um sítio primeiro. Volto já.

— Está bem...

Estando Kanako e os outros já mais satisfeitos com a resposta, Katsurō virou-lhes as costas e começou a andar. Seria chato se lhe perguntassem para onde ia.

Enquanto caminhava, olhou para o relógio. Eram quase seis da tarde.

Na noite anterior, Katsurō saiu de casa a altas horas. Pretendia ir ao Bazar Namiya. Levava um envelope no bolso das calças. Lá dentro, uma folha de papel escolar com as causas da sua ansiedade passadas a escrito. Obviamente, foi Katsurō quem a escreveu.

Não revelou o seu nome, mas fez o melhor que pôde para não ocultar a sua situação atual. A carta pedia conselhos sobre o que fazer nas suas circunstâncias. Deveria seguir os sonhos que o alimentavam ou desistir deles e herdar o negócio da família? Em suma, era essa a mensagem.

Mas, na verdade, estava arrependido desde que despertara naquela manhã. Julgava ter feito algo tremendamente estúpido. Era impossível alguém viver naquela casa. Talvez a mulher que encontrara na véspera tivesse problemas mentais. Se assim fosse, pior ainda. Decerto não queria que outras pessoas lessem a sua carta.

Mas, e se? Tal como a mulher da noite anterior, tinha uma certa expectativa: a de ser brindado com bons conselhos.

Katsurō avançou pela ladeira num misto de certeza e desconfiança. Lá acabou por avistar a fachada envelhecida do Bazar Namiya. No dia anterior, estava demasiado escuro. Não reparara que as paredes, originalmente cremes, se tinham tornado negras como a fuligem.

Entre o bazar e o armazém contíguo havia um espaço estreitíssimo. A única entrada visível era pelas traseiras. Katsurō seguiu até ao fundo da casa com todo o cuidado para não sujar a roupa na parede.

Nas traseiras, havia uma porta de serviço. Ao lado, lá estava, de facto, uma caixa de madeira para pôr o leite. Katsurō engoliu em seco e abriu o tampo lateral da portada. Embora fosse muito pesado e exigisse algum esforço, conseguiu abri-lo.

Examinando o seu interior, deu com um envelope castanho. Katsurō inseriu a mão lá dentro e tirou-o. Parecia ter reutilizado o envelope que Katsurō ali pusera. Na secção do destinatário, dizia «Para o artista da peixaria», escrito a esferográfica.

Sentiu um choque no peito. Afinal, vivia mesmo alguém ali. Katsurō continuou em frente à porta das traseiras, apurando os ouvidos. Mas não ouviu qualquer som.

Ou, então, a pessoa que respondia vivia noutro local e só ia ali para verificar se não tinham sido postas novas cartas de noite. Faria mais sentido. Mas porque se daria ao trabalho de o fazer?

Katsurō saiu dali cheio de perguntas. Mas não era isso o que importava nesse

momento.

O Bazar Namiya teria os seus próprios problemas. O que mais deixava Katsurō curioso era a resposta às suas preocupações.

Katsurō caminhou pela zona ainda com o envelope na mão. Planeava ler a carta num lugar que o deixasse mais calmo.

Até que deu com um pequeno parque. Tinha apenas uns baloiços, um escorega e uma caixa de areia. Não se via vivalma. Katsurō sentou-se num banco, num canto do parque, inspirou fundo várias vezes e, por fim, abriu o envelope. Do seu interior, retirou uma folha de papel de carta. Nervosamente, começou a lê-la.

Ao artista da peixaria,

Recebi o seu pedido de aconselhamento.

Obrigado por partilhar comigo um problema tão requintado.

Maravilha. É o único filho de um peixeiro? Assim sendo, nem precisa de fazer nada. O negócio continuará. Com tantos clientes habituais, tenbo a certeza de que não será difícil arranjá-los.

Deixe-me só perguntar-lhe uma coisa: não conhece mais ninguém com dificuldade em arranjar emprego? Se assim fosse, este mundo seria fantástico.

Pense trinta anos no futuro. Não pode perder tempo com estas coisas. O importante é ter um emprego. Em breve, virá uma era em que ter uma licenciatura não vai chegar para ter emprego. Não duvide disso. Pode apostar.

Mas deixou os estudos por concluir? Desistiu?

Pedi dinheiro aos seus pais para ir para a universidade e desistiu? O quê?!!

E música? Quer ser artista? Quer deixar um negócio de gerações por causa de uma guitarra? Ai, ai, ai.

Eu já não pretendo dar conselhos a ninguém. Faça o que quiser. Não digo mais nada. Quem vive a vida ingenuamente, deve sofrer com os olhares críticos da sociedade. Mas como fui forçado a retirar o letreiro do Bazar Namiya, vejo-me obrigado a responder.

Não lhe vou dizer nada terrível, por exemplo, que deixe de tocar guitarra e vá já tomar conta da peixaria. Mas o seu pai está doente. Não pode ficar parado. Não me diga que consegue sobreviver da música. Só talentos muito raros o conseguem. Para si, tal seria impossível. Deixe-se de sonhos idiotas e encare a realidade.

Bazar Namiya

Quanto mais lia, mais as suas mãos tremiam — e, com elas, a carta. Evidentemente, de raiva.

«Que é isto?», pensou. Porque é que tinha de o humilhar assim? Esperava que o aconselhasse a desistir da música e a assumir o negócio da família. Pensando de forma realista, essa seria a opção mais segura. De qualquer dos modos, não devia

escrever assim. Até para a má educação havia limites.

Mais valia não ter pedido conselhos. Amachucou o envelope e a carta, fê-los numa bola, pô-los no bolso e levantou-se. Se encontrasse um caixote do lixo, havia de os deitar fora mesmo ali.

Mas não encontrou nenhum, pelo que voltou para casa ainda com os bolsos cheios. Em casa, deparou-se com os pais e Emiko diante do altar budista a porem os seus elementos por ordem.

— Aonde foste? Demoraste imenso tempo — disse Kanako.

— Hum, fui dar uma volta...

Com aquilo, subiu as escadas.

Chegado ao quarto, trocou de roupa e pôs o envelope e a carta no caixote do lixo. Mas mudou imediatamente de ideias, salvando-os do contentor. Espalmou a carta cheia de vinhos e releu-a. Por mais que a lesse, a revolta que sentia nunca se alterava.

Pensou ignorar o assunto, mas foi incapaz de se conter. O autor da carta estava profundamente enganado. Quando mencionou uma peixaria passada de geração em geração, devia estar a imaginar um negócio esplendoroso. Devia achar que aquele que lhe pedira conselhos era um menino queque criado numa família rica.

Dizia-lhe que encarasse a realidade, mas Katsurō nunca lhe havia desviado os olhos. Era por isso que estava tão preocupado. Ora, o seu correspondente não o percebia.

Katsurō sentou-se à secretária. Abriu a gaveta e retirou papel de relatório e uma esferográfica. Depois de algum tempo a escrever, foi esta a sua resposta:

Prezado Bazar Namiya,

Muito obrigado pela sua resposta. Fiquei surpreendido, pois não esperava tê-la. Mas fiquei desiludido com o que nela li.

Para dizer a verdade, você não compreende a minha ansiedade. Estou ciente de que dar continuidade ao negócio da família é a opção mais sensata. Nem preciso que mo diga. Mas, neste momento, a opção sensata não me deixa necessariamente em paz comigo mesmo.

O senhor está enganado. A loja da nossa família é pequeníssima. O negócio não está a correr muito bem e os lucros mal chegam para suportar o custo de vida. Não me dá quaisquer garantias de futuro. Se assim fosse, jamais consideraria sequer enveredar por outra carreira. Tal como disse na carta anterior, o meu pai e a minha mãe apoiam-me. Se desistir agora dos meus sonhos, vou desiludi-los.

O senhor também está enganado noutro sentido. Eu encaro a música como uma profissão legítima. E tenho intenção de me sustentar a cantar, a atuar e a compor canções. Mas você provavelmente só vê a arte como uma forma de distração, algo com que as pessoas se divertem. Foi nesse sentido que me disse que eu queria ser artista. Mas rejeito essa ideia por completo. Não almejo ser artista para me apartar da sociedade: quero fazer carreira na música. Ser

músico profissional. E sei que só quem tem um talento excepcional pode ser bem-sucedido. Mas como pode afirmar que não tenho esse talento? Alguma vez ouviu as minhas canções? Não julgue os outros com base em ideias preconcebidas. Nunca saberei o que me espera se não aceitar certos desafios. Não acha?

Aguardo resposta.

Músico da Peixaria

⁴ Grande parte das escolas de budismo do Japão dita que os familiares do falecido devem realizar cerimónias a cada sete dias até ao 49.º dia a contar da data da morte, momento a partir do qual os ritos fúnebres se tornam mais esporádicos. (NT)

— Quando é que voltas para Tóquio, pá? — perguntou-lhe Takeo no dia que se seguiu ao funeral. Tinha vindo disparado da peixaria, a limpar a testa com um pano, enquanto Katsurō almoçava.

Naquele dia, a peixaria Uomatsu reabriu. De manhã, Katsurō viu Takeo pela janela do quarto a fazer os preparativos do trabalho na carrinha.

— Ainda não sei — respondeu num murmúrio.

— Podes ficar aqui sem fazer nenhum? Ser músico, como tu queres, é assim tão fácil?

— Eu não estou aqui a preguiçar. Simplesmente, tenho andado a pensar em muitas coisas.

— A pensar no quê?

— Não importa.

— Parecias muito determinado há três anos. Preferia que o tentasses com todas as tuas forças.

— Cala-te! Não preciso que mo digas.

Katsurō pousou os pauzinhos e levantou-se. Kanako observava-o da cozinha com aparente preocupação.

De noite, Katsurō saiu de casa. Evidentemente, ia para o Bazar Namiya. Bem tarde na noite da véspera, enfiara uma segunda carta pela ranhura da portada da loja.

Quando abriu a palete do leite, encontrou o envelope que usara no dia anterior. Tal como suspeitava, a pessoa que dava os conselhos verificava diariamente se havia ou não novas cartas.

Tal como na véspera, rumou ao parque, para ali ler a resposta, que dizia o seguinte:

Músico da Peixaria,

Grande ou pequena, uma loja é uma loja. Não foi graças à peixaria que foste para a universidade? Se o negócio não está a correr bem, não é responsabilidade do filho endireitar as contas?

Dizes que os teus pais te apoiam. É normal: são teus pais. Desde que não cometas

nenhum crime, bão de te apoiar sempre. Mas vais usar isso como pretexto?

Não te estou a dizer que desistas da música. Podes continuar a tocar, mas como passatempo.

Digo-to sem papas na língua: não tens talento para a música. Nunca ouvi as tuas canções, mas sei-o.

Andas nisso há três anos e ainda não tiveste qualquer sucesso, pois não? Essa é a prova de que não tens talento.

Vê só aqueles que vendem. A maioria não precisou de muito tempo até começar a dar nas vistas. As pessoas que emitem uma luz especial acabam sempre por chamar a atenção de alguém. Mas ninguém repara em ti. E deves admiti-lo.

E não gostaste que eu dissesse que és um artista amador? Talvez seja uma diferença de percepção ou de geração. Seja como for, não te vou dizer nada de mal. Torna-te peixeiro. Já.

Bazar Namiya

Katsurô mordiscou o lábio. Tal como da outra vez, era uma resposta acutilante. As críticas pareciam tê-lo esmagado.

Estranhamente, contudo, não deixou que a raiva tomasse conta de si. Pelo contrário, sentiu-se como que refrescado pela resposta clara.

Katsurô releu o texto. Inconscientemente, deixou escapar um longo suspiro.

No seu âmagô, via-se forçado a aceitar os factos. Embora a linguagem da carta fosse rude, o que ali estava escrito era a verdade pura e dura. Katsurô sabia que só aqueles que irradiam uma luz própria e especial captam as atenções alheias. No entanto, até então decidira desviar o olhar dessa realidade. Tentava consolar-se a si mesmo, convencendo-se de que, pura e simplesmente, a sorte não estivera do seu lado. Mas se de facto tivesse talento, não teria de depender da sorte.

Até ali, nunca ninguém lho tinha dito assim. Sendo difícil, devia desistir. Ninguém queria responsabilizar-se por tais palavras. Todavia, o seu correspondente era diferente. As palavras que lhe dirigiu não demonstravam a mínima hesitação.

Ainda assim... Voltou a olhar para o papel de carta.

Quem seria esta pessoa? Era claramente capaz de escrever sem rodeios. A maioria das pessoas usaria eufemismos. Aqui, contudo, não havia o mínimo sinal de delicadeza. De certeza que quem escrevera aquela carta não fora o velho Namiya que Katsurô bem conhecia. O velhote escreveria palavras garantidamente mais gentis.

Katsurô queria conhecer a pessoa. Havia muita coisa que não se podia transmitir por carta. Tinha muito que lhe dizer cara a cara.

À noite, Katsurô voltou a sair de casa. Tal como das vezes anteriores, levava um envelope no bolso das calças de ganga. Era a sua terceira carta. Tendo pensado

à sua muito particular maneira, escreveu o seguinte:

Omitindo as cortesias: ao Bazar Namiya

Obrigado pela sua segunda resposta.

Para ser franco, foi um choque. Nunca pensei que me acusasse com tamanha veemência. Sempre agi tendo como pressuposto que tinha talento. Sempre achei que, um dia, seria reconhecido pelo mundo.

Mas, para ser honesto, estou mais aliviado.

Acho que preciso de me reexaminar. Pensando bem, sinto que tenho sido demasiado casmurro na busca dos meus sonhos. De certo modo, talvez tenha perdido a coragem.

Contudo, por mais patético que possa parecer, ainda não tomei uma decisão. Acho que quero seguir o caminho da música por mais algum tempo.

Foi então que me apercebi da verdadeira raiz das minhas preocupações.

Há muito que sei o que devo fazer. Simplesmente, não tinha decidido desistir dos meus sonhos. E continuo sem saber como o fazer. É como ter um amor não correspondido. Estamos cientes de que o nosso amor não se vai materializar, mas não somos capazes de esquecer a pessoa por quem estamos apaixonados.

Não consigo exprimir claramente os meus sentimentos por escrito. Por isso, gostaria de lhe pedir um favor: que se encontre comigo para conversamos. Gostaria muito de saber que tipo de pessoa é.

Onde posso encontrar-me consigo? Posso deslocar-me a qualquer lugar que me indicar.

Músico da Peixaria

Como sempre, o Bazar Namiya estava envolto em escuridão. Katsurō aproximou-se da porta e abriu o pequeno postigo reservado ao correio. Colocou ali o envelope que trazia no bolso, mas parou a meio do gesto.

Pressentiu alguém do lado de lá da portada.

Se assim fosse, decerto lhe puxariam o envelope do outro lado. Deixou-se ficar assim por algum tempo, atento à situação.

Quando deu pelo tempo, passava pouco das onze da noite.

Katsurō pôs a mão no outro bolso. E retirou uma harmónica. Inspirou fundo e, virado para a portada, soprou lentamente. Queria que a pessoa que estava dentro da casa o ouvisse.

Era a sua canção original mais popular. O título era «Renascer». Ainda não tinha letra, pois ainda não pensara em nada adequado. Costumava tocar a canção com a harmónica quando atuava nas salas de espetáculos. Era uma balada com uma melodia serena.

Depois do primeiro refrão, afastou a harmónica da boca e fitou o envelope

preso ainda à janelinha. No entanto, ninguém dava sinais de o tentar puxar. Parecia não estar ninguém dentro da casa. Talvez as cartas só fossem recolhidas de manhã.

Katsurō segurou o envelope entre os dedos. Ouviu-se um «paf!», e a carta caiu ao chão.

— Katsurō, acorda.

Um abanão fortíssimo despertou Katsurō. O rosto pálido de Kanako estava ao seu lado.

Katsurō franziu o cenho e pestanejou repetidamente.

— Mas que é que se está a passar? — perguntou, pegando no relógio de pulso que pousara ao pé da almofada. Passava pouco das sete da manhã.

— Nem vais acreditar. O pai desmaiou no mercado!

— O quê?! — Levantou-se. Os olhos espertaram de imediato. — Quando?

— Ainda agora. Um as pessoas lá do mercado ligaram cá para casa. Parece que foi levado para o hospital.

Katsurō saltou da cama e pegou nas calças de ganga estendidas sobre a cadeira. Depois de se arranjar, saiu de casa com Kanako e Emiko. Primeiro, afixou na portada da peixaria um aviso com a indicação «Fechados todo o dia, por motivos de força maior».

Apanharam um táxi e acorreram ao hospital. Um funcionário do mercado do peixe esperava por eles. Era um homem de meia-idade. Ao que parecia, já era conhecido de Kanako.

— Começou a ter dores enquanto transportava mercadoria. Chamei logo a ambulância... — explicou o homem.

— A sério? Peço desculpa por todos os incómodos. Agora vamos nós tomar conta dele. Pode voltar para o mercado, por favor — agradeceu Kanako.

Depois de terminados os cuidados, o médico responsável veio falar com a mãe. Katsurō e Emiko também estavam presentes.

— Basicamente, foi o excesso de trabalho que esforçou demasiado o coração. Alguma ideia do que poderá ter causado isto? Não houve nada que lhe tivesse causado cansaço?

O médico grisalho tinha feições elegantes e falava num tom calmo.

— Ainda há poucos dias, estivemos num funeral — disse Kanako. O médico parecia persuadido pela sua resposta, anuindo.

— Além do aspeto físico, talvez também esteja afetado mentalmente. Embora do ponto de vista cardíaco não preocupe a título imediato, vai ter de redobrar os

cuidados. Recomendo que faça análises periodicamente.

— Eu garanto que ele as fará — asseverou Kanako.

Como era possível visitá-lo, foram logo ter com ele ao quarto, do outro lado do hospital. Takeo estava deitado de lado na cama de um quarto do serviço de urgências. Olhou para Katsurō e para os outros com um ar sofrido.

— Vieram todos para quê? Que exagero, não tenho nada de especial.

Embora tentasse fazer-se forte, a voz não tinha qualquer pujança.

— Bem me parecia. Abriste a loja demasiado cedo. Devias ter descansado mais dois ou três dias.

Ao ouvir as palavras de Kanako, Takeo abanou a cabeça, desagradoado.

— Como é que podia tê-lo feito? Se tirar folga, os clientes é que pagam. Há muita gente a contar com o meu peixe.

— Mas se fizeres esforços e ficares mal de saúde, não valerá a pena!

— Eu já te disse que não tenho nada de especial!

— Não faças esforços, pai — disse Katsurō. — Se for mesmo preciso manter a loja aberta, eu posso ajudar.

Os três olharam para ele. Estavam todos estupefactos.

Depois de um breve e total silêncio, cuspiu Takeo:

— Que é que disseste? Alguma vez estás à altura disso? Tu nem sabes vender peixe!

— Mentira! Já te esqueceste? Quando andava no secundário, ia-te ajudar nas férias de verão.

— Não é o mesmo que trabalhar profissionalmente.

— Mas... — interrompeu Katsurō.

Sob o lençol, Takeo ergueu a mão direita, sinalizando ao filho que parasse de falar.

— Mas e a música?

— Eu... vou desistir dela.

— O quê? — questionou Takeo, com a boca a contorcer-se. — Vais fugir, é?

— Não, não vou. Simplesmente, acho melhor assumir a gestão da loja.

Takeo deu um estalido com a língua.

— Quando falámos, há três anos, fizeste proclamações gloriosas, e agora acabas assim. Vou ser sincero: não tenho vontade nenhuma de deixar a peixaria nas tuas mãos.

Katsurō também fitou o pai, surpreendido.

— Querido — chamou Kanako, preocupada.

— Se quiseses mesmo ser peixeiro, é outra história. Mas não é esse o teu caso agora. Se trabalhares na peixaria com as tuas motivações atuais, o negócio não vai correr bem. Já sei que daqui a uns anos te vais arrepender por não teres continuado a tua carreira na música.

— Não é verdade.

— É, sei-o bem. E quando essa altura chegar, vais dizer que não tiveste alternativa porque o teu pai ficou doente. Nunca te responsabilizas por nada, só culpas os outros por tudo o que te acontece.

— Querido, não digas isso.

— Fica caladinha. Então, não dizes nada? Se não estás contente, diz.

Katsurō fitou Takeo e, nervoso, perguntou:

— É assim tão mau pensar na família?

Takeo fungou.

— Se quiseses dizer coisas bonitas, di-las depois de teres atingido algo. Que é que lucraste nestes anos todos, gastos na música? Nada. Se era mesmo isso que querias fazer, a ponto de ignorares aquilo que o pai e mãe te disseram, que fosses até ao fim. Se nem disso és capaz, mas dizes que estás à altura da peixaria, estás simplesmente a ser mal-educado.

Depois de ter balbuciado tudo de uma vez, Takeo ficou com falta de ar, agarrando-se ao peito.

— Querido — exclamou Kanako. — Estás bem? Emiko, chama o doutor.

— Não te preocupes. Não é nada de mais. Escuta-me bem, Katsurō.

Ainda de lado, Takeo enfrentou Katsurō com seriedade.

— Nem eu nem a peixaria Uomatsu somos fracos a ponto de precisarmos da tua ajuda. Por isso, em vez de pensares em coisas que não interessam, tenta mais uma vez com todas as tuas forças. Vai para Tóquio lutar. Não importa se ganhas ou perdes a batalha. O importante é que deixes as tuas pegadas. Não voltas a casa enquanto não o fizeres, percebeste?

Katsurō guardou silêncio, sem dar qualquer resposta.

— Percebeste? — repetiu num tom autoritário.

— Percebi — retrucou Katsurō, baixinho.

— A sério? Este é um pacto entre homens.

Katsurō anuiu profundamente à pergunta do pai.

Depois de voltar para casa, Katsurō começou logo a fazer as malas. Além destas, levou também tudo o que tinha deixado no quarto. Como não arrumava a divisão há muito tempo, acabou por ter de lhe fazer uma grande limpeza.

— Podem desfazer-se da secretária, da cama e disso tudo. Se não usam as prateleiras, podem mandá-las fora — disse Katsurō a Kanako enquanto almoçava.

— Eu já não vou usar o quarto.

— Posso ficar com ele, então? — perguntou Emiko imediatamente.

— Sim, podes.

— Boa! — exclamou Emiko, batendo palminhas.

— Katsurō, o teu pai disse-te aquilo, mas podes voltar sempre que quiseses.

Ao ouvir as palavras da mãe, Katsurō sorriu-lhe amargamente.

— Não estavas a ouvir o que ele disse? Fizemos um pacto de homem para homem.

— Mas... — começou Kanako, logo contendo os lábios.

A limpeza do quarto decorreu até ao entardecer. Pouco antes disso, Kanako foi até ao hospital buscar Takeo. Estava com melhor cara do que de manhã.

O jantar foi *sukiyaki*. Kanako gastara uma boa maquia em carne de alta qualidade. Emiko estava contente como uma criança. Durante dois, três dias, Takeo teria de se abster do tabaco e do álcool, privação que motivou nele as lamentações. Para Katsurō, esta era a primeira refeição que tomara calmamente desde o funeral. Depois do jantar, preparou-se para se ir embora. Estava de regresso a Tóquio. Kanako instou-o a partir apenas de manhã, mas Takeo reprovou-a, dizendo-lhe que deixasse o filho fazer o que quisesse.

— Bem, vou indo — anunciou, pegando na mala com as duas mãos enquanto se despedia dos pais e de Emiko.

— Tem cuidado — suplicou Kanako. Takeo manteve-se calado.

Depois de sair de casa, em vez de ir na direção da estação dos comboios, fez um desvio. Queria ir uma última vez até ao Bazar Namiya. Talvez a resposta à sua carta da véspera estivesse na paleta do leite.

Ao verificá-lo, tinha, de facto, uma resposta à sua espera. Katsurō pô-la no bolso e voltou a olhar para a loja arruinada. O letreiro empoeirado parecia tentar dizer-lhe qualquer coisa.

Foi até à estação e, entrando no comboio, começou a ler a carta.

Senhor Músico da Peixaria,

Li a sua terceira carta.

Não queria dizer-lhe nada desagradável, mas é-me impossível encontrar-me consigo. Aliás, até é melhor assim. Se me conhecesse, provavelmente ficaria desiludido; iria odiar-se a si mesmo por ter pedido conselhos a alguém como eu. Portanto, vamos abandonar esse tema.

Com que então, finalmente decidiu parar de ser músico?

Mas acredito que seja só por agora. Você quer ser músico. Talvez até já tenha mudado de ideias quando ler esta carta.

Lamento, mas não sou capaz de lhe dizer se essa é a escolha certa ou não.

Contudo, tenho de lhe dizer isto: seguir o caminho da música não será em vão.

Acredito que há pessoas neste mundo que serão salvas pelas suas canções. E a música que criou sobreviverá.

Não me pergunte como posso afirmar algo do género. Mas é a verdade. Acredite no que lhe digo. Acredite até ao fim. É só isso que lhe posso dizer.

Terminando de ler a carta, Katsurō inclinou a cabeça.

Que resposta era aquela? Era tão cortês... Até ali, todas as cartas haviam sido escritas num tom violento. O mais estranho era o facto de ter antecipado que Katsurō queria continuar a seguir carreira na música. Quiçá fosse esse dom para ler corações que tornava tão especial o serviço de aconselhamento do Bazar Namiya.

Acreditar até ao fim.

«Que queria dizer com aquilo?», questionou-se. Que um dia os sonhos se realizaram? Mas como poderia afirmar algo assim?

Katsurō voltou a pôr a carta dentro do envelope, e o envelope, na mala. Houvesse o que houvesse, finalmente reunira coragem.

Ao passar por uma loja de discos, viu uma pilha de CD com capas azuis. Katsurō pegou num, contendo a alegria. Na capa, lia-se o título: «Renascer». De lado, o nome: «Katsurō Matsuoka».

Finalmente, ali chegara. Conseguiu, por fim.

Tinha sido um longo caminho. Katsurō retornara a Tóquio cheio de convicção. E dedicou-se à música com redobrado afinho. Participou em todos os concursos, foi a audições e enviou maquetes para companhias discográficas. Até atuou na rua, mais vezes do que as que era capaz de enumerar.

Mesmo assim, não via a luz ao fundo do túnel.

O tempo passou, rapidíssimo. Deixou de saber que mais fazer. Foi então que alguém presente na plateia de um dos seus concertos lhe propôs que atuasse num evento de caridade que se iria realizar numa instituição para crianças.

Embora não soubesse o que poderia ganhar com isso, aceitou o convite.

Era uma pequena instituição, com menos de vinte crianças. Apesar da confusão que o assolava, atuou. As crianças que o ouviram também pareciam embasbacadas.

Uma delas começou a bater palmas. Isso serviu de sinal para as restantes, que a imitaram. Foi aí que Katsurō começou a entrar no ritmo, a divertir-se.

Havia muito que cantar não o fazia sentir-se tão realizado.

A partir daquele dia, começou a correr instituições por todo o Japão. Aprendeu mais de mil canções infantis. No fim de contas, acabou por não ter uma estreia a sério no meio musical.

Katsurō abanou a cabeça. Não se estreou? O que era este CD, então? Claro que teve uma estreia, e logo com esta que era a sua canção mais popular.

Tentou cantarolar a canção «Renascer». Por um qualquer motivo, não se conseguia lembrar da letra. Impossível. Era a sua canção!

Como era a letra? Katsurō abriu a caixa do CD. Removeu o folheto e procurou pelo texto. Os dedos tinham dificuldade em mover-se. Não conseguia abrir a folha dobrada. Do interior da loja, ouvia-se um som estrondoso a ponto de magoar os ouvidos. Que é isto? Que música é esta?

No momento seguinte, Katsurō abriu os olhos. Não percebeu de imediato onde se encontrava. Não reconhecia o teto, as paredes, as cortinas. Virando o olhar,

apercebeu-se, por fim, de que estava numa sala do Centro de Acolhimento Marumitsuen.

Uma campanha ressoava com veemência. Também se ouviam gritos, aos quais se juntavam vozes que exclamavam «fogo!» e «tenham calma!».

Katsurō levantou-se em sobressalto. Pegou na mala e no casaco, e calçou os sapatos. Que sorte a sua, que dormira ainda com a roupa no corpo. Mas que faria com a guitarra? «Vou deixá-la para trás», decidiu naquele mesmo segundo.

Quando saiu do quarto, o choque atordoou-o. O corredor estava coberto de fumo.

Um funcionário com um lenço na boca acenou-lhe e indicou:

— Por aqui! Podemos fugir por aqui!

Fez tal como instruído, seguindo os passos do homem. Desceram a escadaria de dois em dois degraus.

Mal desceu as escadas, parou. Seri estava no corredor.

— Que estás a fazer? Temos de fugir, já! — gritou Katsurō.

Seri tinha os olhos a rebentar de sangue. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

— O meu mano... Não sei onde está o Tatsuyuki.

— O quê? Mas para onde foi?

— Não sei, talvez para o terraço. Quando não consegue dormir, vai sempre para lá.

— Para o terraço...

Por momentos, hesitou. Contudo, os seus movimentos seguintes foram rápidos. Pegou na bagagem e deixou-a com Seri.

— Pega nisto e fuge já.

— O quê? — soltou Seri, de olhos esbugalhados.

Katsurō correu desenfreadamente escadaria acima.

Em pouco tempo, o fumo tornara-se mais denso. As lágrimas formavam-se nos olhos. A garganta doía-lhe. Além da visão afetada, era-lhe difícil respirar. O que mais o incomodava era o facto de não ter visto quaisquer chamas. O que é que estaria a queimar?

Se prosseguisse, estaria em perigo. E se fugisse? Estava a considerar essa hipótese quando, de parte indeterminada, escutou o choro de uma criança.

— Oh! Onde é que estás? — vociferou. O fumo invadiu-lhe imediatamente a garganta. Mal conseguia respirar, mas seguiu em frente.

Ouviu o som de algo a partir-se. Ao mesmo tempo, o fumo tornou-se mais rarefeito. No alto da escada, viu o menino. Não havia dúvidas: era o irmão mais novo de Seri.

Katsurō colocou-o aos ombros e tentou descer as escadas. Ouviu-se então um enorme estrondo e, com ele, o teto ruiu. Em poucos segundos, o meio que os envolvia transformou-se num mar de labaredas.

O menino gritou, choroso. Katsurô foi tomado pelo pânico.

Mas não podia parar. A sua única escolha era descer a escadaria.

Katsurô atravessou as chamas ainda com o menino aos ombros. Não sabia para onde nem como avançar. Os gigantes de fogo atacavam-no, um após o outro. A dor fustigou-lhe todo o corpo. Nem conseguia respirar.

A luz vermelha e a escuridão envolveram-no.

Sentia que alguém o estava a chamar, mas era incapaz de responder. Não conseguia mover o corpo fosse de que maneira fosse. Na verdade, já nem sabia se tinha verdadeiramente um corpo.

A sua consciência vagueava, ao longe. Parecia prestes a adormecer. Foi então que se lembrou, vagamente, de uma frase de uma carta:

Seguir o caminho da música não será em vão.

Acredito que há pessoas neste mundo que serão salvas pelas suas canções. E a música que criou sobreviverá.

Não me pergunte como posso afirmar algo do género. Mas é a verdade.

Acredite no que lhe digo. Acredite até ao fim. É só isso que lhe posso dizer.

Sim, é isso: este é o meu fim. Só me resta continuar a acreditar. Deixarei, se assim for, as pegadas que o meu pai queria? A batalha, essa, está perdida.

O anfiteatro estava à pinha. Até pouco antes, os brados eufóricos dominavam o espaço. As três canções do *encore* serviam precisamente para gastar o entusiasmo dos fãs. Todavia, esta última canção era diferente. Os fãs de maior idade sabiam-no. Quando ela preparou o microfone, dezenas de milhares de pessoas guardaram silêncio.

— Para terminar, a canção que vocês já sabem — anunciou a talentosa jovem artista. — Esta é a música que me fez tornar-me artista. Mas significa muito mais para mim. A pessoa que escreveu esta canção salvou a vida do meu irmão, a única família biológica que tenho. Sacrificou a sua vida para o salvar. Se nunca o tivesse conhecido, nunca teria chegado onde cheguei. Por isso, vou cantar esta canção toda a minha vida. É a única forma que tenho de lhe retribuir. Oçam e vejam lá se gostam.

E começou a introdução de «Renascer».

CAPÍTULO 3

NUM *CIVIC* ATÉ DE MANHÃ

Ao passar pelas cancelas da estação, fitou o relógio de pulso. Os dois ponteiros apontavam para pouco depois das 20h30. Achando estranho, olhou em volta. Como esperava, o relógio dos horários dos comboios marcava as 20h45. Takayuki Namiya torceu os lábios e deu um estalido com a língua. «Raios partam este relógio velho, está avariado outra vez.»

O pai oferecera-lhe aquele relógio para o felicitar pela sua admissão na universidade. Recentemente, os ponteiros paravam com frequência e sem explicação aparente. Era natural, pois já o usava há mais de vinte anos. Considerou substituir o quartzo do mecanismo. Antigamente, estes revolucionários relógios baseados em oscilações de quartzo custavam o mesmo que um automóvel. Em anos recentes, porém, o seu preço baixara a olhos vistos.

Saiu da estação e começou a andar pela rua comercial. Mesmo àquela hora, ainda havia lojas abertas, o que o surpreendeu. Vistas de fora, todas as lojas pareciam cheias de movimento. Ouviu dizer que, desde que ali tinha sido construído um bairro, de raiz, que o número de moradores aumentara e, com eles, a procura pela rua comercial.

Ver florescer a localidade provinciana e desconhecida onde nasceu e cresceu deixou Takayuki atónito. Mas não se sentia mal por isso. Simplesmente, questionava-se sobre como teria sido se a loja da família também tivesse estado naquela rua.

Avançou, sempre em frente, durante algum tempo, saindo da artéria principal repleta de lojas para as vielas laterais. Aquela era uma zona residencial. De cada vez que ali ia, a paisagem mudava ligeiramente, pois havia cada vez mais edifícios novos. Entre os moradores, havia muita gente que ia todos os dias trabalhar para Tóquio. O próprio comboio expresso demorava cerca de duas horas a fazer a viagem. «Nunca seria capaz de viver assim», pensou Takayuki. Vivia num apartamento, em plena cidade de Tóquio. Embora pequena, era uma casa com duas assoalhadas, onde vivia com a mulher e o filho, prestes a completar dez anos.

Entretanto, reconsiderou a sua posição. Ir dali para o trabalho seria impossível, sim. Mas também era necessário considerar os prós e contras da localização da casa. Nem tudo na vida corre como queremos. Mais valia aguentar um trajeto

mais longo para o trabalho.

Passando por algumas casas, foi dar a um entroncamento. Virou à direita e prosseguiu. Era uma inclinação ligeira. Poderia andar pela zona de olhos fechados. Levava gravadas no corpo as distâncias e as curvas da estrada. Afinal, foi esta a rua por onde sempre passou até terminar a escola secundária.

Por fim, viu um pequeno edifício do lado direito. Embora a luz estivesse acesa, o letreiro estava desbotado, o que dificultava a sua leitura. A portada exterior estava fechada.

Parou em frente à loja e leu novamente o letreiro: *Bazar Namiya*. Aproximando-se, lá conseguiu ler corretamente o nome.

Entre a loja e o armazém contíguo, havia uma passagem com cerca de um metro de largura. Takayuki seguiu por ali até às traseiras da loja. Quando andava na escola primária, era ali que costumava deixar a bicicleta.

Ainda havia uma segunda entrada. Ao lado da porta, uma palete para o leite. Até cerca de dez anos antes, as entregas de leite eram feitas ao domicílio. Cessaram pouco depois do falecimento da sua mãe. Todavia, a palete ali continuava.

Havia um botão ao lado da palete. Premindo-o, ouvia-se uma campainha. Agora, porém, a campainha já não tocava. Takayuki puxou a maçaneta da porta. Conseguiu abri-la sem particular esforço. Como sempre.

À entrada da casa, havia sandálias e antigos sapatos de couro, calçado que lhe era familiar. Eram todos da mesma pessoa.

— Boa noite — anunciou baixinho.

Ninguém lhe respondeu, mas continuou a avançar. Tirou os sapatos e subiu o degrau da entrada. Mal entrou, estava na cozinha. Mais à frente, havia uma sala de estilo japonês e, na frente da casa, o bazar.

Yūji estava na sala japonesa, diante de uma mesa baixa. Vestia calças de ganga e uma camisola de malha, e estava sentado de modo formal, com os pés apoiados nos quadris. Virou então lentamente o rosto para Takayuki. Movendo os óculos de leitura na ponta do nariz, interrogou:

— Que é que estás aqui a fazer?

— Que é que isso interessa? A porta não está trancada. Não te disse já mil vezes para a fechares como deve ser?

— Não faz mal. Se alguém vier, eu apercebo-me.

— Apercebes-te o caraças! Tu nem ouviste a minha voz.

— Ouvi, sim. Mas estava a pensar noutras coisas e deu-me preguiça de responder.

— Outra vez essa conversa. Nunca admites que erraste.

Takayuki pousou um pequeno saco de papel em cima da mesa e sentou-se de pernas cruzadas.

— É o teu pão de feijão favorito, da Padaria Kimura.

— Uau — exclamou Yūji, com os olhos a resplandecer. — Obrigado, mais uma vez.

— Ora essa, é só um pão.

Com um resmungo, Yūji levantou-se e pegou no saco de papel. A porta do altar budista, ao lado, já estava aberta. Pôs o pão de feijão em cima do altar e, ainda em pé, tocou o sino duas vezes. Em seguida, voltou a sentar-se no mesmo sítio. Embora fosse baixinho e magro, e a sua idade se aproximasse dos oitenta, a sua postura continuava impecável.

— Já jantaste?

— Comi *soba* quando saí do trabalho. Hoje, durmo aqui.

— Ai sim? E disseste-o à Fumiko?

— Disse. Ela também está muito preocupada contigo. Pergunta sempre pela tua saúde.

— Está tudo bem, felizmente. Não precisavam de vir cá ver-me.

— Para que é que dizes isso, e logo hoje que te vim cá ver?

— Estou só a dizer que não precisam de se preocupar. Ah, olha: ainda há bocado, estive a tomar banho, ainda tens lá água quente. Ainda não deve ter arrefecido, aproveita para tomares banho quando te apetecer.

Durante a conversa, o olhar de Yūji manteve-se fixo na mesa baixa. Em cima dela, um papel de carta. Ao lado deste, um envelope. A face do envelope dizia: «Para o Bazar Namiya.»

— Veio hoje à noite? — perguntou Takayuki.

— Não, ontem de madrugada. Mas só reparei hoje de manhã.

— Não tinhas de responder hoje de manhã?

As respostas aos pedidos de aconselhamento feitos ao Bazar Namiya eram postas na palete do leite na manhã seguinte. Era essa a regra criada por Yūji. Era por isso que Yūji se levantava às cinco e meia.

— Não. E eu acho que a pessoa que deixou a carta a meio da noite estava ciente de que a resposta demoraria mais um dia.

— A sério? Será?

«É estranhíssimo», pensou Takayuki. Porque haviam de pedir conselhos ao dono de um bazar? Obviamente, sabia a história que ali os levara. Até tinham vindo jornalistas de uma revista para o entrevistar. Desde então, os pedidos de aconselhamento aumentavam. Havia pedidos sérios, mas também algumas partidas. Havia ainda alguns casos de assédio, e não eram poucos. Certa noite, chegaram trinta cartas. Evidentemente, todas trazidas pela mesma pessoa. O seu conteúdo era inegavelmente grosseiro. Mas Yūji comprometeu-se a responder a cada uma delas. Nesse momento, Takayuki interveio, dizendo a Yūji:

— Não o faças. Não passa de uma partida de mau gosto. Não percas tempo com esse tipo.

Mas o pai idoso não tinha intenção de recriminar o remetente. Pelo contrário, censurou Takayuki num tom triste:

— Tu não percebes nada.

— Não percebo nada do quê? — ripostou, incisivo.

Com uma expressão fria, Yūji respondeu:

— Não importa se é assédio ou uma partida de mau gosto. Quem deixa uma carta no Bazar Namiya, recebe uma resposta tal como as pessoas que têm preocupações legítimas. Talvez tenham um fosso no coração que precisa de ser revelado. E, para o comprovar, preciso de responder até a gente desta. Eles não vão conseguir evitar vir espreitar a paleta do leite, querem descobrir que mensagem o velho Namiya lhes deixou. Pensa bem: mesmo alguém que está a escrever por escárnio precisa de pensar no que vai escrever, o que é tudo menos fácil. Tenho a certeza de que ninguém escreveria trinta cartas sem esperar por uma resposta. Por isso, respondo-lhes. Penso com todas as minhas forças e escrevo. Nunca ignoro a voz que vem do coração das pessoas.

Yūji escreveu respostas sérias às trinta cartas que seriam do mesmo remetente, apresentando soluções para os seus supostos problemas, e pô-las na paleta do leite até ser manhã. Por volta da hora de abertura do bazar, às oito da manhã, já todas as cartas haviam sido levadas. Desde então, nunca mais houve partidas. Ao invés, certa noite, chegou uma carta com as palavras «desculpe» e «muito obrigado». A caligrafia era parecida com a das trinta cartas. Takayuki jamais se havia de esquecer da expressão de orgulho de Yūji quando a mostrou ao filho.

Provavelmente, era a sua missão de vida. Cerca de dez anos antes, quando a mãe de Takayuki pereceu ante uma doença cardíaca, Yūji perdeu a alegria de viver. Como todos os filhos já tinham saído de casa, Yūji foi forçado a levar uma vida solitária. Estava perto dos setenta anos de idade, mas aquele evento trágico tinha sido duro o suficiente para lhe roubar as forças.

Takayuki tinha uma irmã vinte anos mais velha, chamada Yoriko. Todavia, esta vivia com os sogros e Yūji não podia depender dela. Só Takayuki podia ajudar o pai. Contudo, ele próprio acabara de ser pai. Até ali, vivera num apartamento concedido pela empresa para a qual trabalhava. Não tinha hipóteses de tomar conta de Yūji.

O pai devia estar ciente das circunstâncias dos filhos. Embora tivesse perdido o entusiasmo, Yūji nunca pensou em fechar a loja. E Takayuki deixou-se levar por esse empenho casmurro do pai.

Porém, certo dia, a irmã Yoriko telefonou-lhe sem aviso:

— Nem quis acreditar. Está todo bem-disposto! Até mais do que antes da morte da mãe. Fiquei mais tranquila, acho que vai ficar bem. Também devias ir vê-lo. Tenho a certeza de que te vai surpreender.

A voz de Yoriko, que vira o pai pela primeira vez em muito tempo, rebentava

de excitação. Com o mesmo entusiasmo, perguntou:

— Porque é que o pai está tão contente?

— Não sei — respondeu Takayuki. — E é natural que não saiba. Essas notícias apanharam-me completamente desprevenido.

Por fim, descobriram o que se passava: o pai começara um serviço de aconselhamento no bazar.

Quando o ouviu pela primeira vez, Takayuki não soube do que se tratava. «Que serviço será?», pensou. Com grande urgência, voltou a casa na folga seguinte. Nem podia crer no cenário que ali acabaria por encontrar. Em frente ao Bazar Namiya, estava uma multidão, composta principalmente de crianças, mas também alguns adultos. Estavam todos a olhar para as paredes da loja. Viam-se por ali vários papéis colados. À medida que os liam, exibiam sorrisos.

Takayuki aproximou-se e examinou a parede por cima das cabeças das crianças. Eram papéis de carta e papel timbrado com pequenas mensagens. Experimentou ler o conteúdo de alguns desses textos. Eram coisas do género:

Pergunta: quero ter 100% num teste sem estudar e sem fazer cábulas. Que devo fazer?

Era claramente a caligrafia de uma criança. Em baixo, estava colada uma resposta a este pedido. Esta, na caligrafia de Yūji que Takayuki tão bem conhecia.

Pede ao teu professor que faça um teste sobre ti. Se for sobre ti, deves conseguir responder corretamente a todas as perguntas.

«Que raio», questionou-se. Mais do que ajudar com problemas, as suas respostas eram meros trocadilhos.

Takayuki leu outros pedidos de aconselhamento. Por exemplo:

Quero que o Pai Natal me visite, mas não tenho chaminé.

Se a Terra for como o Planeta dos Macacos, quem é que me pode ensinar a língua dos macacos?

Eram, basicamente, pedidos brincalhões. Não obstante, Yūji respondia a todas as cartas com seriedade, até às mais ridículas. Por qualquer motivo, as suas respostas valeram-lhe uma enorme popularidade. Ao lado, havia uma caixa com uma ranhura. Nela estava colado um papel com a mensagem: *Caixa dos Conselhos! Não hesite, o Bazar Namiya está aqui para responder aos seus problemas!*

— É uma brincadeira. Comecei a fazer isto por causa de uns pirralhos das vizinhanças. Mas, para minha surpresa, as reações têm sido muito positivas. Até há quem venha de muito longe para ler as respostas. Acima de tudo, queria contribuir para a comunidade. Algumas crianças pedem conselhos sobre problemas estranhíssimos, e então tenho de puxar pela mioleira. Não é nada fácil — explicou Yūji, com um riso nervoso.

O mais importante era a sua vivacidade. Transfigurara-se por completo desde a morte da mulher. A irmã de Takayuki não lhe mentira.

O serviço de aconselhamento tornara-se no motor da nova vida de Yūji.

Inicialmente, era apenas uma brincadeira. Certo é que, pouco a pouco, começaram a chegar pedidos mais sérios. Como seria indelicado expor essas pessoas aos olhares alheios, implementou o sistema da ranhura do correio na portada e o da paleta do leite nas traseiras. Não obstante, quando vinham pedidos de aconselhamento a gozar, respondia-lhes à maneira antiga, colando os papéis na parede. Yūji estava sentado de joelhos, em frente à mesa baixa, e de braços cruzados. Tinha diante de si o papel de carta, mas não dava sinais de querer pegar na caneta. Tinha o lábio ligeiramente saliente e rugas a formar-se no rosto.

— Estás muito pensativo — comentou Takayuki. — Deve ser um pedido complicadíssimo.

Yūji anuiu.

— É um pedido de aconselhamento de uma mulher. Este é o tipo de questões para o qual tenho menos jeito.

Era um caso de amor, explicou. Como o casamento de Yūji tinha sido arranjado, nada soube sobre a futura mulher até ao dia do matrimónio. «Para alguém da sua geração, deve ser difícil compreender as ansiedades do amor», pensou Takayuki.

— Escreve o que te apetecer.

— Alguma vez? Não o posso fazer! — ripostou Yūji, um pouco zangado.

Takayuki encolheu os ombros e sentou-se.

— Aposto que tens aí umas cervejinhas. Vou-te ficar com uma.

Yūji ignorou-o. Mesmo assim, abriu o frigorífico. Era um modelo antigo de duas portas. Tinha-lho oferecido a irmã quando mudou de casa, dois anos antes. Até então, usara um frigorífico de uma só porta. Fora adquirido em 1960, quando Takayuki ainda andava na universidade.

Havia duas cervejas no frigorífico. Yūji adorava álcool. Nunca deixava o frigorífico sem uma cerveja ou outra. Antigamente, não gostava de doces. Foi só depois de fazer sessenta que o pão de feijão da Padaria Kimura se tornou no seu favorito.

Primeiro, tirou uma garrafa de cerveja do frigorífico e removeu-lhe a carga. Depois, e sem permissão, tirou pratos e talheres de um armário e regressou à mesa baixa.

— Pai, também bebes, não?

— Não, agora não.

— A sério? Que estranho.

— Não bebo álcool enquanto não acabo de escrever a resposta. Já to disse várias vezes.

— Pois — anuiu Takayuki, vertendo cerveja para o próprio copo.

Yūji estava ainda imerso em cogitações quando virou o rosto para Takayuki.

— O pai tem mulher e filhos — declarou subitamente.

— Hã? Estás a falar do quê? — interrogou Takayuki.

Yūji apertou o envelope ao seu lado.

— Estou a falar da pessoa que me pediu conselhos. É uma mulher e diz que o pai está casado e tem filhos.

Não percebia mesmo o que queria dizer. Takayuki bebeu um gole de cerveja e pousou o copo.

— Claro que tem. O meu pai também! A mulher dele já faleceu, mas os filhos estão vivos. Como eu.

A expressão de Yūji tornou-se mais austera. Irado, abanou a cabeça.

— Não estou a falar de mim e não é isso que quero dizer. O pai de quem ela fala não é o pai dela: é o pai do filho.

— Do filho de quem?

— Irra... — exclamou Yūji, saturado. — O filho que leva no ventre. O filho da mulher que pediu conselhos.

— Ena... mas já percebi. Portanto, a mulher que pediu conselhos está grávida, mas o seu parceiro é casado e tem filhos.

— Exatamente. Já te estou a dizer isso desde há bocado.

— Não sabes dizer as coisas como deve ser. Quando se diz «o pai», qualquer pessoa julgaria tratar-se do pai da própria pessoa que pediu os conselhos.

— Isso é o que se chama tirar conclusões precipitadas.

— Sei lá se é — revidou Takayuki, abanando a cabeça enquanto pegava num copo.

— Mas o que achas? — perguntou Yūji.

— De quê? O parceiro tem mulher e filhos, e ela está grávida dele. Achas que ela devia fazer o quê?

O conteúdo da mensagem tornara-se claro. Takayuki bebericou a sua cerveja e suspirou:

— As raparigas de hoje em dia não têm controlo. Além do mais, são umas idiotas. Nada de bom acontece quando se envolvem com homens casados. No que é que esta mulher estaria a pensar?

Com uma expressão relutante, Yūji deu uma palmada na mesa.

— Não precisas de me explicar o problema. Responde-me: o que é que ela faz?

— É óbvio: tem de abortar. Não há outra solução.

Yūji fungou e coçou a orelha.

— Não to devia ter perguntado.

— Mas porquê? Que é que queres dizer com isso?

Desanimado, Yūji contorceu-se e bateu com a mão no envelope da mulher.

— «Abortar»? Não pensaste em mais nenhuma hipótese? Logo tu? Tenho a certeza de que a mulher que pediu conselhos pensou nisso em primeiro lugar. É por isso que se sente dividida.

A crítica incisiva relegou Takayuki ao silêncio. O pai tinha toda a razão.

— Deixa-me que te diga — prosseguiu Yūji. — Ela escreveu-me porque está ciente de que deve abortar. Ela sabe que o parceiro não se responsabilizará e que, se tiver de criar o filho sozinha, será muito difícil. Chegou calmamente a essa conclusão. No entanto, também sente que quer dar à luz a criança, e por isso é incapaz de recorrer ao aborto. Sabes o que ela devia fazer?

— Sei lá eu. Tu sabes, pai?

— Eu li a carta. Esta é a sua última oportunidade.

— Última oportunidade?

— Se a deixar escapar, nunca mais poderá ter filhos. No passado, foi casada. Como era incapaz de engravidar, submeteu-se a exames. E os médicos disseram-lhe que a sua constituição dificultava a gravidez. Até a incentivaram a desistir. Foi esse o motivo pelo qual o casamento ruiu.

— Infertilidade...

— Nestas circunstâncias, é mesmo a sua última oportunidade. Depois de saberes disto, nem tu poderias dizer-lhe simplesmente que abortasse.

Takayuki terminou de beber o copo de cerveja e esticou o braço até à garrafa.

— Percebo o que queres dizer, mas continuo a achar que não deveria dar continuidade à gravidez. Coitada da criança. De certeza que vai passar mal.

— Mas ela está preparada para essa eventualidade. Foi por isso que decidi escrever.

— Mesmo assim...

Takayuki verteu cerveja para o copo e ergueu o rosto.

— Não creio que queira conselhos. Parece querer ter a criança. Nesse caso, não importa o que respondas, pai. Não vai fazer diferença.

Yūji anuiu.

— Talvez tenhas razão... Depois de muitos anos a ler pedidos de aconselhamento, descobri uma coisa. Em muitos casos, a pessoa que pede conselhos já decidiu o que fazer. Apenas pede ajuda em busca de confirmação. É por esse motivo que muitos voltam a escrever depois de lerem a resposta inicial: a resposta que receberam era diferente daquilo que imaginavam.

Takayuki bebericou a sua cerveja, contorcendo o rosto.

— Já andas há anos a desperdiçar tempo nestas chatices.

— É para ajudar as pessoas. São chatices que valem a pena.

— Francamente, és mesmo curioso. Mas, neste caso, não acho que tenhas de pensar em mais nada. Se ela quer ter a criança, basta que desejes que dê à luz um bebé saudável, não?

Yūji fitou o filho com a boca torcida e começou a agitar a cabeça.

— Não percebes mesmo nada. Pela carta, parece que ela quer ter a criança. O problema é quando os sentimentos e a vontade se contradizem. Se calhar, quer ter

a criança, mas, ao mesmo tempo, sabe racionalmente que só lhe resta abortar. Por isso, talvez tenha escrito com o intuito de reforçar a sua determinação. Se assim for, instá-la a ter a criança poderia ter o efeito inverso e fazê-la sofrer sem necessidade.

Takayuki coçou as têmporas com a ponta dos dedos. Sentiu uma dor de cabeça.

— Se fosse a mim, dizia-lhe que fizesse o que lhe apetecesse.

— Se não demonstrares preocupação, ninguém quererá os teus conselhos. Temos de tentar compreender o que vai na cabeça das pessoas com base nas cartas que escreveram.

Yūji voltou a cruzar os braços.

— Que complicação — comentou Takayuki, como se o assunto não fosse consigo. Todavia, para Yūji, pensar numa resposta parecia ser divertidíssimo. Seria difícil mudar de tema. Fosse como fosse, não tinha vindo ali apenas para ver como estava o velho pai. — Pai, tens um momento? Preciso de falar de uma coisa contigo.

— Que foi? Não vês que estou ocupado?

— Não te levo muito tempo. E estás ocupado a fazer o quê, a remoer? Acho que mais facilmente te lembras de uma boa solução se pensares primeiro noutra coisa qualquer.

Talvez pensando o mesmo, Yūji virou-se para o filho com um ar derrotado.

— Que foi?

Takayuki esticou-se.

— A mana contou-me que o negócio não está a correr bem para o bazar.

A expressão de Yūji tornou-se imediatamente mais severa.

— Ela contou-mo porque estava preocupada. Era o mínimo que a minha irmã podia fazer.

Antigamente, Yoriko trabalhava para um escritório de contabilidade. Aproveitando as competências que ali adquiriu, começou a tratar sozinha das declarações de impostos do Bazar Namiya. Num desses dias, depois de fechar as contas do ano, ligou subitamente para Takayuki.

— A nossa loja está em apuros. Não temos um pequeno défice, é um senhor défice! Não importa quem fez a declaração: é óbvio que não só não precisamos de pagar menos impostos, como, declarando corretamente, nem precisaríamos de pagar nada.

— Está assim tão mau? — perguntou Takayuki.

— Quando o pai foi pessoalmente tratar dos impostos, recomendaram-lhe que pedisse um subsídio de subsistência — continuou.

Takayuki virou-se para o pai.

— Olha, se calhar já é hora de fechares o negócio. As pessoas aqui da zona fazem as compras na rua comercial, em frente à estação. Antes de a estação existir,

ainda cá vinham clientes porque ficava perto da paragem dos autocarros. Mas agora já não dá. Mais vale desistires.

Yūji coçou o queixo com um ar derrotado.

— Mas, se fechar o bazar, que é que vou fazer?

Takayuki inspirou fundo e disse:

— E se viesses viver comigo?

Yūji franziu o sobrolho.

— Quê?

Takayuki olhou em volta da sala. Reparou nas rachas na parede.

— Se desistires do negócio, não precisas de continuar a viver num sítio em tão más condições como esta casa. Anda viver connosco. Até já tenho permissão da Fumiko.

Yūji fungou.

— Mas a vossa casa é muito pequena.

— Nada disso. Acho que está na altura de nos mudarmos. Estávamos a pensar em comprar casa.

Yūji esbugalhou os olhos cobertos pelos óculos para as cataratas.

— Comprar uma casa? Tu?

— Mas qual é o problema? Tenho quase quarenta anos. Já andámos a ver vários imóveis. Acima de tudo, estou preocupado contigo.

Yūji desviou a cara e abanou levemente a mão.

— Não precisas de pensar em mim.

— Porquê?

— Eu trato de mim mesmo. Não preciso que cuidem de mim.

— Por muito que o digas, não vai servir de nada. Nem tens rendimentos, vais viver do quê?

— Não te metas onde não és chamado. Eu arranjo uma maneira.

— Que maneira?

— Cala-te — retrucou Yūji. — Vais para o escritório amanhã, não é? Indo daqui, vais ter de te levantar cedo. Deixa-te mas é de conversas. Vai tomar banho e dormir. Estou atarefado. Tenho muito que fazer.

— Fazer o quê? Escrever isso?

Takayuki levantou o queixo.

Yūji fitou o papel de carta em silêncio. Já não demonstrava tanta vontade em responder.

Takayuki suspirou e levantou-se:

— Vou usar a banheira.

Mas ninguém lhe respondeu.

A sala de banhos dos Namiya era pequeníssima. Takayuki entrou na velha banheira de aço inoxidável com os braços e as pernas contraídos, qual ginasta, e

olhou lá para fora pela janela. Imediatamente ao lado, havia um pinheiro. Os ramos estavam apenas parcialmente visíveis. Habituar-se àquela paisagem desde a infância.

Provavelmente, Yūji estava mais preocupado com o serviço de aconselhamento do que com o bazar propriamente dito. Se fechasse a loja, deixaria de vir gente em busca de ajuda. E Takayuki concordava. Era a natureza lúdica do espaço que permitia às pessoas aconselharem-se sem complexos.

Mas, naquele momento, seria demasiado cruel desfrutar.

Na manhã seguinte, levantou-se às seis. O velho despertador de sino que usava desde sempre veio-lhe mesmo a calhar. Estava no piso de cima a vestir-se quando ouviu um barulho vindo debaixo da janela. Abriu-a com cuidado e olhou lá para baixo, onde avistou uma sombra a afastar-se da paleta do leite. Era uma mulher de cabelo comprido e trajada de branco. Não lhe conheceu o rosto.

Takayuki saiu do quarto e desceu ao rés do chão. Yūji também se levantou. Na cozinha, começou a ferver água numa panela.

— Bom dia — saudou.

— Ena, já acordaste?

Yūji passou os olhos pelo relógio de parede.

— Que queres para o pequeno-almoço?

— Fico bem sem comer, tenho de sair já. Mas, diz-me lá, o que é que fizeste com o pedido de aconselhamento?

Yūji estava com as mãos numa lata de flocos de peixe-serra, mas parou. Virou-se para Takayuki com uma cara séria e respondeu:

— Respondi-lhe. Foi a noite toda.

— Que é que lhe respondeste?

— Não to posso dizer.

— Porquê?

— É óbvio: porque há regras. Há questões de confidencialidade envolvidas.

— Hum... — fungou Takayuki, a coçar a cabeça. Não esperava que Yūji conhecesse aquela palavras.

— Vi uma mulher a abrir a paleta do leite.

— Quê? Tu viste-a?

A expressão de Yūji tornou-se acusatória.

— Vi, da janela do primeiro andar.

— Não me digas! Ter-se-á apercebido?

— Acho que não tem problema nenhum.

— Pensas tu.

— Tem calma, foi só um segundinho.

Yūji distendeu o lábio e abanou a cabeça.

— Não podemos ver as pessoas que pedem conselhos. É uma das regras. Se

julgarem que foram vistas, nunca mais cá voltam para se aconselhar.

— Mas eu nem sequer quis olhar, vi-a por mero acaso.

— Sinceramente. Vieste ver-me depois de tanto tempo, mas já me arranjaste problemas — murmurou Yūji, pondo os flocos de peixe-serra no caldo na panela.

— Desculpa — sussurrou Takayuki, baixinho, enquanto se dirigia para a casa de banho. Lavou os dentes e a cara em frente ao lavatório, e arranjou-se para o trabalho. Na cozinha, Yūji cozinhava omeletes. Parecia experiente na sua preparação, quiçá por já viver sozinho há algum tempo.

— Para já, não precisas... — disse Takayuki, dirigindo-se ao pai, voltado de costas. — Não precisas de ir já viver connosco.

Yūji nada disse. A afirmação não parecia digna de resposta.

— Já percebi. Bem, tenho de ir andando.

— Está bem — aquiesceu Yūji discretamente. Manteve as costas voltadas.

Takayuki saiu de casa pela porta das traseiras. Ao espreitar a paleta do leite, viu qualquer coisa lá dentro.

Que teria o pai respondido? Estava um pouco — não, muito — curioso.

⁵ Em japonês, privacidade (プライバシー) é um anglicismo, e, regra geral, as gerações mais antigas usam menos estrangeirismos. (NT)

O local de trabalho de Takayuki ficava em Shinjuku, num quinto andar com vista para a Avenida Yasukuni. O emprego consistia na venda e arrendamento de maquinaria comercial. Muitos dos seus clientes eram pequenas e médias empresas. O patrão era novo e costumava dizer que estávamos na era dos «micom». Era a abreviatura de «microcomputadores». Garantia que, não tardava, seria normal haver um em cada secretária de escritório. Takayuki, que era de Letras, gostava de saber para que precisaria de um microcomputador. Mas o patrão asseverava que as aplicações possíveis não tinham limites.

— Vocês também têm de começar a estudar — dizia o patrão. Por esses dias, era uma das suas frases favoritas.

A irmã, Yoriko, ligou para o escritório de Takayuki quando este estava a ler um livro chamado *Introdução aos Microcomputadores*. Não percebia nada do livro e esteve quase para o mandar pelo ar.

— Desculpa-me por te ligar para o escritório — pediu Yoriko, algo envergonhada.

— Não faz mal. De que precisas? É sobre o pai?

Não conseguia pensar noutro motivo para a irmã lhe ligar.

— Sim — confirmou, tal como suspeitava. — Ontem, fui lá dar uma vista de olhos, mas o bazar estava fechado. Ouviste dizer alguma coisa?

— Quê? Não, não sei de nada. Que é que se passou?

— Perguntei-lhe o que se passava, mas disse-me que nada e que às vezes fecha a loja.

— Deve ser só isso, então.

— Claro que não. No caminho de volta, encontrei alguns vizinhos e também lhes perguntei como tem estado o Bazar Namiya. E contaram-me que estava fechado há mais de uma semana.

Takayuki franziu o sobrolho.

— Que estranho.

— Também acho. Além disso, o pai estava com má cara. Não to sei explicar, mas acho que emagreceu muito.

— Não estará doente?

— Suspeito que sim, mas...

De facto, a conversa inquietara-o. O serviço de aconselhamento tornara-se na razão de viver de Yūji. E a condição indispensável para continuar a fazê-lo era o negócio correr bem no bazar.

Tinha-lhe sugerido que fechasse o negócio havia já dois anos. Recordou-se de Yūji nessa altura. Era impensável abandonar a loja quando não estava doente sequer.

— Tudo bem, vou passar por lá depois do trabalho.

— Desculpa a maçada. Podes? Ele, a ti, talvez conte a verdade, Takayuki.

Não estava tão certo disso.

— Eu pergunto-lhe, de qualquer dos modos — garantiu. Por fim, desligou a chamada.

Já depois da hora, saiu do escritório e rumou à casa do pai. De caminho, ligou para a sua própria casa. Quando lhe revelou a situação, a mulher, Fumiko, ficou muito preocupada.

Ja ver Yūji pela primeira vez desde o Ano Novo, quando voltou a casa do pai com Fumiko e o filho. Naquela altura, Yūji estava com bom aspeto. Tinha passado meio ano desde então. O que teria acontecido entretanto?

Chegou ao Bazar Namiya pouco depois das nove da noite. Takayuki parou para olhar para a loja. Não era invulgar ter a portada exterior fechada, mas todas as luzes pareciam estar apagadas.

Foi até às traseiras e rodou a maçaneta da porta. Estava estranhamente trancada. Takayuki tirou a chave para fora. Era a primeira vez em muitos anos que o fazia.

Abriu a porta e entrou. As luzes estavam desligadas. Ao subir o degrau, viu Yūji na sala japonesa deitado num *futon*.

Yūji deve ter ouvido barulho, pois rodou o corpo e virou-se para Takayuki.

— Que foi?

— Que é que foi? A minha irmã ligou-me, preocupadíssima. Diz que tens a loja fechada há uma semana.

— A Yoriko? Está a meter-se onde não é chamada.

— Isso dizes tu. Mas o que é que aconteceu? Estás doente?

— Não se passou nada de especial — respondeu. Na verdade, estava mesmo doente.

— Que é que tens?

— Já te disse que não tenho nada de mais. Não me dói nada, nem estou a sofrer.

— Então, o que é? Porque fechaste a loja? Explica-me.

Yūji calou-se. «Estará ainda a fazer-se de forte», pensou Takayuki.

Contudo, quando viu a cara do pai, ficou estupefacto. As sobrancelhas de Yūji

estavam pronunciadamente enrugadas, e os lábios, esticados. A expressão que se lhe via no rosto era de uma profunda angústia.

— Pai, que é que se passa?...

— Takayuki — chamou Yūji. — Tens um quarto?

— Que quarto?

— Em tua casa. Em Tóquio.

— Sim, tenho — aquiesceu.

No ano anterior, tinha comprado uma casa no bairro de Mitaka. Embora fosse um imóvel usado, tinha-o renovado antes da mudança. Yūji também tinha ido ver a casa.

— Que eu saiba, não tens nenhum quarto vago.

Percebia o que Yūji queria dizer, mas, ao mesmo tempo, as suas palavras surpreenderam-no.

— Tenho, sim — declarou Takayuki. — Tenho um quarto preparado para ti. A sala japonesa do rés do chão. Até to mostrei quando foste ver a casa. É pequeno, mas até tem muita claridade.

Yūji lançou um longo suspiro e coçou o sobrolho.

— O que é que a Fumiko acha? Ela aceita mesmo isto? Logo agora que arranjaram a vossa casinha longe dos pais, lá vou eu, um velho, estragar-vos a vida...

— Não há problema. Essa foi uma das condições que discutimos quando escolhemos a casa.

— A sério?...

— Já queres vir viver connosco? Por nós, podes vir em qualquer altura.

— Bem sei — respondeu Yūji, com uma expressão carregada. — Nesse caso, aceito.

Takayuki sentiu o peito a acelerar. Chegara finalmente o dia tão antecipado. Ainda assim, teve todo o cuidado para que a expressão do rosto não lhe traísse a ansiedade.

— Não precisas de ser tão cortês. Mas, diz-me lá, o que é que mudou? Antes, estavas determinado em manter o negócio aberto. Não estarás mesmo doente?

— Não, não te preocupes sem razão. Como é que to posso explicar... — Yūji ficou em silêncio por alguns instantes, até que se dispôs a prosseguir: — Digamos que foi a altura certa.

Takayuki acedeu. Não lhe podia replicar.

Yūji abandonou o Bazar Namiya uma semana depois. Em vez de contratarem uma empresa de mudanças, transportaram tudo por si próprios. Escolheram apenas os bens essenciais, deixando os restantes pertences no bazar, pois ainda não estava decidido o que iriam fazer com o edifício. Pô-lo à venda não garantia que houvesse interessados na sua compra. Nessa fase, o mais fácil era deixá-lo tal como

se encontrava.

Quando estavam a ir para casa, numa carrinha alugada, tocou na rádio o tema «Itoshi no Ellie», dos Southern All Stars. A canção tinha saído em março e já era um êxito. A mulher, Fumiko, e o filho deram as boas-vindas ao seu novo companheiro de casa. No entanto, Takayuki sabia que, para o filho, era indiferente, mas que Fumiko se sentia desconfortável na sua própria casa. Mesmo assim, nunca o verbalizara. Tinha sido essa inteligência e gentileza que o fizera escolhê-la como esposa.

Yūji também parecia satisfeito com a sua nova vida. Costumava ler livros e ver televisão no quarto. De vez em quando, ia passear. Acima de tudo, parecia genuinamente feliz por poder ver o neto todos os dias.

Todavia, foi vida de pouca dura.

Tinham começado a viver juntos havia pouco quando Yūji sucumbiu subitamente à doença. Numa noite, começou a queixar-se de dores, sendo levado para o hospital por uma ambulância. Queixava-se de dores intensas na barriga. Era a primeira vez que Takayuki era confrontado com um tal problema. Ficou petrificado.

No dia seguinte à hospitalização, o médico explicou-lhe que precisaria de análises mais detalhadas, mas que provavelmente estariam em presença de um cancro no fígado.

Ademais, o estado da doença era terminal, acrescentou o médico, de óculos, num tom calmo. Takayuki sabia que não havia maneira de o salvar. Era melhor que se mentalizasse disso, continuou o médico, num tom monocórdico. Qualquer cirurgia seria em vão.

Evidentemente, Yūji não estava nessa reunião. Dormia ainda sob o efeito da anestesia.

Ficou decidido que não iriam informar o próprio do verdadeiro nome da doença. O melhor era que se arranjasse um nome aleatório.

Quando Yoriko, a irmã mais velha, soube a verdade, chorou desalmadamente. Culpava-se por não ter levado o pai ao hospital mais cedo. Takayuki também se sentiu devastado ao ouvir aquelas palavras. Sabia que o pai não estava bem de saúde, mas não imaginava que sofresse de uma doença tão grave.

E foi ali que começou a luta de Yūji contra a doença. Felizmente (palavra de uso questionável neste caso), praticamente nunca se queixou de dores. Embora fosse horrível vê-lo mais magro a cada visita no hospital, parecia sempre bem-disposto na sua cama.

Um mês depois, Takayuki passou pelo hospital depois do trabalho e notou algo invulgar: Yūji estava de pé, a olhar pela janela. O quarto era para duas pessoas, mas a outra cama acabara de ficar vaga.

— Estás cheio de energia — comentou Takayuki.

Yūji olhou para cima, para o filho, e sorriu.

— Normalmente, ando derreado. Mas, de vez em quando, há dias melhores.

— Ainda bem. Toma, é um pão de feijão doce.

Takayuki pousou um saco de papel em cima de uma prateleira.

Yūji olhou para o saco e voltou a fitar Takayuki.

— Olha, tenho um pedido para te fazer.

— Que pedido?

— Bem — murmurou Yūji, baixando o olhar.

As palavras que proferiu depois de uma breve hesitação apanharam Takayuki desprevenido.

— Quero voltar ao bazar.

— Voltar para quê? Queres retomar o negócio com a saúde nesse estado?

Yūji limitou-se a abanar a cabeça.

— Nem sequer tenho mercadoria, não tenho condições de reabrir o bazar. E, sinceramente, não me importa. Quero só voltar para a minha casa.

— Mas para quê?

Yūji fechou a boca. Estava indeciso sobre se deveria continuar a falar ou não.

— Pensa racionalmente. Nesse estado, não podes viver sozinho. Precisas de alguém que esteja contigo e que tome conta de ti. Gostava que percebesses, pelo menos, quão difícil seria voltares para casa.

Yūji ergueu as sobrancelhas e meneou a cabeça.

— Não preciso de ninguém, fico bem sozinho.

— Nem pensar! Alguma vez eu ia abandonar alguém doente? Impossível. Não digas coisas sem nexos.

Yūji fitou Takayuki como se estivesse prestes a queixar-se de algo.

— E se for só por uma noite?

— Uma noite só?

— Sim, só preciso de passar lá uma noite. Uma só noite sozinho em casa.

— Mas como assim? Para quê?

— Mesmo que to dissesse, não irias perceber. Aliás, nem tu nem ninguém. Seria uma história demasiado mirabolante para que me levassem a sério.

— Nunca o saberemos se nunca me contares.

— Esquece — cortou Yūji, e sacudiu a cabeça. — Nunca na vida. Nunca acreditarias em mim.

— Hã? Mas acreditar em quê?

Yūji ignorou a pergunta e, com um tom recomposto, disse:

— Olha, Takayuki, o médico do hospital não te disse que podia ter alta a qualquer altura, uma vez que a minha doença não tem cura? Não te disse para me deixares fazer o que quisesse?

Takayuki permaneceu em silêncio. Yūji dissera a verdade. O médico tinha

declarado que não havia nada que pudesse ser feito e que poderia acontecer algo a qualquer momento.

Yūji levantou as mãos até ao rosto.

— Por favor, Takayuki. Deixa-me ir.

Takayuki assumiu uma expressão mais severa.

— Deixa-te disso.

— Já não tenho muito tempo. Não digas nada, não faças perguntas: deixa-me fazer o que eu quero.

As palavras do seu velho pai gravaram-se no coração de Takayuki. Embora não fizesse ideia do que se estaria a passar, não conseguia conter a vontade de tornar realidade o desejo do progenitor.

Takayuki suspirou e perguntou:

— Quando é que te dava jeito?

— O mais cedo possível. Que tal esta noite?

— Esta noite? — Os olhos esbugalharam-se-lhe sem que desse por isso. —

Mas tens tanta pressa porquê?

— Não te disse já que o meu tempo está a acabar?

— Mas vamos ter de o explicar aos outros...

— Não, não vamos. Não digas nada à Yoriko. Só preciso de comunicar ao hospital que regresso temporariamente a casa. E vou direto daqui para o bazar.

— Que é que te deu, pai? Pelo menos, explica-me.

Yūji desviou o rosto.

— Se te contasse a verdade, não me deixarias ir.

— Deixo, sim. Prometo. Eu levo-te ao bazar. Mas conta-me, por favor.

Yūji virou a cara gentilmente na direção de Takayuki.

— O que te vou contar é a verdade, tens de acreditar em mim.

— Bem sei que sim, e acredito. Promessa de homem para homem.

— Muito bem — anuiu Yūji. — Aqui vai.

No lugar do passageiro, Yūji praticamente não falou. Mas não se podia dizer que estivesse sonolento. Tinha saído do hospital cerca de três anos antes. Quando se aproximou da paisagem familiar, começou a olhar pela janela com um ar saudoso.

Takayuki apenas contou à mulher, Fumiko, que iria levar Yūji ao bazar. Que para ele, que estava doente, andar de comboio seria impossível. Era obrigatório ir de carro. Mesmo assim, havia uma grande probabilidade de não regressar nessa noite.

À sua frente, surgiu o Bazar Namiya. O *Civic* que Takayuki acabara de comprar no ano anterior parou lentamente em frente à loja. Puxou o travão de mão e olhou para o relógio: passava pouco das onze da noite.

— Olha, chegámos.

Takayuki desligou a ignição do carro e preparava-se para se levantar quando Yūji lhe pôs a mão na coxa.

— Não precisas, volta para casa.

— Então, mas...

— Não to disse já? Quero estar sozinho. Não quero ninguém ao meu lado.

Takayuki fechou os olhos. Compreendeu os sentimentos do pai. Isto é, se acreditasse na história que este lhe contou.

— Desculpa — disse Yūji. — Trouxeste-me até aqui de tão longe e eu aqui a dizer-te coisas egoístas.

— Não faz mal — desdisse-o Takayuki, a coçar o nariz. — Venho até cá de manhã, para ver como estás. Até lá, vou matar tempo nalgum lado.

— Vais dormir no carro? Olha que isso é veneno para o corpo.

Takayuki deu um estalido com a língua.

— O quê? Como é que podes dizer isso, pai? Estás muito doente. Põe-te no meu lugar. Achas que ia deixar o meu pai doente numa casa abandonada e ir-me embora? Seja como for, teria de voltar aqui de manhã para te ver. É mais fácil ficar no carro.

Yūji torceu os lábios, com as rugas a formar-se-lhe no rosto.

— Perdoa-me.

— Ficas mesmo bem sozinho? Quando vier ver como estás, não te quero encontrar morto no escuro!

— Fica descansado. Ainda não cancelei o contrato da luz, de certeza que não vou ficar às escuras — declarou Yūji, que abriu a porta do lado do passageiro e pôs os pés no chão.

Os seus movimentos eram instáveis.

— Ah — exclamou Yūji, virando-se para trás. — Ia-me esquecendo de uma coisa importante. Tinha isto para te dar.

Tirou um envelope do bolso.

— Era suposto ser a minha carta de despedida. Mas como já te falei de tudo há bocado, posso dar-ta já. Aliás, até é melhor que assim seja. Lê-a depois de eu entrar na casa. Depois de a leres, promete-me que cumpres os meus desejos. Se assim não for, tudo isto será em vão.

Takayuki pegou no envelope. Não tinha nada escrito na face ou no verso. Mesmo assim, podiam sentir-se as folhas no seu interior.

— Vá, cuida-te.

Yūji desceu do carro e começou a andar com a ajuda da bengala que trouxe do hospital. Takayuki nada lhe disse. Não lhe vinham as palavras. Yūji não se virou uma única vez para ver o filho. Por fim, desapareceu pelo estreito espaço entre o bazar e o armazém contíguo.

Takayuki ficou pasmado por alguns instantes. Depois de voltar a si mesmo, examinou o envelope que tinha nas mãos. Continha realmente uma carta. O texto era de uma enorme estranheza.

Prezado Takayuki,

Quando leres isto, já não estarei neste mundo. É triste, mas nada há a fazer. Nessa altura, talvez já nem tenha uma alma capaz de sentir essa tristeza.

O único motivo pelo qual te deixei esta carta é porque tenho um pedido para te fazer. Aceita-o, haja o que houver.

Preciso que anuncies algo. Tens de informar as pessoas no 33.º aniversário da minha morte, seja por que meio for. E é isto que lhes debes dizer:

«No dia X de X (obviamente, debes dizer a minha data de falecimento), da meia-noite ao amanhecer, o serviço de aconselhamento do Bazar Namiya voltará ao ativo. Peço também àqueles que, no passado, recorreram a este serviço que: ponham uma carta no correio e me digam como é que as vossas vidas mudaram com as minhas respostas. Ajudaram-vos? Ou terão sido inúteis? Espero não receber respostas carregadas de rancor. Conto com a vossa participação.»

Sei que este pedido não faz para ti qualquer sentido. Mas é importantíssimo para mim. Pode ser algo estúpido, mas rogo-te: faz como te peço.

Takayuki leu a carta duas vezes e sorriu amargamente.

Se tivesse lido aquela carta de despedida sem que nada lhe tivesse sido explicado, que teria ele feito? Era óbvio: tê-la-ia ignorado. Provavelmente, teria considerado que o estado mental do pai se deteriorara às portas da morte e não teria dado seguimento ao pedido. Por muito que tivesse vontade de o fazer, depressa se esqueceria dele. Mesmo que não fosse de imediato, certamente não guardaria qualquer memória do seu desejo trinta e tal anos mais tarde.

Agora, contudo, era-lhe impossível ignorá-lo, pois ouvira a estranha história de Yūji. Essa era também uma fonte de enorme ansiedade para o pai.

Quando lha revelou, mostrou um artigo recortado. «Lê-o», instou, pondo o recorte nas mãos de Takayuki.

Era um artigo datado de três meses antes. Falava da morte de uma mulher de uma vila vizinha. De acordo com a notícia, um automóvel ligeiro caíra do cais de um porto para o mar. O acidente foi testemunhado por diversas pessoas. A polícia e os bombeiros intervieram o mais rapidamente possível assim que lhes foi reportado o sucedido. No entanto, a mulher que caiu à água, e que era a condutora do veículo, já havia morrido. Por milagre, o bebé de pouco mais de um ano que seguia com ela conseguiu sair do carro depois de este cair à água, tendo sido encontrado a flutuar à superfície. Estava ileso. A condutora chamava-se Midori Kawabe. Tinha vinte e nove anos e não era casada. Tinha pedido o carro emprestado a um amigo para levar a criança ao hospital. Segundo os vizinhos, não trabalhava e parecia viver com muitas dificuldades. Na verdade, recebera uma ordem de despejo até ao fim desse mês por incumprimento no pagamento da renda. No local do acidente, não havia marcas de travões no solo, o que, segundo o fim do artigo, levou a polícia a considerar um provável suicídio com homicídio durante a investigação.

— Porque é que me estás a mostrar este artigo? — indagou Takayuki.

Com um olhar triste e com as rugas vincadas no rosto, Yūji respondeu:

— É aquela mulher. A grávida de um homem casado que me pediu conselhos porque não sabia o que fazer. Tenho quase a certeza de que era ela. É da mesma aldeia vizinha, e o facto de o bebé ter um ano e pouco também bate certo.

— Não acredito — exclamou Takayuki. Seria mera coincidência.

Yūji, porém, abanou a cabeça.

— Quando me escreveu, usou um pseudónimo: *Green River*. Midori Kawabe... Um rio verde... Também será coincidência? Não me cheira.

Takayuki ficou sem palavras. Eram demasiadas coincidências juntas.

— Além disso — prosseguiu Yūji —, o problema não é esta mulher ter pedido conselhos. O que importa é se a minha resposta naquele momento foi certa

ou não. Aliás, não só naquele momento. Preciso de saber o que as pessoas que me escreveram acharam das minhas inúmeras respostas. De cada vez que lhes escrevia, punha a minha mente e o meu coração nas cartas. Nada escrevi ao calhas. Mesmo assim, não sei se as minhas respostas ajudaram as pessoas. Pelo contrário, será que alguém fez como lhes disse e se tornou miserável? É possível. Quando me apercebi disso, não consegui continuar. Não tive mais vontade de manter o serviço de aconselhamento a funcionar. Foi por isso que fechei a loja.

A explicação fez todo o sentido para Takayuki, que agora se sentia mais persuadido. Até então, a súbita mudança que levava Yūji a encerrar o negócio tinha sido um absoluto mistério.

— Mesmo depois de me mudar para a tua casa, não consegui deixar de pensar nisto. Nem era capaz de adormecer de noite, só de pensar que as minhas respostas podem ter arruinado a vida a alguém. Até quando adoeci, pensei nisso. Comecei a crer que fosse um castigo divino.

— Estás a pensar de mais — retrucou Takayuki. — Seja qual tenha sido a tua resposta, quem tomou a decisão final foi a própria pessoa. Mesmo que, no fim de contas, tenham sido infelizes, não te deves sentir responsável por esse desfecho.

Mas Yūji não era capaz de evitar o que sentia. Cada dia que passava na cama do hospital era devotado a essas cogitações. Foi então que teve um sonho estranhíssimo. Sonhava com o Bazar Namiya.

— Era de madrugada. Alguém punha uma carta na ranhura da portada do bazar. Eu via-os a partir de algum lado. Não sei bem de onde. Sentia que estava no céu, mas também imediatamente ao lado das pessoas. O importante é que as estava a ver. E não era agora: era muitos anos no futuro. Como é que posso concluir isso? Não mo perguntes, nem eu te sei responder. Mas sei que assim era.

Tinha tido esse sonho quase todas as noites. Mas Yūji acabou por se aperceber de um pormenor: não era um mero sonho. Era uma profecia.

— As cartas que põem pela ranhura da portada são de pessoas que antigamente me pediram conselhos e receberam respostas da minha parte. Elas querem dizer-me de que modo as suas vidas se transformaram.

Yūji declarou que queria receber as suas cartas.

— Como é que vais receber cartas do futuro? — questionou Takayuki.

— Se for ao bazar, consigo recebê-las. Sei que parece esquisito, mas sinto que assim será. É por isso que quero ir ao bazar.

O tom de Yūji era determinado. Não parecia estar a falar de delírios.

Não se tratava, de todo, de uma história credível. Todavia, Takayuki tinha prometido acreditar. Não podia ignorar o desejo do pai.

6 Midori (ミドリ) significa «verde», e o apelido Kawabe (川辺) significa literalmente «margem do rio». (NT)

Quando Takayuki despertou no interior do pequeno *Civic*, ainda estava escuro. Ligou as luzes do carro e confirmou a hora: passavam poucos minutos das cinco da manhã.

Estacionara numa estrada ao lado de um parque. Subiu o banco que reclinara para dormir, torceu o pescoço da esquerda para a direita e saiu do carro.

Usou a casa de banho do parque e lavou a cara. Quando era pequeno, costumava brincar por ali. Saindo da casa de banho, observou o parque. Era incrivelmente pequeno, o que o surpreendeu. Como é que jogara basebol num sítio tão apertado? Parecia-lhe difícil de acreditar.

Regressou ao carro e ligou ignição. As luzes da frente acenderam-se e o carro arrancou lentamente. Até casa, eram apenas umas centenas de metros.

O céu começava a clarear. Quando chegou à frente do Bazar Namiya, o letreiro já era legível.

Takayuki desceu do carro e foi até às traseiras. A porta estava fechada e trancada à chave. Embora tivesse uma chave sobresselente, optou por bater.

Alguns segundos depois, ouviu-se um ruído do outro lado.

E o som da porta a destrancar-se. Esta abriu-se, dando lugar a Yūji. Trazia uma expressão plácida.

— Achei que já devia ser hora — explicou Takayuki, com a voz ligeiramente rouca.

— Não faz mal. Entra.

Takayuki entrou em casa e fechou a porta das traseiras. Naquele momento, sentiu o ar a transfigurar-se levemente. Era como se se tivesse apartado do mundo exterior.

Descalçando-se, subiu o degrau da entrada. Apesar de ter estado desocupada em várias ocasiões, a casa não dava sinais de mazelas. O pó também era menos denso do que imaginara.

— Isto está estranhamente limpo. Arejaste a casa?

— Não.

Takayuki ia continuar com as perguntas, mas engoliu em seco, pois olhou para cima da mesa.

Estava repleta de envelopes. Eram às dezenas, e todos de qualidade. E quase todos tinham como destinatário o «Exmo. Bazar Namiya».

— Vieram todos... na noite passada?

Yūji confirmou, sentando-se na cadeira. Depois de examinar os envelopes, Takayuki olhou para cima.

— Foi tal como previ. Mal me sentei aqui, os envelopes começaram a chegar pela ranhura do correio, uns atrás dos outros. É como se estivessem à espera do meu regresso.

Takayuki agitou a cabeça, inclinou-a de lado.

— Depois de entrares em casa, fiquei algum tempo lá fora. Fiquei a olhar para o bazar, mas ninguém se aproximou. Aliás, ninguém passou sequer perto da casa.

— A sério? Mas estavam aqui estas cartas todas. — Yūji abriu timidamente as mãos. — São respostas do futuro.

Takayuki puxou uma cadeira e sentou-se de frente para Yūji.

— Não acredito.

— Não tinhas dito que acreditavas nas minhas palavras?

— Disse e não tenho problemas com isso, mas...

Yūji sorriu.

— No teu coração, deves ter-te questionado sobre como podia ser possível. Mas agora, ao veres estas cartas, o que achas? Ou achas que fui eu quem as preparou todas?

— Nunca te diria tal coisa. Não acho que tivesses tempo para isso.

— E não seria fácil arranjar tantos envelopes e papel de carta. Digo-te já, só para que fiques a saber: não tenho um único destes produtos.

— Eu sei, não reconheço nenhum.

Takayuki sentia-se confuso. Seria possível acontecer algo assim, como num conto de fadas? Suspeitava que o pai estivesse a ser enganado pelo truque engenhoso de alguém. O certo era que não havia motivos para que quem quer que fosse fizesse tal coisa. Que piada haveria em enganar um velho às portas da morte?

Aceitava que pudesse ocorrer um milagre, como cartas enviadas do futuro. Mas, se tal fosse verdade, era algo extraordinário. Em circunstâncias normais, deveria deixá-lo entusiasmado. Contudo, Takayuki estava calmo. Apesar de também sentir algum desnorte, estava estranhamente sereno, até para si mesmo.

— E leste-as todas? — perguntou Takayuki.

— Sim — respondeu Yūji, pegando num envelope.

Lá de dentro retirou uma carta e passou-a a Takayuki.

— Lê-a.

— Posso?

— Podes, claro.

Takayuki pegou no papel de carta e abriu-o. E depois exclamou audivelmente:

a carta não era manuscrita, mas impressa em papel branco. Quando o constatou, Yûji fez que sim com a cabeça.

— Mais de metade das cartas estão impressas assim. Parece que, no futuro, têm máquinas que lhes permitem imprimir facilmente o que lhes apetercer.

Esse facto era mais uma prova de que seriam cartas do futuro. Takayuki inspirou fundo e examinou uma delas.

Ao Bazar Namiya,

Vai mesmo voltar ao ativo? Vi escrito que seria só por uma noite. Como assim? Fiquei indeciso sobre o que deveria fazer. Tinha medo de ser enganado. Por isso, escrevi esta carta.

Devo ter-lhe escrito há uns quarenta anos. Fiz-lhe a seguinte pergunta:

Como posso tirar 100% num teste sem estudar?

Na altura, andava na escola primária. Era uma pergunta parvíssima. Mesmo assim, o senhor Namiya deu-me uma resposta maravilhosa.

Sugeriu-me que pedisse ao meu professor que me desse um teste sobre mim mesmo. Assim, de certeza que acertaria em todas as perguntas e poderia ter 100%.

Quando li, achei que estava a ser enganado. O que eu queria saber era como tirar nota máxima em Japonês, em Matemática ou noutras disciplinas.

Mesmo assim, essa resposta ficou-me gravada na memória. Quando tinha testes, mesmo na escola básica ou na secundária, lembrava-me sempre dela. A impressão que deixou em mim foi profunda a esse ponto. Fiquei muito feliz por ver a minha pergunta infantil respondida com toda a seriedade.

Todavia, só vim a saber a que ponto essa resposta foi incrível quando comecei a ensinar crianças. Tornei-me professor.

Pouco depois de assumir a docência, esbarrei contra uma parede. As crianças não se abriam comigo e não ouviam o que lhes dizia. Além disso, não se davam propriamente bem umas com as outras. Não sabia mesmo como prosseguir. Os seus corações estavam divididos. Sentia que, além de uns poucos amigos, desinteressavam-se de tudo e de todos.

Tentei de tudo: práticas desportivas, jogos coletivos e até grupos de debate. Mas todas as minhas tentativas fracassaram. Ninguém se divertia.

De entre os meus alunos, uma criança disse-me o seguinte: como não queria fazer nada daquilo, queria que lhe desse 100% num teste.

Ao ouvir tal coisa, fiquei espantado. Lembrei-me de algo importantíssimo.

Como julgava estar perto do fim, decidi dar-lhes um teste diferente. Chamei-lhe «o teste dos amigos». As crianças tinham de responder a variadas perguntas sobre um colega escolhido aleatoriamente. As perguntas incluíam os seus aniversários, onde viviam, se tinham irmãos, o que os seus encarregados de educação faziam, passatempos, habilidades especiais, e de que celebridades gostavam. Depois do teste, o próprio tinha de lhes dar as respostas. As crianças trocavam as respostas de livre vontade.

No início, estavam hesitantes. Mas depois de duas, três tentativas, começaram a mostrar vontade de fazer a atividade. O truque para tirar boa nota no teste era conhecer bem os colegas. Graças ao teste, começaram a trocar informação de modo mais eficaz.

Para mim, que era um professor novo, foi uma experiência incrível. Permitiu-me ganhar confiança enquanto docente, e ainda hoje exerço a profissão.

E tudo graças ao Bazar Namiya. Sempre senti uma enorme gratidão, mas nunca soube como expressá-la. Portanto, aproveito hoje a oportunidade para o fazer.

Do rapaz dos 100%

** Caso esta carta seja recebida pela família do senhor Namiya, gostaria que a colocassem no seu altar. Muito obrigado.*

Quando Takayuki levantou o rosto até então pregado na carta, Yūji perguntou-lhe:

— O que achas?

— Que bom — disse, de improviso. — Lembro-me desta pergunta, daquele que queria ter cem por cento no teste sem estudar. Nunca pensei que irias receber uma resposta de uma criança daquelas.

— Nem eu. Ainda por cima, a agradecer-me. Eu dei-lhe uma resposta quase em tom de brincadeira, pensava que me iria escrever com um jogo de palavras qualquer.

— Mas ele nunca se esqueceu.

— Parece que não. Não só não se esqueceu, como assimilou a lição e a incorporou na sua vida. Está-me grato, mas não havia necessidade. As coisas só lhe correram bem graças às suas próprias forças.

— Ele deve ter ficado felicíssimo. Embora tenha escrito a brincar, a sua carta não foi ignorada. Ele ainda se lembra porque lidaste seriamente com ele.

— Não foi nada de especial — desconsiderou Yūji, a examinar o envelope. — O mesmo se diga das outras cartas. Todas me agradecem. Fico-lhes grato, mas tenho a certeza de que só os ajudei porque os próprios se ajudaram a si mesmos. Acho que, se não tivessem a vontade de viver seriamente e com empenho, estas respostas de nada lhes serviriam.

Takayuki anuiu. Achava o mesmo.

— Mas ainda bem que percebeste que o que fizeste não estava errado, pai.

— Talvez tenhas razão — disse Yūji. Coçando energicamente a cara, pegou num envelope. — Gostava que lesse mais uma.

— Eu? Mas porquê?

— Se a leres, vais perceber.

Takayuki recolheu o envelope e retirou a missiva. Estava manuscrita. A

caligrafia era bela, delicada.

Prezado Bazar Namiya,

Soube pela Internet que iria reabrir a loja só por hoje, pelo que decidi escrever-lhe.

Só conheço o Bazar Namiya pelas histórias que ouvi. Na verdade, foi outra pessoa quem escreveu ao senhor Namiya sobre os seus problemas. Antes de lhe contar quem foi, gostaria de o elucidar sobre o meu passado.

Ainda menina pequena, vivi num orfanato. Não sei desde quando. Mal dei por isso, estava a residir com outras crianças. Na altura, não pensei que fosse nada de especial.

Todavia, ao começar a frequentar a escola, questionei-me: porque é que não tenho pais? Ou um lar, uma família?

Certo dia, a funcionária do orfanato de quem mais gostava contou-me como fui ali parar. Segundo me disse, a minha mãe morreu num acidente quando eu tinha um ano de idade. Explicou-me que nunca tive pai. Por fim, declarou que me contaria a situação com mais detalhe quando fosse um pouco mais crescida.

Não percebi por que motivo não tinha pai. O tempo foi passando sem que me dessem respostas satisfatórias.

Na escola secundária, tive de fazer um trabalho para Estudos Sociais sobre a época em que nasci. Estava na biblioteca a pesquisar arquivos de jornal de então quando, por mero acaso, descobri um certo artigo.

Descrevia que um carro conduzido por uma mulher chamada Midori Kawabe tinha caído ao mar, causando a morte da condutora. A filha de um ano seguia também na viatura. Não havia rastros dos travões no asfalto, pelo que havia fortes suspeitas de que tivesse sido um caso de suicídio com tentativa de homicídio.

Já tinha ouvido o nome da minha mãe e sabia mais ou menos em que zona residira, pelo que soube com toda a certeza que aquela notícia falava de mim.

Foi um enorme choque. A minha mãe não tinha morrido num acidente: tinha sido suicídio, um plano para tirar a própria vida e a da filha. Quando soube que a minha mãe me queria matar, sofri um enorme abalo. Ao sair da biblioteca, não voltei para o orfanato. Mas, se me perguntar para onde fui, não sou capaz de responder. Não me recordo. O único pensamento que me ocorria é que eu deveria ter morrido, que não valia a pena viver. A minha própria mãe, a pessoa que mais me devia amar neste mundo, tinha tentado assassinar-me. Assim, que valor teria uma tal vida?

Fiquei sob proteção policial no terceiro dia. Encontraram-me num pequeno parque, no terraço de uma grande galeria comercial. Não sei mesmo porque fui ali parar. Mas lembro-me de pensar que saltar de um lugar alto seria provavelmente a maneira menos dolorosa de morrer.

Levaram-me para o hospital. Estava extremamente débil e com inúmeros cortes nos pulsos. Dentro da mochila que estimara toda a vida, encontraram um x-ato ensanguentado.

Durante muito tempo, não falei com ninguém. Estar com outras pessoas era-me doloroso. Como nem era capaz de comer em condições, fui emagrecendo dia após dia. Até que recebi uma visita no hospital. Era a menina do orfanato com quem me dava melhor. Tinha a mesma idade que eu e tinha um irmão pequeno, portador de uma deficiência. Foram viver no orfanato por causa dos maus-tratos sofridos às mãos dos pais. Ela tinha muito jeito para cantar e adorava música. Foi isso que nos uniu inicialmente.

Com ela, era capaz de falar com normalidade. Conversávamos sem freio muitas vezes. Subitamente, veio ter comigo e disse que me queria contar uma coisa importante.

Disse-me que um responsável do orfanato lhe contara tudo sobre as minhas origens e que queria revelar-me tudo. Diz-se que foi ela que o pediu ao funcionário. E este só terá acedido por julgar que ela era a única pessoa com quem eu queria falar.

«Já sei de tudo, não quero ouvir falar disso», respondi. Mas ela abanou violentamente a cabeça e revelou que eu só sabia parte da história e que era impossível que soubesse de toda a verdade.

«Por exemplo, sabes quanto pesava a tua mãe quando morreu?», perguntou.

«Claro que não sabia isso.»

«Trinta quilos», retrucou ela.

Primeiro, perguntei-lhe:

«E então?», mas depressa revi a pergunta e questionei: «Trinta quilos? A sério?»

A minha amiga confirmou e continuou a contar a história.

Quando foi encontrada morta, Midori Kawabe estava extremamente magra. Ao investigar o cadáver na autópsia, a polícia concluiu que praticamente não ingerira qualquer alimento além de leite em pó. No frigorífico, só havia uma garrafa de comida para bebé.

Segundo pessoas que a conheciam, Midori não conseguia arranjar emprego e as suas poupanças estavam a chegar ao fim. Foi-lhe dada uma ordem de despejo da casa por incumprimento no pagamento das rendas. Esta conjugação de fatores era suficiente para levar alguém a considerar o suicídio.

Mas persistia um grande mistério: a bebé. Como é que a bebé fora milagrosamente salva? Na verdade, não havia sido milagre nenhum, explicou-me a amiga. De qualquer modo, disse-me que, antes que pudesse revelar o que aconteceu, queria que lesse uma carta. Deu-me um envelope.

Pelo que me disse, aquela carta foi encontrada no quarto da minha mãe. Contou-me que tinha sido guardada com a maior das estimas nas instalações do orfanato. Os funcionários da instituição decidiram entre si que me iriam entregar essa carta quando o momento fosse apropriado.

A carta estava dentro de um envelope. Na face, estava escrito: «Exma. Green River.»

Algo hesitante, abri-a. O papel exibia uma caligrafia experiente e fluida. Primeiro, julguei tratar-se de uma missiva escrita pela minha mãe. Lendo o seu conteúdo, porém, apercebi-me que assim não era. Era, antes, uma carta dirigida a ela. A «Green River» era

ela.

Basicamente, aconselhava a minha mãe. Parece que tinha sido ela a pedir conselhos. A carta dizia que ela tinha engravidado de um homem casado e com filhos, e que estava indecisa entre manter ou abortar o bebé.

A descoberta de um outro segredo sobre o meu nascimento deixou-me novamente em choque. A minha vida era produto da imoralidade. Senti-me patética.

Verbalizei a fúria contra a minha mãe diante da minha amiga. Porque é que me trouxe a este mundo? Mais valia não me ter parido. Assim, não teria de sofrer tamanha dor. Era preferível ter morrido com ela.

Mas a minha amiga disse-me que não era bem assim e instou-me a ler a carta com atenção.

O autor da carta disse à minha mãe que o mais importante era determinar se a criança que iria nascer seria feliz ou não. Uma criança com pai e mãe não era necessariamente feliz. Para uma criança ter felicidade, os pais deveriam estar preparados para suportar qualquer adversidade. Se assim não fosse, mais valia não a ter, mesmo que hipoteticamente fosse casada.

«A tua mãe deu-te à luz porque estava preparada para te fazer feliz», declarou a minha amiga. «E o facto de ela ter guardado bem esta carta é prova disso mesmo. Por isso, não faz sentido que ela se tenha tentado suicidar e matar-te», concluiu.

Disse-me que as janelas no lado do condutor do carro que caiu à água estavam abertas. Como chovera durante toda a manhã, era impensável que estivessem abertas em andamento. O mais racional era que tivessem sido abertas após a queda do veículo.

Ou seja, não tinha sido um suicídio seguido de tentativa de homicídio, mas um acidente. Talvez Midori Kawabe tivesse sofrido de anemia enquanto conduzia, por causa da subnutrição e alimentação irregular. É possível que tivesse genuinamente pedido o carro emprestado a um amigo para levar a filha ao hospital.

Depois de perder temporariamente a consciência por ação da anemia, deve ter recobrado os sentidos já caída no mar. Com a mente num corupio, abriu as janelas. Primeiro, pôs a própria filha fora do carro. Só rezava para que alguém a salvasse.

Quando foi encontrada, já sem vida, Midori Kawabe ainda tinha o cinto de segurança posto. A anemia deve-lhe ter perturbado a consciência.

Curiosamente, a bebé foi encontrada com mais de dez quilos. Portanto, Midori Kawabe alimentara bem a filha.

Depois de terminar de contar a história, a minha amiga perguntou-me o que achava. Se continuava a pensar que era melhor não ter nascido.

Fiquei baralhada em relação aos meus próprios sentimentos. Em primeiro lugar, nunca conheci a minha mãe. Embora, de certa forma, a odiasse, era apenas a um nível abstrato. Por muito que quisesse transformar essa ira em gratidão, estava perdida. E disse que não achava nada de especial. Que tinha caído com o carro por culpa própria; que ser pobre a ponto de estar malnutrida era o problema; que uma mãe salvar os seus filhos era normal;

que ela era estúpida por não ter conseguido fugir. Foi nesse momento que a minha amiga me deu uma valente estalada na cara. Mergulhada em lágrimas, suplicou-me que não falasse assim de vidas humanas. «Já te esqueceste do incêndio de há três anos?», perguntou. Senti um aperto no peito. Falava de um incêndio que ocorrera na nossa instituição. Deu-se na noite de Natal. Era uma memória aterradora, até para mim.

O irmão da minha amiga demorou demasiado tempo a fugir e quase perdeu a vida. Felizmente, foi salvo por alguém: um músico amador que tinha ido atuar na festa de Natal do orfanato. Ainda me lembro dele. Era um homem com um ar simpático. Quando já todos tinham fugido, ele acedeu à súplica da minha amiga, subindo pela escadaria para ir procurar o irmão pequeno dela. No fim, o menino foi salvo, mas o homem sofreu queimaduras extremas, acabando por morrer no hospital.

A minha amiga confessou que planeava retribuir a dívida de gratidão que carregava por ter resgatado a vida do irmão. Também queria que «tu», ou seja, eu, compreendesses o valor da vida humana, disse-me em lágrimas. Foi então que percebi porque é que os funcionários do orfanato a tinham enviado até mim. Não havia ninguém além dela capaz de me explicar como me deveria sentir em relação à minha mãe. E foi a escolha certa. Comovida, acompanhei-a no seu pranto. Pela primeira vez, senti genuína gratidão pela minha mãe, embora nem me sobrasse um fragmento dela na memória.

Desde então, nunca mais desejei não ter nascido. Embora o meu percurso tenha sido tudo menos suave, só experienciava dor porque estava viva. Essa nova forma de pensar permitiu-me superar as adversidades.

O que mais me deixou curiosa foi a pessoa que escreveu a carta à minha mãe. No fim, descobri que era o Bazar Namiya. Quem seria aquela pessoa? E porque é que a carta vinha de um bazar?

Vim a saber pela Internet que o autor da carta era um velhote que gostava de dar conselhos às pessoas. Descobri-o através de um blogue pessoal. Achei que não podia ser mais ninguém, e foi assim que dei de caras com este anúncio.

Querido Bazar Namiya,

Agradeço-lhe de todo o coração os conselhos que deu à minha mãe. Sempre lhe quis dizer isto. Muito, muito obrigado. Agora, sim, posso dizer com confiança: ainda bem que nasci.

Da filha da Green River

P.S.: Sou a manager da minha amiga. Depois de ter revelado o seu talento musical, tornou-se numa grande artista japonesa. E ela também lhe está grata.

Takayuki dobrou cuidadosamente a carta grossa e repô-la dentro do envelope.

— Que bom. Os teus conselhos não estavam errados, pai.

— Não, não — discordou Yūji, sacudindo a cabeça. — Ainda há pouco te disse: o importante é o coração de cada um. Andava angustiado com a possibilidade de os meus conselhos terem causado infelicidade a alguém, mas, pensando bem, era um disparate. São meras respostas de um velhote, como as de tantos outros. Nunca poderiam influenciar a vida fosse de quem fosse. Parece que me preocupei sem razão — afirmou, com uma expressão contente.

— Estas cartas são todas os teus tesouros, pai. Tens de as estimar — instou Takayuki.

Yūji ficou pensativo.

— Tenho um favor a pedir-te. Em relação às cartas.

— Que favor?

— Quero que as guardes. A todas.

— Eu? Mas porquê?

— Tal como já deves saber, não vou viver por muito mais tempo. Se ficar eu com elas, é possível que outras pessoas as leiam. E isso seria problemático. Tudo o que aqui está escrito é sobre o futuro.

Takayuki resmungou. Mas, pensando bem, era verdade, mesmo que não o sentisse.

— Queres que as guarde até quando?

— Hum... — Desta feita, foi a vez de Yūji resmungar. — Que tal... até eu morrer?

— Está bem. O que achas de eu as pôr no teu caixão? Assim, acabarão incineradas.

— Boa ideia — concordou Yūji, dando uma palmada nos joelhos. — Faz isso.

Takayuki acedeu e voltou a olhar para as cartas. Ainda assim, não acreditava que tivessem sido realmente escritas por pessoas do futuro.

— Pai — chamou. — O que é a Internet?

— Ah, bem observado — respondeu Yūji, a apontar com o dedo indicador. — Eu também não faço ideia do que possa ser, mas aparece em várias cartas. Dizem

que viram um anúncio na Internet. Outra palavra que também usaram muito é «telemóvel».

— Telemóvel? O que é isso?

— Já te disse que não sei. Devem ser as notícias do futuro.

Com isso, Yūji sorriu e fitou Takayuki.

— Tu leste as cartas ainda há bocado. Parece que cumpriste mesmo o meu desejo e anunciaste o regresso do bazar ao mundo no trigésimo terceiro aniversário da minha morte.

— Com os tais telemóveis e Internets?

— Sim, provavelmente.

— A sério? — A expressão de Takayuki tornou-se mais sombria. — Não sei se gosto disso, é um bocado inquietante.

— Não te preocupes, quando o futuro vier, sabê-lo-ás. Bem, vamos indo?

Foi nesse momento: um som discreto vindo do bazar. Era o ruído de algo a cair no chão. Takayuki e Yūji entreolharam-se.

— Veio outra — afirmou Yūji.

— Outra carta?

— Sim — anuiu. — Vai lá dar uma vista de olhos.

— Está bem — assentiu Takayuki, caminhando até à parte da casa correspondente ao negócio. O bazar continuava por arrumar e com artigos nas prateleiras.

Em frente à portada, havia uma caixa de cartão. Ao examinar o seu interior, viu um papel dobrado. Parecia ser papel de carta. Takayuki pegou nele e regressou à sala japonesa.

— Estava lá isto.

Yūji desdobrou a carta. O seu rosto mudou imediatamente de cor, assumindo uma tonalidade suspeita.

— Que foi? — questionou Takayuki.

Com os lábios firmemente cerrados, Yūji passou a carta aberta a Takayuki.

— O quê? — exclamou irrefletidamente. A carta não tinha nada escrito. — Que vem a ser isto?

— Não sei.

— Será uma partida de mau gosto.

— Talvez. Mas... — Yūji fitou o papel de carta. — Pressinto que não seja esse o caso.

— Então, o que será?

Yūji pousou a carta em cima da mesa e cruzou os braços.

— Quiçá seja de alguém que ainda não tem uma resposta. Se calhar, sentem-se divididos e não encontram uma solução.

— E por isso enviam uma carta em branco?

Yūji virou-se para Takayuki.

— Desculpa, mas vai esperar lá para fora.

Takayuki pestanejou.

— O que é que estás a pensar fazer?

— É óbvio, vou-lhe responder.

— Responder a isso? Mas não tem nada escrito. Como é que pensas responder?

— Isso é o que vou pensar agora.

— Agora? Mas...

— Eu não te vou roubar tempo. Vai lá.

A determinação de Yūji parecia inabalável. Takayuki rendeu-se.

— Está bem. Mas sê o mais rápido possível.

— Claro — acedeu Yūji, ainda de olhos pregados no papel de carta. Já parecia algo ensimesmado.

Quando Takayuki saiu da casa, o dia ainda não estava tão claro quanto imaginara. Achou-o estranho. Sentia que tinha passado imenso tempo lá dentro.

Regressou ao seu *Civic*, onde alongou o pescoço e outras partes do corpo, até que, subitamente, veio o amanhecer. Reparou que o tempo (possivelmente) passava de maneira distinta dentro e fora da casa.

Decidiu não partilhar estas histórias bizarras com a irmã Yoriko ou com a mulher, Fumiko. Por muito que lhas contasse, jamais lhe dariam crédito.

Depois de sucessivos bocejos, ouviu um som proveniente da casa. E surgiu Yūji, vindo da viela estreita. Caminhava muito lentamente, com o apoio de uma bengala. Takayuki saiu do carro e foi recebê-lo.

— Escreveste a carta?

— Sim.

— O que é que fizeste com a resposta?

— Obviamente, pu-la na paleta do leite.

— E isso funciona? Conseguem recebê-la do outro lado?

— Sinto que sim.

Takayuki abanou a cabeça. O pai pareceu-lhe uma criatura de outro mundo.

Já no carro, perguntou-lhe:

— O que é que escreveste? Em resposta àquela carta em branco.

Mas Yūji abanou a cabeça e cortou:

— Não te posso contar. Não to tinha já dito?

Takayuki encolheu os ombros e rodou a chave na ignição. Pouco depois de o carro começar a afastar-se, porém, Yūji pediu-lhe:

— Espera aí.

Takayuki travou a fundo, nervoso.

Yūji observou atentamente o bazar, do lugar do passageiro. Aquela era a loja que o sustentara durante décadas. Estava evidentemente relutante por se despedir

dela. Até porque, para ele, não era um mero negócio.

— Bem — sussurrou Yūji. — Vamos lá.

— Já estás satisfeito?

— Digamos que sim. Já terminei.

No lugar do passageiro, Yūji fechou os olhos.

Takayuki arrancou com o *Civic*.

Era uma pena que os caracteres no letreiro do Bazar Namiya estivessem tão sujos, o que dificultava a sua leitura. Mesmo assim, premiu o obturador. Mudando de ângulo, fez mais fotografias. Não tinha muito jeito para câmaras. Nem sabia se estava a captar boas imagens. Mas isso não importava. Não as ia mostrar a ninguém.

De olhos postos no velho edifício do outro lado da rua, Takayuki recordou um incidente que se dera um ano antes: a noite passada com Yūji.

Pensando bem, nem lhe parecia realista. Ainda agora suspeitava que pudesse ter sido um sonho. Seria possível que ali tivessem chegado cartas do futuro? Nunca falou com Yūji sobre o que ocorreu naquela noite. Não obstante, a verdade era inequívoca: colocara o molho de cartas daquela noite no caixão de Yūji. Yoriko e o resto da família perguntaram-lhe que cartas eram aquelas, mas a resposta não lhe saiu.

Por falar em coisas estranhas, poderia mencionar-se a própria morte de Yūji. Embora lhe tivessem dito que podia morrer em qualquer altura, não tinha propriamente dores. A chama da sua vida manteve-se acesa, qual fio de *nattō* que se recusa a partir. Até os médicos ficaram perplexos. Praticamente não comia, passando dias inteiros a dormir. E, mesmo assim, viveu perto de um ano. Era como se o tempo atuasse de maneira diferente apenas no corpo de Yūji.

Takayuki estava perdido nas suas cogitações quando ouviu uma voz que dizia «desculpe». Voltando a si mesmo, virou-se de lado. Ali estava uma jovem mulher, alta e de fato de treino, a empurrar uma bicicleta. No assento de carga, trazia pendurada uma mala de desporto.

— Diga — respondeu Takayuki. — O que deseja?

Hesitante, a mulher perguntou:

— Está ligado ao Bazar Namiya?

Takayuki relaxou.

— Sou o filho do proprietário. Esta loja era do meu pai.

A mulher pestanejou e, com ar surpreso, retrucou:

— Não me diga!

— Conhece a nossa loja?

— Sim. Mas nunca vim cá fazer compras — adicionou, com um ar culpado e um encolher dos ombros.

Takayuki anuiu, depreendendo o que queria dizer.

— Então veio cá para pedir conselhos, foi?

— Sim — confirmou a mulher. — Deram-me conselhos que foram preciosos para mim.

— A sério? Ainda bem. Quando foi?

— Creio que em novembro do ano passado.

— Novembro?

— A loja não vai voltar a abrir? — perguntou a mulher, observando o bazar.

— Não, porque o meu pai faleceu.

A mulher engoliu em seco. As sobranceiras descaíram nela tristemente.

— Ai foi? Quando?

— No mês passado.

— Ah... as minhas condolências.

— Muito obrigado — assentiu Takayuki. — Pratica algum desporto? — perguntou, fitando a mala.

— Sim, esgrima.

— Esgrima?

Takayuki esbugalhou os olhos. Não esperava aquela resposta.

— A maioria das pessoas não está muito familiarizada com esta modalidade — comentou a mulher, sorrindo. Montou a bicicleta e disse: — Peço desculpa por o interromper. Tenha um bom dia.

— Ora essa, igualmente.

Takayuki observou-a e à bicicleta até lhe desaparecerem da vista. Esgrima. De facto, não conhecia muito bem esse desporto. Via-o na televisão quando havia Jogos Olímpicos, e pouco mais. E, mesmo nesses casos, só apanhava os resumos. Nesse ano, o Japão tinha boicotado os Jogos Olímpicos de Moscovo, pelo que nem tivera oportunidade de assistir a mais esgrima.

A mulher falara em novembro do ano anterior, mas devia ter-se enganado. Nessa altura, o pai já estava acamado no hospital.

Takayuki lembrou-se subitamente de algo. Passou pela frente da casa e entrou na viela lateral do bazar. Foi até às traseiras e abriu a tampa da paleta do leite.

Estava vazia. Teriam as respostas que Yūji escreveu naquela noite aos papéis em branco chegado mesmo ao futuro?

Setembro de 2012.

Diante do computador, Shungo Namiya hesitou. Talvez fosse melhor desistir. Não queria fazer alguma coisa esquisita que acabasse por lhe arranjar problemas. Se usasse o computador de casa, a polícia podia investigar e identificá-lo facilmente. Além disso, os crimes informáticos implicavam penas absurdamente pesadas.

No entanto, não achava que Takayuki lhe pedisse para fazer algo esquisito. Nunca ficou senil, nem sequer nos seus últimos momentos. Quando lhe falou daquilo, fê-lo num tom normal.

Takayuki era o avô de Shungo. Tinha morrido em finais do ano anterior. De cancro no estômago. O pai de Takayuki também morrera de cancro. Talvez toda a família tivesse uma predisposição para a doença.

Antes de Takayuki ser hospitalizado, Shungo foi chamado ao seu quarto. Subitamente, disse-lhe que tinha um favor a pedir-lhe. Ainda para mais, devia mantê-lo em segredo.

— Que favor? — perguntou Shungo, a rebentar de curiosidade.

— Ouvi dizer que és bom a mexer nos computadores, Shungo — insinuou Takayuki.

— Digamos que sim — respondeu Shungo.

Pertencia ao Clube de Matemática da escola básica e usava frequentemente o computador.

Takayuki passou-lhe uma folha de papel.

— Em setembro do ano que vem, quero que ponhas na Internet o que aqui está escrito.

Shungo pegou no papel e leu o texto. Era estranho.

— O que é isto?

Takayuki abanou a cabeça.

— Não precisas de pensar muito nisso. Só preciso que divulgues o que aqui está escrito. És capaz de o fazer, Shungo, não és?

— Sou, mas...

— Na verdade, gostaria de o fazer eu mesmo, se pudesse. Porque fiz uma

promessa.

— Uma promessa? A quem?

— Ao meu pai. O teu bisavô, Shungo.

— O teu pai, avô...

— Mas eu tenho de ir para o hospital. Nem sei se vou viver até essa altura. É por isso que te peço este favor, Shungo.

Shungo não podia contestar. Pelas conversas dos pais, supunha que Takayuki já não teria muito tempo de vida.

— Está bem — anuiu Shungo.

Takayuki meneou repetidas vezes a cabeça, com um ar satisfeito. Faleceu pouco depois. Shungo foi ao velório e ao funeral. O cadáver no caixão parecia dizer-lhe: «Conto contigo.»

Desde então, não conseguiu deixar de pensar na promessa que fizera a Takayuki. Ainda mergulhado na indecisão, deu por si em setembro.

Shungo olhou para a carta que tinha nas mãos. A folha de papel que Takayuki lhe dera. O texto dizia o seguinte:

No dia 13 de setembro, da meia-noite até ao amanhecer, o serviço de aconselhamento do Bazar Namiya estará de volta. Pedimos a todos aqueles que antigamente pediram conselhos e receberam respostas do bazar que nos digam qual o impacto que teve nas vossas vidas. Ajudou-vos? Ou não? Partilhem-no connosco sem reservas. Basta porem as vossas cartas na portada da loja, tal como antigamente. Muito obrigado.

Com o papel, havia uma fotografia do Bazar Namiya. Shungo nunca lá tinha ido, mas diziam que ainda existia.

E Shungo soubera, através de Takayuki, que a família Namiya gerira um bazar. Quanto aos detalhes, nada sabia.

O que seria o tal «serviço de aconselhamento»?

Talvez o melhor fosse mesmo desistir. Depois de o publicar, não teria maneira de o reverter.

Shungo estava prestes a fechar o computador portátil quando lhe invadiu o campo de visão.

Havia um relógio de pulso a um canto da secretária. Era uma herança do seu amado avô, Takayuki. Aquele relógio, que se atrasava uns cinco minutos por dia, tinha sido oferecido a Takayuki pelo pai deste, para celebrar a sua admissão na universidade.

Shungo observou o computador. O mostrador negro refletia o seu próprio rosto. A sua face fundiu-se com a do avô.

Tinha de cumprir a promessa de homens que lhe fizera. Shungo ligou o computador.

CAPÍTULO 4

REZAR AO SOM DOS BEATLES

Quando saiu da estação, avançando pela rua comercial repleta de lojas, Kōsuke Waku sentiu um mau pressentimento a espalhar-se-lhe pelo peito. E era tal como suspeitava: também aquele lugar estava deserto. A zona tinha experienciado um aumento sucessivo de residentes e uma explosão na afluência aos negócios em frente à estação na década de 1970. Passados quarenta anos, estávamos noutra era. Em muitas povoações de toda a região, só se viam lojas com as portadas fechadas. E não havia motivos para que esta localidade fosse exceção.

Continuou a caminhar, tendo como referência a paisagem que conhecera no passado. Julgava lembrar-se apenas vagamente da vila. Mas as suas memórias eram incrivelmente vívidas, o que o surpreendeu. Obviamente, a loja não podia ter permanecido completamente intacta. A peixaria onde a mãe costumava fazer compras tinha desaparecido. Se bem se recordava, chamava-se Uomatsu. O dono, um senhor muito bronzado, punha-se de pé na rua a apregoar com uma bela voz: «Senhora, as ostras de hoje são do melhor, se não as comprar, vai-se arrepender, o seu marido tem de as experimentar.»

Que teria sido feito da peixaria? Pensava ter ouvido dizer que o filho do proprietário assumira a gerência, mas as suas memórias eram vagas. Talvez estivesse a fazer confusão com outro negócio.

Depois de andar por algum tempo ao longo da rua comercial, confirmou mais ou menos para onde ia e virou à direita. Não estava certo de que conseguisse chegar ao seu destino.

Kōsuke prosseguiu por uma rua escura. Embora houvesse iluminação pública, era muito esparsa. Desde o grande terramoto do ano anterior, muitos lugares por todo o Japão adotavam uma política de poupança de energia. A iluminação servia apenas para orientação dos passos, e era quanto bastava.

Comparando com a infância de Kōsuke, as casas na zona estavam agora mais concentradas. Lembrou-se do plano de desenvolvimento que estimulou a vila quando andava na escola primária. Um dos seus colegas até dissera que talvez construíssem uma sala de cinema.

O plano devia ter sido bem-sucedido a alguns níveis. Até que acabou por chegar o período da bolha financeira⁷. A vila tornou-se num popular dormitório

para quem fazia a sua vida em Tóquio.

A rua pela qual caminhava tornou-se num entroncamento. Já o esperava. Aliás, era exatamente assim que a recordava. Kōsuke virou à direita.

Volvidos alguns passos, a artéria obedeceu a um ligeiro declive, para cima. Outro pormenor que batia certo com a sua memória. Mais um pouco e chegaria à loja. Isto é, se a informação que leu não fosse falsa.

Kōsuke continuou a caminhar sempre de olhos fitos nos pés. Se olhasse em frente, saberia mais cedo se a loja ainda existia ou não. No entanto, prosseguiu a caminhada sem erguer o rosto. Tinha medo de ter uma resposta antes do tempo. Mesmo que fosse mentira, teria mantido a esperança viva até ao último momento.

Por fim, estacou. Percebeu que a loja estaria ao seu lado. Havia passado inúmeras vezes por aquela rua.

Kōsuke ergueu o rosto. Em seguida, inspirou fundo e expirou. A loja ainda lá estava. O Bazar Namiya. Um negócio que mudara completamente o destino de Kōsuke.

Aproximou-se devagarinho. O letreiro estava esbatido e ilegível. A portada, carregada de fuligem. Não obstante, o edifício continuava de pé. Era como se tivesse esperado por Kōsuke.

Olhou para o relógio. Ainda nem eram onze da noite. Tinha chegado um pouco cedo de mais.

Kōsuke examinou o meio que o rodeava. Não havia vivalma. Não cria que alguém vivesse naquela casa. Poderia mesmo acreditar no anúncio que viu? Afinal, eram informações da Internet — o melhor era sempre duvidar.

Mas qual seria a vantagem de espalhar informações falsas sobre o Bazar Namiya por esses dias? Só um número muito restrito de pessoas conhecia a loja.

De qualquer dos modos, Kōsuke decidiu observar a loja por mais algum tempo. Além disso, ainda não escrevera qualquer carta. Para fazer parte daquele estranho evento, teria de o fazer.

Kōsuke retornou ao caminho por onde viera. Passou por fileiras de casas e regressou à rua comercial. A maioria das lojas estava fechada. Esperava que houvesse um restaurante familiar aberto 24 horas, mas a sua previsão fracassou.

Como havia uma loja de conveniência, decidiu entrar. Tinha algo que comprar. Foi até à secção de artigos de papelaria, pegou nalguns artigos e dirigiu-se à caixa. O funcionário de serviço era um homem novo.

— Há algum negócio aberto a estas horas? Um bar, por exemplo? — perguntou, enquanto pagava.

— Há alguns bares aqui na zona. Mas nunca lá fui — retrucou o funcionário, direto.

— Entendo. Obrigado na mesma.

Ao sair da loja de conveniência, encontrou pequenos bares e tascas de petiscos.

Nenhum dos estabelecimentos parecia ter grande afluência. Pelo contrário, pareciam meros poisos para os proprietários.

Contudo, Kōsuke estacou ao ver o letreiro de um certo negócio: Bar Fab4. Não podia simplesmente passar à frente daquele bar sem dizer nada.

Abriu a porta negra e espreitou. Havia uma mesa com dois lugares e um balcão no fundo. Sentada num banco, uma mulher com um vestido preto sem mangas. Tinha cabelo curto em formato *bob*. Constatando a ausência de outras pessoas, questionou-se sobre se seria a proprietária.

A mulher virou a cabeça com alguma surpresa e perguntou:

— É cliente?

Devia andar na casa dos quarentas. As feições eram marcadamente japonesas.

— Sim, sou. Já é demasiado tarde? — perguntou Kōsuke. A mulher sorriu e desceu do banco.

— Nada disso. Estamos abertos até à meia-noite.

— Nesse caso, gostaria de beber um copo.

Kōsuke adentrou a loja e sentou-se num lugar na extremidade oposta do balcão.

— Não precisa de ir para tão longe — disse a proprietária, a rir. — Acho que hoje já não vem mais nenhum freguês.

— Prefiro assim, tenho uma coisa para fazer enquanto bebo.

Kōsuke pegou na toalha quente que a proprietária lhe deu e usou-a para limpar as mãos e a cara.

— Algo para fazer?

— Sim. É coisa pouca.

As palavras não lhe saíam. Seria demasiado difícil de explicar.

Mas a mulher não insistiu.

— Sendo assim, não o vou incomodar. Sinta-se à vontade. O que deseja beber?

— Hum, pode ser uma cerveja. Tem alguma cerveja preta?

— Temos *Guinness*. Pode ser?

— Pode.

A proprietária agachou-se do outro lado do balcão. Devia haver ali um frigorífico.

Tirou então uma garrafa de *Guinness*. Removeu a carga e verteu a cerveja preta para um copo alto. A forma como servia a cerveja revelava uma enorme mestria. Cerca de dois centímetros de bolhas flutuaram no topo do copo.

Kōsuke bebeu um gole e limpou o canto dos lábios com os dedos. O amargor particular da cerveja espalhou-se-lhe pela boca.

— Beba um bocadinho também, se quiser, minha senhora.

— Muito obrigada.

A proprietária colocou um pires com aperitivos à frente de Kōsuke e serviu

cerveja preta para o próprio copo.

— Bom proveito.

— Igualmente — respondeu Kōsuke.

E tirou qualquer coisa do saco da loja de conveniência. Era papel de carta e uma caneta de feltro. Pôs os objetos em cima do balcão.

— Ena! — exclamou a proprietária. — Vai escrever uma carta?

— Sim, é o que estou a pensar fazer.

A proprietária acenou, persuadida, e moveu-se para uma zona ligeiramente afastada. Devia querer manter a situação sob controlo.

Kōsuke sorveu um gole de *Guinness* e examinou o bar.

Conquanto fosse um bar de uma vila abandonada, não estava propriamente desenquadrado no estilo. O *design* das cadeiras e das mesas era simples, mas refinado.

As paredes estavam decoradas com cartazes e ilustrações. Representavam os quatro jovens mais famosos do mundo quarenta e poucos anos antes. Um dos desenhos tinha um *design* ao estilo *pop art* em tons de amarelo, a representar um submarino.

Fab4 era a abreviatura de *Fabulous 4*: «Os quatro magníficos». Era uma das alcunhas dos Beatles.

— Isto aqui é um bar dedicado aos Beatles? — perguntou Kōsuke à proprietária. A mulher encolheu discretamente os ombros.

— Digamos que sim, é essa a imagem que quero passar.

Suspirou e voltou a examinar o bar. Na parede, um ecrã dependurado. Passava um videoclipe qualquer dos Beatles. Podia ser «A Hard Days Night» ou «Help». Nunca pensou ver videoclipes secretos dos Beatles num bar de uma povoação tão rural como aquela.

— A senhora, diga-me: na sua geração, ainda sabiam quem eram os Beatles?

À pergunta de Kōsuke, a proprietária voltou a encolher os ombros.

— Alguma vez? Entrei na escola básica dois anos depois de a banda se separar. Ainda apanhámos com o *boom* de popularidade. Por toda a parte, havia eventos relacionados com os Beatles.

Kōsuke fitou o rosto da mulher.

— Sei que é indelicado perguntá-lo a uma senhora, mas...

Antevendo imediatamente a pergunta, a mulher sorriu e respondeu:

— Já não tenho idade para fazer caso da idade! Nasci no ano do Porco.

— Portanto, se o seu signo é Porco... — Kōsuke calculou-lhe mentalmente a idade. — É dois anos mais nova do que eu!

Não parecia, de modo nenhum, ter mais de cinquenta anos.

— Não me diga. O senhor parece muito novo — disse a proprietária. Estava, óbvia e simplesmente, a ser cortês.

«Que surpresa», sussurrou Kôsuke.

A mulher passou-lhe um cartão de visita com o seu nome: Eriko Haraguchi.

— O senhor não é daqui, pois não? Veio em trabalho?

Kôsuke hesitou em responder. Não lhe vinha à mente qualquer mentira.

— Não, na verdade, estou a voltar a casa. Vivi aqui há muito tempo, há uns quarenta anos.

— A sério? — perguntou a proprietária, com os olhos esbugalhados. — Se calhar até já nos cruzámos algures.

— É possível — assentiu Kôsuke, bebendo a cerveja. — Aqui não passam música?

— Ah, peço desculpa. Posso pôr a tocar o CD dos clássicos, o que acha?

— Por mim, qualquer um está bem.

A proprietária retornou ao balcão e mexeu numa máquina. E começou a ouvir-se, da coluna na parede, uma introdução nostálgica. Era a «Love Me Do».

A primeira garrafa de *Guinness* chegou ao fim. Em seguida, mandou vir uma segunda.

— Lembra-se de quando os Beatles vieram ao Japão? — perguntou Kôsuke.

— Hum — murmurou a mulher, com uma expressão incerta. — Acho que vi na televisão, mas posso estar enganada. Lembro-me de o meu irmão mais velho falar disso, e por isso talvez esteja a partir do pressuposto de que sejam memórias minhas.

— É possível — anuiu Kôsuke.

— O senhor lembra-se?

— Sim. Mas era pequenino. Uma coisa é certa: vi-os com os meus próprios olhos. Embora não os tenha visto em direto, recordo-me perfeitamente de ver os Beatles a descer do avião e a andar de *Cadillac* na autoestrada metropolitana de Tóquio. Só soube que o carro era um *Cadillac* muito mais tarde. A banda sonora que passava na altura era a canção «Mr. Moonlight».

— «Mr. Moonlight» — repetiu a proprietária. — Essa canção não é um original dos Beatles, pois não?

— Não. No Japão, foi a sua atuação que a celebrizou, e por esse motivo muita gente acha que é deles.

Kôsuke apercebeu-se de que o seu tom se tornara subitamente ríspido, pelo que decidiu conter-se. Há muito que não se deixava levar por uma conversa sobre os Beatles.

— Foi uma bela época — comentou a mulher.

— Pois foi.

Mal esvaziou o copo, Kôsuke voltou a servir-se de mais cerveja preta.

Os seus pensamentos voaram até mais de quarenta anos no passado.

do chamado «milagre económico japonês». (NT)

Quando os Beatles estiveram no Japão, Kôsuke ainda não sabia muito sobre eles. Sabia que eram uma banda estrangeira e muito famosa, composta por quatro elementos. No entanto, quando viu o primo a chorar diante da TV enquanto via em direto os Beatles a chegarem ao Japão, foi verdadeiramente apanhado de surpresa. Embora o primo fosse apenas um aluno do secundário, para Kôsuke, que tinha nove anos, ele já era como os adultos. Neste mundo, havia pessoas incríveis, pensou. A sua mera presença no Japão bastava para levar um homem às lágrimas.

O primo morreria subitamente três anos depois. A causa da morte: um acidente de motorizada. Mergulhados em lágrimas, os pais amaldiçoaram o dia em que o deixaram tirar a carta de condução. Pior ainda: desde que começara a ouvir aquela música, caíra no hábito de se dar com más companhias, disse-se no funeral. Estavam a falar dos Beatles. «Vou deitar os discos todos fora», gritou a mãe do primo num tom fortíssimo.

«Se os vais deitar fora, fico eu com eles», disse Kôsuke. Relembrou o que acontecera havia três anos. Queria comprovar pelos próprios ouvidos quem eram esses Beatles que tinham levado o primo ao delírio. Pouco depois, entraria na escola secundária. Estava naquela idade em que desperta o interesse pela música.

Os familiares avisaram os pais de Kôsuke de que deveria desistir da ideia. Acabaria por se tornar num delinquente como o primo. Contudo, os pais daquele não lhes seguiram os conselhos.

— Ninguém se torna delinquente por ouvir música popular. E o Tetsuo não era delinquente. Qualquer miúdo do liceu com genica anda de mota — disse o pai, Sadayuki, transformando as preocupações dos mais velhos em sorrisos.

— Tens toda a razão. O nosso filho não vai ter esses problemas — concordou a mãe, Kimiko.

Os pais de Kôsuke não eram como outros pais dessa sociedade, que chamavam delinquente a qualquer jovem que gostasse de se arranjar, de comprar coisas novas ou de deixar crescer o cabelo.

O primo tinha quase todos os discos dos Beatles comercializados no Japão. Kôsuke escutou essa sua herança num autêntico êxtase. Nunca ouvira nada como aquela música. As primeiras melodias e ritmos que experienciou estimularam

qualquer coisa dentro de si.

A estada dos Beatles no Japão gerou uma explosão de novas bandas com guitarras elétricas. Embora esses grupos tenham conquistado temporariamente o Japão, eram meras imitações dos Beatles, impostores sem qualquer valor. Prova disso mesmo foi o rápido fim desse *boom*.

Na escola básica, muitos dos colegas eram fãs da banda inglesa. Kōsuke convidou-os a irem a sua casa.

Quando os amigos entraram no quarto e viram os aparelhos musicais, gritaram de espanto. Era óbvio. Para eles, os amplificadores e as colunas mais recentes eram máquinas do futuro. Os amigos achavam estranho que houvesse tantos aparelhos no quarto de uma criança. Naquela altura, o mais comum, até em lares mais ricos, era pôr um conjunto de telefonia e colunas na sala, e os discos eram ouvidos por todos, juntos, em família.

— O meu pai costuma dizer que não vale a pena ser-se avarento com a arte. Se é para ouvir música, devemos ouvi-la com a melhor qualidade de som possível.

A resposta de Kōsuke foi tão incrível que deixou os colegas cheios de inveja.

Kōsuke queria que eles ouvissem os Beatles usando os melhores aparelhos de som. Tinha todos os discos disponíveis no Japão, o que também surpreendeu os amigos.

— Mas o que é que o teu pai faz? — perguntava sempre algum dos amigos que vinham a sua casa.

— Não sei ao certo, mas ele compra e vende muitas coisas. Na empresa dele, compram barato e vendem caro.

— Ou seja, é o patrão?

— Digamos que sim.

Era difícil não parecer arrogante quando respondia a perguntas como aquela.

Na verdade, sentia-se abençoado.

A casa de Kōsuke e dos pais ficava num ponto alto. Era uma moradia de estilo ocidental com dois andares e relva no jardim. Quando estava bom tempo, faziam ali churrascos. Nessas alturas, era habitual os funcionários da empresa do pai aparecerem.

— Até agora, o Japão foi um mero funcionário do mundo — costumava dizer o pai, Sadayuki, diante dos empregados. — Mas, daqui em diante, será diferente. O Japão vai ter de ser um líder. Para isso, temos de conhecer o mundo. Na guerra comercial, o estrangeiro é o inimigo. Mas também é nosso parceiro. Nunca nos podemos esquecer disso.

Sadayuki tinha uma pujante voz de barítono que enchia Kōsuke de orgulho sempre que o ouvia a falar. Não só acreditava em todas as palavras do pai, como julgava não haver pessoa mais confiável no mundo.

A riqueza da família de Kōsuke nunca lhe suscitou qualquer suspeita. Quando

queria algum brinquedo ou disco, compravam-lho quase sempre. Até lhe ofereciam roupas e relógios caros que pouco lhe interessavam.

Os pais também desfrutavam de luxos. Sadayuki usava relógios de ouro no pulso e fumava sempre charutos de alta qualidade. Além disso, trocava muitas vezes de carro. Evidentemente, a mãe, Kimiko, não lhe ficava atrás. Nos grandes armazéns, pedia aos responsáveis que lhe mostrassem os catálogos e mandava vir de fora todos os seus produtos.

— Se vestirmos coisas baratas, também nos tornamos em coisas baratas — costumava dizer Kimiko. — Não é só na aparência. A própria natureza humana torna-se inferior. É por isso que temos sempre de vestir roupa de elite.

Kimiko também dava atenção ao cabelo e à maquilhagem. Por vezes, isso fazia-a parecer dez anos mais nova do que outras mulheres da sua geração. Quando ia à escola do filho para o dia aberto, os colegas de Kôsuke ficavam sempre surpreendidos. Ouvira vezes sem conta a frase «deve ser bom teres uma mãe tão nova».

Tinha uma inabalável fé de que o céu acima das suas cabeças seria sempre azul e banhado por raios de sol.

Ora, a partir de dada altura, começou a sentir transformações. Essas mudanças eram prenúncios das nuvens que se aproximavam e que se concretizaram no início da década de 1970. Nesse ano, só se falava da Exposição Universal. O entusiasmo do público em antecipação deste evento estava prestes a atingir o apogeu.

Em abril desse ano, Kôsuke entraria no oitavo ano de escolaridade. Nas férias da primavera, planeava ir à Expo. Se fosse o primeiro a ir, poderia gabar-se disso aos amigos. O pai também lhe havia prometido que o levava lá nessas férias.

No dia 14 de março, a Exposição Universal do Japão foi inaugurada com pompa e circunstância. Kôsuke viu as imagens na televisão. A cerimónia de abertura, transmitida pelo cinescópio, era muito vistosa, mas sem grande substância. Não obstante, parecia cumprir o objetivo de mostrar ao mundo que o Japão tinha atingido um elevado nível de crescimento económico. Kôsuke concluiu que o pai tinha razão: «O Japão vai ser um líder.»

Todavia, Sadayuki não lhe disse para irem à Expo. Certa noite, anunciou, com uma expressão rígida:

— Ir à Expo... Agora vai ser muito difícil, estou ocupadíssimo.

O tom era brusco.

— Se não podemos agora, que tal na Semana Douradas?

O pai não respondeu. Continuou a ler o *Jornal Económico* com ar de poucos amigos.

— Mas vão à Expo para quê? — comentou Kimiko, de lado. — É apenas um evento para cada país enaltecer os seus feitos. Além disso, deve haver umas pequenas atrações e pouco mais. O que é que um menino de escola vai lá fazer?

Kôsuke não pôde contestar as palavras da mãe. Não tinha um objetivo concreto que o levasse à Expo. Simplesmente, queria gabar-se diante dos amigos. Se não o fizesse, ficaria malvisto.

— Este ano, tens é de estudar. Para o ano, já estás no nono, em breve terás os exames de acesso ao liceu. E um ano passa a voar. Não tens tempo para pensar na Expo.

Kimiko apanhou Kôsuke com estas palavras ainda mais difíceis de refutar. A Kôsuke só restava o silêncio.

Mas esse não foi o único momento em que sentiu uma certa estranheza. Kôsuke apercebeu-se de várias mudanças à sua volta.

Por exemplo, com a roupa da educação física. Ao entrar na puberdade, as suas roupas deixaram de lhe servir. Até então, os pais sempre lhe haviam comprado roupa nova. Desta feita, porém, Kimiko reagiu pela primeira vez de maneira diferente.

— Já te está pequeno? Mas comprámos-te essa roupa no outono do ano passado. Aguenta mais um bocado. Se te comprássemos um novo, também te ia ficar pequeno.

Era como se estivesse a culpá-lo por ter crescido.

Também deixaram de fazer churrascadas no jardim. Os subordinados de Sadayuki nunca mais vieram a sua casa nos dias de folga e o pai deixou de jogar golfe. Ao mesmo tempo, as discussões em casa tornaram-se insuportáveis. Começara a guerra entre Sadayuki e Kimiko. Embora não conhecesse todos os detalhes, sabia que o motivo das brigas era o dinheiro.

«Se tivesses tido mais cuidado», censurou Sadayuki.

«Não tens capacidade para nos sustentares», revidou prontamente Kimiko.

O estimado *Ford Thunderbird* de Sadayuki acabou por desaparecer da garagem. O pai começou a ir para o trabalho de comboio. Kimiko deixou de fazer compras. E andavam sempre maldispostos.

Foi nessa altura que uma informação inacreditável chegou aos ouvidos de Kôsuke: os Beatles tinham acabado. Eram os próprios jornais britânicos que avançavam a notícia.

Naquela altura, ainda não havia Internet ou Mixi, pelo que, quando conversava sobre o tema com os amigos, só podiam depender dos meios de comunicação tradicionais. Comparavam notas sobre o que diziam na rádio ou nos jornais estrangeiros e, no fim, tentavam chegar a uma conclusão. De qualquer modo, não passavam de boatos.

«Impossível», pensou. Porque é que a banda acabara?

As informações sobre o motivo da separação do grupo tornavam-se cada vez mais complexas. Dizia-se que a mulher de Paul McCartney e Yôko Ono não se davam bem e que George Harrison estava farto da música. Não podia saber o que

era verdade e o que era mentira.

Um certo amigo disse a Kōsuke:

— Olha, sabias que os Beatles não queriam vir tocar ao Japão e só vieram porque a editora discográfica lhes disse que podiam fazer muito dinheiro? Naquela altura, já não gostavam de dar concertos, mas não podiam desistir. E deixaram de atuar ao vivo poucos depois dessa *tournee*.

Kōsuke também já tinha ouvido a mesma história. Mas não acreditava. Ou, melhor, não queria acreditar.

— Mas eu ouvi dizer que foram grandes concertos e que os próprios Beatles estavam divertidos no palco.

— Não é essa a questão. Eles nunca tiveram intenção de atuar como deve ser. Com os gritos da plateia, não se ouviam bem as vozes e os instrumentos, e tocavam e cantavam ao calhas. Começaram a achar que ninguém ia dar por isso. Mas as plateias japonesas foram estranhamente silenciosas, o que permitiu que se ouvisse bem a atuação. Atrapalhados, começaram a tocar a sério a meio do concerto.

Kōsuke abanou a cabeça.

— Não acredito.

— Parece que é mesmo verdade. Eu também não queria acreditar, mas nada a fazer. Os Beatles também são humanos. Para eles, o Japão é só um pequeno país de campónios. Vieram cá a pensar que lhes bastava imitar uma atuação a sério e que voltariam logo para Inglaterra.

Kōsuke continuou a abanar a cabeça. Reviveu as imagens televisivas da chegada dos Beatles ao Japão. Com elas, o rosto de perfil do primo a chorar enquanto assistia ao acontecimento. Se o que o amigo lhe dissera fosse verdade, o que seria das lágrimas do primo?

Ao voltar da escola, fechou-se no quarto a ouvir músicas dos Beatles. Não podia acreditar que nunca mais lançariam novos temas.

O tempo foi passando, melancólico. Vieram as férias de verão, mas nem por isso se apresentou mais soalheiro. Kōsuke continuava incomodado pelos Beatles. Em breve, iria estreiar o filme *Let It Be*. Contudo, não seria exibido na vila de Kōsuke. Segundo se dizia, bastava ver o filme para perceber o motivo que levava ao fim da banda. Só de pensar no possível conteúdo do filme, nem conseguia dormir em condições.

Sopravam esses ventos do tempo quando teve de tomar a maior decisão da sua vida.

Certa noite, estava no quarto a ouvir Beatles, como de costume, quando a porta se abriu sem que alguém batesse nela primeiro. Era Kimiko. Kōsuke ia protestar, mas as palavras ficaram-lhe presas. A mãe trazia uma expressão sombria, como nunca antes lhe vira.

— Temos uma coisa importante para falar contigo. Vem cá por uns minutos.

Kōsuke acedeu em silêncio, desligando a aparelhagem. Não fazia ideia de qual pudesse ser o tema da conversa, mas sentia que aquele dia estava para acontecer há muito tempo. Antecipava que não fosse uma conversa agradável.

Na sala de estar, Sadayuki bebia brande. Era um brande caríssimo. Tinha-o comprado numa loja *duty free* durante uma visita ao estrangeiro.

Quando Kōsuke se sentou, Sadayuki começou a falar. As suas palavras paralisaram Kōsuke.

— Vamos mudar de casa no fim do mês, prepara as tuas coisas.

Além disso, não deveria contá-lo a ninguém.

Não percebia o que se estava a passar. Qual seria a sua intenção? Porque tinham de se mudar tão subitamente?

Sadayuki retrucou:

— Eu trabalho com comércio e o comércio é uma batalha. O mais importante é roubar o máximo de bens ao inimigo. Compreendes?

Kōsuke anuiu. Não era a primeira vez que o pai lhe dizia aquilo. Sadayuki prosseguiu:

— Quando se luta, por vezes há que fugir. É óbvio. Se perdermos a vida, é o fim. Também percebes isso?

Kōsuke não se manifestou. Numa guerra a sério, seria assim. Mas o comércio não tirava a vida a ninguém.

Não obstante, Sadayuki não fez caso, continuando:

— Decidimos fugir no fim deste mês. Vamos deixar esta casa. Mas não faz mal. Não tens de te preocupar. Basta que fiques caladinho. Vais ter de mudar de escola, mas não há problema. Estamos nas férias de verão. Começas a escola nova no segundo semestre, o que é perfeito.

Kōsuke fitou o teto. Estavam a dizer-lhe que se mudasse repentinamente para uma escola que não conhecia.

— Não quero saber a tua opinião sobre isto — disse Sadayuki, num tom leve.

— Há miúdos que mudam de escola várias vezes por causa do trabalho dos pais, não é nada de especial.

Ao ouvir as palavras do pai, Kōsuke sentiu-se incerto pela primeira vez desde que nasceu. Sentia inquietude em relação à própria vida.

No dia seguinte, Kimiko estava na cozinha a preparar uma refeição quando Kōsuke entrou na divisão e perguntou:

— Vamos fugir a meio da noite por causa de dívidas?

Kimiko deteve as duas mãos, que agarravam a frigideira.

— Falaste com alguém sobre isto?

Kōsuke abanou a cabeça.

— Não. Mas, quando ouvi o que pai disse, foi essa a ideia com que fiquei.

Kimiko suspirou e continuou a cozinhar.

— Não podes falar disto com ninguém.

A mãe não lhe dirigiu as palavras de negação que antecipara. Tudo se tornou sombrio aos olhos de Kōsuke.

— Como é que chegámos a isto? Estamos assim tão falidos?

Novamente, não houve resposta. Kimiko limitava-se a mover as mãos em silêncio.

— O que é que eu faço com o liceu? Para que escola devo ir?

A cabeça de Kimiko movimentou-se muito ligeiramente.

— Pensas nisso depois de nos mudarmos.

— De nos mudarmos para onde? Onde é que vamos viver?

— Irra, que chato! — exclamou Kimiko, ainda de costas. — Se queres fazer queixinhas, vai falar com o teu pai. Foi ele quem tomou a decisão.

Kōsuke ficou cabisbaixo, sem saber o que fazer. Nem sabia se devia ficar triste ou furioso. Continuou a passar os dias fechado no quarto a ouvir Beatles. Punha os auscultadores nos ouvidos e o volume o mais alto possível. Assim, conseguia evitar pensar em coisas desagradáveis.

Todavia, até esse seu único prazer lhe foi roubado. Sadayuki disse-lhe que teria de se desfazer da aparelhagem.

Obviamente, Kōsuke revoltou-se. «Nem pensar», disse. Mas o pai não lhe fez caso.

— Não dá jeito levar uma coisa tão volumosa na mudança. Daqui a uns tempos, compro-te uma nova aparelhagem, só preciso que tenhas alguma paciência — declarou Sadayuki, num tom calmo.

Kōsuke explodiu.

— Isto não é mudança nenhuma. Estamos a fugir de dívidas!

Sadayuki olhou para Kōsuke com uma expressão severa.

— Se falares sobre isto a alguém, vamos ter problemas.

O tom fazia lembrar o de um mafioso.

— Deixa-te disso, não quero andar por aí com segredinhos.

— Cala-te. Se não percebes nada, é melhor que não digas nada também.

— Mas...

— Vais morrer. — Sadayuki desviou o olhar. — Quando descobrirem que estamos a fugir das nossas dívidas, vamos todos morrer. É isso que queres? Só temos uma oportunidade. Temos de garantir que corre tudo bem. Se a deixarmos escapar, vamos acabar os três enforcados. Estamos pressionados a esse ponto. Por isso, peço que coopes.

O pai tinha os olhos raiados de sangue. Kōsuke ficou sem palavras. No seu coração, começou a ouvir-se o som de algo a estalar, um anúncio da iminente ruína.

Poucos dias depois, apareceram uns homens desconhecidos e levaram todos os aparelhos sonoros do quarto de Kōsuke. Um deles deu algum dinheiro a Kimiko. Sadayuki não estava presente nessa altura.

Ao ver o seu quarto sem a aparelhagem, Kōsuke foi assolado por uma sensação brutal, a ponto de questionar por que motivo estaria vivo.

Se não pudesse ouvir os Beatles, não tinha razões para se fechar em casa. A partir daquele dia, Kōsuke começou a passar mais tempo na rua. Todavia, não se encontrava com os amigos. Achava que, se os visse, acabaria por lhes falar da sua fuga. Também lhe custava ocultar o facto de que se desfizera da aparelhagem.

Mas, como não tinha dinheiro consigo, não valia a pena ir aos salões de jogos, pois não ficaria lá muito tempo. Acabou por passar mais tempo na biblioteca. Para a maior biblioteca da zona, era incrivelmente tranquila. Isto é, com exceção das salas de estudo individual, que estavam sempre cheias de ruidosos estudantes em busca de ar condicionado. A maioria andava ou já tinha concluído o secundário, e estava a estudar para os exames de acesso à universidade. Ao vê-los estudar, Kōsuke ficou preocupado. Em breve, seria a sua vez.

Kōsuke sentia-se profundamente desiludido com os progenitores, especialmente com o pai. Até então, era o seu orgulho. Tudo o que Sadayuki fazia estava certo, e o filho acreditava que seria bem-sucedido na vida se acatasse todos os seus conselhos.

Mas a realidade revelou-se bem diferente. Pelas conversas entre os pais que ia ouvindo de vez em quando, Kōsuke conseguiu compreender genericamente o que se passava. Sadayuki não só não era um homem bem-sucedido, como era um cobarde. Em vez de tentar saldar as suas dívidas galopantes, optou por fugir. A empresa parecia enfrentar problemas financeiros irreversíveis. Porém, a situação só seria descoberta no mês seguinte. O pai nem tinha dito nada aos empregados, tentando apenas salvar o próprio couro.

O que deveria fazer? Continuar a viver com o que os pais lhe diziam? Por muito que detestasse a ideia, não tinha alternativa.

Na biblioteca e com um livro sobre os Beatles na mão, Kōsuke foi consumido pela própria ansiedade. Nenhum livro continha as respostas que procurava.

⁸ Período entre 29 de abril e 5 de maio, no qual coincidem quatro feriados nacionais japoneses. (NT)

O dia da fuga estava cada vez mais próximo. Mesmo assim, Kōsuke continuava sem saber o que fazer. Os pais tinham-no instruído para que fizesse as malas, mas o rapaz não se conseguia concentrar.

Certo dia, estava a ir para a biblioteca pelo mesmo caminho de sempre quando reparou que a rua estava cortada devido a obras. Seguiu então por outra via. A dado momento, viu uma loja ao lado da estrada. À frente do estabelecimento, estavam várias crianças reunidas. Olhavam para as paredes do negócio e riam. Kōsuke acercou-se e espreitou por trás das crianças. Viam-se, colados na parede, vários papéis que pareciam cartas.

Pergunta: Quando o monstro Gamera gira pelo ar, os olhos dele não andam às voltas?

Do amigo do Gamera

Resposta: Dizem que o Gamera aprendeu balé, e as bailarinas não ficam com os olhos a andar à volta mesmo quando giram muito depressa.

Bazar Namiya

Pergunta: Tenho tentado bater a bola como o Sadaharu Ō, apoiando-me só num pé, mas não consegui fazer um home run. O que devo fazer?

Número 8 do lado direito

Resposta: E que tal tentares um home run primeiro com as duas pernas e só depois com uma? Se não conseguires com duas, podes arranjar uma terceira. O que achas? O importante é começar com objetivos realistas.

Bazar Namiya

«Ah, é aquela loja», pensou Kōsuke. Os amigos já lhe haviam falado a seu respeito. Naquele bazar, davam respostas a qualquer pedido de aconselhamento. Mas, na sua maioria, os pedidos eram tudo menos sérios, escolhendo, em vez disso, importunar o velhote do bazar. O mais engraçado era que o velhote respondia

sinceramente até a esse tipo de mensagens.

«Patético», pensou Kōsuke, afastando-se do local. Não passava de uma brincadeira infantil.

Mas a seguir teve uma ideia.

Regressou a casa. Obviamente, Sadayuki não estava, porque se encontrava no escritório, e Kimiko também não estava presente.

Entrou no quarto e pegou em papel de relatório. Não tinha muito jeito para escrever. Depois de uns trinta minutos, era este o texto no papel:

Os meus pais querem fugir das suas dívidas e levar-me com eles.

Têm demasiados empréstimos e não os conseguem pagar. A empresa deles está prestes a falir.

O plano é fugir secretamente da vila no fim do mês.

Ordenaram-me que mudasse de escola.

Eu quero arranjar maneira de os fazer desistir dessa ideia. Por muito que fujam, os credores de dívidas vão encontrá-los. Já ouvi muitas histórias assim. Se fugirmos uma vez, vamos passar a vida inteira a fugir. O que devo fazer?

Paul Lennon

Depois de reler a carta várias vezes, dobrou a folha de papel em quatro, inseriu-a no bolso das calças de ganga e voltou a sair de casa.

Passou pela mesma rua de pouco antes e retornou até perto do Bazar Namiya. Observando de longe, não viu quaisquer clientes na loja. O velho proprietário lia o jornal no fundo do bazar. «É a minha oportunidade», pensou.

Kōsuke inspirou fundo e aproximou-se da loja. Tinha confirmado instantes antes onde ficava a caixa na qual deveria colocar o seu pedido de aconselhamento. Estava num sítio onde o velhote dificilmente o veria. O que era evidentemente premeditado.

De olho no velho, entrou na loja. O homem continuava de jornal aberto.

Kōsuke retirou o papel dobrado em quatro do bolso e olhou para a parede acima, onde estavam coladas as cartas. A caixa ficava imediatamente à sua frente. O seu coração começou a palpar. Com ele, a hesitação crescia. Devia mesmo fazer aquilo?

Ouviu então vozes de crianças. Deviam ser várias. «Oh, não», pensou. Se viessem para o bazar, perderia a sua oportunidade.

«Aqui vai», exclamou, atirando o seu papel. Ao mesmo tempo, ouviram-se vozes altíssimas. Instintivamente, Kōsuke encolheu-se.

Várias crianças irromperam bazar adentro.

— Avozinho, encontrou as caixas de lápis do Kitarō? — perguntou

repentinamente um menino. Tinha ar de aluno do quinto ano.

— Sim. Falei com o fornecedor e dizem que têm algumas. Será isto que procura?

— Incrível! — gritou o menino, quase a rebentar de entusiasmo. — É mesmo este! É igual àquele que vi na revista. Espera aí, avozinho. Vou só a casa buscar dinheiro e volto já.

— Está bem. Vai com cuidado.

Terminando de ouvir a conversa, Kōsuke saiu da loja. O rapaz tinha mandado vir uma caixa de lápis com bonecos da banda desenhada *GeGeGe no Kitarō*.

Pouco antes de começar a descer a rua, Kōsuke olhou para trás uma vez. O velho proprietário virou-se nesse momento para ele. Os olhares de ambos cruzaram-se por um instante. Kōsuke virou a cabeça, em pânico, e afastou-se. Enquanto se distanciava, o arrependimento ganhou terreno dentro de si. Não devia ter deixado ali a carta. O velhote vira-o. Quando lançou a carta, fez barulho. Quando o velho abrisse a caixa e retirasse o papel, saberia que tinha sido posto ali por Kōsuke.

Por um lado, estava preocupado. Por outro, já nem fazia caso. Afinal, o homenzinho limitar-se-ia a colar a carta na parede, como tantas outras, respondendo ao tal «Paul Lennon». A futura resposta deixava-o curioso. Mas o verdadeiro perigo era que o conteúdo da carta fosse visto pelas gentes da vila.

Se houvesse rumores de que um residente planeava fugir das suas dívidas, era possível que alguém a quem a empresa de Sadayuki devia dinheiro ouvisse esses boatos. Se tal acontecesse, facilmente suspeitariam que era Sadayuki Waku quem planeava escapar, e decerto agiriam em retaliação.

Obviamente, a opção ideal era que os pais abandonassem o seu plano depois de ouvirem os rumores.

Era essa a grande jogada de Kōsuke. Ele, um aluno do oitavo ano, estava a apostar tudo naquele momento.

Na tarde do dia seguinte, Kōsuke saiu de casa e foi imediatamente ao Bazar Namiya. Para sua sorte, o velho dono não estava lá. Talvez tivesse ido à casa de banho. Tinha de agir nesse instante. Kōsuke olhou para a parede. Havia mais um papel colado do que no dia anterior. Mas não era a sua carta. No papel, dizia-se o seguinte:

Senhor Paul Lennon,

Recebi o seu pedido de aconselhamento.

A resposta está na palete do leite, nas traseiras da loja.

** Aos demais:*

A carta dentro da palete do leite é do Bazar Namiya para o senhor Paul Lennon. Não lhe mexam, haja o que houver. Ler e roubar cartas dos outros sem autorização é crime. Obrigado pela compreensão.

Bazar Namiya

Kôsuke ficou paralisado. Não esperava aquele desfecho. A sua carta não foi colada na parede. A estratégia em que apostara tudo tinha acabado em pleno fracasso.

Não obstante, queria saber o que estava escrito na resposta. Que conselhos lhe teria o velhote dado?

Kôsuke saiu do bazar e averiguou se não havia ninguém por perto. Aventurou-se então por um beco, ao lado da loja, que tinha cerca de um metro de largura e prosseguiu até ao fundo. Nas traseiras da casa, havia uma porta e, imediatamente ao seu lado, uma velha palete do leite, feita de madeira.

Abriu a tampa com todo o cuidado. Lá dentro, não havia garrafas de leite, apenas um envelope. Kôsuke retirou-o e olhou para a sua superfície, na qual estava escrito: «Para o senhor Paul Lennon.»

Agarrando no envelope, voltou ao beco. Quando estava prestes a sair para a rua, alguém passou por ele; Kôsuke recuou rapidamente. Depois de se certificar de que não estava ninguém por perto, saiu dali e começou a correr.

Em seguida, chegou à biblioteca. Mas não entrou. Em vez disso, sentou-se num banco do parque, em frente. Reexaminou o envelope. Estava firmemente colado, provavelmente para evitar que outras pessoas o abrissem. Kôsuke abriu-o com todo o cuidado.

Eram vários os papéis de carta dobrados. A carta que Kôsuke escrevera a pedir conselhos também lá estava, anexa. Kôsuke desdobrou o papel, revelando uma carta redigida com tinta permanente.

Prezado Paul Lennon,

Li a sua carta com atenção. Para dizer a verdade, apanhou-me de surpresa. Originalmente, comecei um serviço de aconselhamento a brincar em resposta às travessuras de crianças, que chamavam à minha loja Bazar Nayami, ou seja, o Bazar das Preocupações. Na verdade, não passa disso mesmo: de uma brincadeira com as crianças. Todavia, a carta do senhor Paul Lennon pede conselhos para um problema genuíno. Quando a li, pensei que o senhor Paul Lennon se tivesse equivocado. Provavelmente, ouviu dizer que o Bazar Namiya ajuda a resolver quaisquer problemas e escreveu esta carta séria. Achei por bem devolver-lhe a sua carta na eventualidade de ter sido um mal-entendido. Decerto haverá alguém mais habilitado a aconselhá-lo sobre esta matéria. Foi por isso que anexeï a sua carta a este

envelope.

De qualquer modo, também seria irresponsável da minha parte não lhe dar uma resposta. Mesmo que tenha havido um equívoco da sua parte, é possível que procurasse obter conselhos do velho Namiya. Isso levou-me a pensar numa resposta.

Refleti intensamente no que o senhor Paul Lennon deveria fazer. Pensei tanto que até me ficou a doer a cabeça. Esta foi a minha conclusão:

O melhor seria que os seus pais desistissem de fugir. Eu conheço algumas pessoas que fizeram o mesmo. Não sei como acabaram, mas penso que não foram propriamente felizes. Mesmo que tenham tido um alívio temporário, os seus credores e outras pessoas envolvidas não pararam de os perseguir, tal como disse.

Contudo, talvez seja possível persuadi-los. Os seus pais tomaram essa decisão drástica levando em conta a situação na sua totalidade. É por isso que está preocupado, pois sabe que os seus pais não irão ceder.

Assim sendo, devo fazer-lhe uma outra pergunta: o que pensa dos seus pais? Gosta deles? Detesta-os? Confiar neles? Ou sente que já não merecem a sua confiança?

Na sua carta, não me perguntou o que a sua família deve fazer, mas o que você mesmo deve fazer. Portanto, em primeiro lugar, deve refletir sobre a sua relação com os seus pais.

Como já aqui indiquei, esta é a primeira vez que o Bazar Namiya responde a um pedido legítimo de aconselhamento. Por esse motivo, não lhe consigo dar uma resposta satisfatória. Se não for do seu agrado, peço desculpa, mas é o melhor de que sou capaz. Mas, se quiser prosseguir com o aconselhamento, responda honestamente às minhas perguntas. Se continuarmos o diálogo, talvez lhe consiga dar uma resposta mais útil.

No entanto, não precisa de pôr a sua carta na caixa dos conselhos. A nossa loja fecha a porta às oito da noite. Pode pôr a carta pela ranbura do correio depois dessa hora. A resposta será entregue no dia seguinte, com a maior brevidade possível, dentro da palete do leite. Pode vir buscá-la antes de o bazar abrir ou depois de fechar. A loja abre às 8h30.

Peço desculpa por esta resposta medíocre, mas pensei muito seriamente para conseguir escrevê-la. Perdoe-me.

Bazar Namiya

Terminando de ler a carta, Kōsuke removeu o seu conteúdo. Para a digerir melhor, decidiu relê-la.

Percebeu imediatamente por que motivo o velhote não afixara a carta. Pensando bem, era óbvio. As outras eram todas pedidos de aconselhamento a brincar, e era por isso que as crianças se reuniam ali para as ler. Desta vez, contudo, era um pedido genuíno, pelo que não poderia adotar a mesma abordagem.

Mesmo nunca tendo dado conselhos a sério, o velhote fizera um esforço. O que deixou Kōsuke feliz. O simples facto de haver alguém que pensasse na sua

situação chegava para o aliviar. «Ainda bem que escrevi a carta», concluiu.

Fosse como fosse, o velhote ainda não lhe tinha dado uma resposta definitiva. Primeiro, tinha de lhe responder à pergunta. Assim, talvez pudesse chegar a uma resposta melhor.

Naquela noite, no quarto, Kōsuke voltou a enfrentar os papéis. Iria responder à pergunta do velho.

«O que acha dos seus pais?»

Kōsuke inclinou a cabeça. O que pensaria deles? Nem ele sabia ao certo.

Depois de entrar na escola básica, começou a irritar-se mais com eles. Mas não os odiava. Simplesmente, não suportava que se intrometessem nos seus assuntos ou que o tratassem como uma criança.

Não obstante, os planos de fuga das dívidas tinham-lhe causado uma enorme desilusão em relação aos pais. Se lhe perguntassem se os amava ou detestava, naquele preciso momento teria de dizer que os detestava. Não podia confiar neles. Era esse o motivo que o levava a estar tão incerto ao executar os seus planos.

Por muito que pensasse, não lhe saía outra resposta. Sem alternativas, Kōsuke redigiu a carta. Concluída, dobrou o papel, pô-lo no bolso e saiu de casa. Kimiko perguntou-lhe onde ia. Respondeu, somente, que ia a casa de um amigo. Ela estava tão atormentada com a iminente fuga que nem lhe ocorreu inquirir mais. Sadayuki ainda não estava em casa.

Como já passava das oito da noite, a portada do Bazar Namiya estava fechada. Kōsuke inseriu a carta dobrada em quatro na ranhura do correio e foi-se embora a correr.

Na manhã seguinte, levantou-se depois das sete. Na verdade, não dormira em condições.

Os pais ainda estavam a dormir quando Kōsuke saiu de casa.

A portada do Bazar Namiya continuava fechada. Olhou em volta, averiguando se não estaria por ali ninguém, e seguiu pela estreita viela da loja.

Abriu a paleta do leite. Tal como no dia anterior, estava lá dentro um envelope. Confirmou o nome na face e abandonou imediatamente o local.

Nem foi capaz de esperar até chegar à biblioteca. Havia uma carrinha parada na berma da estrada. Aproveitando a sua sombra, leu a carta ali mesmo.

Prezado Paul Lennon,

Já percebo melhor como se sente.

De facto, na situação atual, é complicado confiar nos seus pais. Talvez até seja óbvio que os odeie.

Mesmo assim, não lhe poderia dizer que virasse as costas aos seus pais e que fizesse aquilo que acha certo.

Em relação à família, a minha ideia é basicamente esta: exceto em casos em que seja mais benéfico seguir sozinho, as famílias devem ficar unidas. Por muito que os tenha passado a odiar ou que esteja farto dos seus pais, abandoná-los seria trair a própria ideia de família.

Na sua carta, escreveu que «agora» os detesta. Quero acreditar que o facto de ter adicionado esse «agora» poderá alimentar alguma esperança para o futuro. Ou seja, antigamente gostava dos seus pais, mas os acontecimentos recentes fizeram-no mudar os seus sentimentos em relação a eles. Concorde?

Se assim for, só tem um caminho a seguir.

Fugir das dívidas não é bom. Se possível, deveriam cancelar esses planos. Mas se já não o puder fazer, só lhe resta ir com eles. É esta a minha opinião.

Os seus pais terão as suas próprias opiniões. Decerto saberão que fugir nada resolverá, mas, primeiro, precisam de se esconder, de esperar por uma oportunidade e de ir resolvendo os problemas pouco a pouco.

Será preciso algum tempo até que tudo esteja resolvido. Provavelmente, hão de passar por dificuldades imensas. Mas é por isso mesmo que deve ficar ao lado da sua família. Talvez ele não lhe tenha dito tudo, mas o seu pai está preparado para muitas eventualidades. E isso será, sem sombra de dúvida, para proteger a família. Apoiar o seu pai na retaguarda é o papel que lhe está reservado a si e à sua mãe.

A maior desgraça seria se a fuga separasse a família. Isso não vos traria qualquer benefício. Evidentemente, fugir das dívidas não é a opção correta, mas, se a família estiver unida, talvez seja capaz de retomar o caminho certo.

Não sei a sua idade, mas, pela capacidade de escrita, imagino que seja aluno da escola básica ou do secundário. De qualquer dos modos, chegará o momento de dar apoio aos seus pais. O melhor é ir-se preparando para esse dia, aprimorando-se a si mesmo.

Por favor, acredite em mim. Por muito que o dia de hoje seja difícil, o dia de amanhã será melhor.

Bazar Namiya

Recebeu um telefonema do amigo que gostava dos Beatles na última semana das férias de verão. Era o amigo que lhe contara os rumores sobre as atuações da banda no Japão. Queria saber se podia ir agora a casa dele para fazer uma das suas habituais sessões de apreciação dos Beatles. Era fã da banda, mas não possuía um único disco, pois não tinha aparelhagem em casa. Por isso, quando queria ouvir os Beatles, ia a casa de Kōsuke.

— Desculpa, mas não vai ser possível durante algum tempo. A minha casa está a ser remodelada e não posso ligar a aparelhagem.

Assim que soube que ia ficar sem a aparelhagem, pensou logo numa desculpa para dar aos amigos, o que lhe permitiu responder sem hesitar.

— Não me digas — suspirou o amigo, desiludido. — Estava cheio de vontade de ouvir os Beatles. E com um bom sistema de som.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Kōsuke.

— Sim — disse o amigo, breve. Depois de alguns instantes a pensar, continuou: — Fui ver o filme. Estreou hoje.

Kōsuke lançou um suspiro. Percebeu imediatamente que falava do *Let It Be*.

— Como foi? — perguntou.

— Bem, serviu para perceber muitas coisas.

— Muitas coisas? Como assim?

— Várias coisas. Por exemplo, porque é que a banda se separou.

— Alguém explicou o motivo?

— Não. Durante a rodagem do filme, ainda não se sabia que a banda ia acabar. Mas dá para perceber porque é que tiveram esse fim. Não sei explicar bem, mas, se vires o filme, vais perceber.

O telefonema terminou sem que a conversa alguma vez se tornasse mais animada. Kōsuke voltou para o seu quarto e olhou para as várias capas dos discos dos Beatles. Além dos álbuns que recebera do primo, havia alguns que ele mesmo comprara. No total, eram mais de cinquenta.

Os discos eram a única coisa de que não estava disposto a abdicar. Houvesse o que houvesse, queria levá-los para a sua nova casa. Embora os pais lhe dissessem que tinha de reduzir os pertences ao máximo, jamais deixaria para trás a coleção.

Decidiu que não iria pensar mais na questão da fuga. Por muito que se opusesse, não achava que os pais mudassem de planos. Também era impossível que Kōsuke não os acompanhasse. Nesse caso, só lhe restava acreditar nas palavras do velho Namiya, que lhe dissera que os pais teriam a sua própria forma de pensar e que tudo havia de se resolver.

Mas porque é que o amigo lhe dissera aquilo? Que, vendo o *Let It Be*, perceberia tudo?

Ao jantar, naquela noite, Sadayuki revelou pela primeira vez os detalhes do seu plano de fuga. Seria executado no dia 31 de agosto, à noite. A ideia era partir assim que mudasse a data.

— Dia 31 é segunda-feira. Vou trabalhar nesse dia. Digo na empresa que vou estar de folga uma semana a partir do dia 1 de setembro. Mesmo que desapareça no dia seguinte, ninguém estranhará. Contudo, na semana seguinte, virá muita gente atrás de mim para inquirir sobre pagamentos. Saberão imediatamente que fugimos. Depois de nos mudarmos para a nova morada, vamos ter de sustentar a respiração durante algum tempo. Mas não te preocupes. Tenho poupanças suficientes para sobrevivermos um ou dois anos. Entretanto, vamos pensando no próximo passo.

O tom de Sadayuki exsudava confiança.

— Mas e a escola? Para que escola vou?

A pergunta de Kōsuke enegreceu a expressão de Sadayuki.

— Também ando a pensar seriamente nisso, mas, para já, não te consigo dar uma resposta definitiva. Até lá, vai estudando por ti mesmo.

— Por mim mesmo? Quer dizer que não vou à escola?

— Não é isso que estou a dizer. Para já, não vai dar, mas vai ficar tudo bem. A escola básica é ensino obrigatório. Tenho a certeza de que poderás ir para uma escola qualquer. Por isso, deixa de pensar no que não deves. Vou falar com o teu diretor de turma e informá-lo de que vais para o estrangeiro com a família durante uma semana por causa de trabalho e que vais começar as aulas uma semana mais tarde — concluiu Sadayuki, brusco e com uma expressão desagradada no rosto.

«Então e o liceu?» Kōsuke queria fazer a pergunta, mas ficou calado. Já tinha antecipado a resposta do pai. «Tenho tudo planeado, não te preocupes.» Ou algo do género.

Ficaria realmente bem se acompanhasse os pais? A incerteza voltou a apoderar-se de si. Mas não tinha escolha. Só lhe restava aceitar.

Assim, o tempo foi passando. Quando deu por isso, 31 de agosto era o dia seguinte. De noite, Kōsuke estava a fazer as malas quando a porta do quarto se abriu de rompante. Sobressaltado, olhou para cima. Era Sadayuki, de pé no seu quarto.

— Tens um minuto?

— Tenho, mas...

Sadayuki entrou e sentou-se de pernas cruzadas ao lado de Kōsuke.

— Já fizeste as malas?

— Mais ou menos. É melhor ficar com os manuais escolares, não?

— Sim, fazem falta.

— Além deles, tenho de levar isto aqui.

Kōsuke puxou para junto de si a caixa de cartão que tinha ao seu lado. Com os discos dos Beatles.

Sadayuki espreitou para a caixa, franzindo levemente o cenho.

— Tantos?

— Tentei reduzir ao máximo as outras coisas. Mas quero mesmo levar isto.

O tom de Kōsuke era forte.

Sadayuki concordou de modo incerto. Olhou em volta do quarto e, em seguida, fitou Kōsuke.

— O que achas do teu pai? — perguntou repentinamente.

— O que acho?

— Não estás zangado comigo por termos acabado assim? Não achas que sou uma vergonha?

— Uma vergonha, não — balbuciou. — Mas não sei no que estás a pensar e, para ser sincero, isso deixa-me nervoso.

— É natural, percebo porquê — aquiesceu Sadayuki.

— Pai, vai mesmo ficar tudo bem? Vamos poder voltar à vida que tínhamos antes?

Sadayuki pestanejou lentamente e assegurou:

— Vai ficar tudo bem. Não te consigo dizer o que temos de fazer ou até quando. Mas, um dia, vamos garantidamente recuperar as nossas vidas. Prometo.

— Juras?

— Juro. Para mim, o mais importante é a família. Para a proteger, faria tudo o que fosse necessário. Até pôr a minha vida em risco. É por isso... — Sadayuki fitou Kōsuke. — Que vamos fugir.

As palavras do pai pareceram-lhe verdadeiras. Era a primeira vez que escutava o pai a dizê-lo, o que o deixou surpreendido.

— Eu percebo — respondeu.

— Muito bem — disse Sadayuki. Deu uma palmada nos joelhos e levantou-se.

— O que vais fazer amanhã à tarde? As férias de verão estão quase a acabar. Queres encontrar-te com algum amigo?

Kōsuke abanou a cabeça.

— Já não quero saber de nada disso.

Queria ter adido que «nunca mais veria» os amigos, mas engoliu as palavras. Ainda assim, acrescentou:

— Mas posso ir a Tóquio?

— A Tóquio?

— Para ver um filme que me interessa. Está em exibição no cinema Subaru-za, em Yūrakuchō.

— Tem mesmo de ser amanhã?

— Eu não sei se alguma sala terá o filme em exibição da próxima vez que for a Tóquio.

Sadayuki mordeu o lábio inferior.

— Compreendo...

— Posso ir, certo?

— Sim. Mas tens de estar em casa ao fim da tarde.

— Eu sei.

— Então vá, boa noite — saudou Sadayuki, e saiu do quarto.

Kōsuke espreitou para dentro da caixa de cartão e retirou de lá um LP. Era uma cópia de «Let It Be» que comprara nesse ano. Mostrava as caras dos quatro elementos, alinhados nos seus respetivos quadrados.

Naquela noite, desejou adormecer a pensar em «Let It Be» e em nada mais.

Na manhã seguinte, Kōsuke saiu de casa depois de tomar o pequeno-almoço. Kimiko ainda o criticou, dizendo que «era escusado» ir ver um filme num dia como aquele. Mas Sadayuki estava persuadido.

Kōsuke tinha ido a Tóquio com amigos várias vezes. Mas era a primeira vez que o fazia sozinho.

Chegado a Tóquio, apanhou a linha Yamanote e desceu na estação de Yūrakuchō. Procurou pela sala de cinema num mapa dentro da estação. Ficava imediatamente ao lado.

Por ser o último dia das férias de verão, havia uma longa fila em frente ao cinema. Kōsuke pôs-se na fila e comprou o seu bilhete. Já tinha confirmado o horário do filme no jornal. Até ao início da sessão, faltavam trinta minutos. Com tempo de sobra, aproveitou para dar um passeio pela zona. Embora já tivesse estado em Tóquio, era a primeira vez que deambulava pelos bairros de Yūrakuchō e Ginza.

Poucos minutos depois de começar a andar, Kōsuke deu por si embasbacado.

Nunca pensou que houvesse uma cidade tão grande. As multidões e o tamanho dos edifícios em Yūrakuchō deixaram-no atónito. Já Ginza não era tão grande. Mas parecia haver algum evento especial. Todas as lojas estavam especialmente decoradas e cheias de gente. Todas as pessoas que passavam por ele tinham um ar apumado e opulento. Numa cidade normal, só haveria um lugar tão vívido, ao qual se chamaria avenida principal. Mas, nesta cidade, todos os lugares eram assim. Era como se fosse dia de festa por todo o lado.

Kōsuke reparou então no símbolo da Exposição Universal um pouco por toda a parte. «Pois é», pensou. «Estão a fazer a Exposição Universal em Osaka. É por isso que o Japão está tão festivo.»

Kōsuke sentiu-se como um peixe de rio às portas do vasto mar. Havia lugares como este no mundo. Havia quem celebrasse a vida em sítios como este. Ele, contudo, pertencia ao mundo do azar. A sua única escolha era viver num rio estreito e sombrio. Ainda por cima, a partir do dia seguinte teria de viver no fundo desse rio.

Cabisbaixo, afastou-se do local. «Este lugar não é para mim», concluiu.

Quando voltou ao cinema, já era hora do filme. Mostrou o bilhete, entrou e sentou-se. A sala não estava propriamente cheia. Pareceu-lhe que muitos dos presentes tinham vindo sozinhos.

Pouco depois, a sessão começou. Na primeira cena, surgiram as letras THE BEATLES no ecrã.

Kôsuke sentiu o coração a palpitar. Ia poder viver uma atuação dos Beatles. Só isso fez-lhe subir a temperatura corporal.

Contudo, esse calor diminuiu à medida que o filme foi prosseguindo.

Pouco a pouco, Kôsuke foi compreendendo a situação, ainda que vagamente.

Let It Be era um documentário com imagens de ensaios e concertos dos Beatles. Mas não era essa a intenção original por detrás das filmagens. Na verdade, os elementos da banda opunham-se ao filme. No fim de contas, as circunstâncias eram tão complexas que acabaram por ter de ceder e aceitar as filmagens.

Entre ensaios medíocres, ouviam-se conversas entre os elementos do grupo. Eram desinteressantes e incompreensíveis. Kôsuke leu as legendas com a máxima concentração possível, mas, mesmo assim, foi incapaz de entender a intenção de qualquer um dos músicos.

Não obstante, percebeu algo pelas imagens do filme: já não tocavam com o coração.

Não se podia dizer que discutissem ou que se recusassem a atuar. Os quatro elementos da banda cumpriam os deveres que tinham entre mãos. Todavia, todos estavam cientes de que esse esforço nada produziria.

Na última cena, os Beatles dirigem-se ao edifício da Apple Corps. Ali estavam os seus instrumentos e aparelhos de som, mais o *staff*. Era inverno e todos pareciam sofrer de frio. John Lennon envergava um casaco de pele.

E começou a atuação de «Get Back».

Era óbvio que o concerto não havia sido aprovado oficialmente. Assim que o poderoso som dos Beatles e as suas vozes cruas começaram a ressoar, a zona entrou em rebuliço, levando a polícia a movimentar-se.

Em seguida, tocaram «Don't Let Me Down» e «I've Got a Feeling». Contudo, não se sentia a sua paixão em nenhuma das canções. Aquela iria ser a última atuação dos Beatles, mas nenhum dos seus membros parecia emocionalmente afetado.

E o filme terminou.

Quando as luzes da sala de cinema se acenderam, Kôsuke permaneceu algum tempo no lugar. Não tinha vontade de se levantar. Sentia um peso no estômago, como se tivesse acabado de engolir chumbo.

«O que foi isto?», questionou-se. O filme foi completamente diferente do que esperava. Nenhum dos quatro trocava opiniões como deve ser e as conversas acabavam sempre em desacordo. Das suas bocas só saíam desagrado, rancor e

sorrisos estéreis.

Segundo os boatos, ao ver o filme, perceber-se-ia o porquê da separação dos Beatles. Todavia, não o compreendeu, pois, no filme, os Beatles já estavam acabados. O que Kōsuke queria saber era como haviam chegado àquele ponto.

No comboio de volta para casa, Kōsuke questionou-se: «Serão todas as separações assim?» Já dentro da carruagem, reviu o seu próprio raciocínio.

Para que os laços entre as pessoas cessem, não são necessários motivos concretos. Mesmo que haja uma razão, esta é apenas um pretexto acrescentado à história depois de a separação já ter acontecido emocionalmente. Se assim não fosse, quando os corações começam a afastar-se e ameaçam romper esses laços, alguém os tentaria consertar. O facto de ninguém fazer esse esforço mostra que a relação já está desfeita. Foi por isso que nenhum dos Beatles tentou salvar a banda, limitando-se a assistir à distância enquanto o barco se afundava.

Kōsuke sentiu-se traído, como se algo que tanto estimara tivesse sido arruinado. E tomou uma decisão.

Chegado à estação, foi até uma cabina telefónica e ligou ao amigo. Àquele que lhe dissera, na semana anterior, que tinha ido ver o filme *Let It Be*.

O amigo estava em casa. Quando atendeu o telefone, perguntou-lhe se não queria comprar discos.

— Discos? Que discos?

— Dos Beatles, obviamente. Tinhas dito que, um dia, gostavas de fazer a coleção.

— Sim... mas que discos estás a vender?

— Todos. Todos os discos que tenho. Não os queres comprar?

— O quê?! Todos?...

— Vendo-tos por dez mil ienes. É a discografia completa, não a vais encontrar em mais lado nenhum por esse preço.

— Eu sei disso, mas assim de repente nem sei o que responder. Eu nem sequer tenho aparelhagem.

— Tudo bem. Sendo assim, vou vender a outra pessoa.

Kōsuke estava prestes a desligar a chamada quando o amigo o instou:

— Espera... — A sua voz do outro lado do auscultador revelava uma imensa desorientação. — Tenho de pensar nisso, digo-te alguma coisa amanhã. Pode ser?

Ainda com o auscultador no ouvido, Kōsuke abanou a cabeça.

— Amanhã não dá.

— Porquê?

— Não há cá «porquês», não tenho tempo. Se não os comprares já, desligo a chamada.

— Espera, dá-me uns minutos. Cinco minutos, que tal?

Kōsuke suspirou.

— Pode ser. Daqui a cinco minutos, volto a ligar-te.

Kôsuke pousou o auscultador e saiu momentaneamente da cabina telefónica. Olhou para o céu; o sol começava a abater-se. Nem Kôsuke sabia porque decidira vender os discos. Mas, fosse por que motivo fosse, sentia que não podia ouvir mais os Beatles. Poderia dizer que uma certa estação chegara ao fim.

Decorridos cinco minutos, Kôsuke retornou à cabina e ligou novamente ao amigo.

— Eu compro os discos — respondeu. O tom de voz deixava transparecer um certo entusiasmo. — Falei com os meus pais e eles dizem que me arranjam o dinheiro. Mas disseram que vou ter de comprar a aparelhagem com o meu próprio dinheiro. Posso ir buscar os discos daqui a bocado?

— Sim, podes. Eu fico à espera.

Negócio fechado. Iria abdicar da sua coleção. Só de pensar nisso, sentiu um aperto no peito. Porém, Kôsuke começou a abanar a cabeça. Não era nada de especial. Voltando a casa, tirou os discos da caixa de cartão e dividiu-os por dois sacos de papel, para facilitar o transporte. Examinou as capas de cada disco individualmente. Tinha muitas memórias associadas a todos e cada um deles.

A sua mão deteve-se quando viu o LP *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Dizia-se que o álbum era uma compilação de várias canções criadas num período musicalmente mais experimental da banda. O *design* da capa era excêntrico. Apresentava os quatro membros em coloridos uniformes militares, rodeados pelos retratos de inúmeras figuras famosas de todo o mundo e de variados períodos da História.

Na ponta direita, via-se uma mulher parecida com a Marilyn Monroe. Ao lado, uma mancha preta emendada com marcador. Antigamente, tinha sido colada ali uma fotografia com a cara do antigo proprietário dos discos: o primo de Kôsuke. Decerto, o seu primo, que era um grande fã dos Beatles, também queria fazer parte da capa do disco. Quando Kôsuke descolou a fotografia, o papel da capa ficou com um rasgo, pelo que teve de usar marcador preto para o ocultar.

Kôsuke pediu desculpas ao primo, lá no céu, dizendo mentalmente: «Desculpa-me por vender os teus preciosos discos, mas não tenho alternativa.» Quando levou os sacos de papel para a entrada da casa, Kimiko questionou-o:

— O que estás a fazer?

Como não tinha motivos para lhe esconder a verdade, Kôsuke contou-lhe tudo.

— A sério? — revidou a mãe, anuindo sem particular interesse.

Pouco depois, o amigo chegou. Trocou um envelope com dez mil ienes por dois sacos de papel.

— Uau — exclamou o amigo, examinando o conteúdo dos sacos. — Mas tens a certeza? Esforçaste-te tanto para fazer a coleção!...

Kôsuke enrijeceu o rosto e coçou a parte de trás da cabeça.

— Sabes, senti-me subitamente farto deles. Já chega de Beatles. Para dizer a verdade, fui ver o filme.

— O *Let it Be*?

— Sim.

— Boa... — voltou o amigo, num misto de persuasão e pasmo.

O amigo ergueu os dois sacos de papel, Kōsuke abriu-lhe a porta da entrada. «Thank you», sussurrou o amigo, saindo. E virou-se para Kōsuke e despediu-se:

— Até amanhã.

«Amanhã?» A resposta tardou-lhe em sair. Tinha-se esquecido de que no dia seguinte começava o segundo semestre letivo. O amigo estava com um ar perplexo. Meio atrapalhado, respondeu-lhe:

— Sim, vemo-nos amanhã na escola.

Depois de fechar a porta da entrada, Kōsuke lançou um longo suspiro. Só se queria agachar ali por momentos, mas reprimiu o desejo.

Sadayuki regressou a casa pouco depois das oito da noite. Recentemente, era pouco habitual voltar para casa tão tarde.

— Fiz os últimos preparativos na empresa. Quero adiar ao máximo o alarido — declarou, desfazendo o nó da gravata. Trazia a camisa colada ao corpo e encharcada de suor.

Naquele dia, o jantar foi servido mais tarde. Seria a última refeição que tomariam naquela casa. A refeição foi caril do dia anterior. O frigorífico já estava vazio.

Enquanto comiam, Sadayuki e Kimiko foram conversando sobre as malas. Só levariam consigo o essencial: valores, roupa, artigos da casa de que necessitassem de imediato e os auxiliares de estudo de Kōsuke. Deixariam tudo o resto para trás. Já tinham contado inúmeras vezes o que iriam levar, estavam apenas a confirmá-lo mais uma vez.

De súbito, Kimiko contou-lhe sobre Kōsuke ter vendido os seus discos.

— Vendeste-os todos? Porquê? — questionou Sadayuki. Parecia genuinamente surpreso.

Com algum esforço e ainda cabisbaixo, Kōsuke respondeu:

— Mesmo que ficasse com eles, não ia ter aparelhagem.

— Entendo. Com que então, vendeste-os... boa, é mais fácil assim. Eram muito volumosos.

Em seguida, insistiu Sadayuki:

— E por quanto é que os vendeste?

Kōsuke ficou em silêncio sem nada responder. Então, Kimiko retorquiu em seu nome:

— Dez mil ienes...

— Dez mil ienes? Só? — O tom de Sadayuki transfigurou-se de imediato. — És mesmo estúpido! Quantos discos eram? Se bem me lembro, eram muitos LP. Aquela coleção toda nem por vinte ou trinta mil ienes. Mas vai daí e vende-los todos por dez mil... No que é que estavas a pensar?

— Não tinha intenção de lucrar com a venda — respondeu Kōsuke, de cabeça baixa. — Além disso, a maioria era do Tetsuo...

Sadayuki estalou a língua violentamente.

— És mesmo ingénuo! Quando podes receber dinheiro de alguém, tens de aumentar os valores o máximo possível, nem que seja dez ou vinte ienes. Nunca mais vamos poder viver como vivíamos antes, percebes?

Kōsuke ergueu o rosto. Só lhe apeteceu questionar: «E por culpa de quem?»

No entanto, ao ver a expressão do filho, Sadayuki deve ter antecipado as suas emoções.

— Percebeste? — repetiu.

Kōsuke nada disse. Pousou a colher com a qual comera o caril, agradeceu pela refeição e levantou-se.

— Então? O que é que te deu?

— Cala-te, já te disse que percebi.

— Hã? Falas assim com o teu pai, é? Que tom é esse?

— Querido, já chega — instou Kimiko.

— Não chega nada. Onde é que puseste o dinheiro? — interrogou Sadayuki.

— Os dez mil ienes.

Kōsuke olhou para o pai de cima a baixo. As veias de Sadayuki estavam perfeitamente visíveis, pulsantes.

— Quem te deu o dinheiro para comprares os discos? Compraste-os com a mesada, não foi? Quem é que trabalhou para ganhar essa mesada?

— Para, querido. Vais tirar dinheiro ao teu filho?

— Estou a perguntar-lhe se ele sabe a quem pertencia esse dinheiro.

— Basta. Kōsuke, vai para o teu quarto fazer os preparativos para a viagem.

Instigado por Kimiko, Kōsuke foi para a sala de estar. Subiu as escadas, entrou no quarto e deitou-se na cama. Olhou para o póster dos Beatles na parede. Levantou-se, arrancou-o e rasgou-o com as duas mãos.

Duas horas depois, bateram-lhe à porta. Kimiko espreitou pela frincha para dentro do quarto.

— Estás pronto?

— Acho que sim. — Kōsuke apontou com o queixo na direção da secretária. Tinha uma caixa de cartão e uma mala de desporto. Eram aqueles todos os seus pertences. — Vamos já?

— Sim, está quase na hora.

Kimiko entrou no quarto.

— Desculpa por te fazermos passar por isto.

Kōsuke manteve-se em silêncio. Não conseguia pensar numa resposta.

— Mas vai correr tudo bem, prometo. Só tens de aguentar algum tempo.

— Sim — anuiu, baixinho.

— Eu e o teu pai pomos-te sempre em primeiro lugar. Estamos preparados para fazer o que for preciso para que sejas feliz. Até estaríamos dispostos a dar as

nossas vidas por ti.

Cabisbaixo, Kōsuke sussurrou mentalmente: «Mentirosa.»

Como é que o filho poderia ser feliz quando toda a família tinha de fugir das dívidas a meio da noite?

— Bem, leva as tuas coisas lá para baixo daqui a meia hora — instou Kimiko, saindo do quarto.

Era como Ringo Starr. No filme *Let It Be*, Ringo tentou restaurar os Beatles, que se aproximavam da destruição. No fim de contas, o esforço de nada serviu.

Chegada a meia-noite, Kōsuke e a família partiram em plena escuridão. Iriam fugir numa velha carrinha branca que Sadayuki arranajara em parte incerta. Os três sentaram-se nos lugares da frente, com Sadayuki ao volante. A parte de trás do veículo estava cheia de caixas de cartão e malas, até ao cimo.

Dentro do carro, os três quase não falaram. Antes mesmo de entrar, Kōsuke perguntou:

— Para onde vamos?

— Quando chegares, saberás — respondeu Sadayuki.

Foi essa a única troca de palavras entre eles que se assemelhava minimamente a uma conversa.

Em seguida, o veículo entrou na autoestrada. Kōsuke não fazia a menor ideia de onde estavam ou para onde iam. De vez em quando, olhava para as placas de trânsito, mas não conhecia nenhum dos lugares neles inscritos.

Passadas duas horas, Kimiko disse que queria ir à casa de banho. Em resposta, Sadayuki desviou a carrinha para uma área de serviço. Kōsuke viu ali uma placa com a indicação «Fujikawa».

Talvez por ser já muito tarde, o parque de estacionamento estava vazio. Mesmo assim, Sadayuki parou a carrinha no lugar mais afastado de todos. Estava a tentar ao máximo não dar nas vistas.

Kōsuke entrou na casa de banho pública acompanhado por Sadayuki. Depois de urinarem, estavam a lavar as mãos quando Sadayuki se pôs ao seu lado.

— Durante algum tempo, não vais ter mesada. — Atónito, Kōsuke olhou para o pai através do espelho. — É óbvio — prosseguiu Sadayuki. — E tens os teus dez mil ienes, certo? Não chegam?

«Outra vez esta conversa?», pensou Kōsuke, enfasiado. Eram apenas dez mil ienes, que, ainda por cima, lhe haviam sido pagos por outro rapaz.

Sadayuki saiu da casa de banho sem lavar as mãos.

Enquanto o via de costas, Kōsuke escutou o som de um fio a romper-se. Era, provavelmente, o som que sustinha o seu último desejo de estar ligado ao pai e à mãe. E o fio rebentara. Ele sabia-o perfeitamente.

Ao sair da casa de banho, Kōsuke começou a correr na direção inversa àquela onde a carrinha estava estacionada. Não compreendia, sequer, a estrutura da área

de serviço. De qualquer dos modos, a única coisa que lhe ia na mente era afastar-se dos pais.

Correu com tudo o que tinha, cego em relação ao que o rodeava. Quando se deu conta, tinha chegado a um outro parque de estacionamento. Havia por ali estacionados vários camiões e carrinhas.

Pouco tempo depois, apareceu um homem. Entrou numa *pick-up*. Parecia prestes a arrancar.

Kôsuke correu na direção da *pick-up* e contornou-a. Espreitou para o interior da lona: continha inúmeras caixas de madeira empilhadas. Não cheirava mal e tinha espaço onde se esconder.

Subitamente, o motor da carrinha rugiu. Foi o último empurrão de que precisava. Kôsuke deslizou para dentro da caixa de carga da *pick-up*.

Rapidamente, a carrinha arrancou. O coração de Kôsuke palpitava freneticamente. Nem conseguia respirar e não dava sinais de que fosse relaxar.

Abraçou os próprios joelhos, afundou o rosto no meio deles e fechou os olhos. Queria adormecer. Dormir primeiro e pensar no que faria depois de acordar. Fizera algo terrível. Como viveria dali para a frente? Essa incerteza impedia-o de abandonar o estado de êxtase que o dominava.

Obviamente, Kôsuke não fazia ideia dos lugares por onde a carrinha passava, em parte, porque ainda estava escuro como breu. Mas, mesmo que fosse pleno dia, Kôsuke não teria maneira de adivinhar a localização com base na paisagem.

Julgava que não iria conseguir dormir um segundo que fosse, mas acabou por adormecer por algum tempo. Quando despertou, a carrinha tinha parado. Não aguardava pela mudança de cor de um semáforo; parecia ter chegado ao destino.

Kôsuke espreitou para fora da mala e observou o que o rodeava. Estava num vasto parque de estacionamento. Ao seu redor, havia estacionados camiões e carrinhas.

Certificou-se de que não estaria ali ninguém e desceu da caixa de carga. Manteve a cabeça baixa e caminhou até à saída. Teve sorte, não estava ali nenhum guarda de serviço. Ao sair, olhou para uma placa que indicava que se encontrava no lote de uma transportadora de Edogawa, em Tóquio.

Ainda estava escuro. Não havia lojas abertas. Sem alternativas, Kôsuke pôs-se a andar. Não sabia para onde ia, mas, de qualquer modo, caminhou. Se continuasse a caminhar, havia de chegar a algum lado.

À medida que andava, o dia foi clareando. Aqui e ali, começou a avistar paragens de autocarros. Ao ver o seu destino, foi como se os olhos se lhe abrissem. Iam para a estação de Tóquio. «Já sei.» Se seguisse em frente, acabaria por chegar à estação.

Mas o que faria, ali chegado? A partir da estação, para onde iria? Partiam incontáveis comboios daquela gare. Em qual andaria, questionou-se enquanto

caminhava.

Kôsuke descansou por instantes num pequeno parque e prosseguiu a caminhada. Embora soubesse que não podia pensar nos pais, não conseguia deixar de o fazer. O que fariam quando se apercebessem de que o filho desaparecera? Não o podiam procurar nem dá-lo como desaparecido diante das autoridades policiais. Não podiam voltar a ser uma família.

Provavelmente, os pais mantiveram o plano, seguindo até ao destino. Quando tudo acalmasse, pensariam em maneiras de procurar o filho. Todavia, não podiam agir abertamente, muito menos perguntar aos familiares ou aos amigos. Entre eles, os credores já preparavam a sua captura.

Kôsuke também não tinha maneira de se pôr à procura dos pais. Estes pretendiam viver ocultando a sua real identidade e nem sequer usariam os seus verdadeiros nomes.

Ou seja, nunca mais os veria. Só de pensar nisso, sentiu um calor ligeiro no peito. Contudo, não sentia remorso. Os seus corações de pais e filho tinham-se apartado e já não havia maneira de o remediar. Não fazia sentido continuarem juntos. Foi o que os Beatles lhe ensinaram.

À medida que o tempo foi avançando, o trânsito foi-se tornando mais intenso. O número de pessoas nos passeios também aumentou. Entre elas, havia crianças a caminho da escola. Relembaram Kôsuke de que nesse dia começava o segundo semestre letivo.

Kôsuke continuou a caminhar seguindo o trajeto dos autocarros. Já era setembro, mas o calor do verão perdurava. Tinha a camisola de manga curta encharcada de suor e coberta de pó.

Chegou à estação de Tóquio por volta das dez da manhã. Ao aproximar-se do edifício, perguntou de si para si se seria mesmo uma estação ferroviária. Era uma belíssima estrutura com tijolos vermelhos; lembrava uma enorme mansão europeia da era medieval.

Quando entrou no edifício, foi surpreendido pela sua grandeza. Enquanto caminhava, Kôsuke examinou a estação até que os dizeres «comboio-bala» lhe saltaram à vista.

Queria andar de comboio-bala pelo menos uma vez na vida. E aquele ano era a altura perfeita para o fazer, pois estava a decorrer a Exposição Universal em Osaka.

Na verdade, havia cartazes da Feira Universal um pouco por toda a parte. Segundo os anúncios, era fácil lá chegar de comboio-bala. Era só sair na estação de Shin-Ôsaka, apanhar o metro e descer na paragem seguinte.

Subitamente, teve vontade de lá ir. Tinha onze mil ienes na carteira: dez mil pela venda dos discos e o remanescente das doações de Ano Novo.

Ainda não tinha decidido o que faria depois de ver a Exposição Universal. Sentia que tudo se alinharia depois de lá ir. Um pouco por todo o Japão — não,

por todo mundo —, as pessoas estavam reunidas em clima de festa. Talvez ali encontrasse a solução para sobreviver sozinho.

Foi até ao guiché dos bilhetes e confirmou o preço. Ao ver a tarifa até Shin-Ôsaka, ficou mais relaxado. Não era tão caro quanto previra. Havia dois tipos de comboio-bala: o *Hikari* e o *Kodama*. Ainda hesitou, mas acabou por escolher o *Kodama*. Tinha de poupar.

Aproximou-se do guiché e pediu:

— Um bilhete para Shin-Ôsaka, por favor. — O funcionário olhou fixamente para Kôsuke. — Há desconto para estudante?

— Há, mas tem de mostrar o comprovativo de desconto ou o cartão de estudante.

— Ai é? Não tenho nada.

— Então vai ter de ser com o preço normal. Aceita?

— Sim, aceito.

Em seguida, o homem fez-lhe variadas perguntas, como a que horas desejava partir ou se queria lugar livre ou reservado. Kôsuke respondeu, algo confuso.

O homem pediu-lhe então que esperasse um pouco e desapareceu pelo fundo da sala. Kôsuke olhou para dentro da carteira. Depois de ter o bilhete nas mãos, queria comprar uma caixa de *bentô* na estação.

Foi aí. Uma mão tocou-lhe no ombro, por trás.

— Tens um minuto?

Ao virar-se, deparou com um homem de fato.

— O que foi?

— Quero perguntar-te uma coisa. Podes vir comigo? — instou o homem, ameaçador.

— Mas estou a comprar um bilhete...

— Não vai demorar, só precisas de responder às minhas perguntas. Vá, rápido — disse o homem, puxando Kôsuke pelo braço. Era fortíssimo e intimidador. Kôsuke não lhe pôde resistir.

Foi levado até uma sala que parecia um escritório. O homem disse que não lhe iria roubar muito tempo. Contudo, Kôsuke acabou por ficar retido várias horas. Porquê? Porque não respondeu às perguntas.

A primeira foi: «Nome e morada?»

O homem que o abordou na bilheteira era um inspetor da Divisão Juvenil da Polícia. Segundo lhe revelou, rondavam a estação de Tóquio à paisana, pois, no fim das férias de verão, muitos jovens saíam de casa. Quando avistaram Kōsuke a andar pela estação ensopado em suor e com um ar nervoso, souberam logo que também ele tinha fugido. O inspetor seguiu-o até à bilheteira, calculando o melhor momento e comunicando-o ao funcionário da estação. Ou seja, o funcionário da bilheteira não se levantara por acaso.

Provavelmente, o inspetor contou-lhe tudo na esperança de que Kōsuke falasse. De início, deveria achar que não seria nada de especial. Assim que Kōsuke lhe dissesse o nome e a morada, contactaria os pais ou a escola, e levá-lo-ia de volta.

No entanto, Kōsuke não podia revelar a sua identidade, houvesse o que houvesse. Se o fizesse, teria de expor a fuga noturna dos pais.

Kōsuke guardou silêncio até quando foi transferido dos escritórios na estação de Tóquio para um gabinete na esquadra de polícia. Quando lhe serviram bolas de arroz e chá de trigo, não aceitou de imediato. Estava esganado de fome, mas achou que teria de responder às perguntas caso comesse. O inspetor descortinou perfeitamente o seu comportamento. Rindo, insistiu:

— Come lá. Para já, fazemos tréguas.

O inspetor saiu então da sala.

Kōsuke devorou a bola de arroz. Não comera nada desde o resto de arroz com caril que partilhara com a família na noite anterior. O único recheio da bola de arroz era uma ameixa seca e salgada. Mesmo assim, ficou comovido. Não se lembrava de haver algo tão delicioso neste mundo.

Pouco depois, o inspetor regressou.

— Já estás com vontade de falar? — inquiriu de repente. Kōsuke manteve-se cabisbaixo. — Não vais mesmo falar, pois não?

O homem suspirou.

Prontamente, apareceu outro agente da polícia para falar com o inspetor. Mesmo só ouvindo fragmentos da conversa, Kōsuke percebeu que estavam a consultar as participações de jovens desaparecidos em todo o país.

Kōsuke estava particularmente preocupado com a escola. Se questionassem

todas as escolas básicas, saberiam que ele tinha faltado. Sadayuki tinha comunicado à escola que ele iria uma semana para o estrangeiro com a família, mas era possível que a escola o tivesse achado estranho.

A noite acabou por cair. Kōsuke teve direito a uma segunda refeição no gabinete da esquadra. O jantar foi arroz com tempura, também impecável.

O inspetor começou a fraquejar.

— Por favor, diz-me só o teu nome — negociou.

Kōsuke sentiu alguma pena dele.

— Fujikawa — sussurrou.

— O quê? — O inspetor ergueu o rosto. — O que é que disseste?

— Hiroshi... Fujikawa.

— Hã? — Atrapalhado, o inspetor pegou numa folha de papel. — Isso parece-me um nome. Como é que se escreve? Não, escreve tu aí.

Kōsuke pegou na caneta que lhe foi oferecida e escreveu: Hiroshi Fujikawa.

Decidiu usar um nome falso enquanto divagava. Chegou àquele nome combinando o apelido Fujikawa da área de serviço de Fujikawa, com Hiroshi, que tinha o mesmo carácter que a Exposição Universal.

— E a morada? — perguntou o inspetor. Kōsuke abanou a cabeça.

Passou a noite no gabinete da esquadra. Tinham-lhe arranjado uma cama amovível para dormir. Embrulhou-se no cobertor emprestado e dormiu até ao nascer do sol.

Na manhã seguinte, o inspetor confrontou Kōsuke:

— Vamos decidir como vai ser. Falas comigo honestamente ou queres ir para a instituição de menores? Se continuarmos assim, não nos vamos entender.

Todavia, Kōsuke permaneceu em silêncio. Evidentemente irritado, o inspetor coçou a cabeça.

— Mas o que é que se passou? O que é que os teus pais andam a fazer? Ainda não perceberam que o filho desapareceu?

Kōsuke não respondeu, limitando-se a olhar para a secretária.

— Já vi que não vamos a lado nenhum — declarou o inspetor, desistindo. — Seja como for, parece que a situação é grave. Aposto que Fujikawa nem é o teu apelido verdadeiro, pois não?

Kōsuke observou rapidamente o inspetor e voltou a baixar os olhos. Devia estar preparado para o pior cenário imaginável. O inspetor suspirou.

Pouco depois, Kōsuke foi transferido para uma instituição de menores. Imaginara um edifício parecido com uma escola, mas, na verdade, parecia-lhe mais uma antiga mansão europeia, o que o apanhou desprevenido. Quando indagou sobre o estilo, explicaram-lhe que, antigamente, era uma residência. Ainda assim, estava extremamente delapidada, com partes da parede a cair e partes do chão em mau estado.

Kôsuke passou cerca de dois meses na instituição. E foi forçado a encontrar-se com muitos adultos. Entre eles, havia médicos e psicólogos. Estes fizeram o seu melhor para revelar a verdadeira identidade do jovem que se apresentava como Hiroshi Fujikawa. Mas fracassaram todos, sem exceção. O que lhes causou mais estranheza foi o facto de não haver uma única participação pelo seu desaparecimento nos departamentos de polícia de todo o Japão. Queriam saber o que é que os pais ou outros encarregados estariam a fazer, mas ninguém se atreveu a fazer essa pergunta.

Depois de sair dali, Kôsuke foi mudado para outra instituição de proteção de menores: o Centro de Acolhimento Marumitsuen. Ficava algo afastado de Tóquio, mas a apenas trinta minutos de carro da sua antiga casa. Isso deixou-o inquieto, pois tinha medo de ver a sua identidade exposta. Ora, observando os adultos à sua volta, percebeu que apenas tinha sido transferido para ali porque havia vaga.

A instituição ficava em plena colina. Era um edifício de quatro andares rodeado de vegetação. Viviam ali crianças, desde bebés a adolescentes com bigodes juvenis.

— Se não quiseres contar quem és, tudo bem. Mas tens de nos dizer a tua data de nascimento. Senão, não te conseguimos pôr na escola — asseverou uma funcionária de meia-idade e óculos.

Kôsuke ponderou. A sua data de nascimento real era 26 de fevereiro de 1957. «Mas, se lha revelo, a minha identidade será exposta», pensou. Mesmo assim, não podia fingir que era mais velho: nunca tinha visto sequer os manuais do nono ano.

Depois de alguma reflexão, Kôsuke respondeu: 29 de junho de 1957.

Foi o dia em que os Beatles aterraram no Japão.

⁹ O carácter «博», que figura no nome da «Exposição Universal» (em japonês, 万国博覧会), também pode ser lido como Hiroshi. (NT)

A segunda garrafa de *Guinness* chegou ao fim.

— Quer mais uma? — perguntou Eriko. — Ou prefere outra bebida?

— Sim, prefiro outra.

Kôsuke examinou as garrafas de álcool expostas na prateleira.

— Queria um *Bunnababbain* com gelo, se faz favor.

Eriko anuiu, tirando para fora um copo de uísque.

No bar, passava a canção «I Feel Fine». Kôsuke bateu com os dedos no balcão ao ritmo da música, mas entretanto decidiu conter-se.

Quando voltou a examinar o bar, ponderou sobre como seria possível a existência de um negócio como aquele naquela pequena vila. Era inesperado. Kôsuke conhecia alguns fãs dos Beatles. Ainda assim, não esperava encontrar naquela zona uma obsessão por eles superior à sua.

A proprietária começou a raspar gelo com o picador. Enquanto olhava para ela, lembrou-se de quando raspava troncos de árvores com um cinzel.

A vida na instituição não era má. Não tinha de se preocupar com a comida e permitiam-lhe a frequência da escola. No seu primeiro ano, os estudos não lhe custaram nada, pois fingira ser mais novo.

Continuou a usar o nome «Hiroshi Fujikawa». Toda a gente o tratava por Hiroshi. Inicialmente, demorava a responder-lhes. Mas depressa se habituou a ser chamado por esse nome.

Mas não tinha ninguém a quem chamar amigo. O mais correto seria dizer que nem tentou fazer amigos, pois, se se tornasse próximo de alguém, teria vontade de revelar o seu nome verdadeiro e o que lhe sucedera. Para que tal não acontecesse, tinha de continuar sozinho. Como ele era assim, quase ninguém se aproximava. Deviam achá-lo esquisito. Embora nunca ninguém lhe tivesse feito *bullying*, andava sempre sozinho na instituição e na escola.

Embora não tivesse amigos com quem se divertir, nunca se sentiu particularmente solitário, pois descobriu uma forma de se entreter depois de entrar na instituição: esculturas em madeira. Apanhava a madeira caída na zona e, com ela, esculpia o que lhe apetecia. Inicialmente, era apenas uma maneira de passar o tempo. Mas a dado momento começou a deixar-se levar pela escultura.

Animais, robôs, bonecos, carros: criou de tudo um pouco. Quando tinha de fazer algo mais complexo, sentia o prazer do desafio. Nunca desenhava esboços, achava mais interessante esculpir em função da evolução do trabalho.

Quando terminava uma escultura, oferecia-a às crianças mais novas. Quando recebiam pela primeira vez um presente do antipático «Hiroshi Fujikawa», estranhavam. Mas quando punham as mãos nas esculturas, sorriam. Afinal, eram raras as ocasiões em que podiam ter novos brinquedos.

A dado momento, começou a receber pedidos: quero o Moomin, quero o Kamen Rider, diziam. E Kōsuke correspondia aos pedidos que lhe faziam. Mal podia esperar para ver as expressões alegres das crianças.

As suas esculturas em madeira tornaram-se célebres até entre os coordenadores da instituição. Um dia, foi chamado ao gabinete de orientação. E fizeram-lhe uma proposta inesperada: não queres ser carpinteiro? O diretor da instituição conhecia alguém que esculpia profissionalmente em madeira e que procurava um sucessor. Se aceitasse ser o seu aprendiz, ajustaria o tempo na oficina para poder ir à escola, desta feita, a secundária.

Estava prestes a concluir a escola básica. Os funcionários da instituição estavam preocupados com o que Kōsuke faria no futuro.

Pouco antes disso, foi concluído um processo que dizia respeito a Kōsuke: a criação do seu registo familiar. O Tribunal de Família e Menores aprovava finalmente o pedido que havia sido feito em seu nome.

Por norma, o procedimento era apenas adotado em casos de abandono de crianças mais novas. Para alguém da idade de Kōsuke, era uma raridade. Ele havia ocultado a sua identidade perante a polícia, que, por sua vez, nunca teria maneira de o acusar, pelo que nem era necessário fazer um pedido dessa natureza.

Kōsuke encontrou-se inúmeras vezes com responsáveis do Tribunal de Família e Menores. Tentaram repetidamente que falasse sobre o seu passado. Mas ele respondeu-lhes como havia feito até então — guardou silêncio.

Era possível que se tivesse esquecido das suas origens por força de um qualquer choque psicológico. Ou seja, ele não conseguiria falar de si próprio mesmo que tentasse. Foi esse o cenário criado pelos adultos que o rodeavam. Provavelmente, consideravam-na a melhor abordagem para lidar com um caso trágico como o seu.

Mesmo antes de concluir a escola básica, Kōsuke gravou o nome «Hiroshi Fujikawa» no registo familiar. Imediatamente a seguir, tornou-se no aprendiz de um carpinteiro de Saitama.

O trabalho de carpintaria era tudo menos fácil. O mestre era um típico artesão, inflexível por natureza, casmurro. No primeiro ano de aprendizagem, Kōsuke limitou-se a tratar dos materiais de pintura e a limpar a oficina. Só lhe foi permitido esculpir madeira quando entrou no décimo primeiro ano. O mestre ordenava-lhe que esculpisse uma forma particular e ele criava dez esculturas iguais por dia. Tinha de repetir cada tarefa até que a forma ficasse igual ao modelo. Para ele, era uma tarefa pouco interessante.

Ainda assim, o mestre era boa pessoa e ajudou Kōsuke a planejar seriamente o seu futuro. O chefe entendeu que fazer de Kōsuke um bom carpinteiro seria a sua missão de vida. Kōsuke sentia que o mestre não agia assim simplesmente por procurar um sucessor. A mulher dele era igualmente afável.

Começou realmente a ajudar o mestre carpinteiro depois de concluir o ensino secundário. Primeiro, nas tarefas mais simples. Quanto mais se habituava ao trabalho e mais confiança ganhava, mais complexas, mas também compensadoras, eram as tarefas que o mestre lhe delegava.

O seu dia a dia fazia-o sentir-se pleno. Embora não se tivesse esquecido da fuga noturna com a família, a frequência desse episódio na sua memória diminuiu. Além do mais, concluiu o seguinte: a sua decisão nessa noite tinha sido a mais correta.

Ainda bem que não tinha ido com os pais. Separar-se deles naquela noite foi a escolha acertada. O que teria sido de si se tivesse acatado os conselhos do velhote do Bazar Namiya?

Um dos primeiros choques que Kōsuke sofreu foi em dezembro de 1980. Na televisão, passava a notícia de que John Lennon, ex-membro dos Beatles, havia sido assassinado. A efeméride reavivou-lhe as memórias dos tempos em que era obcecado pelos Beatles. Sentiu desgosto, uma amargura imensa. Entre a sua dor, havia ainda resquícios de nostalgia.

Subitamente, perguntou de si para si se John Lennon estaria arrependido por ter causado a separação dos Beatles. Não se teria censurado a si mesmo por ter espoletado um fim demasiado precoce para a banda?

Mas Kōsuke abanou imediatamente a cabeça. Era impossível. Após a separação

do quarteto, cada membro continuou no ativo a solo. Tal devia-se ao facto de se terem libertado de uma maldição chamada «The Beatles». Do mesmo modo, Kōsuke podia ser feliz porque escapara à escravidão dos laços filiais.

Estava ainda mais convencido de que, depois de dois corações se separarem, nunca mais se poderiam voltar a unir.

Oito anos volvidos, num certo dia de dezembro, leu um artigo chocante no jornal: um incêndio no Centro de Acolhimento Marumitsuen. Havia vítimas mortais.

O mestre carpinteiro instou-o a ir ver o que se passara. No dia seguinte, conduziu a carrinha ligeira até ao Centro de Acolhimento. Nunca mais lá tinha ido desde que concluía o secundário, cerca de dez anos antes. Metade do edifício do Centro Marumitsuen tinha sido tragada pelas chamas. As crianças e os funcionários da instituição faziam a sua vida, temporariamente, no ginásio de uma escola primária próxima dali. Embora lhes tivessem sido facultados alguns aquecedores, pareciam estar todos a morrer de frio.

O diretor do espaço tinha envelhecido imensamente. De qualquer dos modos, estava felicíssimo pela visita de Kōsuke. Estava surpreso por ele, outrora um rapaz tão fechado em si mesmo que nem revelava o seu verdadeiro nome, se ter tornado no tipo de adulto que se preocupava com um incêndio na instituição.

«Se puder ajudar de alguma maneira...», predispôs-se Kōsuke. O diretor agradeceu-lhe, dizendo que esse sentimento, por si só, era mais do que suficiente.

Estava prestes a abandonar o espaço quando foi abordado por alguém.

— Fujikawa?

Ao virar-se, viu uma jovem mulher que se aproximava. Devia estar na casa dos vinte anos e envergava um casaco de peles. Deveria ser caríssimo.

— Bem me pareceu. És o Hiroshi Fujikawa, não és? — Os olhos dela brilharam. — Sou a Harumi. Harumi Mutō. Lembras-te de mim?

Infelizmente, não se recordava do nome. Ela abriu então a mala que trazia a tiracolo e removeu qualquer coisa lá de dentro.

— E com isto, já te lembras?

— Ah — exclamou Kōsuke irrefletidamente.

Era um cãozinho esculpido em madeira. De facto, lembrava-se dele. Tinha-o esculpido quando vivia no Centro de Acolhimento Marumitsuen.

Olhou novamente para a mulher. Sentia que a conhecia de algum lado.

— Da instituição?

— Sim — acedeu. — Foste tu que me deste isto, Fujikawa. Quando eu andava no quinto ano.

— Já me lembro. Mas só mais ou menos...

— A sério? Eu nunca me esqueci. Sempre o vi como um dos meus tesouros.

— Não me digas... peço desculpa.

Sorrindo, repôs o cão de madeira na mala. E dela retirou um cartão de visita com a indicação: «Office Little Dog CEO: Harumi Mutô.»

Kôsuke também lhe deu o seu cartão de visita. O rosto de Harumi iluminou-se.

— Carpinteiro... então tornaste-te mesmo profissional!

— Se perguntares ao meu mestre, ele diz-te que ainda me falta muito para lá chegar — disse Kôsuke, a coçar a cabeça.

Havia um banco do lado de fora do ginásio. Sentaram-se lado a lado. Harumi contou-lhe que também soubera do incêndio pelas notícias. Assim que soube do sucedido, foi logo para a instituição para prestar auxílio.

— O Centro fez tudo por mim. Esta é uma bela ocasião para retribuir o gesto.

— Pois é. É de louvar.

— E tu vieste fazer o mesmo. Não foi, Fujikawa?

— Só vim porque o mestre carpinteiro pediu. — Kôsuke examinou o cartão de visita dela. — Geres uma empresa? Que tipo de empresa é?

— É uma pequena empresa. Planeamos eventos para jovens e também trabalhamos com publicidade.

— Interessante — retrucou Kôsuke, diplomático. Tinha dificuldade em imaginar o que a empresa faria ao certo. — Mas isso é incrível, teres uma empresa, sendo ainda tão jovem.

— Não é nada para me gabar, tive alguma sorte, nada mais.

— Não acho que possa ser só sorte. A vontade de criar uma empresa, por si só, já é uma coisa fantástica. É muito mais difícil do que ser contratado por alguém e viver do salário que nos dão.

Harumi meneou a cabeça.

— É uma questão de personalidade. Eu não tenho muito jeito para servir os outros. Nunca durei muito tempo a trabalhar em *part-time*. Por isso, quando saí da instituição, passei muito mal, pois não sabia o que fazer da vida. Foi então que recebi um conselho precioso de uma certa pessoa. O seu conselho ajudou-me a definir o rumo da minha vida.

— De uma certa pessoa?

— Sim. — Alguns momentos depois, acrescentou: — De um bazar.

— De um bazar?

Kôsuke ergueu o sobrolho.

— Era um bazar que ficava perto da casa de uma amiga. Era famoso por dar conselhos. Até foi mencionado numa revista. E quando lá fui, deu-me uns conselhos maravilhosos. Só tenho a vida que tenho agora graças a essa pessoa.

Kôsuke perdeu as palavras. Não havia dúvidas: ela estava a falar do Bazar Namiya. Não conseguia pensar noutro bazar assim.

— Não acreditas no que te estou a dizer? — perguntou ela.

— Nada disso, acredito. Não sabia é que havia um bazar como esse.

Kōsuke fingiu estar calmo.

— É curioso, não achas? Não sei o que foi feito do bazar.

— Seja como for, fico contente por o trabalho te estar a correr bem.

— Obrigada. Mas, na verdade, faço mais dinheiro com a minha outra ocupação.

— Outra ocupação?

— Sim, sou investidora. Transaciono ações, imobiliário, etc. E também quotas de clubes de golfe.

— Ah, já sei — concedeu Kōsuke.

Ultimamente, ouvia-se falar muito daquilo. A explosão nos preços do imobiliário criara uma conjuntura favorável para os investidores, o que também beneficiava os carpinteiros e escultores em madeira.

— Fujikawa, não tens interesse em ações?

Kōsuke abanou a cabeça e riu-se.

— Não, nenhum.

— Entendo. Cada um sabe de si, mas...

— Mas?

Harumi parecia algo perdida. Mas continuou:

— Se investires em ações ou imobiliário, fá-lo antes de 1990. Depois disso, a economia japonesa vai entrar em declínio.

Perplexo, Kōsuke olhou para ela. Pronunciara aquelas palavras com uma enorme confiança.

— Desculpa — pediu Harumi, com um sorriso embaraçado. — Só digo coisas esquisitas. Esquece o que te disse.

Olhou então para o relógio de pulso e levantou-se.

— Fico feliz por te ver depois de tanto tempo, espero que possamos repetir algum dia.

— Sim, eu também. — Kōsuke levantou-se. — Fica bem.

Depois de se despedir de Harumi, Kōsuke voltou para a carrinha. Ligou a ignição e partiu, mas logo a seguir pôs o pé no travão.

O Bazar Namiya...

Subitamente, ficou com curiosidade em relação à loja. No fim de contas, Kōsuke não acatara os conselhos do velhote e achava que essa tinha sido a escolha certa. Ora, também havia gente, como Harumi, que lhe estava grata.

Que teria sido feito do bazar?

Kōsuke voltou a pôr o carro em andamento. Algo indeciso, seguiu na direção contrária àquela por onde viera. Queria ir ver o Bazar Namiya. Provavelmente, já tinha sido demolido. Sentia que, de certa forma, seria capaz de solucionar algo se fosse confirmar o estado do bazar.

Havia dezoito anos que não ia à vila onde nascera e crescera. De mãos pregadas no volante, foi deixando as memórias retornar. Era praticamente impossível que alguém se lembrasse dele olhando para a sua cara. De qualquer das maneiras, Kōsuke estava preparado para não dar nas vistas. Estava fora de questão qualquer aproximação da sua antiga casa.

A vila estava mudada. Consideravelmente. Havia mais casas e as estradas tinham sido alcatroadas, talvez graças à economia favorável.

O Bazar Namiya, esse, continuava no mesmo sítio e com a mesma aparência. A degradação do edifício era evidente e o letreiro tornara-se esbatido a ponto de ser difícil ler o que nele estava escrito. Não obstante, a casa mantivera a estrutura. Kōsuke tinha a certeza de que, se abrisse a portada ferrugenta, veria produtos alinhados dentro do bazar.

Kōsuke saiu do carro e aproximou-se do edifício. A saudade e a tristeza apoderaram-se dele. Reviveu mentalmente a noite em que deixou uma carta na ranhura do correio, perguntando se deveria fugir com os pais ou não.

Quando deu por isso, tinha entrado na viela lateral da casa que dava acesso às traseiras. A paleta do leite continuava lá, como sempre. Experimentou remover-lhe a tampa, mas não havia nada no seu interior.

Suspirou. «O que é que estou aqui a fazer? É melhor ir-me já embora.»

Foi nesse instante. A porta abriu-se, revelando um homem. Parecia ter os seus cinquenta anos.

O homem também parecia surpreso. Decerto não pensava encontrar alguém ali.

— Ah, peço desculpa — declarou Kōsuke, fechando nervosamente a tampa da paleta do leite. — Não estou aqui para fazer nada esquisito. Simplesmente, hum...

Não se conseguia lembrar de nenhuma desculpa plausível.

O homem examinou o rosto de Kōsuke e a paleta do leite com uma expressão pasmada. Foi então que perguntou:

— Não me diga que veio pedir conselhos!

— O quê? — revidou Kōsuke.

— Não é isso? Nunca escreveu uma carta a pedir conselhos ao meu pai?

Kōsuke estava boquiaberto. O seu disfarce tinha sido descoberto. Kōsuke cedeu.

— Sim, escrevi. Há muito tempo...

A boca do homem relaxou.

— Bem me pareceu. Se assim não fosse, não tocara na paleta do leite.

— Peço desculpa, há muito tempo que não vinha para esta zona e deu-me uma certa nostalgia...

Kōsuke baixou a cabeça.

O homem sacudiu a mão, menorizando o sucedido.

— Não tem de pedir desculpa. Sou o filho do senhor Namiya. O meu pai morreu há oito anos.

— Não me diga... Então, quem vive aqui agora?

— Ninguém. De vez em quando, venho cá dar uma vista de olhos, mas pouco mais.

— Não está a pensar demoli-lo, pois não?

— Bem — tartamudeou o homem, baixinho. — Não posso fazer tal coisa, tendo em conta as circunstâncias. Ainda há alguns trabalhos por fazer.

— A sério?

Queria saber que circunstâncias eram essas, mas achou que seria indelicado perguntar.

— Pediu conselhos a sério, não foi? — continuou o homem. — Se estava a olhar para a paleta do leite, era porque o pedido era genuíno. Não era uma carta a gozar com o meu pai, pois não?

Sabia exatamente o que queria dizer com aquilo.

— Sim. Pedi conselhos com toda a sinceridade.

O homem anuiu e voltou a olhar para a paleta do leite.

— O meu pai só fazia coisas estranhas. Se tinha tempo para dar conselhos aos outros, porque é que não pensou mais no seu negócio? Ao que parece, ajudar os outros era o que lhe dava sentido à vida. Ter tanta gente a sentir-se grata enchia-o de satisfação.

— Veio cá muita gente agradecer-lhe?

— Sim, digamos que sim. Recebemos imensas cartas. Antes, eu ficava preocupado só de pensar que conselhos o meu pai poderia ter dado. Mas, depois de ler essas cartas, fiquei mais descansado.

— Ou seja, eram cartas a agradecer?

— Sim.

O homem levantou o queixo. Tinha um olhar sério.

— Uma dessas cartas era de alguém que tinha pedido conselhos ao meu pai quando era criança e que agora implementava esses conselhos para ensinar os seus alunos. Outra tinha sido escrita não pela própria pessoa que pedira conselhos, mas pela sua filha. Contou que a mãe pedira conselhos ao meu pai porque estava grávida de um homem que tinha mulher e filhos.

— Entendo. Então, havia todo o tipo de pedidos.

— Precisamente. Li essas cartas de agradecimento com toda a atenção. O meu pai foi capaz de manter o serviço de aconselhamento ao longo de muito tempo. Por um lado, havia cartas mais sérias, como uma de um rapaz que queria saber se devia fugir das dívidas com os pais. Por outro, escreviam cartas com problemas triviais, como «apaixonei-me pelo meu professor preferido».

— Espere... — Kōsuke esticou o braço direito. — Houve um pedido de aconselhamento sobre «fugir das dívidas com os pais»?

— Sim.

O homem pestanejou, como se questionasse «e então?».

— E essa pessoa escreveu uma carta a agradecer?

— Sim — anuiu o homem. — Disse que o meu pai a aconselhou a ficar com os pais dela. Essa pessoa fez tal como instruído e escreveu na carta que estava contente por o ter feito, pois teve uma vida feliz com os progenitores.

Kōsuke franziu o sobrolho.

— Quando? Quando é que recebeu a carta de agradecimento?

O homem revelou alguma renitência.

— Pouco antes de o meu pai morrer — respondeu. — Mas também aqui há certas circunstâncias envolvidas. A carta de agradecimento não foi escrita nesse momento.

— Como assim?

— Bem, na verdade... — O homem parou de falar a meio. Então, sussurrou «vou-me meter em sarilhos...». — É melhor não dizer coisas sem sentido. Não faça caso, não ia dizer nada de especial.

O comportamento do homem era algo bizarro. Depois inseriu a chave na ranhura da porta das traseiras.

— Tenho de ir andando. Pode ficar o tempo que lhe aprouver, veja à vontade. Mas acho que não vai ter grande coisa para ver.

O homem curvou as costas, parecia cheio de frio. Em seguida, começou a andar pela viela. Kōsuke observou-o até que lhe desapareceu da vista. Depois voltou a concentrar-se na palete do leite.

Por instantes, a palete pareceu-lhe distorcida.

Quando deu por isso, estava a tocar a canção «Yesterday». Kōsuke acabou de beber o uísque e pediu mais um à dona do bar.

Baixou os olhos na direção do papel de carta. Teve de pensar muito para a concluir. Por fim, lá acabou de a escrever, e dizia o seguinte:

Ao Bazar Namiya,

Há cerca de quarenta anos, escrevi-lhe uma carta a pedir-lhe conselhos. Na altura, usei o pseudónimo «Paul Lennon». Lembra-se de mim?

Na minha carta, contei-lhe que os meus pais estavam a planejar fugir por causa de dívidas e perguntei-lhe se devia ir com eles ou não.

O senhor Namiya respondeu que não devia abandonar a família, que devia confiar nos meus pais e ir com eles.

Por momentos, estive decidido a fazer como me instruiu. Cheguei, inclusive, a sair de casa com os meus pais.

Mas, a meio caminho, não consegui aguentar. Não podia confiar neles, especialmente no meu pai. Era incapaz de confiar neles o resto da minha vida. Os nossos laços de pais e filho já se haviam rompido.

Fugi deles num certo sítio. Não fazia ideia do que seria de mim dali para a frente, mas sabia que não podia ficar com eles.

Não sei o que lhes aconteceu. De qualquer dos modos, falando apenas de mim próprio, posso afirmar com toda a certeza que a minha decisão foi a acertada.

É claro que a minha vida teve altos e baixos, mas fui feliz. Tenho hoje uma vida que me permite ser financeira e emocionalmente estável.

Ou seja, ir contra os conselhos do senhor Namiya foi a escolha certa. Não me interprete mal: não escrevi esta carta por ódio. Simplesmente, li na Internet que queriam saber honestamente como é que os conselhos do Bazar Namiya mudaram as nossas vidas. Portanto, acho que faz sentido partilhar a minha história enquanto alguém que não acatou esses conselhos.

No fim de contas, só podemos mudar as nossas vidas pelas nossas próprias mãos.

Não sei se esta carta será lida pela família do falecido senhor Namiya. Caso vos

Um novo copo de uísque foi colocado em cima do balcão. Kōsuke sorveu um gole da bebida.

Recordou-se de finais de 1988, daquilo que o filho do velho proprietário do bazar lhe dissera. Pelo que lhe contou, havia uma carta igual à que Kōsuke escrevera. Mas, nesse caso, o autor tinha acatado os conselhos do Sr. Namiya, ficou ao lado dos pais e, no fim de contas, foi feliz.

Era uma estranha coincidência. Portanto, havia mais uma criança na vila atormentada pelo mesmo problema.

Como é que essa criança e os seus pais tinham conseguido ser felizes? Kōsuke pensou na sua própria família, e não achava que houvesse uma solução fácil, uma outra escapatória. Foi por isso que os pais de Kōsuke tiveram de fugir sorrateiramente à noite das suas dívidas.

— Já acabou a sua carta? — perguntou a dona do bar.

— Sim, mais ou menos.

— É muito raro escrever-se uma carta à mão nos dias que correm.

— Pois é. Deu-me repentinamente vontade de escrever.

Foi à tarde. Estava a pesquisar algo no computador quando deparou com um texto num certo blogue. Os seus olhos reagiram de imediato ao ler as palavras «Bazar Namiya». O texto dizia o seguinte:

No dia 13 de setembro, da meia-noite até ao amanhecer, o serviço de aconselhamento do Bazar Namiya estará de volta. Pedimos a todos aqueles que antigamente pediram conselhos e receberam respostas do bazar que nos digam qual o impacto que teve nas vossas vidas. Ajudou-vos? Ou não? Partilhem-no connosco sem reservas. Basta pôrem as vossas cartas na portada da loja, tal como antigamente. Muito obrigado.

Estava chocado. «Não pode ser verdade», pensou. Era, decerto, uma partida de mau gosto. Mas qual seria a piada?

Encontrou rapidamente a fonte da informação. Havia um *site* com o título «Regresso do Bazar Namiya por apenas uma noite». O gestor da página intitulava-se «descendente do proprietário do Bazar Namiya». Como 13 de setembro marcaria o trigésimo terceiro aniversário da morte do dono da loja, decidiu criar esse evento como uma espécie de oferta.

Kōsuke não conseguiu tirar a informação da cabeça o dia inteiro. Nem conseguia concentrar-se no trabalho.

Como sempre, jantou um combinado num restaurante modesto e rumou a

casa. Mas ainda se sentia deprimido. Por fim, voltou a sair de casa sem trocar de roupa. Como vivia sozinho, não precisou de contar fosse a quem fosse para onde ia.

Ainda confuso, entrou no comboio. Sentia-se movido por algo desconhecido. Releu a carta que acabara de escrever. Percebeu que a sua vida estava finalmente a aproximar-se da sua lógica conclusão.

A música de fundo mudara para a canção «Paperback Writer». Kōsuke adorava aquela canção. Olhou distraidamente para um leitor de CD e, depois, para o giradiscos ao seu lado.

— Também toca discos analógicos? — perguntou.

— Muito raramente, só para os clientes habituais que peçam — respondeu a proprietária.

— Desculpe... mas podia mostrar-me os discos? Não precisa de os tocar.

— Claro — acedeu a mulher, desaparecendo ao fundo do balcão.

Voltou de imediato com vários LP.

— Tenho mais, mas estão em casa.

Em seguida, dispôs os discos pelo tampo do balcão.

Kōsuke pegou num dos discos: *Abbey Road*. Foi vendido antes de *Let It Be*, mas, na prática, foi o último álbum dos Beatles. A capa, com os quatro elementos a atravessar a passadeira, era famosa a ponto de ser lendária. Por uma qualquer razão, Paul McCartney está descalço. Na altura, esse facto motivou boatos de que «Paul já estava morto».

— Que saudades — sussurrou inconscientemente, pegando num segundo disco. Era *Magical Mystery Tour*. Era o disco da banda sonora de um filme com o mesmo título, mas o filme era indecifrável. O terceiro álbum era *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Era um marco extremamente famoso da música *rock*.

Os olhos de Kōsuke fixaram-se num ponto. No lado direito da capa, via-se a figura de uma esbelta mulher loira. Antigamente, julgava que fosse Marilyn Monroe. Só quando se tornou adulto descobriu que era, na verdade, uma atriz chamada Diana Dors. Ao lado dela, havia marcas de descolagem da impressão reparadas com marcador permanente.

O sangue começou a ferver-lhe, o seu coração, a bater mais depressa.

— Isto, isto...

Sentiu a voz esbater-se. Engoliu em seco e olhou para a mulher.

— Isto é seu?

A dona da casa parecia algo confusa.

— De momento, sou eu que o guardo. Mas pertencia originalmente ao meu irmão.

— Ao seu irmão? Mas porque ficou com ele?

A mulher lançou um longo suspiro.

— O meu irmão morreu há dois anos. Tornei-me fã dos Beatles por influência

dele. Desde pequenino que adorava a banda. Quando se tornou adulto, decidiu que, um dia, gostaria de ter um bar temático dedicado aos Beatles. Pelos seus trinta anos, demitiu-se do emprego e abriu este bar.

— Entendo... o seu irmão tinha alguma doença?

— Sim, um cancro, na zona do peito.

A mulher premiu gentilmente o próprio peito.

Kôsuke examinou o cartão de visita que ela lhe dera instantes antes. Eriko Haraguchi.

— O apelido do seu irmão também era Haraguchi?

— Não, o meu irmão era Maeda. Haraguchi é o apelido do meu marido. Na verdade, divorciei-me e agora estou sozinha. Mas mantive o apelido porque dá demasiado trabalho mudá-lo.

— Maeda... a sério?...

Não havia dúvidas. O apelido do amigo a quem Kôsuke vendera os discos era Maeda. Ou seja, o disco que Kôsuke segurava nas mãos tinha sido dele mesmo.

Por um lado, parecia-lhe impossível. Por outro, não o estranhou. Pensando bem, havia pouca gente naquela pequena vila que pudesse abrir um bar dedicado aos Beatles. Mal viu o nome, Fab4, considerou a possibilidade de pertencer a um conhecido.

— Porque quer saber o apelido do meu irmão? — perguntou a proprietária.

— Por nada, não faça caso. — Kôsuke abanou a cabeça. — O seu irmão deixou-lhe estes discos como uma espécie de herança?

— Sim, mas também são herança do seu antigo dono.

— O quê? — Devia ter ouvido mal. — Do antigo dono?

— A maioria dos discos eram de um colega de escola do meu irmão, que lhos vendeu. Eram, no total, dez discos. Esse colega era mais fã dos Beatles do que o meu irmão. Mas, um dia, decidiu subitamente que os queria vender. O meu irmão ficou feliz, mas também suspeitou. — A mulher deteve-se por instantes. — Perdoe-me, esta conversa deve ser muito chata para si.

— Nada disso, quero ouvir o resto. — Kôsuke bebericou o seu uísque. — Conte-me lá: aconteceu alguma coisa ao amigo do seu irmão?

— Sim — confirmou a proprietária, meneando a cabeça. — Esse amigo deixou de ir à escola depois das férias de verão. Na verdade, fugiu das dívidas com os pais, a meio da noite. O meu irmão contou-me que tinham empréstimos enormes por pagar. No fim, concluíram que não iam poder fugir para sempre e acabou tudo em tragédia.

— Que tragédia?

A mulher baixou o olhar. Erguendo lentamente o rosto, contou:

— Cerca de dois dias depois de fugirem, suicidaram-se. Foi um suicídio com homicídio.

— Um suicídio com homicídio? Mas quem é que morreu?

— Todos, os pais e o filho. O pai matou primeiro a mulher e o filho, e, no fim, suicidou-se.

«Impossível.» As palavras quase lhe escaparam, mas conseguiu conter-se.

— Como é que ele os matou? À mulher e ao filho...

— Não sei os pormenores, mas dizem que lhes deu uma droga para os fazer desmaiar e que depois os deitou ao mar a partir de um barco...

— De um barco?

— Diz-se que roubou um barco a remos a meio da noite e partiu pelo mar afora. Contudo, o pai foi incapaz de morrer na água e enforcou-se depois de voltar para terra.

— E os corpos dos dois? Não encontraram os corpos da mãe e do filho?

— Quem sabe — comentou a proprietária, a abanar a cabeça. — Não sei nada sobre isso. Parece que o pai deixou uma carta de despedida e foi por isso que se concluiu que a mãe e o filho morreram.

— Hum...

Kōsuke acabou de beber o uísque e mandou vir outro. Tinha a cabeça num turbilhão. Se não neutralizasse os nervos com o poder do álcool, não ia conseguir manter-se calmo.

Mesmo que tivessem encontrado um cadáver, seria apenas o de Kimiko. Todavia, quando a polícia leu a carta confessando que assassinara a mulher e o filho, decerto não duvidariam, mesmo que ficasse um corpo por identificar.

Mas porque é que Sadayuki fizera tal coisa?

Kōsuke recordou aquele dia, havia quarenta e dois anos. A noite em que fugiu na mala de uma *pick-up* na área de serviço de Fujikawa.

Era claro que Sadayuki e Kimiko não souberam o que fazer quando se aperceberam de que o filho tinha desaparecido. Teriam de escolher entre prosseguir com o plano de fuga original ou procurar por ele. Kōsuke suspeitava que tivessem optado pela primeira via, pois não tinham maneira de o procurar.

Todavia, os seus pais não tinham escolhido nenhuma das duas opções. Ao invés, enveredaram pelo suicídio.

Foi-lhe posto um copo de uísque à frente. Kōsuke pegou no copo e girou-o levemente. O gelo moveu-se, retinindo baixinho.

Talvez o suicídio fosse uma possibilidade que Sadayuki e a mulher já tivessem considerado antes. Evidentemente, como último recurso. Kōsuke estava, ainda assim, convicto de que as suas ações os motivaram a tomar essa decisão.

Mas não, não fora só ele. Sadayuki devia tê-lo discutido com Kimiko.

Se assim foi, para quê roubar um barco a remos e lançar Kimiko ao mar?

Só havia uma razão plausível: para poder fingir que também assassinara o filho. Um cadáver perdido no vasto mar não era coisa inédita.

Quando decidiram suicidar-se, os pais de Kōsuke pensaram nele. O que seria do filho se eles morressem?

Era provável que não imaginassem como Kōsuke sobreviveria. Todavia, talvez desejasse apagar o nome Kōsuke Waku e todo o seu historial. E eles não queriam ser para ele um entrave.

Foi por isso que limparam «Kōsuke Waku» da face da Terra.

Muita gente, incluindo os detetives do Departamento de Menores da polícia e os responsáveis das instituições juvenis, tentou descobrir a sua identidade. Mas todos falharam. Era óbvio. Todas as menções de um adolescente chamado Kōsuke Waku haviam sido rapidamente removidas.

Kōsuke lembrou-se das palavras que a mãe lhe dirigiu no seu quarto pouco antes da fuga: «Eu e o teu pai pomos-te sempre em primeiro lugar. Estamos preparados para fazer o que for preciso para que sejas feliz. Até estaríamos dispostos a dar as nossas vidas por ti.»

Não era mentira. Só estava vivo graças aos pais.

Kōsuke abanou a cabeça e agarrou com força no copo de uísque. Não era verdade. Ele tinha sido forçado a sofrer precisamente porque eles eram os seus pais. Chegaram até a obrigá-lo a abdicar do apelido. Conseguira a vida que tinha o privilégio de viver pelas suas próprias mãos. Nada mais.

Por outro lado, não podia negar o remorso e a culpa que lhe assolavam o peito.

A sua fuga privou os pais de alternativas. Foi ele quem os encurralou. Porque é que, antes de ele mesmo fugir, não lhes sugeriu novamente que desistissem e voltassem para casa, que voltassem a ser uma família?

— Passa-se alguma coisa? — perguntou a dona do bar. Kōsuke ergueu o rosto. A mulher parecia preocupada. — Está com um mau ar...

— Não — respondeu, sacudindo a cabeça. — Não se passa nada, obrigado.

Olhou para o papel de carta que tinha nas mãos. Ao reler o que deixara escrito, o desconforto alastrou-lhe pelo peito.

Pareceu-lhe uma carta sem valor, uma mera lista que apenas servia para a sua satisfação. Não transparecia o mínimo respeito pela pessoa com quem se tinha aconselhado. Como poderia afirmar que a vida era decidida «pelas próprias mãos», quando nem sabia o que teria sido feito de si sem o sacrifício dos pais?

Kōsuke pegou na carta e rasgou-a em pedaços.

— Ah! — exclamou a proprietária.

— Desculpe, importa-se que fique aqui mais algum tempo? — perguntou Kōsuke.

— Não, esteja à vontade — respondeu a dona da casa, sorrindo.

Kōsuke pegou na caneta e voltou a olhar para o papel de carta.

«Talvez o velho Namiya tivesse mesmo razão», pensou. Se a família tivesse ficado unida no mesmo barco, podiam ter escolhido o caminho certo. Lembrou-se

de uma passagem da carta: «Se fugires sozinho, o barco perderá o seu rumo.»

Que poderia ele escrever nesta carta? Tendo ignorado os conselhos, abandonando os pais, levou-os ao suicídio. Deveria revelá-lo por escrito com franqueza?

«Não sou capaz. E é melhor não o fazer», concluiu.

Não sabia ao certo até que ponto o suicídio da família Waku passara a ser tema de conversa na vila. Mas se o velho Namiya tivesse ouvido esses boatos? Decerto suspeitaria que fosse a família de «Paul Lennon». Quiçá sentisse remorso por o ter aconselhado a ficar com os pais.

O evento daquela noite seria uma oferenda para celebrar o trigésimo terceiro aniversário da morte do velho Namiya. Nesse caso, teria de o tranquilizar no outro mundo. Embora a mensagem *online* instasse as pessoas a partilhar as suas opiniões sem reservas, não podia escrever o que realmente pensava. Ou seja, em vez disso, tinha de escrever que os seus conselhos estavam corretos.

Depois de algum tempo a pensar, Kōsuke escreveu a seguinte carta. A introdução era quase igual à da primeira missiva que escreveu.

Ao Bazar Namiya,

Há cerca de quarenta anos, escrevi-lhe uma carta a pedir conselhos, assinando com o pseudónimo «Paul Lennon».

Nessa carta, expliquei que os meus pais planeavam fugir à noite para escapar às suas dívidas e perguntei se devia ir com eles ou não. A minha carta não foi colada na parede. Consta que foi a primeira com um pedido de aconselhamento genuíno.

O senhor Namiya respondeu-me que não deveria abandonar a minha família, que devia confiar nos meus pais e ficar com eles. Se estivéssemos todos no mesmo barco, decerto a família voltaria ao rumo certo. As suas palavras de encorajamento foram inestimáveis. E eu acatei-as, acompanhando os meus pais. Essa decisão foi a mais acertada.

Irei ocultar os detalhes. O importante é que, no fim de contas, eu e os meus pais conseguimos evitar o sofrimento. Os meus pais faleceram recentemente, mas acredito que tenham tido uma vida feliz. E eu também fui dotado de uma vida de bênçãos.

Foi tudo graças ao senhor Namiya. Escrevi-lhe esta carta para expressar o meu mais sincero agradecimento.

Acredito que será lida pela família do senhor Namiya. Ficaria feliz se esta pudesse ser a minha oferenda para o 33.º aniversário da sua morte.

Paul Lennon

Kōsuke releu a carta várias vezes; fê-lo sentir-se estranho. O filho do Sr. Namiya contara-lhe que havia uma outra carta, parecidíssima com a sua, de um

rapaz cuja família tentara fugir das dívidas, também ela a agradecer ao Sr. Namiya. Obviamente, não passava de mera coincidência.

Dobrou o papel de carta e pô-lo num envelope. Olhou para o relógio: era quase meia-noite.

— Tenho um favor a pedir-lhe — declarou Kōsuke, levantando-se. — Tenho de ir deixar esta carta num certo lugar. Quando voltar, pode servir-me mais um copo?

A dona do bar olhou, perplexa, para Kōsuke e para a carta. Por fim, sorriu, acedendo:

— Claro que sim, fica combinado.

— Obrigado — retrucou Kōsuke, tirando uma nota de dez mil ienes da carteira, colocando-a prontamente em cima do balcão. Não queria ser confundido com um cliente que foge sem pagar.

Saiu do bar e caminhou pela noite. Os outros bares e tascas da zona já estavam encerrados. Avistou o Bazar Namiya. Kōsuke parou. Estava alguém diante da loja.

Aproximou-se muito devagar, pedindo desculpa. Em frente ao bazar, viu uma mulher de fato. Devia andar na casa dos trinta anos. Ao lado dela, estava parado um *Mercedes*. Espreitou para dentro do carro: o lugar do passageiro estava ocupado por uma caixa de cartão. O conteúdo da caixa eram CD de uma certa artista. Eram várias cópias do mesmo CD. Provavelmente, trabalhava para ela.

Depois de pôr algo pela ranhura do correio da portada, a mulher foi-se embora. Mas acabou por se aperceber da presença de Kōsuke. Surpreendida, deteve-se. O seu rosto revelava um altíssimo nível de alerta.

Ao reparar no envelope nas mãos de Kōsuke, apontou com a mão para a ranhura do correio na portada da loja. Compreendendo a situação, a expressão da mulher relaxou. Dirigiu uma vénia silenciosa a Kōsuke e entrou para o *Mercedes*.

«Quantas pessoas visitarão o bazar nesta noite?», questionou-se Kōsuke. Havia mais gente do que imaginara para quem o Bazar Namiya ocupava um lugar importantíssimo nas suas vidas.

Depois de o *Mercedes* desaparecer, Kōsuke inseriu o seu envelope na ranhura do correio. Ouviu o baque do papel a cair no chão. Era tal e qual o som de quarenta e dois anos antes.

Sentiu que algo se havia apagado. «Talvez», pensou Kōsuke, «o assunto fique finalmente resolvido.»

Voltando ao bar Fab4, o plasma estava agora ligado. A proprietária estava a configurá-lo com o comando.

— Que está a fazer? — perguntou Kōsuke.

— É um filme que o meu irmão adorava. Como a versão oficial não está à venda, arranjou uma versão pirata...

— A sério?

— O que quer para beber?

— Hum, pode ser a mesma coisa de há bocado.

Foi posto um *Bunnababbain* com gelo em frente a Kōsuke. Quando pegou nele, o vídeo começou. Mal o copo lhe tocou nos lábios, as suas mãos pararam. Soube imediatamente que vídeo era.

— Isto...

No ecrã, via-se o edifício Apple Corps. Fustigados pelo vento gélido, os Beatles começaram a sua atuação. Era o clímax de *Let It Be*.

Kōsuke pousou o copo e olhou fixamente para o ecrã. Aquele era o filme que lhe mudara a vida. O filme fê-lo perceber quão fracos podem ser os laços que unem as pessoas.

Os Beatles que via no vídeo eram algo diferentes das memórias de Kōsuke. Quando viu o filme no cinema, estava tão agitado que até a atuação lhe pareceu pouco coesa. Mas agora a sua impressão transformara-se.

Os quatro Beatles estavam a dar tudo em palco. Até pareciam estar a divertir-se. Embora o fim da banda estivesse iminente, em palco sentiam a mesma energia de outrora.

Talvez a razão pela qual julgou que a atuação tinha sido horrível quando a viu no cinema estivesse nas próprias emoções de Kōsuke. Afinal, deixara de acreditar nos laços que unem os corações.

Kōsuke pegou no copo e bebeu um gole de uísque. Depois fechou calmamente os olhos e rezou pela paz dos seus falecidos pais.

CAPÍTULO 5

ORAR LÁ DO CÉU

Shôta regressou do bazar. Estava com má cara.

— Não veio nada? — perguntou Atsuya.

— Não — confirmou Shôta, suspirando. — Parece que foi só o vento a bater na portada.

— Não me digas — respondeu Atsuya. — Que seja.

— Terá lido a nossa resposta? — indagou Kôhei.

— Deve ter lido — respondeu Shôta. — A carta estava na palete do leite, mais ninguém a tiraria.

— Tens razão. Mas porque é que não respondeu?

Shôta estava prestes a dizer qualquer coisa quando pousou os olhos em Atsuya.

— É inevitável, tendo em conta o conteúdo da carta. Nem deve ter percebido do que se tratava. Ainda bem que não tivemos resposta, teria sido terrível. O que fariam se nos perguntasse o que queríamos dizer com o que lá escrevemos?

Kôhei e Shôta ficaram calados, cabisbaixos.

— Não conseguiriam responder, pois não? Por isso, é melhor deixar as coisas como estão.

— Mas foi uma grande surpresa — declarou Shôta. — Que coincidência. Não pensei que o músico da peixaria fosse ele.

— Pois, percebo — concordou Atsuya. Não podia dizer que não tinha ficado espantado.

Depois de falarem com a mulher que queria entrar nos Jogos Olímpicos, receberam uma carta de outra pessoa a pedir conselhos. O seu conteúdo deixou Atsuya pasmado, furioso.

— Continuar a peixaria da família ou seguir carreira na música?

Não lhe soava a uma preocupação genuína. Era uma inquietação egoísta de alguém que nascera abençoado.

O autor da carta, que se autointitulava «músico da peixaria», parecia ter ficado desiludido, enviando imediatamente uma carta a refutar a sua resposta. Quando Atsuya e os seus colegas responderam por escrito com frontalidade, sucedeu algo estranho da vez seguinte em que a carta foi remetida.

Naquele momento, Atsuya estava dentro da loja, para ir buscar a missiva do

«músico da peixaria». Pouco depois, uma carta foi inserida pela ranhura do correio da portada, mas parou a meio. O que realmente os surpreendeu aconteceu a seguir.

Pela ranhura, conseguiam ouvir o som de uma harmónica. Era uma melodia que Atsuya e os companheiros bem conheciam: a canção «Renascer».

Essa música foi o êxito que disparou a popularidade da cantora Seri Mizuhara. Também era conhecida por outros motivos, mas isso pouco tinha que ver com Atsuya e os companheiros.

Seri Mizuhara e o irmão mais novo cresceram numa casa de menores chamada Centro Marumitsuen. Quando andava na escola primária, houve um incêndio na instituição. Nesse dia, um certo homem salvou-lhe o irmão, que demorara demasiado tempo a fugir. Esse homem era um músico amador que visitara a instituição para atuar na festa de Natal. O homem sofreu queimaduras em todo o corpo e acabou por morrer no hospital.

«Renascer» era uma canção da autoria desse homem. Para lhe agradecer pelo favor de pagar com a vida, Seri Mizuhara continuou a cantar a canção, e foi esta que lhe garantiu o seu estatuto inamovível enquanto artista. Atsuya conhecia bem a história, desde pequeno, pois ele e os companheiros também haviam crescido no Centro Marumitsuen. Seri Mizuhara era o orgulho e a estrelinha de esperança dos meninos daquela casa. Ela fazia-os sonhar que, um dia, também eles poderiam brilhar como ela.

Ao ouvir «Renascer», Atsuya ficou boquiaberto. Quando a melodia da harmónica parou, ouviu-se o som de algo a bater no chão caído da ranhura do correio. Vinha do outro lado. Os três rapazes discutiram entre si o que se teria passado. As pessoas que deixavam cartas a pedir conselhos eram dos anos oitenta, quando Seri Mizuhara ainda era menina. Obviamente, ainda ninguém conhecia a canção «Renascer».

Só conseguiam pensar numa hipótese: o «músico da peixaria» era o autor daquela composição, aquele para com quem os irmãos Mizuhara tinham uma dívida de gratidão.

Na carta, escreveu que estava chocado com a resposta do Bazar Namiya, mas que se iria reexaminar a si mesmo. Além disso, declarou que gostaria de os conhecer e de falar com eles pessoalmente.

Os três rapazes ficaram ansiosos. Deviam falar do futuro ao músico da peixaria? Seria boa ideia contar-lhe que morreria na noite de Natal de 1988, num incêndio que assolou uma instituição de menores chamada Centro Marumitsuen?

Kôhei propôs que lho contassem. Assim, talvez se pudesse prevenir a sua morte.

Shôta, por outro lado, suspeitava que tal pudesse levar à morte do irmão mais novo de Seri Mizuhara. Kôhei foi incapaz de o refutar.

A decisão final foi tomada por Atsuya: não lhe falariam do incêndio.

— Mesmo que lho contássemos, ele não o levaria a sério. Acharia apenas que era uma profecia de mau agouro e ia ficar incomodado. Mesmo assim, havia de acabar por se esquecer disso. Nós não podemos mudar os factos que já conhecemos: nem o incêndio no Marumitsuen, nem a canção «Renascer» da Seri Mizuhara. Não importa que carta a gente escreva: o desfecho será sempre o mesmo. Por isso, mais vale escrevermos algo que o encoraje.

Shôta e Kôhei concordaram. Mas queriam juntar alguma coisa no fim da carta.

— Eu... quero agradecer-lhe — disse Kôhei. — Sem ele, a Seri Mizuhara não seria a mesma artista e não poderíamos ter ouvido a canção «Renascer».

Atsuya concordou. Shôta também aceitou a sugestão.

Os três pensaram, juntos, no que haviam de escrever. O resultado foi este:

Seguir o caminho da música não será em vão.

Acredito que há pessoas neste mundo que serão salvas pelas suas canções. E a música que criou sobreviverá.

Não me pergunte como posso afirmar algo do género. Mas é a verdade. Acredite no que lhe digo. Acredite até ao fim. É só isso que lhe posso dizer.

Bazar Namiya

Puseram a carta na paleta do leite e, algum tempo depois, experimentaram abri-la. A carta tinha desaparecido. O músico da peixaria devia ter vindo recolhê-la.

Pensaram na hipótese de ele por ali passar para deixar a sua resposta. Fecharam a porta das traseiras e ficaram à espera.

Mas a resposta não veio. Até então, quando punham a sua própria carta na paleta do leite, recebiam imediatamente uma resposta pela ranhura do correio. Talvez o músico da peixaria tivesse tomado uma decisão depois de ler a carta de Atsuya e dos companheiros.

— Vou abrir a porta lá de trás — anunciou Atsuya, levantando-se.

— Espera — instou Kôhei, puxando a manga do casaco de Atsuya. — Não podemos esperar mais um bocado?

— Porquê?

Kôhei lambeu o canto dos lábios.

— Vamos deixar essa porta aberta mais um bocadinho.

Atsuya franziu o sobrolho.

— Mas para quê? O tipo da peixaria já não vai responder.

— Eu sei, nem é ele que me importa.

— Mas qual é a tua?

— E... se outra pessoa nos pedir conselhos?

— Hã?! — A boca de Atsuya abriu-se amplamente enquanto olhava para baixo, para Kôhei. — Que é que estás a dizer, ó parvalhão?! Se a porta das traseiras ficar fechada, o tempo não passa! Ainda não percebeste?

— Claro que percebi.

— Então, se percebeste, não dirias uma coisa dessas. Aconselhamos até ao homem da peixaria porque acabámos por nos envolver nisto. Mas já chega de dar conselhos.

Afastando a mão de Kôhei, Atsuya avançou até à porta das traseiras. Abriu-a e saiu para confirmar as horas. Passavam poucos minutos das quatro da manhã.

Faltam duas horas.

Pensava escapar dali depois das seis. Por essa altura, já haveria comboios a funcionar.

Ao voltar para a sala, viu Kôhei com um ar desconsolado. Shôta mexia no telemóvel. Atsuya sentou-se numa cadeira de jantar. As chamas das velas em cima da mesa oscilaram, provavelmente por ação do vento vindo lá de fora.

«Não deixa de ser uma casa invulgar», pensou Atsuya, examinando as paredes manchadas. Como era possível que acontecesse ali algo tão sobrenatural? E como é que eles acabaram envolvidos no fenómeno?

— Não sei explicar bem — sussurrou Kôhei. — Mas sinto que é a primeira vez na vida que ajudo alguém. Eu, que sou um grandíssimo idiota.

A expressão de Atsuya tornou-se mais severa.

— Ou seja, queres continuar com os conselhos, é? Isto não te vai render nem um tostão.

— Não é pelo dinheiro. Não me importo que não lucre. Nunca tinha feito nada por ninguém apenas com o intuito de ajudar.

Atsuya estalou a língua com veemência.

— E o que é que ganhaste em pensar nas cartas e em as escrever? As nossas respostas não ajudaram ninguém. A atleta olímpica leu a nossa resposta e interpretou-a como bem lhe apeteceu. E o homem da peixaria não sabia o que fazer. Eu já vos disse: nós somos uns trastes. Não temos moral para dar conselhos a ninguém.

— Mas tu ficaste contente com a última carta da «Coelha da Lua».

— Não fiquei incomodado. Mas não te enganes: nós não estamos em posição para aconselhar seja quem for. Nós... — Atsuya apontou para as malas no canto da sala. — Nós somos uns ladrões sem escrúpulos.

Kôhei ficou cabisbaixo, magoado. Observando-o, Atsuya fungou.

Foi então.

— O quê? — exclamou Shôta em alta voz. Espantado, Atsuya levantou-se inconscientemente da cadeira.

— Que foi?

— Olha só. — Shōta mostrou-lhes o ecrã do telemóvel. — Estão a falar do Bazar Namiya na Internet.

— Na Internet? — Atsuya alçou o sobrolho. — Deve ser alguém a contar as suas histórias do passado.

— Foi nisso que pensei. Quando pesquisei pelo nome da loja, achei que pudesse encontrar alguém a falar disso.

— E encontraste alguma história antiga?

— Não, muito pelo contrário. — Shōta aproximou-se, apontando para o ecrã. — Vê bem isto.

— O que é que queres? — resmungou Atsuya, pegando no aparelho.

Passou os olhos pelo ecrã do telefone. Nele, estava escrito: «O regresso do Bazar Namiya por apenas uma noite.» Ao ler o resto do texto, começou a perceber o sobressalto de Shōta. O próprio Atsuya sentiu a temperatura do corpo a subir.

O texto dizia o seguinte:

No dia 13 de setembro, da meia-noite até ao amanhecer, o serviço de aconselhamento do Bazar Namiya estará de volta. Pedimos a todos aqueles que antigamente pediram conselhos e receberam respostas do bazar que nos digam qual o impacto que teve nas vossas vidas. Ajudou-vos? Ou não? Partilhem-no connosco sem reservas. Basta porem as vossas cartas na portada da loja, tal como antigamente. Muito obrigado.

— Mas o que é isto?

— Não sei, mas parece que 13 de setembro é o trigésimo terceiro aniversário da morte do dono do bazar e que estão a fazer este evento em sua honra. Os organizadores são os descendentes dele.

— O quê? — Kōhei também se aproximou. — O que é que se passou?

Shōta entregou o telemóvel a Kōhei e disse:

— Atsuya, hoje é dia 13 de setembro.

Atsuya também dera por isso: da meia-noite ao amanhecer de dia 13 de setembro era precisamente esse momento. Era essa a noite que os envolvia.

— Como assim, um «regresso do serviço de aconselhamento»? — perguntou Kōhei, num pestanejo convulsivo.

— Acho que os fenómenos estranhos que vimos até agora estão relacionados com isto — declarou Shōta. — Só pode ser isso. Hoje, é um dia especial, e é por isso que o presente e o passado estão interligados.

Atsuya coçou a cara. Não compreendia a sua lógica, mas, provavelmente, Shōta tinha razão.

Olhou lá para fora pela porta franqueada. A escuridão era total.

— Com a porta assim aberta, não conseguimos ligar-nos ao passado. Ainda

falta algum tempo até ao amanhecer. Atsuya, o que fazemos? — perguntou Shōta.

— Que é que queres dizer com isso?

— Se calhar, estamos a obstruir alguma coisa. Na verdade, a porta devia estar fechada.

Kōhei levantou-se. Andou em silêncio até à porta das traseiras e fechou-a.

— Que é que estás a fazer? — questionou Atsuya.

Kōhei virou-se para trás, a abanar a cabeça.

— Temos de fechar a porta.

— Para quê? Assim, o tempo não vai passar. Querem ficar aqui para sempre, é?

— Depois de o dizer, Atsuya lembrou-se de qualquer coisa. Por fim, acedeu: — Podemos deixar a porta lá de trás fechada. Mas temos de sair daqui. Assim, fica tudo resolvido e já não atrapalhamos ninguém. Não acham?

Todavia, os seus dois companheiros abanaram as cabeças. Tinham ambos um ar desagrado.

— Que é que vos deu? Têm mais alguma coisa a dizer?

Shōta lá acabou por lhe responder:

— Eu vou ficar aqui mais algum tempo. Podes ir-te embora, Atsuya. Se quiseses, espera por nós lá fora ou foge primeiro, sem nós.

— Eu vou fazer o mesmo — acrescentou Kōhei de imediato.

Atsuya coçou a cabeça.

— Vão ficar aqui a fazer o quê?

— Nada de especial — respondeu Shōta. — Simplesmente, queremos presenciar o que vai acontecer a esta casa.

— Já percebi. Mas falta uma hora para o amanhecer. Uma hora lá fora serão quantos dias dentro desta casa? Vão passar esse tempo todo aqui sem comer ou beber? Deve ser impossível.

Shōta desviou o olhar. Achava que Atsuya tinha razão.

— Deixem-se disso — instou Atsuya. Shōta não lhe respondeu.

Pouco depois, ouviu-se o som da portada a abanar. Shōta e Atsuya entreolharam-se.

Kōhei correu na direção do bazar.

— Deve ter sido o vento — disse Shōta. — Tremeu com uma rabanada.

Pouco depois, Kōhei voltou. De mãos vazias.

— Foi mesmo o vento?

Kōhei não respondeu de imediato. No entanto, quando se aproximou de Atsuya e dos outros, deixou de fingir e levou a mão direita às costas. Com ela estendida, mostrou-lhes um envelope branco. Devia tê-lo escondido no bolso.

A cara de Atsuya contorceu-se inconscientemente. «Meti-me em sarilhos», pensou.

— Esta é a última, Atsuya — declarou Shōta. — Depois de respondermos a

este pedido de aconselhamento, vamo-nos embora. Prometo.

Atsuya lançou um suspiro e sentou-se.

— Vamos ler a carta primeiro. Talvez seja uma preocupação a que não nos compete dar resposta.

Kôhei rasgou com cuidado a aba do envelope.

Olá, Bazar Namiya,

Escrevi-lhe uma carta para lhe pedir conselhos.

Concluí a escola secundária nesta primavera e estou desde abril a trabalhar numa empresa em Tóquio. Não fui para a universidade por causa da minha situação familiar, que me motivou a trabalhar o mais rapidamente possível. Mas, mal comecei, dei por mim a questionar-me se foi a escolha certa.

A única razão pela qual a minha empresa contrata raparigas que só terminaram o ensino secundário é para as forçar a desempenhar tarefas simples. Todos os dias, faço coisas que qualquer pessoa seria capaz de fazer, como ir buscar chá, tirar fotocópias ou passar a limpo documentos que os funcionários masculinos escreveram atabalhoadamente. Um aluno do ensino básico, ou até um aluno da escola primária com boa caligrafia, poderia fazer o mesmo. O meu emprego não me traz qualquer satisfação. Tenho um certificado de contabilidade de nível 2, mas, a continuar assim, acabará por ser uma mera relíquia condenada ao desperdício.

A empresa deve pensar que as jovens mulheres arranjam emprego porque estão à procura de um parceiro e que, assim que encontrarem um à altura, se vão casar e demitir. A empresa não se preocupa com as suas habilitações literárias porque só quer que façam trabalhos simples. Aliás, isso não só facilita aos trabalhadores do sexo masculino a sua procura por esposas, como dá jeito à empresa, pois pode pagar salários mais baixos às mulheres.

Não foi por esses motivos que aceitei este emprego. Quero ser uma mulher independente e com uma boa condição económica por mérito próprio. Não tenho qualquer intenção de ser uma secretária sentada o dia inteiro no escritório.

Andava consumida por esta preocupação quando, certo dia, me abordaram na rua. Perguntaram-me se não queria trabalhar num negócio. O dito negócio era um bar de alterne em Shinjuku. Sim: o homem contratava raparigas para serem acompanhantes nos seus bares.

Quando me revelou as condições, fiquei surpreendida com quão favoráveis eram. O número de dígitos não se comparava ao de uma empresa normal. As condições eram tão boas que comecei a duvidar da sua veracidade.

O homem convidou-me para ir visitar o bar, sem compromisso, para ver como era. Determinada, fui com ele. E foi um grande choque cultural.

Quando ouvia falar em bares e acompanhantes, imaginava algo suspeito. Todavia, o

que ali presenciei foi o vasto e brilhante mundo dos adultos. As mulheres não eram apenas bonitas e adornadas; pensavam seriamente em maneiras de satisfazer os clientes e esforçavam-se por isso. Embora não tivesse a certeza de que fosse algo ao meu alcance, senti que era um desafio digno de ser experimentado.

Assim, comecei a ir para o bar à noite, ao mesmo tempo que mantinha o trabalho diurno. Na verdade, tenho dezanove anos, mas disse ao homem do bar que tinha vinte. É um trabalho fisicamente exigente, e atender os clientes é mais difícil do que pensava. Mas dá-me vontade de viver todos os dias. E também aliviou a minha situação financeira.

Passados dois meses, comecei a ter dúvidas. Não do trabalho no bar, mas da vida de secretária. Se não me vão dar mais do que tarefas banais, escuso de continuar a sofrer por este emprego. Em vez disso, podia concentrar-me no trabalho do bar, que também me permite ganhar mais dinheiro.

Contudo, não contei a ninguém que trabalho na indústria adulta. Se me demitir subitamente da empresa, corro o risco de causar problemas a muita gente.

Seja como for, encontrei finalmente o caminho que quero seguir. O que devo fazer para que os outros compreendam a minha situação e eu me possa despedir da empresa sem grandes complicações? Agradecia se me pudesse dar alguns conselhos.

Muito obrigada.

Cachorrinha Perdida

Terminando de ler a carta, Atsuya fungou sem pudor.

— Que estranho. Não sabemos falar deste assunto. Quem diria que a última carta seria sobre isto?

— É mesmo esquisito. — O canto da boca de Shōta contorceu-se. — Parece que há raparigas que se querem envolver na indústria adulta em qualquer era.

— Ela deve ser muito bonita — disse Kōhei, com um ar contente. — Para dizer que foi contratada na rua e que fez muito dinheiro em apenas dois meses.

— Não estejas para aí a babar-te. Shōta, escreve lá a carta.

— Mas escrevo o quê?

Shōta pôs a caneta a postos.

— É óbvio: diz-lhe que deixe de sonhar acordada.

O rosto de Shōta empederniu-se.

— Não é demasiado direto dizê-lo a uma rapariga de dezanove anos?

— Ser um bocado bruto com ela não faz mal, ela é estúpida!

— Percebo o que queres dizer, mas devíamos ter um pouco mais de tato.

Atsuya fez estalar a língua.

— És mesmo ingénuo, Shōta.

— Se fores demasiado ríspido, ela pode virar-se contra ti. Tu também és assim, Atsuya.

Com estas palavras, Shôta concentrou-se em escrever a resposta, que foi a seguinte:

Senhora «Cachorrinha Perdida»,

Li a sua carta.

Vou ser o mais direto possível consigo: deixe a indústria adulta. Só lhe vai trazer problemas.

Percebo que lhe permita ganhar mais dinheiro do que sendo secretária, ainda por cima mais facilmente.

É normal que ache que este trabalho é bom para si, se lhe permitiu ter uma vida mais luxuosa.

Mas só será vantajoso enquanto for jovem. É muito nova e só trabalha ali há dois meses, ainda não compreende as verdadeiras dificuldades desse trabalho. Há muitos tipos de pessoas entre os clientes. Vão surgir muitos homens que vão querer pôr as mãos no seu corpo. Consegue travá-los ou vai oferecer-se a todos eles? Vai estar a desperdiçar o corpo.

Concentrar-se no bar de alterne? Mas até que idade? Mesmo que queira dar nas vistas, quando for mais velha ninguém a vai contratar.

Qual o seu objetivo em ser acompanhante? Quer ser a dona de um bar? Se for esse o seu desejo, não digo nada. Boa sorte. Mesmo que tenha o seu próprio negócio, geri-lo é tudo menos fácil.

Não gostaria de, um dia, se casar, ter filhos e uma família feliz? Se sim, não lhe vou dizer nada de mal. Mas é melhor que desista imediatamente desse trabalho.

Com quem se irá casar, se continuar a ser acompanhante? Com um dos seus clientes? Quantos dos homens que visitam o seu bar são solteiros?

E pense nos seus pais: foi para isso que a educaram? Que a puseram na escola? É claro que não.

Qual é o mal de ser secretária? Começa a trabalhar numa empresa, não tem de fazer grande coisa, recebe o seu ordenado, talvez até tenha boas relações com os colegas e, no fim, casa-se com um deles e não tem de trabalhar mais.

Porque é que isso não a satisfaz? É o melhor cenário possível.

Deixe que lhe diga uma coisa, senhora «Cachorrinha Perdida»: há muitos homens neste mundo que sofrem por estar desempregados. Fariam qualquer coisa para ter metade do salário de uma menina como você, com diploma do liceu.

Não se zangue comigo, só estou a escrever isto para seu bem. Confie em mim e faça como lhe digo.

Bazar Namiya

— Bem, tínhamos mesmo de lhe dizer isto — afirmou Atsuya, acabando de ler

o texto.

Atsuya só queria dar-lhe um sermão. Porque queria ser acompanhante num bar de alterne se os pais lhe tinham dado condições para concluir a escola secundária e tinha conseguido encontrar um emprego sem percalços?

Shôta pôs a resposta na paleta do leite. Pouco depois de voltar, fechando a porta das traseiras, ouviu o som de algo a cair pela portada. Shôta apanhou-a do chão e regressou à parte da casa correspondente ao bazar.

Regressou de imediato, com um sorriso no canto da boca.

— Já chegou — anunciou, abrindo o envelope.

Estimado Bazar Namiya,

Obrigada pela rápida resposta. Temi que não me respondesse, mas já estou mais descansada.

No entanto, estou desiludida com a sua carta. O senhor Namiya está equivocado em vários aspetos. Deixe-me que lhe conte sobre a minha situação mais em detalhe.

Não decidi concentrar-me no trabalho de acompanhante para ter uma vida de luxo. O que quero é robustez financeira, uma arma que me permita viver sem depender de outros. Se continuar a ser secretária num escritório, tal jamais me será possível.

Além disso, não me quero casar. Ter filhos e uma família dita normal é um caminho válido para a felicidade, mas não foi a vida que escolhi.

Tenho tentado compreender as dificuldades associadas à indústria adulta. Olhando para as minhas colegas, é fácil imaginar as adversidades que me esperam no futuro. É mesmo por isso que estou determinada a seguir este caminho e a ter o meu próprio negócio no futuro.

Confio em mim. Embora só tenha este emprego há dois meses, já tenho vários clientes fiéis. Todavia, de momento não tenho conseguido corresponder às suas expectativas. Isso deve-se ao facto de ter o meu emprego diurno. Como só me é possível ir para o bar depois de sair da empresa, não posso, por exemplo, ir almoçar com os clientes. Esse é um outro fator que me levou a pensar em despedir-me da empresa.

Só para que fique claro, sei que o senhor Namiya está preocupado com isso, mas nunca tive nenhuma relação física com os clientes. Não posso dizer que não mo tenham pedido, mas sei como evitá-lo. Não sou uma criança.

De facto, tenho de pedir desculpa aos meus pais, pois só lhes vou causar ansiedade. Mas, no fim de contas, também será uma maneira de lhes retribuir por tudo o que fizeram por mim.

Continua a achar que a minha forma de pensar é demasiado negligente?

Cachorrinha Perdida

P.S.: Só queria que me aconselhasse sobre como convencer as pessoas que me rodeiam a

aceitar a minha profissão. Não faço tensões de desistir do entretenimento adulto. Se não concorda comigo, pode ignorar esta carta.

— Vamos ignorá-la — disse Atsuya, afastando o papel. — Diz que tem confiança em si mesma... deve achar que o mundo é um mar de rosas.

Kôhei pegou na carta com um ar descontente.

— Pois, tens razão...

— Mas ela nem está propriamente enganada — argumentou Shôta. — Para uma mulher sem currículo académico se tornar financeiramente independente, o entretenimento adulto é uma das vias mais rápidas. A sua forma de pensar faz sentido: o mundo é dinheiro, sem dinheiro não se começa nada.

— Não quero ouvir isso vindo de ti — cortou Atsuya. — Mesmo que ela não esteja enganada, não tem garantias de que os planos lhe corram bem.

— Mas como é que podes dizer a pés juntos que vão correr mal? — ripostou Shôta, acutilante.

— Porque há mais pessoas a quem as coisas correm mal do que bem — respondeu Atsuya de imediato. — Se quiser ser acompanhante e abrir o seu próprio negócio, tudo bem. Mas há histórias de quem fez o mesmo e teve de fechar a loja ao fim de seis meses. Não é assim tão fácil abrir uma empresa. É preciso ter dinheiro, mas o dinheiro nem sempre chega. Foi por isso que esta rapariga escreveu isto agora. Não passa de uma menina ingénua. Se se concentrasse na vida quotidiana, talvez não se preocupasse com estas coisas. Quando der por isso, já será tarde de mais. Continuará sozinha e será demasiado velha para ser acompanhante. E, quando isso acontecer, será demasiado tarde para se lamentar.

— Ainda só tem dezanove anos, não precisa de se preocupar tanto com o futuro.

— Digo isto precisamente porque ela é jovem — retrucou Atsuya, levantando a voz. — Escreve-lhe mas é que se deixe destas ideias parvas, que desista de ser acompanhante e se concentre em encontrar um marido na empresa onde trabalha.

Shôta olhou calmamente para o papel de carta sobre a mesa de refeição e, em seguida, abanou lentamente a cabeça.

— Quero encorajá-la. Ela não escreveu esta carta por ser leviana.

— Não estou a dizer se ela é leviana ou séria. Estou a questionar se é realista ou não.

— Eu cá acho-a bastante realista.

— Realista onde? Queres apostar se ela vai ter sucesso como gerente de bar? Aposto que se vai envolver com um homem esquisito enquanto trabalhar como acompanhante, vai ser mãe solteira e meter-se, a ela e às pessoas na sua vida, em sarilhos.

O rosto de Shōta contorceu-se. Olhou para baixo, ainda mais desajeitado. Um silêncio pesado apoderou-se da sala. Atsuya também ficou cabisbaixo.

— Olha — tentou Kōhei. — E se confirmássemos?

— Confirmar o quê? — indagou Atsuya.

— Os detalhes. Acho que nenhum de vocês os dois está enganado. Por isso, era importante saber quão séria ela é em relação a isto e só depois pensar no problema.

— É claro que ela vai dizer que é séria, é essa a sua intenção — respondeu Atsuya.

— Temos de ser mais específicos com as perguntas. — Shōta ergueu o rosto.

— Vamos perguntar-lhe sobre o porquê de querer ser financeiramente independente, por que motivo não acha que o casamento leva à felicidade e qual o seu plano para ter o seu próprio negócio no futuro. Tal como disseste, Atsuya, criar um negócio não é fácil. Se ela não nos der uma resposta como deve ser, eu também serei da opinião de que o seu sonho é irrealista e dir-lhe-ei que deixe de ser acompanhante. Que me dizes?

Atsuya puxou o ranho para cima e anuiu.

— Acho que perguntar não vai servir de nada, mas pode ser. Fazemos isso.

— Boa — exclamou Shōta, e pegou na caneta.

Enquanto observava Shōta a escrever a carta imerso nos seus pensamentos, Atsuya ruminava sobre o que dissera pouco antes. Enquanto trabalhava como acompanhante, iria apaixonar-se por um homem estranho e acabaria por dar à luz uma criança sem pai, causando problemas a toda a gente: estava a falar da sua própria mãe. Shōta e Kōhei nada disseram porque estavam cientes disso.

Atsuya nasceu quando a mãe tinha vinte e dois anos. O pai era mais novo e era o *barman* do mesmo bar onde ela trabalhava. Contudo, pela altura do nascimento, o pai havia desaparecido.

A mãe continuou a trabalhar na indústria adulta, apesar de ter de cuidar de um bebé em idade para ser amamentado. Provavelmente, não tinha competências para ter qualquer outro trabalho.

Quando Atsuya ganhou consciência das coisas, a mãe estava com outro homem. Mas Atsuya nunca o viu como pai. Mais tarde, esse homem desapareceu e, pouco tempo depois, outro começou a viver na casa. A mãe dava-lhe dinheiro; ele, por sua vez, não trabalhava. E também ele desapareceu, sendo substituído por outro. O ciclo repetiu-se, vezes sem conta, até à chegada de um certo homem.

Este último batia em Atsuya sem motivo. Quer dizer, era possível que tivesse as suas razões, mas Atsuya não as compreendia. Se calhar, não gostava da cara dele. Foi quando andava no primeiro ano. A mãe não o protegia das agressões. Parecia pensar que a culpa era do filho por gerar o ódio do homem.

O corpo de Atsuya estava coberto de marcas de violência. Mas ele escondia-as de modo que ninguém desse por elas. Se alguém na escola descobrisse, o caos

havia de se instalar. E se isso acontecesse, as represálias seriam ainda piores.

O homem foi preso por maus-tratos quando Atsuya andava no segundo ano. Inspetores visitaram a casa de Atsuya e da família. Um deles reparara nas marcas no corpo do menino quando este trazia vestida uma camisola de corrida. Questionada, a mãe agiu de modo pouco natural, mentindo. Todavia, a mentira não convenceu os inspetores.

A polícia contactou imediatamente o serviço de proteção de menores. Rapidamente, os assistentes sociais visitaram a casa.

Durante o interrogatório, a mãe respondeu que o educava sozinho. Atsuya não percebia porque é que a mãe o dissera. Ouvira-a várias vezes, ao telefone, a queixar-se de que detestava o facto de ter de educar o filho e que preferia nunca o ter tido.

Os assistentes sociais foram-se embora. Oficialmente, vivia apenas com a mãe. Chegou a pensar que, com aquilo, não voltaria a ser agredido.

De facto, foi o que aconteceu. Mas a sua vida não se tornou mais cómoda. A mãe passou a estar menos tempo em casa. Não lhe preparava refeições nem lhe dava dinheiro. Atsuya sobrevivia apenas com os almoços da cantina da escola. Mesmo assim, nunca revelou fosse a quem fosse a pobreza que o atormentava. Nem ele sabia porquê. Talvez detestasse que os outros tivessem pena dele.

Veio o inverno e Atsuya passou o Natal sozinho. A escola entrou em período de férias. Passaram mais de duas semanas e a mãe não regressou a casa. O frigorífico estava vazio.

Atsuya estava tão esfomeado que acabou por roubar uma espetada de frango de uma banquinha. Foi preso pelo furto no dia 28 de dezembro. Atsuya sobrevivera sem comer desde o início das férias de inverno até esse dia. Nem se lembrava do que tinha comido. Na verdade, nem tinha uma memória clara do seu roubo. Foi facilmente capturado, pois desmaiou de anemia enquanto fugia.

Três meses depois, foi recebido no Centro de Acolhimento Marumitsuen.

Senhora «Cachorrinha Perdida»,

Recebi a sua segunda carta.

Percebi que não escolheu ser acompanhante apenas para ter luxos.

Além disso, acho impressionante o seu sonho de um dia ter um negócio próprio.

No entanto, suspeito que esteja demasiado fascinada com os encantos e o dinheiro que a rodeiam no seu novo trabalho como acompanhante.

Tem, por exemplo, um plano concreto para reunir os fundos necessários para abrir uma empresa? Sabe de quanto dinheiro precisa e tem um plano claro sobre até quando precisa de juntar essa maquia? E como pensa dar continuidade ao seu plano? Ter um negócio implica contratar muita gente. Onde arranjará o saber-fazer para gerir o negócio? Acha que vai correr tudo bem, sendo acompanhante? Confia que um plano como esse vai correr bem? Se sim, com base em quê?

Querer ser financeiramente independente é algo fantástico. Mas não acha que casar-se com alguém financeiramente confortável e ter uma vida estável também seria ótimo? Mesmo que não tenha um emprego, uma esposa que apoie o marido é, de certa forma, independente, não concorda?

Escreveu ainda que quer pagar de volta aos seus pais, mas isso não se limita ao dinheiro. Se for feliz, decerto os seus pais também ficarão satisfeitos e sentirão que lhes foi retribuído tudo o que fizeram por si.

Disse que deveria ignorar a sua carta se não concordasse consigo, mas não fui capaz de o fazer, acabando por escrever esta resposta. Agradecia que respondesse honestamente.

Bazar Namiya

— Que tal? Está bem assim, não achas? — interrogou Atsuya, recebendo a carta de Shōta.

— Não sei, temos de ver como ela responde, se nos vai dar um plano concreto para o seu futuro ou não.

Atsuya abanou a cabeça.

— Não creio.

— Porque dizes isso? Deixa de decidir como as coisas são sem teres provas!

— Mesmo que ela tenha um plano a sério, não passa de um sonho. Por exemplo, caindo nas graças de um artista ou jogador de baseball profissional.

— Se isso acontecesse, correria tudo bem de certeza! — exclamou Kôhei.

— Burro! Isso é impossível!

— Seja como for, vou lá pôr a carta — anunciou Shôta, inserindo as folhas no envelope e levantando-se.

Shôta abriu a porta das traseiras e saiu. Ouviu-se o som da tampa da palete do leite a ser aberta. Em seguida, o baque de algo a cair no som. «Quantas vezes teremos já ouvido este som nesta noite?», questionou-se Atsuya.

Shôta regressou e fechou a porta das traseiras. Imediatamente a seguir, ouviu-se um som da portada dianteira.

— Eu vou lá buscar — disse Kôhei, correndo a passos largos.

Atsuya olhou para Shôta. Os olhares de ambos cruzaram-se.

— O que estará para vir? — perguntou Atsuya.

— Sei lá — respondeu Shôta, encolhendo os ombros.

Kôhei voltou. Trazia um envelope na mão.

— Posso ler primeiro? — indagou.

— Força — acederam Atsuya e Shôta, em unísono.

Kôhei começou a ler a carta. Inicialmente, o seu rosto parecia animado. Todavia, foi-se tornando cada vez mais aflito. Quando o viram a roer a unha do polegar, Atsuya e Shôta voltaram a entreolhar-se. Era o hábito que Kôhei tinha quando ficava nervoso.

Como havia várias cartas, não conseguiram esperar. Mal Kôhei acabou de ler a primeira, Atsuya pegou nela e leu.

Estimado Bazar Namiya,

Li a sua segunda carta. E, mais uma vez, arrependi-me. E fiquei furiosa: por que motivo diz que estou deslumbrada pelo luxo e pelo dinheiro? Gostava de saber quem teria uma ideia destas só pela busca da diversão. Porém, já mais calma, apercebi-me de que o argumento do senhor Namiya era válido. É natural desconfiar de uma rapariga de dezanove anos que escreve a dizer que trabalha na indústria adulta e que quer abrir uma empresa.

Por fim, concluí que não fiz bem em esconder alguns detalhes particulares. Por isso, vou contar tudo sem omissões.

Tal como já escrevi repetidamente, quero obter a minha independência financeira. E o meu poder económico tem de ser elevado. Ou seja, quero ganhar muito, muito dinheiro. Contudo, essa não é a minha própria ambição.

Na verdade, quando era muito pequenina, perdi os meus pais. Vivi seis anos numa

instituição de acolhimento de menores até concluir a escola primária. Essa instituição era o Centro Marumitsuen.

Mesmo assim, fui feliz. Quando concluí a escola primária, fui para casa de uns familiares. Foi graças a eles que consegui terminar a secundária. No centro de menores, cruzei-me com várias crianças vítimas de maus-tratos pelos pais biológicos. Num dos casos, uma criança foi adotada por uma família que só queria obter subsídios e nem sequer lhe davam comida suficiente. Comparada com essas crianças, eu achava-me abençoada. É por esse motivo que um dia quero retribuir tudo o que recebi. No entanto, não tenho muito tempo. Os parentes que me ajudaram são idosos, não trabalham e têm pouco com que subsistir. Só eu os posso ajudar. E, para o fazer, não me chega servir chá e café no escritório.

Tenho um plano para abrir o meu próprio negócio. Obviamente, tenho de poupar. E tenho um consultor de confiança ao meu lado. É um cliente do bar que abriu vários restaurantes e é dono de alguns deles. Ele diz que, quando me tornar independente, me irá ajudar em todos os aspetos.

Mas o senhor Namiya também terá as suas dúvidas em relação a ele. Porque é que ele haveria de ser tão simpático?

Vou ser franca consigo: ele tem-me perguntado se não quero ser a amante dele. Se aceitar, posso receber um estipêndio mensal, e não é coisa pouca. Eu tento ver a situação por um prisma positivo. Afinal, até nem desgosto dele.

Esta é a minha resposta às suas perguntas, senhor Namiya. Espero que compreenda que não decidi ser acompanhante de bar por razões levianas. Ou será que a minha carta ainda não é suficientemente séria para si? Acha que se trata de um sonho de menina? Em caso afirmativo, agradecia que me dissesse o que está errado ou o que me falta.

Muito obrigada.

Cachorrinha Perdida

— Vou até à estação — disse Harumi a Hideyo, que estava de costas na cozinha. O aroma dos flocos de bonito pairava no ar.

— Está bem — respondeu a tia-avó, virando-se. Verteu um caldo para uma pequena tigela. Parecia estar em plena fase de prova.

Saindo de casa, subiu para o selim da bicicleta, que estava parada ao lado da casa.

E começou a pedalar lentamente. Era a terceira vez naquele verão que saía de casa tão cedo.

Hideyo talvez achasse algo estranho. Mas não perguntava nada porque confiava em Harumi. E, de facto, não estava a fazer nada de errado.

Seguiu pelo mesmo caminho de sempre, ao seu próprio ritmo. Por fim, aproximou-se do destino.

Talvez por causa da chuva da noite anterior, as imediações do Bazar Namiya estavam cobertas de neblina. Harumi certificou-se de que não havia ninguém à sua volta e seguiu pela ruela do bazar. Da primeira vez que ali fora, sentia-se muito nervosa. Agora, porém, já estava mais habituada.

Havia uma entrada escondida nas traseiras do bazar. Ao seu lado, uma palete para o leite. Inspirou fundo e abriu a tampa. Tal como até então, havia um envelope lá dentro.

Inconscientemente, lançou um suspiro tranquilo.

Abandonou a rua, pedalando novamente na bicicleta, e fez o caminho de volta. O que estaria escrito na terceira resposta? Pedalou a todo o gás, pois queria averiguar o conteúdo do envelope com a maior brevidade possível.

Harumi Fujisawa voltava à casa da família no segundo sábado de cada mês. Por mero acaso, teve a sorte de a empresa onde trabalhava durante o dia e o bar da noite terem encerrado ao mesmo tempo para celebrar o feriado do *obon*. Se a empresa ou o bar não tivessem fechado, não poderia ir a casa da família. A empresa diurna não facilitava que tirasse férias na época do *obon*. Por outro lado, o bar deixava-a tirar férias quando quisesse, desde que o dissesse antecipadamente. Mas Harumi não queria tirar folga: queria aproveitar os períodos mais propícios

para fazer o máximo de dinheiro possível.

Dizia que ia a casa da família, mas não se referia ao lar onde nascera. Na entrada, havia uma placa com a inscrição «Tamura».

Quando tinha cinco anos, Harumi perdeu os pais num acidente de viação. Um camião na via oposta transpôs a faixa de rodagem, acometendo em sentido contrário. Foi um acidente impensável. Na altura, Harumi estava a praticar para o recital do infantário. Ainda era incapaz de recordar o momento em que soube a verdade. Estava certa de que fora assolada por uma incomensurável tristeza. No entanto, mesmo agora faltavam-lhe as memórias. Alguém lhe contou, inclusive, que ficara cerca de meio ano sem falar.

Embora tivesse alguns familiares afastados, não tinha qualquer contacto com eles. Obviamente, ninguém se chegou à frente para cuidar de Harumi. Foi então que o casal Tamura lhe estendeu a mão.

Hideyo Tamura era a irmã mais velha da avó materna. Era, portanto, a sua tia-avó. O avô de Harumi perecera na guerra; a avó, pouco depois do conflito, por doença. Hideyo acarinhava Harumi como se fosse a própria neta. Não tinha mais ninguém a quem suplicar, e via a sua ajuda como um dom dos céus. O tio-avô também era boa pessoa e gentil com ela.

Mas a sua felicidade foi de pouca dura. O casal Tamura tinha uma filha única. Certo dia, esta apareceu subitamente em sua casa, mais o marido e os filhos. Segundo veio a saber mais tarde, o negócio do marido fracassou e estavam afogados em dívidas, o que os levou a perder a casa. Quando Harumi entrou para a escola primária, foi deixada numa instituição de acolhimento de menores. No dia da despedida, a tia-avó prometeu-lhe que iria buscá-la rapidamente.

A promessa seria cumprida seis anos mais tarde, quando a filha e a família saíram finalmente da sua casa. No dia em que foi buscar novamente Harumi, a tia-avó disse o seguinte diante do altar budista:

— Finalmente, saiu-me um peso dos ombros. Agora já posso olhar para ti olhos nos olhos, mana.

Ao pé da casa dos Tamura, vivia a família Kitazawa. A filha, Shizuko, era três anos mais velha do que Harumi. Tinham brincado juntas da primeira vez que Harumi vivera com a família Tamura. Harumi andava agora na escola básica, e Shizuko, na secundária. Depois de tanto tempo sem a ver, sentia que Shizuko se tornara mais crescida do que ela mesma.

Shizuko ficou felicíssima por voltar a ver Harumi. Contou-lhe, mergulhada em lágrimas, que estivera preocupada do fundo do coração.

Desde aquele dia, a distância entre as duas estreitou-se radicalmente. Shizuko era como a irmã mais velha de Harumi e esta amava-a como tal. Como viviam perto, podiam encontrar-se sempre que queriam. Não conseguia esconder o entusiasmo por rever Shizuko, agora que ia retornar à casa da família.

Shizuko fez-se aluna do quarto ano de uma universidade de motricidade. Era atleta de esgrima, praticava desde o secundário e tentava participar nos Jogos Olímpicos. Normalmente, ia para a universidade saindo da sua própria casa. Todavia, os treinos dos atletas selecionados eram mais exigentes, indo, inclusive, fazer estágios no estrangeiro. Por esse motivo, passava cada vez menos tempo em casa.

Contudo, nesse verão, Shizuko estivera calmamente em casa. Os Jogos Olímpicos de Moscovo, em que tentara participar, tinham sido alvo de um boicote da parte do governo do Japão. Harumi temeu ficar demasiado abalada, mas foi uma preocupação sem fundamento. Quando voltou a ver Shizuko pela primeira vez em muito tempo, tinha uma expressão alegre. Decidiu evitar o tema dos Jogos Olímpicos. Segundo lhe confessou, sentia-se muito mais leve desde que falhara a qualificação para aquela competição.

— Mas foi uma pena para os atletas qualificados, que se esforçaram tanto — afirmou, dócil. Só dessa vez a sua voz revelou um certo desalento.

Havia cerca de dois anos que Harumi não via Shizuko. A sua silhueta, anteriormente delicada, era agora a do corpo de uma desportista. Tinha os ombros largos e os braços impressionavam mais do que os da maioria dos homens magros. Para Harumi, o corpo de um atleta que almeja ir aos Jogos Olímpicos estava noutro nível.

— A minha mãe costuma dizer que, comigo aqui, a casa parece mais pequena — comentou Shizuko, enrugando o nariz. Era um antigo hábito seu.

Harumi ouviu Shizuko falar do Bazar Namiya quando as duas voltavam para casa depois de verem uma atuação de dança *obon* no bairro. Estavam a conversar sobre os seus sonhos para o futuro e sobre casarem-se quando Harumi questionou:

— Se tivesses de escolher entre a esgrima e um namorado, qual escolherias?

A pergunta era traiçoeira, visava pôr Shizuko em sarilhos.

Shizuko parou e olhou diretamente para Harumi. Tinha os olhos repletos de uma luz sincera. Em seguida, começou a chorar.

— Que se passa? Disse alguma coisa esquisita? Desculpa, não te queria magoar.

Consternada, Harumi pediu imediatamente desculpas.

Shizuko abanou a cabeça e limpou as lágrimas com a manga da *yukata*. Sorria de novo.

— Não se passa nada. Desculpa se te apanhei desprevenida. Mas não se passa nada, nada mesmo.

Sacudindo a cabeça, Shizuko recomeçou a caminhar.

As duas ficaram em silêncio. O caminho de volta para casa pareceu-lhes mais longo.

Shizuko voltou a deter-se.

— Tenho uma ideia, Harumi. Que tal fazermos um pequeno desvio?

— Um desvio? Por mim, tudo bem, mas por onde?

— Quando lá chegares, vais perceber. Não te preocupes, não é muito longe.

Shizuko levou Harumi a uma antiga e pequena loja. O letreiro indicava «Bazar Namiya». Não tinha a certeza se a portada estava fechada, pois a loja encerrara naquele dia ou para sempre.

— Conheces esta loja? — perguntou Shizuko.

— Namiya... acho que já ouvi falar nalgum lado.

— Se precisa de ajuda com os seus problemas, deixe connosco: Bazar Namiya — cantarolou Shizuko.

— Ah — exclamou Harumi. — Já ouvi falar desta loja, foram os meus amigos que me falaram dela. Com que então, fica aqui!

Tinha ouvido boatos a seu respeito, mas nunca ali tinha estado.

— A loja já não funciona como negócio, mas ainda dão conselhos às pessoas!

— A sério?

— Sim — confirmou Shizuko. — Eu até vim cá pedir conselhos recentemente.

Os olhos de Harumi esbugalharam-se.

— Não acredito...

— Nunca contei isto a ninguém. Mas vou contar-te só a ti, Harumi, porque já me viste a chorar.

Enquanto proferia estas palavras, os olhos de Shizuko ainda estavam húmidos.

A história de Shizuko chocou Harumi. Tinha-se apaixonado pelo seu professor de esgrima, chegando, inclusive, a considerar casar-se com ele. O mais chocante, porém, foi o facto de ele já ter falecido e de Shizuko se ter continuado a preparar-se para os Jogos Olímpicos embora estivesse ciente de que o amado podia morrer a qualquer momento.

— Eu nunca seria capaz — disse Harumi. — Se a pessoa que amo tivesse uma doença incurável, nunca me conseguiria concentrar no desporto. Nunca na vida.

— Dizes isso porque não nos compreendes — respondeu Shizuko, num tom calmo. — Acho que ele sabia que não ia viver por muito tempo. Por isso, devotou o que lhe restava a rezar por mim, para que o seu sonho, que também era o dele, se concretizasse. Quando o percebi, deixei de hesitar.

Foi o Bazar Namiya que a ajudou a superar as suas incertezas, contou Shizuko.

— Acho que o senhor do bazar era incrível. Nunca tenta enganar as pessoas ou dizer coisas ambíguas. Aliás, até me deu na cabeça! Mas, graças a ele, abri os olhos. Percebi que me estava a enganar a mim mesma. Assim, consegui concentrar-me na esgrima.

— Uau!

Enquanto olhava para a velha e ferrugenta portada do Bazar Namiya, a mente de Harumi encheu-se de pensamentos estranhos. Não lhe parecia de maneira

nenhuma uma casa onde vivesse alguém.

— Eu também acho que não mora cá ninguém — concordou Shizuko. — Mas deve vir alguém à noite buscar as cartas. Escrevem as respostas e, de manhã, deixam-nas na paleta do leite.

Porque se dariam ao trabalho de fazer tudo isso? Harumi achou-o suspeito. Todavia, se Shizuko dizia que assim era, devia ser verdade.

Desde aquela noite que Harumi foi incapaz de parar de pensar no Bazar Namiya. E o motivo era só um: também ela andava preocupada com um grande problema.

Em termos simples, era uma questão de dinheiro.

Embora a tia-avó nunca lho tivesse contado diretamente, a família Tamura enfrentava uma situação financeira gravíssima. Se a família fosse um barco, estaria prestes a afundar enquanto os tripulantes tentavam remover a água do porão com baldes. Para já, flutuavam, mas a situação não era sustentável a longo prazo.

Originalmente, a família Tamura tinha uma riqueza respeitável, sendo proprietária de vários terrenos na região. No entanto, muitas dessas propriedades foram vendidas por uma razão: para liquidar as dívidas do marido da filha. O fim das dívidas permitiu à filha sair de casa dos pais e possibilitou ainda que os tios-avós voltassem a acolher Harumi.

Ora, as dificuldades da família Tamura não se ficaram por aí. No fim do ano anterior, o tio-avô sofreu um AVC. Como sequele da doença, a metade direita do seu corpo ficou paralisada.

Entretanto, Harumi foi trabalhar para Tóquio. Obviamente, porque queria suportar financeiramente a família Tamura.

Porém, o seu salário era praticamente consumido pelas próprias despesas. Ajudar a família Tamura não passava de um sonho para ela.

Foi nesse período de enorme aflição que o seu destino se cruzou com a indústria do entretenimento adulto. Se assim não tivesse sido, provavelmente não teria tido curiosidade em experimentá-lo. Na verdade, tinha algum preconceito em relação ao trabalho de acompanhante.

Mas agora não. Pelo contrário, ponderava demitir-se da empresa e dedicar-se a tempo inteiro a ser acompanhante para pagar a dívida de gratidão que tinha para com a família Tamura.

Harumi sentia-se dividida. Talvez pedir conselhos para um problema como aquele fosse demasiado. Diante da secretária que usava desde os tempos de estudante, Harumi pensou.

Mesmo assim, o problema que inquietara Shizuko era gravíssimo. E o Bazar Namiya resolvera-o muito bem. Portanto, era possível que também desse uma excelente resposta ao problema de Harumi.

Deixar-se consumir pelas preocupações não a levaria a lado nenhum. Não

perdia nada em escrever a carta, e foi isso mesmo que Harumi fez.

No momento em que estava prestes a inserir o envelope pela ranhura do correio do Bazar Namiya, foi subitamente assolada pela incerteza. Receberia mesmo uma resposta? Segundo Shizuko lhe contou, tinha recebido a sua resposta no ano anterior. Talvez agora já ali não estivesse ninguém e a sua carta acabasse perdida numa casa abandonada.

«Não importa», decidiu, inserindo resolutamente a carta. De qualquer modo, não escrevera o seu nome. Se alguém a lesse indevidamente, não saberia quem a remetera.

Não obstante, ao voltar à loja, na manhã seguinte, encontrou o prometido envelope na paleta do leite. Embora estivesse preocupada com a possibilidade de não ter resposta, ao tocar no envelope sentiu-se algo estranha.

Lendo a carta, finalmente percebeu que tudo era tal como Shizuko lhe dissera. A resposta do Bazar Namiya não vinha adocicada, era extremamente direta. Sem refreios ou cortesias. Parecia um desafio com o objetivo expresso de a irritar.

— É a forma de atuar do senhor Namiya. Assim, é capaz de trazer ao de cima a nossa real natureza e de nos ajudar a escolher por nós mesmos o caminho certo — contou Shizuko.

Mesmo assim, Harumi achou a carta ofensiva. Fizera o seu melhor para se expressar, mas, na resposta, era acusada de querer ser acompanhante apenas pelos luxos.

Decidiu responder imediatamente. Escreveu que não ponderava demitir-se da empresa e focar-se na carreira de acompanhante para ter uma vida luxuosa, mas porque tinha o sonho de abrir o próprio negócio.

A resposta seguinte do Bazar Namiya deixou Harumi ainda mais furiosa. Por qualquer motivo, parecia suspeitar da sua seriedade. Chegou, inclusive, a aconselhá-la a casar-se e a ter uma família feliz para pagar a sua dívida de gratidão para com aqueles que a ajudaram na vida. Em suma, um tiro ao lado.

Ainda assim, Harumi começou a pensar que talvez tivesse sido ela quem agira incorretamente. Se escondesse os factos mais importantes, os seus sentimentos nunca seriam transmitidos à outra pessoa.

E decidiu revelar mais sobre si numa terceira carta. Falou de onde nasceu e cresceu, e da situação de pobreza daqueles que a ajudaram. Além disso, revelou os seus planos para o futuro.

Que resposta daria o Bazar Namiya dessa vez? Harumi inseriu o novo envelope na ranhura do correio num misto de antecipação e medo.

Ao voltar para casa, o seu pequeno-almoço já estava pronto. Harumi sentou-se na mesinha baixa da sala japonesa e comeu. No quarto do lado, o tio-avô estava deitado no *futon*. Hideyo dava-lhe de comer canja com uma colher e ajudava-o a beber chá fresco. Ao observar essa cena, Harumi sentiu ainda mais urgência. Tinha

de fazer algo para os ajudar.

Depois do pequeno-almoço, voltou imediatamente para o quarto. Tirou o envelope do bolso e sentou-se numa cadeira. Desdobrou o papel de carta. Como sempre, tinha à sua frente uma caligrafia bastante feia.

Porém, o conteúdo desta carta era muito diferente do das anteriores.

Senhora «Cachorrinha Perdida»,

Li a sua terceira carta. Já entendi que a senhora está numa situação muito complicada e quer genuinamente retribuir as suas dívidas de gratidão. Mas ainda tenho algumas perguntas a esse respeito:

- Pode confiar realmente no homem que lhe pediu para ser seu amante? Diz que esteve envolvido na abertura de um restaurante. Mas perguntou-lhe especificamente em que tipo de restaurante e de que modo participou na sua abertura? Se ele puder mostrar-lhe o restaurante em que afirmou ter estado envolvido, peça-lhe que lho mostre fora do horário de funcionamento e que a deixe conversar com o pessoal da casa.*
- Tem garantias de que ele a vá mesmo ajudar quando abrir o seu negócio? Por exemplo: se for seu amante e a mulher dele descobrir, honrará ele a sua palavra?*
- Pretende manter a sua relação com esse homem para sempre? O que fará quando se apaixonar por alguém?*
- Diz que quer ser acompanhante para ter mais poderio financeiro e, assim, abrir o seu negócio. Mas, se houver um método mais eficaz de enriquecer, desistiria dessa profissão ou há mais algum motivo para querer ser acompanhante?*
- Se o Bazar Namiya lhe contasse como enriquecer sem trabalhar na indústria adulta, faria como lhe digo? Talvez as minhas instruções incluam ordens como «deixe de ser acompanhante» ou «deixe de ser amante de homens estranhos».*

Responda a estas minhas perguntas e deixe-me uma nova carta. Em função das suas respostas, dir-lhe-ei como poderá concretizar os seus sonhos.

Sei que esta conversa parece pouco credível. Mas pode ter a certeza de que não a estou a tentar enganar. Aliás, que ganharia eu em trapaceá-la? Acredite em mim.

Seja como for, deixo, desde já, um aviso.

Só poderei conversar consigo até 13 de setembro. Depois disso, será impossível contactar-me.

Portanto, pense bem.

Depois de se despedir do terceiro grupo de clientes, Harumi foi levada por Maya para a casa de banho dos funcionários. Maya era quatro anos mais velha do que Harumi.

Ao entrarem na casa de banho, Maya agarrou Harumi pelos cabelos.

— Olha lá, não abuses da sorte só porque és nova.

— O que foi? — inquiriu Harumi, com um esgar de dor.

Os lábios de Maya, cobertos de batom escarlata, contorceram-se.

— O que foi, o caraças! Andas aí a seduzir os clientes das outras?!

— Como assim? Eu não seduzi ninguém.

— Não te faças de parva. A fazeres olhinhos ao velho Satō! Eu trouxe esse cliente do meu bar anterior!

«A fazer olhinhos ao Satō? Aquele velho gordo? Não gozes comigo», pensou Harumi.

— Eu só lhe respondi porque ele veio falar comigo.

— Mentirosa. Andas-te aí a pavonear, a fazeres de conta que tens classe!

— Sou acompanhante, não é natural que tente atrair os clientes?

— Cala-te! — Maya largou o cabelo de Harumi e empurrou-lhe o peito. As costas de Harumi embateram na parede. — Não te volto a admitir isto. Não te esqueças disso.

Maya fungou e saiu da casa de banho.

Harumi viu-se ao espelho. Tinha o cabelo todo desgrenhado. Enquanto o arranjava, esforçou-se para recuperar a expressão de sublimidade. Não podia deixar que algo assim a perturbasse.

Saindo da casa de banho, foi-lhe ordenado que se sentasse num lugar diferente, onde estavam três clientes com um ar importante.

— Eh lá, agora veio uma mais novinha! — exclamou um homem careca, a olhar, sentado, para Harumi. O seu sorriso revelava uma certa volúpia.

— Chamo-me Miharu, é um prazer conhecê-los.

De olhos fixos nos homens, Harumi sentou-se ao lado deles. A acompanhante mais experiente que se havia sentado ali primeiro sorriu forçadamente, examinando-a com um olhar distante. A mulher avisara-a para que não desse

demasiado nas vistas. «Mas quem é que quer saber dos conselhos dela?», pensou. Este trabalho não faria sentido se não conseguisse cair nas graças dos clientes.

Pouco depois, surgiu Shinji Tomioka. Vinha sozinho. Envergava um fato cinzento e uma gravata vermelha. A sua figura magra e sem barriga não se parecia em nada com o típico homem de quarenta e seis anos de idade.

Obviamente, Harumi foi chamada ao seu assento.

— Há um bar chique em Akasaka — comentou Tomioka em voz baixa, bebendo um gole do seu uísque diluído. — Está aberto até às cinco da manhã e tem vinhos de todo o mundo. Acabaram de me telefonar a dizer que arranjaram um caviar de alta qualidade e que gostariam muito que lá fosse. Se calhar, passo por lá a seguir.

Harumi gostava de lá ir. Todavia, levou as duas mãos às faces.

— Desculpe, mas não me posso atrasar amanhã.

Tomioka suspirou, de rosto franzido.

— Já te disse para te despedires o mais rapidamente possível. É uma empresa de quê, mesmo?

— É uma fabricante de materiais de papelaria.

— E o que é que fazes lá? Trabalho de secretariado e mais nada, não é?

— Sim — anuiu. Na verdade, nem isso. Só lhe davam tarefas mundanas.

— Porque é que te estás a limitar por um emprego que paga tão pouco? Só vais ser nova uma vez na vida. Tens de capitalizar o teu tempo para concretizares os teus sonhos!

— Eu sei — aquiesceu novamente, olhando para Tomioka. — Olhe, tinha-me dito que queria levar-me ao bar-restaurant de Ginza. Aquele que o senhor Tomioka ajudou a inaugurar.

Tomioka inclinou-se para a frente.

— Ah, aquele bar? Claro que sim, quando é que te dá jeito?

— Se possível, gostava de ir quando o negócio estivesse encerrado ao público.

— Quando estivesse encerrado?

— Sim. Gostava de falar com o pessoal e ver como o bar é operado nos bastidores.

A expressão de Tomioka tornou-se imediatamente mais sombria.

— Isso é capaz de ser complicado... não sei se dá...

— Não dá mesmo?

— A minha política é separar o trabalho da vida pessoal. Se mostrasse os bastidores do negócio a alguém de fora só porque te dás comigo, o pessoal do bar não ia achar muita piada...

— Ah, tem toda a razão. Não faz mal. Peço desculpa por lhe pedir isto — disse Harumi, baixando a cabeça.

A expressão de Tomioka tornou-se novamente alegre.

— Se formos como clientes, não há problema. Vamos lá um destes dias.

Naquela noite, Harumi voltou para o seu apartamento em Kōenji por volta das três da manhã. Tomioka levou-a a casa de táxi.

— Não te vou pedir que me deixes ir a tua casa — disse Tomioka, repetindo a deixa de sempre. — Só te peço que consideres a minha proposta.

Estava a falar do pedido para ser seu amante. Harumi disfarçou com um sorriso ambíguo.

Chegando a casa, bebeu primeiro um copo de água. Era o quarto dia que passava no bar naquela semana. Geralmente, voltava para casa sempre por volta daquela hora. Ia aos banhos públicos três vezes por semana.

Removeu a maquilhagem, lavou o rosto e confirmou a agenda do dia seguinte. Tinha reuniões logo de manhã, pelo que teria de chegar à empresa trinta minutos mais cedo do que o habitual para preparar o chá. Ou seja, só poderia dormir umas quatro horas.

Repôs a agenda na mala. Em seguida, retirou um envelope. Desdobrou a carta e suspirou. Já a tinha relido tantas vezes que memorizara o conteúdo. Fosse como fosse, lia-a uma vez por dia. Era a terceira carta do Bazar Namiya.

Pode confiar realmente no homem que lhe pediu para ser seu amante?

Secretamente, a dúvida consumia Harumi. Embora tivesse as suas reservas, não se atrevia a pensar na pergunta. Se tudo o que Tomioka lhe dissera fosse mentira, então os seus sonhos estavam tremendamente longe da sua concretização.

Todavia, pensando mais racionalmente, as questões do Bazar Namiya faziam todo o sentido. Mesmo que Harumi aceitasse ser a amante de Tomioka, continuaria ele a suportá-la se a mulher soubesse da relação adúltera? Qualquer pessoa acharia complicado manter uma situação como aquela.

Além disso, tinha de levar em conta a atitude de Tomioka naquela noite. Dizer que preferia separar o trabalho da vida privada não era invulgar. Porém, fora o próprio Tomioka quem a convidara a ir visitar os seus negócios para que o pudesse ver em ação.

Se calhar, não podia mesmo depender dele. Se assim fosse, contudo, o que faria dali em diante?

Voltou a olhar para a carta.

Se o Bazar Namiya lhe contasse como enriquecer sem trabalhar na indústria adulta, faria como lhe digo? (...) Em função das suas respostas, dir-lhe-ei como poderá concretizar os seus sonhos.

Que texto era aquele? Como poderia acreditar nele, quando estas pareciam as palavras de um vigarista que operava ilegalmente? Em circunstâncias normais, tê-lo-ia ignorado.

Todavia, o remetente era o Bazar Namiya, a pessoa que resolvera os problemas de Shizuko. Aliás, mesmo que não o fosse, depois das suas trocas de

correspondência anteriores, Harumi estava disposta a confiar nesta pessoa.

A forma decidida e sem subterfúgios como exprimiu as suas opiniões, muito embora não a conhecesse pessoalmente, revelava um misto de falta de jeito e honestidade.

Era tal como estava escrito na carta. Ele não ganharia nada em enganar Harumi. Não obstante, não poderia aceitar os seus conselhos sem os questionar. Se houvesse uma maneira de ser infalivelmente bem-sucedido, ninguém lutaria para sobreviver e o dono do Bazar Namiya seria um homem muito rico.

Com o fim das férias de *obon*, Harumi acabou por voltar para Tóquio sem responder à carta. Retomou o trabalho de acompanhante e a vida dividida entre a secretária de escritório e a acompanhante de bar. Para ser franca, a rotina era fisicamente esgotante. Pensava constantemente em despedir-se da empresa.

Harumi tinha mais uma dúvida pendente. Olhou para o calendário em cima da mesa. Era 10 de setembro, quarta-feira.

Só poderia manter a comunicação por carta até 13 de setembro. Depois disso, o Bazar Namiya deixaria de responder. O dia 13 era o sábado seguinte. Porque é que o limite fora definido até àquele dia? Seria essa a data para o fecho do serviço de aconselhamento?

Harumi considerou que seria boa ideia falar com o Bazar. Entretanto, este poderia revelar-lhe mais sobre o assunto. Depois, ela poderia decidir se queria pôr os seus conselhos em prática ou não. Só porque fizera uma promessa, tal não significava que a tivesse de cumprir. Se Harumi quebrasse o seu lado da promessa e continuasse a trabalhar como acompanhante, o seu correspondente nunca saberia.

Olhou-se ao espelho antes de ir dormir. Tinha uma borbulha ao lado do lábio. Há muito tempo que não dormia bem. «Se já me tivesse demitido da empresa, podia ficar na cama até ao meio-dia», pensou.

Sexta-feira, 12, terminando o trabalho na empresa, Harumi foi até à casa dos Tamura. O bar de Shinjuku estava fechado nesse dia.

Os tios-avós de Harumi ficaram algo surpreendidos por a reverem, pois ainda nem passara um mês desde o fim das férias de *obon*. Mas estavam obviamente felizes. Da última vez, não pudera falar calmamente com o tio-avô. Por isso, desta vez aproveitou para lhes dar notícias da sua vida à hora do jantar. Contudo, não lhes disse que trabalhava como acompanhante.

— Consegues pagar bem a renda e as outras despesas? Se te faltar alguma coisa, não hesites e vem falar connosco — disse o tio-avô, movendo a boca com dificuldade. Como era Hideyo quem geria as contas da família Tamura, o tio-avô não estava a par das dificuldades que enfrentavam.

— Não é preciso. Desde que seja poupada, não vou ter problemas. E ando tão ocupada que nem tenho tempo para me divertir. Ou seja, quase nem gasto

dinheiro — respondeu Harumi prontamente.

Era verdade que não tinha tempo para se divertir. Depois do jantar, tomou um banho. Olhou para o céu noturno pela rede por fora da janela. A lua redonda iluminava-o. Parecia que no dia seguinte faria novamente sol.

Que resposta receberia?

Antes de vir a casa dos Tamura, passou pelo Bazar Namiya. Deixou uma carta na ranhura do correio da loja com a seguinte mensagem:

Não quero trabalhar na indústria adulta, se houver alternativa, não quero ser amante de ninguém, posso deixar de ser acompanhante; acredito em ti de todo o coração.

O dia seguinte seria 13. Fosse qual fosse a resposta, seria a última. Harumi estava determinada a tomar uma decisão depois de a ler.

Na manhã seguinte, despertou antes das sete horas. Mais precisamente, passara a noite inteira com insónias e levantara-se depois de várias horas a rebolar.

A tia-avó também já estava a pé, a preparar o pequeno-almoço. Da sala japonesa provinha um cheiro ligeiramente enjoativo. Devia ter acabado de cuidar da higiene do tio-avô, que não era capaz de ir à casa de banho sozinho.

Harumi saiu de casa, dizendo à tia-avó que ia apanhar ar fresco. Montou a bicicleta e seguiu pelo mesmo trajeto cumprido nas férias do *obon*.

Por fim, parou à frente do Bazar Namiya. A loja, serena e com o seu aspeto antigo, parecia aguardar a chegada de Harumi, que seguiu pela viela lateral.

Abriu a tampa da paleta do leite, nas traseiras: tinha um envelope. Sentiu no peito um misto de expectativa e anseio, suspeição e curiosidade. Ainda incapaz de pôr os sentimentos em ordem, Harumi estendeu o braço.

Não foi capaz de esperar até voltar para casa. Quando passou por um parque da zona, parou a bicicleta. Certificou-se de que não estava ninguém à sua volta e, ainda no selim, retirou a carta do envelope.

Estimada Cachorrinha Perdida,

Li a sua última carta. Fiquei mais descansado. Continuo sem saber se me está a dizer realmente o que pensa. Talvez até só me tenha escrito porque tinha curiosidade em ler a minha resposta. Como não tenho maneira de o comprovar, escrevi-lhe esta carta tendo como pressuposto que acredita de facto em mim.

Pois bem: o que precisa para concretizar os seus sonhos?

Precisa de estudar. E de poupar dinheiro.

Nos próximos cinco anos, aprenda tudo sobre a economia. Mais especificamente, sobre investimento em ações e imobiliário. Se assim fizer, terá mesmo de se demitir da empresa. Entretanto, pode manter a sua ocupação de acompanhante.

As poupanças terão como objetivo a aquisição de imóveis. Compre um imóvel o mais perto dos centros urbanos possível. Não importa se for um terreno, um apartamento ou uma moradia isolada; se é uma casa velha ou pequena. O importante é comprar antes de 1985. Esta casa não será para você viver.

Em 1986, o Japão passará por um período economicamente favorável como nunca antes visto e o imobiliário irá valorizar. Deverá então vender imediatamente e comprar um imóvel ainda mais caro. Esse segundo imóvel também irá valorizar, prometo-lhe. Use o lucro desse ciclo de compra e venda para investir em ações. É para esse fim que terá de ganhar conhecimentos sobre a compra e venda de ações. Se comprar ações de grandes empresas entre 1986 e 1989, provavelmente nunca perderá dinheiro.

Também deverá adquirir quotas de clubes de golfe. Quanto mais depressa o fizer, melhor. Contudo...

Tenha em conta que só lucrará com estes investimentos entre 1988 e 1989. A partir de 1989, a situação irá alterar-se. Por isso, mesmo que pareça que os seus ativos continuarão a valorizar, retire os seus investimentos. A situação será como um jogo de cartas. Haverá uma grande diferença entre quem sairá vitorioso ou derrotado. Por favor, confie em mim haja o que houver.

Depois disso, a economia japonesa continuará a piorar. Digam-lhe o que lhe disserem, não irá lucrar com investimentos. Daí em diante, só poderá enriquecer com algum tipo de iniciativa empresarial.

Acredito que tenha as suas dúvidas. Como posso eu falar tão resolutamente do que se vai passar daqui a alguns anos? Porque sou eu capaz de prever o futuro da economia japonesa?

Sobre isso, lamento, mas não posso explicar nada. No momento em que o explicasse, deixaria de ter fé em mim. O melhor é ver isto como um palpite extremamente certo. Já agora, aproveite para revelar algo mais sobre o futuro.

Escrevi que a economia japonesa se vai agravar, mas isso não significa que deva deixar de ter sonhos e esperança. Os anos noventa serão uma boa década para abrir novos negócios.

Os computadores serão difundidos por todo o mundo. Cada casa — não, cada pessoa! — terá o seu próprio computador. Os computadores ligar-se-ão uns aos outros, permitindo a gente de todo o mundo trocar informação. Além disso, as pessoas também terão telefones móveis que, por sua vez, se ligarão à rede dos computadores.

Isto é: a chave do sucesso será entrar na área das tecnologias com uma empresa que utilize essas mesmas redes. Por exemplo, usando as redes para divulgar empresas, negócios e produtos, ou até comercializando-os por esse meio. As possibilidades são infinitas.

Se acredita em mim ou não, é consigo. Mas não se esqueça do que escrevi inicialmente: nada ganho em enganá-la. Esta carta é o resultado do tempo que despendi a pensar seriamente em qual seria o melhor caminho para a sua vida.

Na verdade, gostaria de a ajudar mais. Mas não tenho tempo. Esta será provavelmente a minha última carta. Nem poderei receber uma resposta sua.

Acreditar ou não, é consigo. Mas acredite. Rezo, do fundo da minha alma, que acredite.

Terminando de ler a carta, Harumi ficou perplexa. O conteúdo apanhou-a completamente de surpresa.

Era uma profecia. E cheia de convicção.

No atual ano de 1980, a economia do Japão estava numa situação nada favorável. A crise do petróleo arrastava-se e a procura de emprego pelos universitários era tudo menos fácil.

Contudo, a carta prometia que, dali a uns anos, a economia passaria por um período de crescimento sem precedentes.

Obviamente, não podia acreditar nisso. Só podia estar a ser enganada.

Não obstante, era tal como dizia a carta: o que é que o Bazar Namiya ganharia em enganar Harumi?

Se o que constava da missiva era mesmo verdade, como é que o Bazar Namiya poderia fazer essas previsões?

Não falava apenas da economia japonesa. A carta incluía antevisões sobre os desenvolvimentos da tecnologia no futuro. Aliás, essas previsões não eram apresentadas como tal, mas como factos irrefutáveis.

Computadores, redes, telefones móveis... Tudo temas que pouco lhe diziam. Era verdade que só faltavam vinte anos para o século XXI. Não era impossível que, nessa era, muitas tecnologias sonhadas se tornassem realidade. No entanto, para Harumi, aquilo de que a carta falava parecia saído de um filme de ficção científica ou dos desenhos animados.

Harumi passou o dia inteiro a remoer. Depois de uma noite de ansiedade, sentou-se à secretária. Colocou uma folha sobre ela e começou a escrever uma carta. Obviamente, era endereçada ao Bazar Namiya. Ele tinha-lhe dito que não poderia trocar mais correspondência, mas ainda era dia 13. Talvez ainda tivesse uma oportunidade, se não passasse da meia-noite.

Na carta, pedia provas para aquelas profecias. Escreveu ainda que lhe contasse mais, mesmo que fosse algo inacreditável, para que pudesse decidir o que fazer dali em diante.

Por volta das onze da noite, saiu sub-repticiamente de casa. Pedalou a fundo na bicicleta rumo ao Bazar Namiya.

Chegando em frente à loja, Harumi confirmou as horas. Passava pouco das onze horas e cinquenta minutos. Ainda ia a tempo. Com isso em mente, aproximou-se da loja.

Mas depressa parou.

Olhando para o edifício do Bazar Namiya, sentiu que tudo estava a chegar ao fim.

A aura mística da loja tinha desaparecido. Não passava de um bazar

normalíssimo e falido. Não sabia explicar porquê, mas era assim que Harumi se sentia.

Não conseguiu deixar a carta na ranhura do correio. Harumi voltou a montar na bicicleta e foi-se embora. Só soube que foi a escolha certa uns quatro meses depois. Harumi regressou a casa da família nas férias de fim de ano. Na noite de Ano Novo, foi com Shizuko rezar a primeira prece no santuário local. Shizuko arranjava um novo emprego: na primavera, começaria a trabalhar para uma grande cadeia de supermercados. Obviamente, não havia um clube de esgrima na empresa. Ou seja, iria desistir do desporto.

— Que desperdício — disse Harumi.

Mas Shizuko discordou, abanando a cabeça:

— Acho que já chega de esgrima. Dei tudo o que tinha para ir aos Jogos Olímpicos de Moscovo. Acho que até ele me pode perdoar lá no céu — respondeu, olhando para cima. — Agora, tenho de pensar no futuro, esforçar-me no novo emprego e encontrar uma boa pessoa.

— Uma boa pessoa?

— Sim, para me casar. Quero ter um filho, e que seja saudável — revelou Shizuko, rindo, travessa. Uma ruga formou-se-lhe acima do nariz. A sua expressão não dava sinais de qualquer tristeza por ter perdido o namorado um ano antes.

«És mesmo forte», pensou Harumi, admirada.

Ao voltarem do santuário, Shizuko pareceu lembrar-se de qualquer coisa. Disse-lhe:

— Lembras-te de, no verão, te ter falado sobre um bazar estranho que dava conselhos?

— Lembro-me. Estás a falar do Bazar Namiya, não é? — retrucou Harumi, algo nervosa. Nunca contou a Shizuko que trocara cartas com o bazar a pedir ajuda.

— A loja faliu e o velho dono faleceu. Falei com uma pessoa que estava em frente à loja a tirar fotografias, era o filho do velhote.

— A sério? Quando é que isso foi?

— Cruzei-me com ele em outubro, se bem me lembro. Nessa altura, disse-me que o velhote tinha morrido no mês anterior.

Perplexa, Harumi engoliu em seco.

— Portanto, o velhote morreu em setembro?

— Sim, deve ter sido isso.

— Mas em qual dia de setembro?

— Não me lembro. Porque perguntas?

— Hum... por nenhum motivo em particular.

— Dizem que o bazar estava fechado há algum tempo porque o velhote ficou doente. Mesmo assim, manteve o serviço de aconselhamento a funcionar. Talvez eu

tenha sido a última pessoa que ele ajudou. Só de pensar nisso, até sinto um calor no peito — declarou Shizuko, cândida.

«Mentira, a última fui eu», disse Harumi mentalmente, mas refreando-se de o verbalizar. Supôs que o dono do bazar morrera no dia 13 de setembro. Ele disse que só poderia trocar correspondência até dia 13, pois estava ciente de que essa seria a data em que a sua vida terminaria.

Se assim fosse, então o proprietário do bazar deveria possuir uma notável habilidade de prever o futuro.

Harumi estava dividida entre a desconfiança e uma imaginação cada vez mais estimulada.

Talvez a carta dissesse a verdade.

Dezembro de 1988.

Numa sala com uma pintura a óleo, Harumi estava prestes a assinar um contrato. Era a escritura de uma casa. Fizera-o vezes sem conta nos últimos anos. Para ela, transações de milhões de ienes não eram nada do outro mundo. Além disso, aquele imóvel em particular não era propriamente caro. Todavia, dessa vez, Harumi sentia um nervosismo até aí inédito. Aquilo que sentia por este imóvel ultrapassava quaisquer outros edifícios que negociara até ali.

— Se estiver tudo em conformidade, assine e ponha o seu carimbo aqui no documento, se faz favor.

O representante da imobiliária, que envergava um fato da marca *Dunhill* na casa dos duzentos mil ienes, virou-se para Harumi. O seu rosto cor de trigo parecia bronzeado no solário.

Tinham alugado uma sala da sucursal de Shinjuku de um certo banco, que era o banco principal utilizado pela empresa de Harumi. Além do homem trajado de *Dunhill*, que agia na qualidade de intermediário, estavam presentes na reunião os vendedores da propriedade, Hideyo Tamura, Kimiko Kozuka e Shigekazu, o marido de Kimiko. Kimiko fez cinquenta anos no ano anterior. O seu cabelo tingira-se de branco.

Harumi olhou para cada um dos vendedores. Hideyo e Kimiko mantiveram-se cabisbaixas. Shigekazu desviou o olhar, com um ar carrancudo. «Que homem patético», pensou Harumi. Se não concordava com o negócio, porque não olhava para ela de frente?

Tirou uma caneta da mala e declarou:

— Está tudo certo.

Assinou o documento e premiu nele o seu carimbo.

— Muito obrigado. A escritura está concluída e considera-se oficial — anunciou o homem trajado de *Dunhill*, num tom glorioso, enquanto recolhia os documentos. Embora o seu trabalho fosse simples, parecia contente por arrecadar uma boa maquia.

Os dois lados receberam as suas cópias dos documentos. Shigekazu levantou-se de imediato. Todavia, Kimiko manteve-se sentada e de cabeça baixa. Harumi

estendeu-lhe a mão. Kimiko ergueu o rosto, surpreendida.

— A escritura está completa, temos de dar um aperto de mão.

— Ah, claro.

Kimiko apertou a mão de Harumi.

— Olha... desculpa...

— Desculpa porquê? — Harumi riu-se. — Não foi boa ideia? Encontrámos uma solução vantajosa para todos.

— Estou de acordo, mas...

Kimiko era incapaz de a olhar nos olhos.

— Que é que estás para aí a fazer? — resmungou Shigekazu. — Vamos.

— Sim, vamos — acedeu Kimiko, virando-se para a mãe. Tinha o semblante pintado de perplexidade.

— Eu posso levar a tia a casa — declarou Harumi. Desde cedo que Harumi se referia a Hideyo, a tia-avó, como «tia». — Deixem-na nas minhas mãos.

— Pode ser? Façamos isso, então. Concordas, mãe?

— Por mim, qualquer coisa dá — respondeu Hideyo, baixinho.

— Tudo bem. Contamos contigo, Harumi.

— Com certeza.

Depois de Harumi responder, Shigekazu abandonou a sala. Kimiko fez uma vénia acanhada e seguiu os passos do marido.

Saindo do banco, Harumi ajudou Hideyo a entrar no *BMW* estacionado ali perto e conduziu até casa dela. Na verdade, esta já não era a «casa de Hideyo». A residência dos Tamura tornara-se propriedade de Harumi. Foi para esse efeito que assinou aquela escritura.

O tio-avô faleceu naquela primavera. Diz-se que morreu de velhice, o que era um mal menor. Nos seus últimos momentos, urinou dentro do *futon*. Esse instante marcou para Hideyo o fim da sua longa vida enquanto cuidadora.

Desde que soube que o tio-avô não viveria muito mais tempo, uma questão passou a inquietar Harumi: a herança. Mais precisamente, a sua casa. Antigamente, fora investidora. No entanto, não tinha qualquer património em seu nome.

Nesses últimos dois, três anos, os preços do imobiliário continuavam a escalar. Embora o imóvel estivesse a cerca de duas horas de Tóquio, o que não era propriamente conveniente, enquanto património imobiliário tinha um valor substancial.

Ela tinha a certeza de que Kimiko e o marido, especialmente Shigekazu, não deixariam de pôr os olhos na casa. Ele continuava a meter-se em negócios duvidosos, mas Harumi nunca tinha ouvido falar de qualquer sucesso seu.

Como esperado, depois do quadragésimo nono dia a contar da morte do tio-avô, Kimiko contactou Hideyo. Dizia que queria falar com ela sobre a herança.

A proposta de Kimiko era a seguinte: como a única herança era a casa, Hideyo e Kimiko deveriam dividi-la entre si. Todavia, como não podiam dividir fisicamente a casa, punham-na em nome de Kimiko, vendiam-na a um especialista em imobiliário e dividiam o dinheiro. Obviamente, Hideyo poderia continuar a viver na casa, mas teria de pagar renda. A metade paga por Kimiko a Hideyo serviria para pagar as rendas.

Legalmente, era possível e parecia uma abordagem justa. Mas quando Harumi ouviu esta história da boca de Hideyo, teve um mau pressentimento. Na prática, todos os direitos sobre a casa seriam transferidos para Kimiko, que não pagaria um cêntimo sequer a Hideyo. E Kimiko poderia vender a casa em qualquer altura. Mesmo que estivesse alguém lá dentro, era a sua mãe. Não seria difícil obrigá-la a sair. Se a despejasse, teria de pagar a Hideyo a quantia que lhe tinha sido deduzida pela renda. De qualquer modo, previa que, provavelmente, não seria posta em tribunal pelo despejo.

Harumi não achava que fosse a própria filha de Hideyo a congeminar tal plano. Era óbvio que era Shigekazu quem movia os fios por detrás dos bastidores.

Harumi propôs então que a casa ficasse em nome de Hideyo e Kimiko, predispondo-se a comprá-la. Assim, as duas poderiam dividir o dinheiro da venda entre si. Evidentemente, Hideyo poderia continuar a viver ali.

Tal como esperado, mal Harumi fez a sugestão a Hideyo e Kimiko, Shigekazu opôs-se.

— Mas porque não podemos fazer como propusemos?

Ao que Hideyo respondeu:

— Eu acho que o melhor é que seja a Harumi a comprar a casa. Por favor, façam-me a vontade.

Shigekazu foi incapaz de refutar o seu desejo. Aliás, ele nunca tivera o direito de opinar sobre o assunto. Harumi levou Hideyo até à moradia dos Tamura e passou por lá a noite. Contudo, no dia seguinte teria de se ir embora cedo. Era sábado e a empresa estava fechada, mas ela tinha um trabalho importante: organizar uma festa num barco na baía de Tóquio. O dia seguinte seria véspera de Natal. Os duzentos bilhetes que disponibilizara para a festa tinham esgotado num instante.

Deitada no *futon* e de olhar pregado nas manchas familiares do teto, Harumi quase não continha a emoção. Ainda nem podia acreditar que agora a casa era sua. Era uma sensação diferente da que teve quando comprou o apartamento onde então vivia.

Obviamente, não planeava desistir desta casa. Certo dia, Hideyo faleceria. Mesmo assim, Harumi ficaria com a casa desse por onde desse. Até a poderia manter como segunda residência.

Estava tudo a correr-lhe bem. Estava tudo a correr-lhe tão bem que até

assustava. Era como se estivesse a ser protegida por algo...

Tudo começou com a carta.

Quando fechava os olhos, vinham-lhe à mente aquelas cartas únicas, as misteriosas cartas do Bazar Namiya.

Conquanto fosse difícil de acreditar, Harumi estava tão preocupada que acabou por acatar as suas indicações. Não tinha alternativa. Pensando bem, depender de Tomioka ou de qualquer outra pessoa seria demasiado perigoso. E estudar Economia em prol do futuro seria sempre vantajoso.

Harumi demitiu-se da empresa e inscreveu-se numa escola profissional. Quando tinha tempo livre, estudava ações e imobiliário. Também obteve alguns diplomas.

Ao mesmo tempo, dedicou-se com ainda mais afínco ao trabalho de acompanhante. Fosse como fosse, decidiu que só faria esse trabalho por um máximo de sete anos. Esse prazo permitiu-lhe concentrar-se ainda mais. Um dos aspetos curiosos de ser acompanhante era ver o esforço a dar frutos. Em pouco tempo, o número de clientes que a procuravam aumentou e Harumi tornou-se numa das mulheres que mais rendiam no bar. Tomioka deixou de frequentar o estabelecimento quando Harumi recusou ser sua amante, mas conseguiu compensar facilmente as perdas. Mais tarde, descobriria que o envolvimento de Tomioka na abertura de vários negócios era uma falsidade. Foi tudo uma questão de investigar um pouco.

Em setembro de 1985, Harumi arriscou pela primeira vez. As suas poupanças de vários anos excediam os trinta milhões de ienes. Usou-as para comprar um velho apartamento na zona de Yotsuya. Por muito que tentasse negociar, estava preparada para aceitar o preço.

Cerca de dois meses depois, a economia mundial sofreu um enorme abalo. Nos Estados Unidos da América, celebraram-se os Acordos de Plaza, que determinavam a valorização do iene e a desvalorização do dólar. Harumi até sentiu arrepios. A economia japonesa dependia das exportações. A valorização do iene em relação a outras divisas poderia levar a uma crise económica no país.

Por essa altura, Harumi já se dedicava à negociação de ações. Se a conjuntura económica piorasse, o preço das ações baixaria. O que é que se estava a passar? Era exatamente o oposto do que o Bazar Namiya profetizara.

Contudo, a situação não tomou um rumo negativo. O governo japonês, que temia o agravamento das condições económicas, adotou uma política de juros baixos, anunciando, também, o investimento em iniciativas públicas.

No início do verão de 1986, Harumi recebeu uma chamada telefónica. Era do agente imobiliário a quem ela comprara o apartamento. «Parece que ainda não se mudou, mas está tudo bem?», perguntou o agente. Harumi estava confusa, incapaz de se expressar, quando o agente lhe propôs: «Não quer revender?»

E fez-se luz. O preço do imobiliário estava em ascensão.

Harumi desligou a chamada, afirmando que não tinha intenção de vender a casa, e dirigiu-se imediatamente ao banco. Queria saber quanto dinheiro poderia pedir emprestado se usasse o seu apartamento em Yotsuya como garantia. Quando o banco lhe revelou o valor alguns dias mais tarde, Harumi nem pôde acreditar: era 1,5 vezes o valor que tinha despendido para adquirir o imóvel!

Pediu imediatamente um empréstimo, procurando outros imóveis em paralelo. Encontrou um apartamento acessível no bairro de Waseda, adquirindo-o com o capital que pedira emprestado ao banco. Pouco tempo depois, o preço do apartamento também subiu. A taxa de juro era tão baixa que quase podia ser ignorada.

Em seguida, decidiu pedir um empréstimo utilizando este novo apartamento como garantia. Foi aí que o gestor de conta do banco lhe sugeriu que abrisse a sua própria empresa, pois ser-lhe-ia mais vantajoso para acumular capital. Foi assim que nasceu a empresa Office Little Dog.

Agora, Harumi estava confiante de que as profecias do Bazar Namiya estavam certas.

Até ao outono de 1987, Harumi repetiu o ciclo de compra e venda de apartamentos. Alguns imóveis triplicaram de preço no espaço de um ano. O preço das ações também valorizou. Em pouco tempo, o seu capital aumentou exponencialmente. Chegou a hora de se despedir do emprego de acompanhante. Ao mesmo tempo, aproveitou os seus contactos dos tempos de acompanhante para ajudar na organização de eventos. As suas funções consistiam em dar ideias e preparar companhia para os convidados. O país continuou a vibrar. Cada dia era uma festa e o trabalho não escasseava.

Em 1988, Harumi começou a desfazer-se dos seus apartamentos e das suas quotas de sócia de clubes de golfe, pois pressentiu que a batalha estava a chegar ao fim. As condições económicas favoráveis mantinham-se, mas Harumi não baixou a guarda.

Harumi acreditava nas profecias do Bazar Namiya. A realidade era mesmo como um jogo de cartas. Pensando bem, era estranho se a agitação atual durasse para sempre.

O ano de 1988 terminaria dali a poucos dias. «Como será o ano que vem?», questionou-se Harumi, adormecendo enquanto pensava.

A festa de Natal no barco foi um sucesso. Harumi passou a noite inteira a brindar com o pessoal. Nem se lembrava de ter bebido várias garrafas de *Dom Pérignon*. No dia seguinte, acordou no apartamento de Aoyama com uma ligeira dor de cabeça.

Levantou-se da cama e ligou a televisão. Estava a dar o noticiário. Ocorrera um incêndio num certo edifício. Estava a olhar distraidamente para as imagens quando as palavras no ecrã lhe captaram a atenção. O incêndio consumira grande parte do Centro de Acolhimento Marumitsuen.

Atrapalhada, Harumi tentou apurar os ouvidos, mas entretanto a notícia chegou ao fim. Ainda experimentou mudar de canal, mas mais nenhum passava o noticiário àquela hora.

Harumi trocou apressadamente de roupa. Queria ir comprar o jornal. O apartamento era extremamente seguro, com um sistema de fecho automático de portas. Todavia, aquilo obrigava-a a descer ao rés do chão para receber o correio ou o jornal, o que não era nada conveniente. Como era domingo, o jornal era ainda mais grosso do que o habitual. Trazia uma grande quantidade de panfletos. «Logo agora.» Muitos desses panfletos publicitários eram de imobiliárias.

Percorreu o jornal página a página, mas não encontrou qualquer artigo sobre o incêndio no Centro de Acolhimento Marumitsuen. Talvez se devesse ao facto de serem notícias de fora da capital.

Experimentou ligar a Hideyo. O incêndio podia ser notícia nos jornais regionais. A suposição estava certíssima. Segundo Hideyo, o incêndio foi noticiado na secção «nacional» do jornal.

O incêndio deflagrou na noite de dia 24, provocou um morto e dez feridos de gravidade variável. A vítima mortal não trabalhava na instituição: era um músico amador que viera atuar numa festa.

Harumi queria ir a correr para o Centro de Acolhimento, mas refreou-se, pois não sabia qual era a situação no local. Alguém vindo de fora apenas causaria problemas aos responsáveis e residentes da instituição, que decerto já se sentiriam desorientados.

Embora tivesse saído do Centro Marumitsuen quando terminou a escola

primária, visitou-o várias vezes para deixar os seus agradecimentos. Por exemplo, quando se formou da escola secundária e arranjou o seu primeiro emprego. Todavia, afastara-se do Centro desde que começara a trabalhar como acompanhante. Sentia que a aura do entretenimento adulto poderia, de certa forma, ser contagiosa.

No dia seguinte, Harumi recebeu uma chamada no escritório: era de Hideyo. Informou-a de que o jornal continuava a lançar artigos sobre o incêndio. As crianças e funcionários da instituição estariam abrigadas no ginásio de uma escola primária local. Só de imaginar viver num ginásio no frio de dezembro até sentiu os ossos enregelar.

Harumi terminou o trabalho mais cedo e foi no seu *BMW* até ao local do incêndio. Pelo caminho, passou pela farmácia e comprou uma caixa cheia de adesivos de aquecimento descartáveis, e medicamentos para a gripe e dores de barriga. Devia haver várias crianças com problemas de saúde. Como havia um supermercado ali perto, aproveitou para comprar grandes quantidades de comida enlatada. Os funcionários do Centro deviam estar a passar por um grande apuro, pois nem tinham acesso à cantina habitual.

Quando acabou de arrumar as compras, ligou novamente a ignição do *BMW*. Na rádio, passava «Minna no Uta», a «Canção de Todos», dos Southern All Stars. Era uma melodia divertida, mas Harumi não conseguia estar alegre. Pensava que aquele ano terminaria só com coisas boas, mas, mesmo à beira do fim, tinha logo de se dar aquela tragédia.

Chegou ao local em cerca de duas horas. O edifício, branquíssimo na memória de Harumi, transformara-se num bloco negro. Os bombeiros e a polícia prosseguiram a sua investigação, pelo que não se pôde aproximar muito. De qualquer modo, o pestilento cheiro a queimado era incontornável.

O ginásio onde os funcionários e as crianças estavam abrigados ficava a cerca de um quilómetro do Centro.

O diretor da instituição, Yoshikazu Minazuki, ficou surpreendido e impressionado com a visita de Harumi.

— Obrigado por teres vindo de tão longe. Nunca pensei que aparecesses aqui. E estás tão crescida. Devo dizer, estás uma valente mulher — elogiou Minazuki, olhando para o cartão de visita que Harumi lhe deu.

Talvez devido à ansiedade causada pelo incêndio, Minazuki parecia ter perdido muito peso desde a última vez que ela o vira. Devia ter já mais de setenta anos. As suas cãs, outrora fartas, tornaram-se dispersas.

Minazuki aceitou de bom grado as suas ofertas de adesivos aquecedores descartáveis, medicamentos e comida. Tal como Harumi suspeitara, a alimentação era um dos principais desafios para o centro de acolhimento.

— Se surgir mais algum problema, informe-me. Farei tudo o que puder para

vos auxiliar.

— Muito obrigado.

— A coisa mais importante a reter é que a melhor maneira de tirar o máximo partido do seu dinheiro é ser honesto consigo próprio.

— Obrigado, as suas palavras são um grande encorajamento — disse Minazuki, com os olhos a humedecer-se.

— Estou a falar a sério. Quero aproveitar esta oportunidade para retribuir tudo o que fizeram por mim.

— Obrigado — agradeceu Minazuki.

No caminho de volta, cruzou-se com alguém que lhe fez lembrar o passado. Era Hiroshi Fujikawa, que vivera com ela na instituição. Era quatro anos mais velho do que Harumi, tendo saído do Centro quando terminou a escola básica. Foi ele quem esculpiu o cãozinho de madeira que Harumi mantinha sempre consigo, como um amuleto. Essa era a origem do nome «Little Dog».

Fujikawa tornou-se num artesão profissional. Tal como Harumi, viera imediatamente ao Centro mal soubera do incêndio na instituição. Tal como antes, continuava a ser uma pessoa reservada.

Devia haver muitos mais antigos meninos do Centro de Acolhimento preocupados com as consequências do incêndio. Foi essa a conclusão de Harumi depois de se despedir de Hiroshi Fujikawa.

No início do novo ano, deu-se um acontecimento histórico: o falecimento do imperador. O nome da nova era imperial era Heisei. Os dias anormais arrastaram-se por algum tempo, com os programas de entretenimento suprimidos da televisão e o primeiro torneio de *sumô* do ano adiado por um dia.

Quando as coisas acalmaram, Harumi foi ver como estava o Centro de Acolhimento Marumitsuen. Ao lado do ginásio, foi montada uma modesta área administrativa. Foi ali que se encontrou com Minazuki. As crianças ainda viviam no ginásio da escola, mas, entretanto, já tinham começado as obras de construção de um alojamento temporário. Quando estivessem terminadas, as crianças seriam transferidas para lá, permanecendo ali até que fossem reconstruídas instalações adequadas na localização original da instituição.

As causas do fogo acabaram por ser apuradas: uma fuga de gás numa parte mais antiga da cantina. Segundo o parecer dos bombeiros e da polícia, a eletricidade estática terá estado na origem da ignição, pois o ar estava seco.

— Devíamos ter renovado o espaço mais cedo — disse Minazuki, com um ar pesaroso, após revelar as causas do sinistro.

Minazuki estava especialmente inconsolável pelo óbito que ali se dera. O músico amador pereceu enquanto tentava salvar um menino, não tendo conseguido fugir a tempo.

— Foi uma pena que o senhor tenha falecido. Mas, no meio desta calamidade, foi uma enorme sorte que todas as crianças tenham saído ilesas — comentou Harumi, tentando consolar o diretor.

— Pois foi — assentiu Minazuki. — Era de noite, e muitas crianças já estavam a dormir. O mais ínfimo erro teria terminado em tragédia. Foi por isso que disse ao pessoal que talvez a antiga diretora nos estivesse a proteger.

— A antiga diretora...

Lembrava-se vagamente dela. Era uma mulher de idade avançada, pequenina e sempre com uma expressão plácida no rosto. Não se lembrava de quando Minazuki assumira o cargo.

— Era a minha irmã mais velha. Foi ela quem fundou o Centro Marumitsuen. Harumi fitou o semblante enrugado de Minazuki.

— A sério?...

— Não sabias? Faz sentido, estiveste connosco quando eras muito pequenina...

— É a primeira vez que o oiço. Mas porque é que a senhora sua irmã decidiu abrir um centro de acolhimento para menores?

— Demoraria muito tempo a explicar. Mas, em termos simples, para retribuir.

— Para retribuir?

— Não quero que pareça que me estou a gabar. Mas os nossos antepassados eram latifundiários e tinham um grande património. Quando os meus pais faleceram, eu e a minha irmã mais velha herdámos esse património. Eu investi na minha empresa. Já a minha irmã decidiu que iria ajudar as crianças desfavorecidas. Foi então que criou o Centro de Acolhimento Marumitsuen. Ela era professora e estava preocupadíssima com o grande número de órfãos que a guerra gerou.

— Quando é que a sua irmã morreu?

— Há dezanove anos. Aliás, há já vinte. Tinha problemas cardíacos desde que nasceu. Partiu enquanto dormia, rodeada daqueles que a amavam.

Harumi abanou levemente a cabeça.

— Peço desculpa, não fazia ideia.

— É natural. Era a sua expressa vontade que as crianças não soubessem da sua morte. Queria que disséssemos que estava no hospital em tratamento. Pouco depois, deixei a empresa nas mãos do meu filho e assumi a liderança do Centro de Acolhimento. O meu título oficial era o de vice-diretor.

— Mas como é que a senhora sua irmã vos protegeu?

— Antes de dar o seu último suspiro, a minha irmã sussurrou: «Não te preocupes, vou rezar por vocês no céu, para que sejam felizes.» Lembrei-me disso agora — confessou Minazuki, rindo com algum acanhamento. — Devo estar a inventar.

— Já percebo o que queria dizer. É uma história maravilhosa.

— Obrigado.

— A sua irmã deixou família?

Minazuki suspirou, abanando a cabeça.

— A minha irmã nunca se casou, foi solteira toda a vida. Pode dizer-se que devotou a sua vida ao ensino.

— A sério? Deve ter sido uma pessoa notável.

— Nada disso, eu acho que ela própria não gostaria de ser apelidada de «notável». Simplesmente, viveu como queria. E tu? Pensas casar-te? Tens companheiro?

Harumi não estava preparada para aquela pergunta repentina. Ficou atónita.

— Não, não tenho companheiro — respondeu, sacudindo a mão.

— Percebo. As mulheres costumam evitar o casamento quando encontram um trabalho que as realizam. Eu acho que gerir uma empresa também é bom, mas é melhor encontrares rapidamente alguém bom para ti.

— Infelizmente, também estou a viver como quero. Como a senhora sua irmã.

Minazuki riu-se.

— Já vi que és forte! Mas a minha irmã não ficou solteira apenas por causa do trabalho. Na verdade, quando era nova, juntou-se com um rapaz e chegou a planejar fugir com ele.

— A sério?

A história parecia-lhe interessante. Harumi inclinou levemente o corpo.

— O companheiro era dez anos mais velho do que a minha irmã. Trabalhava numa pequena fábrica. A minha irmã contou-me que se conheceram quando ele lhe reparou a bicicleta. Naquela altura, bastava um rapaz e uma rapariga caminharem juntos para começarem os boatos.

— Queriam fugir juntos porque os pais não aprovavam a relação?

Minazuki anuiu.

— Havia duas razões: primeiro, porque a minha irmã andava numa escola só para meninas. Mas isso era uma coisa que se resolveria a seu tempo. O maior problema era outro. Tal como te disse, a minha família era rica. Quem tem dinheiro, também deseja ter uma certa reputação. E o meu pai queria que a minha irmã se casasse com alguém de boas famílias. Um desconhecido operário era tudo menos isso.

A expressão de Harumi tornou-se mais carregada e fê-la recuar o queixo. Aquilo passou-se havia cerca de sessenta anos. Talvez a história não fosse tão invulgar.

— E o que aconteceu ao seu plano de fuga?

Minazuki encolheu os ombros.

— Obviamente, fracassou. Ela passou pelo santuário xintó depois das aulas. Planeava mudar ali de roupa e ir para a estação...

— Mudar de roupa?

— Tínhamos várias criadas na família. Uma delas era quase da idade da minha irmã e era muito próxima dela. Ela pediu-lhe que lhe levasse uma muda de roupa ao santuário. A muda era o quimono da criada. As vestes de uma mulher de boas famílias teriam dado demasiado nas vistas. Ele também trabalhava como operador de máquinas na estação, e lá estava à espera dela, trajado a rigor. Se conseguisse encontrá-lo em segurança, entraria num comboio e fugiria com ele. O plano não era nada mau.

— Mas não correu bem, pois não?

— Infelizmente, quando a minha irmã chegou aos precintos do santuário, em vez da criada com quem se dava bem, estava lá um homem contratado pelo nosso pai. A criada aceitou o pedido da minha irmã. Contudo, estava com tanto medo que se decidiu aconselhar com uma empregada mais velha. E o resultado disso foi evidente.

Harumi até entendia os sentimentos da jovem criada. Pensando na época em que vivia, não era capaz de a recriminar.

— E o que aconteceu ao companheiro da sua irmã? O operador de maquinaria...

— O meu pai enviou um mensageiro à estação para entregar uma carta. Nela, estava patente o desejo da minha irmã: que a esquecesse.

— Era uma carta facilmente encomendada pelo vosso pai?

— Não, a carta foi mesmo escrita pela minha irmã. Escreveu-a depois de o nosso pai dizer que fecharia os olhos em relação ao rapaz. Ela não tinha alternativa: teve de obedecer. O meu pai tinha influência até na polícia. Se quisesse, podia pôr o operário na prisão.

— O que é que o parceiro fez depois de ler a carta?

Minazuki inclinou a cabeça.

— Não sei. Uma coisa é certa: abandonou a vila. Ele não era originário dali. Começaram a circular rumores de que regressara à sua terra natal, mas não sei se eram verdadeiros. Só o voltei a ver mais tarde.

— A sério?

— Passados uns três anos, era eu ainda estudante. Tinha acabado de sair de casa quando ouvi uma voz a chamar-me, atrás de mim. Era um homem na casa dos trintas. Mesmo quando houve aquela confusão por causa da fuga planeada, eu não sabia quem era o parceiro da minha irmã. Não fazia ideia de quem era a pessoa que estava à minha frente. Ele passou-me então uma carta e disse-me que a entregasse a Akiko Minazuki. Tudo passou a fazer sentido: Akiko era o nome da minha irmã. Escrevia-se com os caracteres de «alvorada» (曉) e «criança» (子).

— O parceiro da sua irmã sabia que o senhor era o irmão?

— Ele não devia ter a certeza absoluta. Provavelmente, seguiu-me desde casa.

Quando me viu hesitar, disse-me que, se desconfiasse dele, até podia ler a carta ou, se quisesse, pedir aos meus pais que a examinassem. O importante era que a Akiko a lesse no fim. Por isso, decidi aceitá-la. Para ser sincero, eu queria ler o que dizia.

— E leu?

— Claro. O envelope nem estava selado. Li a carta a caminho da escola.

— O que dizia?

— Dizia...

Minazuki calou-se. Fitou Harumi por instantes; parecia imerso nos seus pensamentos. Então, deu uma palmada nos próprios joelhos e sussurrou:

— Em vez de eu ta descrever, é mais fácil se vires a carta por ti mesma.

— O quê? Se eu a vir?

— Espera aí um bocadinho.

Minazuki abriu uma caixa de cartão empilhada ao seu lado e começou a procurar. No lado da caixa, estava escrito «Gabinete da Direção» com caneta permanente.

— Como o gabinete da direção ficava longe da cantina, o ponto onde o fogo deflagrou, praticamente não foi afetado pelo incêndio. Tirei estas caixas de lá e aproveitei para as pôr em ordem. Contêm muitos pertences que a minha irmã deixou para trás. Ah, aqui está!

Minazuki tirou para fora um recipiente de latão quadrado, removendo a tampa diante de Harumi. Dentro do recipiente, havia muitos cadernos. Também se viam algumas fotografias. Minazuki retirou um envelope do meio e colocou-o à frente de Harumi. Na face, tinha escrito: «Estimada Akiko Minazuki.»

— O melhor é leres mesmo — instou Minazuki.

— Posso?

— Claro que sim. Esta carta foi escrita tendo em mente que poderia ser lida por qualquer um.

— Sendo assim, vou lê-la.

No interior do envelope, estava uma carta branca dobrada. Ao abri-la, viu caligrafia escrita com tinta permanente. A caligrafia era fluida; não fazia lembrar, de maneira nenhuma, o estereótipo de um operador de maquinaria pesada.

Começo esta breve carta pedindo desculpa pela abordagem inesperada. Julguei que, se a enviasse por correio, correria o risco de que fosse deixada fora sem ser lida.

Akiko, como estás? O meu nome é Namiya e trabalhei para a Maquinaria Kusunoki até há três anos. Talvez queiras esquecer este nome, mas espero que leias a carta até ao fim.

A razão pela qual te estou a escrever é, evidentemente, por querer pedir-te desculpa. Já o tinha tentado várias vezes, mas demorei a fazê-lo devido à minha indecisão nata.

Akiko, peço-te as mais sinceras desculpas pelo que se passou. Arrependo-me de todo o

coração pelas minhas ações irrefletidas. Ainda eras estudante, mas eu confundi-te e tentei separar-te da tua família. Agora, essa decisão parece-me absolutamente imoral. Não a posso justificar.

Fizeste a escolha certa em não vir comigo. Talvez os teus pais te tenham persuadido. Se assim foi, devo agradecer-lhes. Por pouco, não cometi um crime de enorme gravidade.

Estou agora na minha terra, a trabalhar nos campos. Não passa um dia sem que me lembre de ti. Embora tenhamos estado juntos por pouco tempo, foram os dias mais felizes da minha vida. Ao mesmo tempo, dou por mim a pedir-te desculpa dia após dia. Até perco o sono só de pensar no quanto te terei magoado naquela altura.

Akiko, por favor: sê feliz. É esse o único desejo que levo no peito. Rezo para que encontres alguém que seja bom para ti.

*Atenciosamente,
Yûji Namiya*

Para a estimada Akiko Minazuki

Harumi levantou o rosto e olhou para Minazuki, que a fitou também.

— O que achas? — perguntou Minazuki.

— O companheiro da sua irmã era mesmo boa pessoa.

Minazuki engoliu em seco, anuindo.

— Concordo. Tenho a certeza de que teve muito em que pensar quando o seu plano de fuga fracassou. Provavelmente, ficou a odiar os meus pais e sentiu-se traído pela minha irmã. Mas, passados três anos, convenceu-se de que aquele foi o melhor desfecho possível para a situação. Todavia, não se ficou por ali. Estava determinado em pedir desculpas, para que a minha irmã não continuasse magoada para toda a vida. Era impossível que ela não se recriminasse por ter traído a confiança do seu amado. Foi por isso que ele lhe escreveu esta carta. E eu estava ciente de como ela se sentia, pelo que lhe entreguei a carta. Não contei nada aos meus pais, claro.

Harumi repôs a carta no envelope.

— E a sua irmã guardou esta carta para sempre, não foi?

— Sim. Depois de a minha irmã ter morrido, encontrei-a na sua secretária de trabalho. Nem pude crer. Acredito que a minha irmã tenha ficado solteira toda a vida por causa deste homem. Ela nunca amou mais nenhum homem até ao fim da sua vida. Ao invés, dedicou-se absolutamente ao Centro Marumitsuen. Porque é que achas que ela construiu as instalações do Centro neste terreno? Não tínhamos qualquer ligação ao local. A minha irmã nunca mo contou. Mas, provavelmente, ficava perto da terra dele. Não sabíamos a morada exata do seu lar de infância, mas penso que ela poderá ter adivinhado mais ou menos onde ficava a partir das suas

conversas.

Harumi abanou ligeiramente a cabeça e suspirou. Embora tivesse pena da relação fracassada, tinha também alguma inveja por aquele homem a ter amado tanto.

— Nos seus últimos instantes de vida, a minha irmã disse que nos iria proteger a todos lá do céu e que rezaria pela nossa felicidade. De certeza que o homem das cartas também recebeu a sua proteção. Isto é, se ainda estiver vivo — disse Minazuki, com uma expressão séria.

— Pois — aquiesceu Harumi.

Algo a deixou curiosa: o nome do homem. Yūji Namiya. Yūji Namiya...

Embora Harumi tivesse trocado correspondência com o Bazar Namiya, não sabia o nome completo do proprietário. No entanto, Shizuko dissera-lhe que, nos anos oitenta, ele já era um senhor idoso. Ou seja, deveria ser da mesma geração que o homem da história que Minazuki contara.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Minazuki.

— Não, não se passa nada — negou Harumi, abanando a mão diante do rosto.

— Resumindo e concluindo: a minha irmã geriu a instituição toda a vida, e esta não pode simplesmente fechar. Haja o que houver, vou reconstruí-la — afirmou Minazuki, dando a conversa por terminada.

— Força, eu estarei a torcer por vocês.

Com aquelas palavras, Harumi devolveu o envelope a Minazuki. Nesse instante, viu «Estimada Akiko Minazuki» manuscrito no envelope. Confirmou a sua teoria: era completamente diferente das cartas que Harumi recebera do Bazar Namiya.

«Deve ser só coincidência.»

Mais tarde, Harumi refreou-se de pensar no assunto.

Mal despertou, Harumi deu um grande espirro. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo e puxou a coberta até aos ombros. O ar condicionado estava demasiado forte. Como na noite anterior estava calor, baixara ligeiramente a temperatura da climatização. Contudo, esqueceu-se de a reajustar antes de ir dormir. Ao lado da almofada, estava caído o livro que lera antes de adormecer, e o candeeiro na cabeceira ainda estava aceso.

O relógio indicava poucos minutos antes das sete. Punha o alarme para as sete da manhã, mas raramente ouvia o seu som. Acordava ligeiramente antes que tocasse, desligando-o.

Estendeu o braço, desativou o alarme e saiu aos trambolhões da cama. A luz exterior passava pelas frestas dos cortinados. Decerto esse também iria ser um dia quente.

Foi à casa de banho e lavou o rosto. Quando se viu refletida no grande espelho, foi apanhada de surpresa. Porque se sentiria como quando tinha vinte anos? Obviamente, no espelho estava refletido o semblante de uma mulher de cinquenta e um anos.

De olhos fixos no espelho, Harumi inclinou a cabeça. Pensou no motivo por que se sentiria assim e apercebeu-se de que sonhara nessa noite. Não se lembrava dos detalhes, mas recordava-se vagamente de ter sonhado com a sua juventude e de ter visto no sonho o diretor Minazuki, do Centro Marumitsuen.

Não foi algo particularmente inesperado, pois Harumi imaginava o que poderia ter originado o sonho. Mesmo assim, achava algo frustrante não se lembrar dos pormenores. Olhou para o próprio rosto e meneou a cabeça para si mesma. Era inevitável ter alguma flacidez na pele e rugas. Eram provas de que vivera muito e não se envergonhava delas nem um pouco.

Depois de lavar a cara, foi confirmando várias informações num *tablet* enquanto se maquilhava. Em seguida, tomou o pequeno-almoço. Na noite da véspera, comprou sanduíches e um sumo de vegetais. Quando teria sido a última vez que cozinhou? À noite, jantava quase sempre fora com alguém.

Finalizou os preparativos e saiu à hora do costume. Entrou no carro, um pequeno automóvel híbrido de um fabricante japonês. Já estava farta de carros

importados, que eram volumosos e nada mais. Foi ela mesma quem conduziu, chegando a Roppongi pouco depois das oito e meia da manhã.

Parou o carro no parque de estacionamento do edifício de dez andares da sua empresa e começou a andar quando um homem a abordou.

— Presidente! Presidente Mutō!

Olhando à sua volta, Harumi avistou um homem anafado com um polo cinzento. E corria na sua direção com as suas pernas curtas. Parecia-lhe familiar, mas não se lembrava de quem era.

— Presidente Mutō, por favor. Reconsidere o Sweets Pavilion!

— Sweets? Ah...

Lembrou-se por fim. Era o patrão de uma padaria de pães a vapor.

— Vá lá, dê-me mais um mês. Um mês, pode ser? Eu resolvo as coisas.

O patrão fez-lhe uma vénia prolongada. O seu cabelo fino levantou-se. Fazia lembrar um pão a vapor com recheio de castanha.

— Não se lembra? Está escrito no contrato que quem ficar dois meses seguidos na posição mais baixa da votação, tem de sair.

— Eu sei, e foi por isso mesmo que lhe vim pedir um favor. Não pode esperar mais um mês?

— Não. Já decidi qual a próxima loja a ficar com o espaço.

Harumi recomeçou a caminhar.

— Por favor, reconsidere. — O patrão da padaria não desarmava. — Vou apresentar resultados, sem falta. Estou confiante. Só preciso de uma oportunidade. De uma última oportunidade.

Ao ouvir o ruído, o segurança aproximou-se.

— Passa-se alguma coisa?

— Esta pessoa não é daqui, tire-a daqui para fora.

O rosto do segurança mudou de cor.

— Com certeza.

— Espere, eu sou daqui, sim senhora, sou afeto ao serviço. Ah, presidente! Presidente Mutō!

Harumi dirigiu-se aos elevadores, ainda a ouvir o homem da padaria a gritar por ela.

Os pisos 4 e 5 do edifício estavam reservados aos escritórios da empresa Little Dog. Tinham-se mudado para ali de Shinjuku havia nove anos.

O gabinete da direção ficava no quinto piso. Voltou a confirmar algumas informações. Tinha recebido imensos *e-mails*, mas a maioria não importava para nada. Já estava farta deles. Os filtros do *e-mail* bloqueavam muito *spam*, mas havia sempre casos em que passavam mensagens sem sentido.

Estava a responder a variadas solicitações quando passou das nove da manhã. Pegou no auscultador do telefone interno e premiu um botão. A chamada foi

imediatamente redirecionada.

— Bom dia — saudou Sotojima, do escritório.

— Podes vir cá?

— Com certeza.

Cerca de um minuto depois, surgiu Sotojima. Envergava uma camisa de manga curta. O ar condicionado no trabalho estava no mínimo, tal como no ano anterior. Harumi contou-lhe o que se passara no parque de estacionamento. Sotojima riu-se.

— Aquele velho? Ouvi a história do responsável, disse que estava a chorar ao pé de si. Mas fiquei surpreendido por ele ter ido falar diretamente com a presidente.

— Como assim? Pensava que ele tinha ficado convencido.

— Devia ser assim, mas acredito que a padaria não quisesse desistir. Ouvi dizer que o número de clientes da loja principal diminuiu e que o próprio negócio está em risco.

— Percebo, mas nós também temos de fazer o nosso trabalho.

— Tem toda a razão. Acho que não se deve preocupar com isso — declarou Sotojima, num tom indiferente.

Dois anos antes, durante a renovação de um grande centro comercial na baía, a empresa de Harumi recebeu um pedido. Perguntaram-lhe se podiam rentabilizar melhor o espaço dedicado a eventos. Originalmente, fora destinado à realização de pequenos concertos e afins, mas, na prática, não estava a ser aproveitado.

Harumi começou imediatamente a fazer estudos e análises. A conclusão a que chegou foi no sentido de criar uma espécie de lugar sagrado para a doçaria. A ideia era juntar as lojas de doces e cafés que estavam espalhadas por vários centros comerciais. Além disso, contactaria lojas de doces de todo o Japão e convidá-las-ia a abrirem ali os seus negócios. O resultado foi o Sweets Pavilion, que contava com mais de trinta pequenas empresas.

O plano fez grande sucesso, chegando a ser mencionado na televisão e em revistas dirigidas ao público feminino. As lojas que ali ganhavam boa reputação conseguiam aumentar as suas vendas nas localizações originais.

Todavia, ela não podia baixar os braços. Se fizesse sempre a mesma coisa durante muito tempo, fartar-se-iam dos seus serviços. Não podia deixar que o negócio se tornasse demasiado repetitivo. Por isso, tinha de ir trocando de lojas. Foi então que adotou uma votação de popularidade. Os votos eram atribuídos pelos clientes e os resultados desfavoráveis eram partilhados com o próprio negócio. De vez em quando, tinha de pedir a certas lojas que se fossem embora. Por isso, davam sempre o seu melhor mês após mês. Afinal, as outras lojas eram suas rivais.

A padaria de pães a vapor tinha a sua sede na terra natal de Harumi. Quando

iniciou o projeto, falou com os responsáveis com a ideia de «valorizar a terra». Os gerentes da padaria ficaram contentíssimos por poderem abrir ali uma loja. No entanto, era difícil vender quando o principal artigo no inventário era um simples pão a vapor com recheio de castanha. Nas últimas votações de popularidade, ocupara a posição mais baixa. A continuar assim, nem poderia mostrar os seus resultados às outras lojas. A parte mais árdua do negócio era esta: não podia haver complacência.

— E como está a animação 3D? — perguntou Harumi. — É implementável?

— A expressão de Sotojima tornou-se mais carregada. — Que foi?

— Vi a *demo*, mas ainda não chegou lá, do ponto de vista técnico. E, com os ecrãs pequenos dos telemóveis, nem se vê bem. Temos de fazer uma nova versão. Quando estiver pronta, mostramos-lha.

— E eu vou querer ver. Não te preocupes, estava com curiosidade, nada mais.

— Harumi sorriu. — Obrigada. É tudo. Tens mais alguma coisa a dizer?

— Sim. Recebi um *e-mail* importante e que me deixou de pé atrás. — O olhar de Sotojima era sugestivo. — É do centro de acolhimento de menores.

— Mas isso é da minha vida privada, não tem nada que ver com a empresa.

— Eu sei, trabalho aqui. Mas quem é de fora não partilha essa ideia.

— O que aconteceu?

A boca de Sotojima contorceu-se.

— Recebemos um pedido de esclarecimento. A perguntar o que a empresa fará pelo Centro Marumitsuen.

A expressão de Harumi ficou mais carregada, com uma ruga a vincar-se-lhe na testa.

— Sinceramente, porque é que estão a perguntar isso?

— Porque a senhora presidente dá nas vistas. Por isso, mesmo quando tenta fazer algo banal, nunca é essa a perceção. Tem de estar ciente disso.

— Estás a ser irónico?

— Não. Estou só a dizer a verdade — afirmou Sotojima, sem rodeios.

— Entendido. Mas já chega.

— Com licença — pediu Sotojima, saindo da sala.

Harumi levantou-se e aproximou-se da janela. O escritório ficava no quinto andar, o que não lhe parecia propriamente alto. Na verdade, encontrara um prédio ainda mais alto, mas desistira dele. Não queria ser demasiado arrogante. De qualquer dos modos, olhando dali para o exterior, sentia que estava no lugar da sua vida.

Subitamente, recordou os últimos vinte anos. Estava cada vez mais convencida da importância da adaptação de um negócio aos tempos. Periodicamente, o céu e o inferno invertem os papéis.

Em março de 1990, o então Ministério das Finanças emitiu diretrizes para que

as instituições financeiras limitassem os empréstimos, a fim de acalmar a subida dos preços do imobiliário. A esta medida dava-se o nome de «controlo do volume total». Os preços dos terrenos tinham ascendido de tal forma que a medida se tornou absolutamente necessária. Por essa altura, os assalariados já tinham desistido da ideia de ser proprietários.

Todavia, Harumi duvidava que estas restrições aos preços dos terrenos surtissem o efeito desejado. Segundo a comunicação social, a medida era demasiado limitada. Na verdade, os preços do imobiliário não desceram a pique.

Não obstante, a política de «controlo do volume total» infligiu um duro golpe à economia japonesa.

Primeiro, o índice Nikkei começou a desvalorizar. Em agosto, o Iraque invadiu o Kuwait, provocando uma subida acentuada do preço do crude e uma subsequente recessão.

A partir dali, o preço dos terrenos baixou.

Ainda assim, na sociedade japonesa persistiam os mitos do imobiliário. Muitos acreditavam que este fenómeno seria temporário e que a recuperação acabaria por suceder. Foi só a partir de 1992 que se sentiu realmente o fim da festa.

Contudo, Harumi, que acolhera a carta do Bazar Namiya como uma profecia, apercebeu-se de que o tempo para enriquecer com o imobiliário tinha chegado ao fim. No ano de 1989, já se tinha desfeito de todas as suas propriedades para fins de investimento. O mesmo se passou com as ações e quotas de clubes de golfe. Foi ela a vencedora daquele jogo de cartas. Foi assim que garantiu centenas de milhões de ienes de lucros neste período, que mais tarde veio a ser conhecido como a bolha económica do Japão.

Quando o país despertou para a crise, Harumi recalibrou as suas atenções. O Bazar Namiya previra uma rede de informação materializada pelos computadores e pelos telefones móveis. A prova disso era o facto de os telemóveis se terem tornado realidade e de os computadores pessoais se terem difundido por todas as famílias. Portanto, não podia desperdiçar a oportunidade.

Harumi imaginava que a conectividade através dos computadores criaria um mundo de sonho. Recolheu o máximo de informações possível, estudando afincadamente.

Em 1995, quando o acesso à Internet se tornou mais generalizado, Harumi contratou alguns licenciados em Engenharia Informática. Forneceu a cada um deles um computador e pediu-lhes que pensassem no que poderiam fazer com a Internet. Eles passavam os dias inteiros nos computadores.

No ano seguinte, a empresa Office Little Dog iniciou o seu primeiro projeto relacionado com a Internet: a criação de *websites*. Primeiro, publicitou a sua própria empresa. Quando o anúncio foi lançado nos jornais e noutros meios de comunicação, a resposta foi incrível. Não paravam os pedidos de informações de

empresas e particulares sobre a criação de *websites*. Ainda nem toda a gente tinha acesso à Internet. No entanto, em plena recessão, havia muitas expectativas para aquele novo meio de publicidade. As encomendas para a criação de *sites* sucediam-se.

Em poucos anos, a Office Little Dog estava a lucrar em diversas frentes, da publicidade às vendas, passando pela distribuição de videogames, tudo através da Internet.

No ano 2000, Harumi começou a pensar na área de atuação seguinte da empresa. E fundou um departamento de consultoria. Fê-lo depois de uma conversa com um conhecido que geria um restaurante. O negócio passava por um período de estagnação de vendas que punha em risco a sua própria existência.

Harumi possuía um certificado emitido pelo governo que a habilitava como avaliadora de pequenas e médias empresas. Nomeou um funcionário dedicado ao restaurante e começou a investigar o seu perfil. A conclusão a que chegou foi que não bastava fazer publicidade, mas que era necessário melhorar o tipo de comida providenciado e o *design* interior do espaço com base num conceito robusto.

As suas ideias transformaram o restaurante, renovado, num caso de sucesso. Três meses após a reabertura, era difícil conseguir reservas. Isto convenceu Harumi de que a consultoria era uma mais-valia. Mas não valia a pena ser pouco criativo. Qualquer pessoa podia analisar as causas de uma má gestão. Um negócio só pode ser duradouro quando adota medidas drásticas e dá resultados. Harumi rodeou-se de gente talentosa, de fora da empresa. Por vezes, participava ativamente no desenvolvimento dos produtos dos clientes. Noutras ocasiões, propunha cortes implacáveis nos postos de trabalho.

Os departamentos de Tecnologias de Informação e de Consultoria eram os pilares do crescimento da Office Little Dog. Pensando bem, fora demasiado bem-sucedida. Muita gente começou a declarar: «Mutō vê o futuro.» Não era totalmente mentira. Todavia, tudo só lhe correra de feição graças às cartas do Bazar Namiya. Por isso, um dia, havia de pagar a sua dívida de gratidão. Sozinha, jamais teria chegado onde chegou.

Por falar em dívidas de gratidão, também não se podia esquecer do Centro de Acolhimento Marumitsuen.

Tinha ouvido boatos de que a instituição corria o risco de fechar nesse ano. Tentou averiguar a situação e, aparentemente, era mesmo verdade. O diretor Minazuki morrera em 2003. O filho mais velho assumira a direção, mantendo o Centro à tona graças à gestão de uma outra empresa, de logística. Contudo, esta estava a passar por um período de défice agravado, pelo que já não tinha meios para suportar o Centro Marumitsuen.

Harumi contactou imediatamente a instituição. Embora o diretor fosse o filho mais velho do Sr. Minazuki, era-o apenas nominalmente. A gestão e o poder de

decisão sobre o Centro cabiam a Kariya, o vice-diretor. Harumi disse-lhe que estava disponível para ajudar caso precisassem de auxílio, mesmo do ponto de vista financeiro.

Contudo, ele não correspondeu à oferta. Chegou a dizer que não queria depender de ajuda alheia, o que era mais um sinal do perigo iminente.

Concluindo que a situação atingira um impasse, Harumi decidiu dirigir-se à residência dos Minazuki. Propôs que delegassem nela a direção do Centro Marumitsuen. Contudo, a resposta foi idêntica: «Deixámo-lo nas mãos do Kariya.» Era uma resposta que era tudo menos convincente.

Harumi investigou o Centro Marumitsuen. Nesses últimos anos, o pessoal a tempo inteiro diminuía para metade. Havia um elevado número de funcionários com postos estranhos e não havia sinais de que essas pessoas tivessem, de facto, ali trabalhado.

Harumi anteviu o que se estava a passar: aproveitando a morte do diretor Minazuki, começaram a pedir subsídios indevidos. Provavelmente, o principal suspeito era Kariya.

Como não queria ser apanhado, recusou que Harumi se intrometesse na gestão da instituição.

Quanto mais tempo passava, mais incapaz era de pôr o assunto de lado. Tinha de agir. «Só eu posso salvar o Centro Marumitsuen», pensou Harumi.

Harumi soube-o por mero acaso. Estava a pesquisar qualquer coisa no seu *smartphone* acabado de comprar quando viu a mensagem «Regresso do Bazar Namiya por apenas uma noite» no ecrã.

Bazar Namiya era um nome que Harumi nunca esqueceria. Ou, melhor, estava proibida de esquecer. Andava em busca de mais detalhes quando encontrou o *site* oficial. A página informava que o dia 13 de setembro daquele ano marcava o trigésimo terceiro aniversário do falecimento do proprietário do Bazar Namiya. E instava as pessoas que tinham pedido conselhos à loja no passado para que partilhassem se as suas respostas as tinham ajudado no decurso das suas vidas. Indicava também que as cartas deviam ser entregues entre a meia-noite e a madrugada do dia 13 de setembro através de uma ranhura do correio localizada na portada do bazar.

Era difícil de acreditar. Nunca pensou ver o nome daquela loja por esses dias. Mas o que quereriam dizer com um regresso por apenas uma noite? O *site*, operado pelos descendentes do proprietário, dizia apenas que era o trigésimo terceiro aniversário do falecimento do dono, mas não divulgava quaisquer outros detalhes. Harumi chegou a suspeitar que fosse uma partida de mau gosto. Contudo, não compreendia qual seria a intenção subjacente se assim fosse. Qual a vantagem em enganar assim as pessoas? Aliás, quem é que daria por esta informação?

O que mais abalou o coração de Harumi foi o facto de o proprietário do bazar ter morrido em 13 de setembro. A troca de correspondência com o Bazar Namiya foi possível precisamente até 13 de setembro de trinta e dois anos antes.

Isto reforçou a confiança de Harumi, no sentido de se convencer de que não se tratava de uma partida, mas de um evento legítimo. Assim sendo, não podia ficar parada a olhar. Ela também tinha de ir lá deixar uma carta. Obviamente, a agradecer.

Mas, primeiro, precisava de confirmar uma coisa: o Bazar Namiya estaria mesmo a funcionar? Existiria, sequer? Embora tivesse visitado várias vezes a residência Tamura ao longo dos anos, nunca foi ao Bazar Namiya nesse período.

Certo dia, teve de ir até ao Centro Marumitsuen para discutir a transferência

da direção. Considerou passar pelo Bazar Namiya no caminho de regresso a casa.

Na reunião, foi o vice-diretor, Kariya, quem a recebeu.

— Quanto à direção do Centro, o casal Minazuki concedeu-me todos os poderes de administração. E eles optaram sempre por não intervir — declarou Kariya, com um ruflar das suas finas pestanas.

— Se assim é, porque não revela exatamente qual a situação financeira da instituição? Penso que isso os faria mudar de ideias.

— Não preciso que mo diga, eu reporto-o sempre, como deve ser. E eles mantêm a sua confiança em mim para gerir o Centro.

— Sendo assim, pode partilhar comigo o relatório financeiro?

— Não, isso será impossível. A senhora não pertence à organização.

— Senhor Kariya, pense calmamente no assunto. A continuar assim, o Centro vai à falência.

— Não tem de se preocupar com isso, eu consigo resolver o assunto sozinho, pelo que lhe peço que se conforme — pediu Kariya, baixando a cabeça. Tinha o cabelo repuxado para trás.

Harumi decidiu recuar, temporariamente. Mas, como era evidente, não iria desistir. Tinha de arranjar maneira de persuadir o casal Minazuki.

Quando chegou ao parque de estacionamento, encontrou vários pedaços de lama em cima do seu carro. Harumi olhou à sua volta. Algumas crianças olhavam para ela do cimo da vedação, recolhendo-se rapidamente.

«Francamente...», suspirou. Deviam achar que era uma pessoa má. Kariya devia ter dito algo às crianças.

Harumi ligou a ignição do carro ainda com a lama em cima. Olhou para o espelho retrovisor, pelo qual avistou as crianças a saírem e a gritarem com ela. Talvez dissessem «não voltes cá».

Ainda que pesarosa, não se esquecera de passar pelo Bazar Namiya para averiguar o estado da loja. Confiando na sua memória indistinta, Harumi pôs as mãos no volante.

Uma vila saudosa lá começou a ganhar forma à sua frente. Não mudara muito nesses trinta anos.

O Bazar Namiya ali continuava, tal como nos tempos em que ela deixara uma carta na ranhura do correio. As palavras no letreiro estavam quase ilegíveis e a portada estava coberta de ferrugem. Não obstante, o bazar emitia um certo calor, qual velhinho que aguarda pelos netos.

Harumi parou o carro e abriu a janela do lado do condutor. Observou o Bazar Namiya por instantes e retomou a marcha. Em seguida, iria ver como estavam as coisas na residência dos Tamura.

No fim do dia 12 de setembro, Harumi voltou a casa. Ligou o computador e

começou a pensar no texto da carta. Na verdade, queria tê-la escrito mais cedo. Contudo, o trabalho consumia todo o seu tempo, dia após dia. Naquela noite, até tinha um jantar de negócios agendado, mas pediu ao colaborador de maior confiança que a substituísse, pois tinha um compromisso inadiável.

Depois de reler e de reescrever a carta, chegou à versão final por volta das nove da noite. Harumi começou então a passar a carta para o papel. Para ela, uma carta para alguém importante tinha sempre de ser escrita à mão.

Releu a missiva acabada de escrever, à cata de erros. Tendo revisto tudo, inseriu-a no envelope. Tinha comprado o papel de carta e o envelope naquele mesmo dia.

Os preparativos demoraram-lhe algum tempo. Saiu de casa de carro já perto das dez da noite. Pôs o pé no acelerador, sempre consciente dos limites de velocidade.

Cerca de duas horas depois, aproximou-se do destino. Pensava em ir diretamente ao Bazar Namiya, mas ainda faltava algum tempo até à meia-noite. Primeiro, foi a casa dos Tamura deixar as suas malas. Planeava pernoitar por ali.

Mesmo depois de ter adquirido a casa, Harumi manteve a promessa inicial de deixar que Hideyo ali continuasse a viver. No entanto, Hideyo não chegou a presenciar o início do século XXI. Depois da morte da tia-avó, Harumi fez algumas renovações na casa e manteve-a como habitação secundária. Para ela, a residência dos Tamura era o seu lar de família. Também valorizava o facto de estar rodeada pela natureza.

Todavia, nesses últimos anos, só conseguia visitar a casa de mês a mês, ou uma vez a cada dois meses. No frigorífico, só havia comida enlatada e congelada.

Na vizinhança dos Tamura, havia pouca iluminação pública. Àquela hora, estava sempre escuro como breu. Contudo, naquela noite, estava claro e avistava-se a casa desde longe.

Não havia ninguém por perto. Ao lado da casa, havia uma garagem, mas Harumi parou o carro em plena rua. Pegou na mala da roupa e na de maquilhagem e saiu do carro. No céu, erguia-se uma lua redonda.

Passou pelo portão exterior e abriu a porta da entrada. Mal a abriu, o aroma do ambientador invadiu-lhe as narinas. Fora deixado em cima da sapateira. Foi ela mesma quem o pôs ali da última vez que lá esteve. Pousou a chave do carro e bateu a parede com a mão até encontrar o interruptor. Tirou os sapatos. Tinha chinelos para andar em casa, mas quase nunca os calçava porque dava demasiado trabalho. Seguiu pelo corredor até chegar à porta que dava para a sala de estar, no fundo da residência.

Abriu a porta e voltou a procurar pelo interruptor da luz com a mão. Todavia, deteve-se. Sentiu uma presença estranha. Não, não era uma presença: era um cheiro fétido. O bafo não tinha nada que ver com ela, não devia estar naquela sala,

mas existia.

Pressentindo o perigo, tentou sair dali. Mas a mão que estendia até ao interruptor foi capturada por alguém. Puxou-a com ainda mais força e pôs-lhe algo na boca. Não podia gritar.

— Não resistas, fica quietinha.

Era a voz de um homem novo. Como estava atrás dela, não o podia ver.

A mente de Harumi era um vazio. Porque estaria ali um estranho? O que estaria ali a fazer? Porque é que lhe tivera de acontecer aquilo? As dúvidas assolaram Harumi, todas ao mesmo tempo, de rompante.

Pensou em resistir, mas o seu corpo não se movia. Tinha os nervos paralisados.

— Olha lá, não havia toalhas na casa de banho? Traz aí algumas! — disse o homem. Mas não teve resposta. Irado, vociferou: — Despacha-te, preciso de toalhas! Não estejas aí a preguiçar!

Uma sombra mexeu-se na escuridão; parecia atrapalhada. Havia ali mais alguém.

Harumi inspirou pelo nariz, combalida. O coração batia-lhe descontrolado, mas já havia recobrado o raciocínio normal. Sabia que a mão que lhe tapava a boca envergava luvas protetoras.

Foi então que ouviu a voz de um segundo homem. Vinha de trás de si, na diagonal. «Isto não está nada famoso», sussurrou.

Em resposta, o homem que restringira Harumi disse:

— Nada a fazer. Revista aí a mala. Se calhar, tem aí uma carteira.

Tiraram tudo da mala de Harumi, sempre ocultos. Pressentiu a mala a ser revistada nas suas costas. Por fim, um dos homens anunciou:

— Encontrei.

— Quanto dinheiro tem?

— Trinta mil. E uns cartões esquisitos.

Harumi ouviu um suspiro ao seu ouvido.

— Porque é que tem tão pouco? Fica só com o dinheiro, os cartões não servem para nada.

— E a carteira? É de marca.

— É usada, não serve. Podemos ficar com a mala, que é nova.

Pouco depois, voltou a ouvir passos.

— Pode ser esta? — perguntou uma voz igualmente jovem.

— Está bem. Agora usa-a para a vender. Amarra-a bem pelas costas, para não se soltar.

Houve uma hesitação momentânea. Em seguida, puseram uma toalha contra os olhos de Harumi. Tinha um suave cheiro a detergente. Era o detergente que usava sempre.

A toalha foi-lhe bem amarrada pela nuca. Era pouco provável que se soltasse.

Em seguida, os homens sentaram Harumi numa cadeira de jantar e ataram-lhe os pulsos, também pelas costas. Depois, amarraram-lhe os tornozelos às pernas da cadeira. Entretanto, a sua boca permanecia tapada por uma mão com um par de luvas protetoras.

— Queremos falar contigo — disse o homem que tapava a boca de Harumi. Parecia ser o líder. — Por isso, vamos deixar-te a boca livre. Mas não grites. Temos armas. Se levatares a voz, matamos-te. Na verdade, não o queremos fazer. Se falares baixinho, nada te fazemos. Se puderes prometê-lo, abana a cabeça verticalmente.

Harumi não tinha motivos para se opor, pelo que fez como lhe diziam. O homem removeu imediatamente a mão.

— Desculpa — disse o líder. — Já deves ter percebido: somos ladrões. Julgávamos que a casa estivesse vazia esta noite. Não estava nos nossos planos que viesses cá. Atar-te à cadeira também não. Por isso, não penses mal de nós.

Harumi lançou um suspiro. Naquelas circunstâncias, como poderia não pensar mal daqueles homens?

Apesar das circunstâncias, foi capaz de manter uma certa distância emocional. Pressentia que aqueles homens não eram necessariamente malvados.

— Quando cumprirmos o nosso objetivo, vamo-nos logo embora. O nosso alvo são os artigos valiosos. Para já, ainda não temos condições para sair, porque ainda não encontrámos quase nada que valha dinheiro. Por isso, queríamos que nos aconselhasses: onde estão os valores? Não vamos ser esquisitos, aceitamos tudo. Portanto, diz-nos onde estão.

Harumi inspirou fundo e disse:

— Aqui... não há nada.

Ouviu o som de narizes a fungar.

— Impossível, nós investigámos-te. Não tentes enganar-nos.

— Não estou a mentir — Harumi abanou a cabeça. — Se me investigaram, devem saber que, normalmente, não vivo aqui. É natural que não tenha aqui dinheiro, muito menos pertences de valor.

— Mesmo que isso seja verdade, deve haver aqui qualquer coisa. — A voz do homem transparecia alguma raiva. — Lembra-te. Deves ter alguma coisa. Se não te lembrares, não nos vamos embora e isso não vai jogar a teu favor.

Fazia sentido, mas naquela casa não havia mesmo nada de valor. E Harumi tinha movido a herança de Hideyo para o apartamento onde residia.

— Na sala japonesa do lado, há umas tigelas de chá decorativas. Dizem que são de um artesão famoso...

— Já as tirámos, e aos rolos de parede também. Mais alguma coisa?

As tigelas eram genuínas. Já os rolos de parede eram cópias impressas, segundo Hideyo revelara. Mas era melhor não dizer nada a esse respeito.

— Viram o quarto ocidental, no primeiro piso? Tem uns quinze metros quadrados.

— Dei uma vista de olhos, mas não encontrei lá nada de especial.

— E as gavetas do espelho? A segunda gaveta a contar de cima tem um fundo duplo, e a de baixo serve para guardar acessórios. Viram lá?

O homem calou-se. Parecia estar a confirmar a situação com os companheiros.

— Vai lá ver — ordenou o homem. Ouviram-se os passos de alguém a afastar-se.

O móvel do espelho pertencera a Hideyo. Mas Harumi gostava tanto do seu *design vintage* que decidiu não o deitar fora. Era mesmo verdade que havia acessórios nas gavetas. No entanto, não eram de Harumi. Tinham sido colecionados pela filha de Hideyo, Kimiko, quando esta era ainda solteira. Não teve oportunidade de os ver com atenção, mas provavelmente não valeriam muito. Se fossem caras, decerto Kimiko tê-las-ia levado consigo.

— Porque é que vocês me estão a fazer isto? Porque puseram os olhos na minha casa? — indagou Harumi.

Pouco depois, o líder respondeu:

— Foi o que calhou.

— Mas vocês deram-se ao trabalho de me investigar, não foi? Devem ter algum motivo para isso...

— Cala-te! Isso não importa para nada.

— Importa sim. Para mim, importa.

— Já chega, fica mas é caladinha.

Harumi calou-se, como instruído. Era melhor não os provocar.

Após um silêncio confrangedor, um deles disse:

— Posso perguntar-lhe uma coisa?

Não era o líder. A linguagem formal surpreendeu-a.

— Ouve lá, pá — disse o líder num tom reprovador. — O que é que estás para aí a dizer?

— Qual é o problema? Queremos que ela nos confirme aquilo...

— Deixa-te disso.

— O que quer perguntar? — disse Harumi. — Responderei a qualquer pergunta.

Ouviu-se um forte estalido da língua, provavelmente do líder.

— Vai mesmo transformá-lo num hotel? — perguntou o homem que não era o líder.

— Num hotel?

— Ouvimos dizer que vão demolir o Marumitsuen e construir ali um *love hotel*.

O nome da instituição apanhou-a desprevenida. Foi a surpresa da sua vida. Estes homens deviam ser enviados de Kariya.

— Não tenho qualquer plano como esse. Comprei o Marumitsuen para o reconstruir.

— Toda a gente diz que isso é mentira — ripostou o líder, abrasivo. — A tua empresa lucra renovando negócios que vão à falência. Também ouvi dizer que transformam esses edifícios em hotéis de negócios e *love hotels*.

— Isso já sucedeu no passado, mas não tem nada que ver com este caso. O negócio do Marumitsuen é uma iniciativa pessoal minha.

— Mentira.

— Não é mentira nenhuma. Desculpa lá que to diga, mas, se construísse um *love hotel* num sítio como aquele, não teria nenhuma clientela. E eu não faço parvoíces dessas. Acreditem em mim. Eu sou aliada dos mais fracos.

— A sério?

— É obviamente mentira, não acredites nela! Qual «aliada dos mais fracos», qual quê! Assim que perceberes que não te vai dar dinheiro nenhum, desfazes-te dele!

Em seguida, ouviu-se o som de passos a descer as escadas.

— Isso é que foi demorar! Estiveste a fazer o quê? — censurou o líder.

— Não sabia abrir o fundo falso! Mas lá acabei por conseguir. Nem vais acreditar! Vê só!

Escutou-se o som de algo a cintilar. O homem parecia ter trazido a gaveta inteira.

Os outros dois mantiveram-se em silêncio. Provavelmente, nem imaginavam quanto valiam aqueles acessórios, que pareciam antiguidades.

— Nada mau — disse o líder. — É melhor do que se não houvesse nada. Vamos pegar nisto e vamos embora.

Harumi escutou o som de roupas a serem esfregadas e de um fecho a ser aberto e fechado. Pareciam estar a guardar os bens roubados num saco, ou algo parecido.

— E com ela, fazemos o quê? — perguntou o homem que a interrogou sobre o Centro Marumitsuen.

Após uma pausa, o líder deu a ordem:

— Vai buscar a fita adesiva. Se ela fizer barulho, vai-nos arranjar problemas.

Ouviu-se o som da fita adesiva a ser puxada. Em seguida, foi colada na boca de Harumi.

— Mas não a podemos deixar assim. Se não vier ninguém para esta casa, morre à fome.

Nova pausa. Parecia que o líder decidia sobre todo o tipo de coisas.

— Ligamos à empresa dela depois de fugirmos e dizemos que a presidente está atada. Deve dar, não?

— E se tiver de ir à casa de banho?

— Vai ter de aguentar algum tempo...

— Consegue aguentar?

A pergunta era dirigida a Harumi.

Ela disse que sim com a cabeça. Não estava a pensar nisso, sequer. Mesmo que a levassem à casa de banho, recusaria. Só queria que os homens saíssem de sua casa o mais rapidamente possível.

— Bem, vamos? Não se esqueçam de nada — instou o líder. Harumi pressentiu os três homens a irem-se embora. Pareciam ter saído pela entrada principal.

Pouco depois, escutou-lhes as vozes. Repetiam as palavras «chaves do carro».

Harumi ficou petrificada. Lembrou-se que deixara as chaves em cima da sapateira.

«Oh, não!», amaldiçoou-se, mordendo o lábio. A sua mala de mão estava no banco do passageiro. Tinha-a tirado da mala a tiracolo antes de sair do carro.

A carteira que os homens encontraram na sua mala a tiracolo era secundária. A carteira que usava verdadeiramente estava dentro da mala de mão. Só em notas, tinha ali mais de duzentos mil ienes. Os cartões de crédito e débito também estavam dentro dessa carteira.

No entanto, o que consternava Harumi não era a possibilidade de perder a carteira. Seria bom que lhe levassem apenas a carteira. Estava disposta a aceitar esse desfecho. Mas desconfiava que eles não se ficariam por aí. Como estavam com pressa em fugir, era quase certo que nem veriam o que havia dentro da mala de mão. Estava lá a carta dirigida ao Bazar Namiya. E Harumi não queria que a levassem.

Mas depressa reavaliou a sua posição. Mesmo que lhe deixassem a carta, que poderia ela fazer naquele estado? Não se conseguiria mexer até de manhã e o amanhecer ditaria o fim da reabertura por uma só noite do Bazar Namiya.

«Querida agradecer-lhe. Deu-me muita força. Daqui para a frente, gostaria de ajudar muitas pessoas.» Foi isso que escreveu na sua carta.

Mas que desastre se abatera sobre ela! Porque tinha de passar por aquilo? Que mal fizera? Não se lembrava de alguma vez ter sido assim castigada pelo destino. Logo ela, que sempre agiu de boa-fé, seguindo em frente sem parar.

Foi nesse momento que se lembrou subitamente das palavras do líder dos ladrões: «Qual “aliada dos mais fracos”, qual quê? Assim que perceberes que não te vai dar dinheiro nenhum, desfazes-te dele!»

Impensável. Quando é que ela tinha agido desse modo?

Depressa lhe veio à mente a imagem do gerente da padaria em lágrimas.

Harumi suspirou longamente pelo nariz. De olhos vendados e com as mãos e os pés atados, sorriu amargamente. É verdade que seguira sempre em frente. Mas talvez estivesse a olhar demasiado nessa direção. Não se tratava de um castigo divino, mas talvez de um aviso para que abrisse mais o coração.

«Vou ajudá-lo? Pão com castanha...», pensou.

A alvorada parecia mais próxima. Atsuya examinou o papel de carta branco.

— Olhem lá, isto é mesmo possível?

— O que é que queres dizer com «isto»? — indagou Shōta.

— Tu sabes... — começou Atsuya. — O facto de esta casa estar ligada ao passado, de recebermos cartas do passado e de as cartas que pomos na palete do leite irem para trás no tempo.

— Estás a dizer isso agora para quê? — questionou Shōta, de sobrolho franzido. — A prova de que isso está a acontecer é a nossa troca de correspondência.

— Eu percebo, mas...

— Eu também acho que é estranho — declarou Kōhei. — Deve ter que ver com o regresso por uma noite do Bazar Namiya.

— Bem... — anunciou Atsuya, levantando-se ainda com o papel de carta branco na mão.

— Para onde vais? — perguntou Shōta.

— Vou confirmar uma coisa, fazer uma experiência...

Atsuya saiu pela porta das traseiras e fechou-a com veemência. Contornou depois a porta da frente pela viela e colocou o papel de carta dobrado na ranhura do correio da portada. Voltou a entrar pela porta das traseiras e olhou para dentro. A caixa de cartão já não tinha a carta que ele tinha acabado de colocar pelo lado de fora.

— É tal como eu suspeitava — disse Shōta, cheio de confiança. — Se pusermos uma na ranhura da portada pelo lado de fora, provavelmente será entregue há trinta e dois anos. Esse é o significado de «regresso por apenas uma noite». Até agora, experienciámos esse fenómeno pelo lado de dentro.

— Quando amanhecer aqui, no mundo que existia há trinta e dois anos...

Shōta completou a frase de Atsuya.

— Acho que o velhote vai morrer. O antigo dono do Bazar Namiya.

— É a única opção que faz sentido — disse Atsuya, lançando um longuíssimo suspiro. Podia ser uma história estranha, mas não havia outra explicação.

— Que terá sido feito dela? — sussurrou Kōhei subitamente. Atsuya e Shōta

olharam para ele ao mesmo tempo. Kôhei ergueu o queixo e acrescentou: — A «Cachorrinha Perdida». Será que as nossas cartas a ajudaram?

— Quem sabe — retrucou Atsuya. — Em circunstâncias normais, não acreditaria em nós.

— Parece demasiado suspeito — concordou Atsuya, a coçar a cabeça.

Ao ler a terceira carta da «Cachorrinha Perdida», Atsuya ficou nervoso. Ela parecia estar a ser enganada e manipulada por um homem suspeito. Além disso, vinha do Centro Marumitsuen. Decidiram entre os três que tinham de a salvar. Não só isso, mas também de a guiar rumo ao sucesso.

Concluíram que lhe deveriam contar, a certo ponto, sobre o futuro. Todos sabiam que a segunda metade da década de 1980 constituía o período da economia de bolha. Decidiram dar-lhe alguns conselhos usando esse facto como base.

Os três usaram os telemóveis para pesquisarem sobre aquela época e escreveram uma carta à «Cachorrinha Perdida». Era tal qual uma profecia. Além disso, contaram-lhe o que aconteceria depois de a bolha rebentar. E foi complicado não usarem a palavra «Internet».

Ficaram indecisos sobre se lhe deviam revelar casos de acidentes e desastres naturais. Queriam falar-lhe de imensas coisas, como o grande sismo de Kôbe de 1995 ou o grande sismo do Japão Oriental de 2011.

Todavia, no fim de contas, não lhe revelaram nada a esse respeito, nem sobre o «Músico da Peixaria» que morreu no incêndio. Era melhor não interferirem com a vida humana.

— O Marumitsuen deixou-me curioso — afirmou Shôta. — Parece estar interligado a muitas coisas... porque será? Será coincidência?

Atsuya também se tinha apercebido disso. Eram demasiadas coincidências seguidas. Até porque eles só estavam ali naquela noite por causa do Centro Marumitsuen.

Foi Shôta quem soube primeiro que a instituição em que cresceram estava em apuros. Deu-se no mês anterior. Estavam os três a beber, como sempre, Kôhei incluído. Mas não era num *izakaya*: estavam num parque a beber cerveja e *chûbai*10 enlatados que haviam comprado numa loja barata.

— Parece que a presidente de uma empresa qualquer comprou o Marumitsuen. Diz que o vai renovar, mas deve ser mentira.

Shôta foi despedido da loja de eletrodomésticos em que trabalhava. Sustentava-se apenas com um *part-time* numa loja de conveniência.

Como o seu local de trabalho ficava perto do Centro Marumitsuen, ainda ia lá ver como estavam as coisas. Há que mencionar que perdera o emprego na loja de eletrodomésticos por meros cortes no pessoal.

— Fogo, estava a pensar viver ali, se precisasse — queixou-se Kôhei,

desconsolado.

Era um desempregado. Antigamente, trabalhava numa grande oficina de automóveis. No entanto, em maio, a empresa faliu subitamente. Continuava a dormir nos dormitórios da oficina. Um dia, porém, acabaria por ser corrido dali para fora.

Também Atsuya sofria com o desemprego. Até dois meses antes, trabalhava numa fábrica de componentes. A dado momento, recebeu uma encomenda de novas peças da empresa-mãe. Como as medições eram diferentes das dos componentes habituais, Atsuya confirmou-as várias vezes. E foi-lhe dito que estavam corretas. E assim seguiram as peças para produção. No fim, tinha mesmo havido um erro. Dizia-se que o novo funcionário da empresa-mãe, e que servia de ponto de contacto com a fábrica, cometera um erro numérico. Como resultado, foram produzidas incontáveis peças defeituosas. Por qualquer motivo, a culpa foi posta em Atsuya. Acusaram-no de não confirmar o suficiente.

Já tinha acontecido a mesma coisa em várias ocasiões. A subsidiária não se dava bem com a empresa-mãe. Os superiores no trabalho não o protegiam. Sempre que surgiam problemas, Atsuya e os outros subordinados eram os culpados.

Atsuya acabou por perder a paciência. «Despeço-me», anunciou, e abandonou a fábrica.

Praticamente não tinha poupanças. Quando olhou para a caderneta bancária, concluiu que estava à beira do fim. Havia dois meses que não pagava a renda de casa.

Mesmo que os três estivessem preocupados com o Marumitsuen, nada podiam fazer por ele. O máximo que estava ao seu alcance era falarem mal da empresária que o ia comprar.

Atsuya não sabia quem tinha falado disso em primeiro lugar, talvez tivesse sido ele mesmo. Não tinha a certeza. Todavia, recorda-se de ter cerrado o punho e de proferir as seguintes palavras, e com determinação:

— Vamos roubar o dinheiro a essa mulher. A Virgem Maria perdoa-nos.

Shôta e Kôhei também ergueram os punhos. Estavam motivadíssimos.

Eram da mesma idade e andaram juntos na escola básica e na secundária. Tinham feito muitas coisas terríveis juntos: roubar bens enquanto distraíam os donos, furtar em lojas, vandalizar máquinas de venda automáticas... A maior parte dos roubos não envolvia violência. O mais extraordinário era que raramente eram apanhados. O fator-chave era terem mantido a tática: nunca reincidir nos mesmos locais, não usar métodos semelhantes e não infringir tabus.

Só tinham roubado uma casa. Uma vez. Foi durante o último ano letivo na secundária. Embora não procurassem emprego, ansiavam por roupas novas. O alvo fora a casa do rapaz mais rico da escola. Antes de entrarem em ação, confirmaram vários pormenores, como quando é que ele iria de férias com a família e que

alarmes havia na residência. Nem pensaram duas vezes no que podia suceder se o plano fracassasse. Roubaram-lhe cerca de trinta mil ienes em dinheiro. Encontraram-no por mero acaso numa das gavetas que revistaram. Satisfeitos, fugiram. Graças à sua mestria, as donas da casa nem se aperceberam dos danos que lhes foram infligidos. Foi como um jogo divertido para eles.

No entanto, não o faziam desde que saíram da escola secundária. Agora eram os três adultos. Se o repetissem, os seus nomes acabariam nos jornais.

Dessa vez, porém, nenhum deles queria abandonar o plano. Estavam todos numa situação desesperada e queriam descarregar as frustrações em alguma coisa. Na verdade, Atsuya nem se importava com o que pudesse acontecer ao Marumitsuen. Dava-se bem com o antigo diretor, mas não gostava de Kariya. Desde que este assumira a direção, o ambiente na instituição piorara.

Era Shōta quem recolhia informações sobre os seus alvos. Quando os três se reuniram no dia seguinte, Shōta anunciou, com os olhos a brilhar, que trazia «boas notícias».

— Descobri onde fica a segunda casa da presidente. Quando ouvi dizer que ela ia visitar o Marumitsuen, esperei por ela numa *scooter*. Segui-a até chegarmos à casa; fica a uns vinte minutos do Marumitsuen. É uma casa bonita, deve ser facilímo lá entrar. Segundo os vizinhos, ela só a visita uma vez por mês. Mas não se preocupem: não cometi o estúpido erro de deixar que os vizinhos se lembrem da minha cara.

Se a história de Shōta fosse verdadeira, eram, de facto, boas notícias. A questão pendente era se haveria ou não artigos de valor na casa.

— Claro que sim — cortou Shōta, resolutivo. — Ela é a presidente de uma empresa. Usa coisas de marca da cabeça aos pés. Aposto que tem algumas joias na segunda casa. E bules e quadros caros...

— Tens razão — concordaram Atsuya e Kōhei.

Na verdade, nem conseguiam imaginar que tipo de coisas os ricos tinham em casa. Na sua mente, desenhavam uma casa de ricos como as que viam nos desenhos animados ou nas séries de televisão.

O dia de implementação do assalto era 12 de setembro, à noite. Não havia uma razão especial para essa data. A principal era que Shōta tinha folga do seu *part-time*. Mas tinha muitas outras folgas; foi naquela data como podia ter sido noutra qualquer.

Kōhei arranhou o carro que iam usar para se deslocarem, utilizando as suas ligações à oficina onde trabalhava. Só lamentava que apenas tivessem modelos antigos.

Pelas onze da noite do dia 12, os três iniciaram a sua infiltração. Partiram a porta de vidro do lado do jardim e removeram-lhe o cadeado. Foi um método de intervenção absolutamente clássico. Como puseram fita adesiva no vidro, nem se

ouviu o som de cacos a espalhar-se.

Tal como esperavam, a casa estava vazia. Podiam fazer o que quisessem. Mal podiam esperar por pôr as mãos em tudo o que pudessem. Mas o entusiasmo ficou-se por aí; fora tudo em vão.

Revistaram toda a casa, mas não continha nada interessante. Se a presidente usava tudo de marca, porque é que a sua segunda casa era tão plebeia? «É estranho», pensou Shôta, de cabeça inclinada. «Tem de haver aqui mais qualquer coisa.»

Foi então que ouviram o som do carro a parar perto da casa. Os três desligaram as lanternas. Em seguida, o trinco da porta foi destrancado. Atsuya encolheu-se. Parecia que a presidente tinha vindo. Não era o que tinham discutido. De qualquer modo, era demasiado tarde para protestar.

As luzes da entrada e do corredor acenderam-se. O som de passos tornou-se cada vez mais próximo. Atsuya preparou-se para o pior.

¹⁰ Bebida alcoólica gaseificada. (NT)

— Olha lá, Shôta, como é que encontraste esta casa abandonada? — questionou Atsuya. — Disseste que foi por acaso, mas normalmente nunca virias para um sítio como este!

— Bem, na verdade, não foi por acaso — revelou Shôta, com um ar embaraçado.

— Bem me parecia. O que é que se passou?

— Não olhes assim para mim. Não se passou nada. Eu não te disse que segui a presidente até à sua segunda casa? Antes de ir para ali, ela parou em frente à loja.

— Parou? Para quê?

— Não sei, não sei de nada. Quando olhei para o letreiro da loja, fiquei curioso. Depois de investigar a casa, fui lá mais uma vez. Foi aí que pensei que a podíamos usar e guardei-a na memória.

— E essa casa desocupada tornou-se numa incrível máquina do tempo?

Shôta encolheu os ombros.

— Quer dizer... parece que sim.

Atsuya cruzou os braços e resmungou baixinho. Os seus olhos focaram-se na mala encostada à parede.

— Quem é a presidente? Como é que ela se chama?

— Qualquer coisa Mutô... Haruko, talvez?

Shôta guinou a cabeça.

Atsuya pegou na mala a tiracolo. Abriu o fecho e tirou uma mala de mão lá de dentro. Se não tivessem dado pelas chaves do carro na sapateira da entrada, teriam deixado escapar aquela mala. Descobriram-na no lugar do pendura quando abriram a porta do carro estacionado na rua. Pegaram na mala sem pensar duas vezes.

Abriam a malinha de mão. Imediatamente, repararam numa carteira azul-escura esguia e comprida. Atsuya tirou-a da mala e examinou-a. Continha, pelo menos, uns duzentos mil ienes. Só pela carteira, já tinha valido a pena infiltrarem-se na casa. Os cartões de débito e crédito não lhes interessavam.

A carteira também tinha uma carta de condução. O seu nome era Harumi Mutô. Pela fotografia, parecia ser lindíssima. Shôta mencionou que estava na casa

dos cinquentas, mas não parecia nada.

Shôta fitou Atsuya. Os seus olhos pareciam algo ensanguentados, quiçá pelo sono em falta.

— Que foi? — interrogou Atsuya.

— Isto... estava dentro da mala.

Shôta retirou um envelope lá de dentro.

— O que é? E o que tem que ver connosco? — perguntou Atsuya.

Shôta permaneceu em silêncio, mostrando-lhe o envelope. Ao vê-lo, Atsuya sentiu o coração a acelerar-lhe no peito.

Na sua face, estava escrito à mão: «Para o Bazar Namiya.»

Estimado Bazar Namiya,

Soube por um site na Internet que reabriria por uma só noite. É mesmo verdade? Acredito que o seja, foi por isso que decidi escrever-lhe.

Lembra-se de mim? Escrevi-lhe uma carta no verão de 1980. O meu pseudónimo era «Cachorrinha Perdida». Na altura, tinha acabado de concluir a escola secundária. Era mesmo inexperiente. Tinha-lhe pedido conselhos sobre como convencer as pessoas em meu redor da minha decisão de trabalhar na indústria do entretenimento adulto. Era um pedido absolutamente idiota. Obviamente, o senhor Namiya deu-me uma valente emenda. Foi implacável.

Mas eu era nova: não aceitei de bom grado as suas palavras. Expliquei melhor de onde vim, o meio em que vivia, e revelei que queria pagar de volta a minha dívida de gratidão a todos aqueles que me ajudaram. Deve ter achado que eu era uma rapariga obstinada.

Todavia, o senhor Namiya disse que, nesse caso, estava tudo bem. E deu-me um conselho, dicas de como viver a minha vida. Não ao nível abstrato, mas com o maior nível de precisão possível. O que teria de aprender e até quando? Com o que teria de lidar? Do que me teria de desfazer? A que é que me deveria apegar? Foi como uma profecia.

E eu segui os conselhos do senhor Namiya. Para ser franca, estava algo cética no início. Mas, depois de confirmar que o mundo estava de facto a mudar como previra, nunca mais vacilei.

Achei estranhíssimo que tenha previsto certamente a criação e fim da bolha da economia, bem como o início da era da Internet.

Seja como for, suspeito que perguntar como sabia isso seja em vão. Saber a verdade nada mudaria.

A única mensagem que quero deixar ao senhor Namiya é esta:

Muito obrigada.

Agradeço-lhe do fundo do coração. Sem os conselhos do senhor Namiya, não seria quem sou. Provavelmente, estaria no ponto mais fundo da sociedade. Estar-lhe-ei grata por toda a vida. É frustrante que não lhe possa retribuir de nenhum modo, mas, de qualquer das

maneiras, devo agradecer-lhe. Daqui para a frente, quero ajudar o máximo de pessoas possível.

Segundo o site, esta noite marca o 33.º aniversário do falecimento do senhor Namiya. Eu pedi-lhe conselhos precisamente por esta altura, há trinta e dois anos. Ou seja, provavelmente fui a última pessoa a pedir-lhe conselhos. Sinto que deve ter sido obra do destino.

Rezo para que descanse em paz.

Cachorrinha Antigamente Perdida

Terminando de ler a carta, Atsuya levou as mãos à cabeça. Sentia que a mente se paralisava. Queria expressar o que sentia, mas não era capaz de o verbalizar.

Os outros dois imitaram-no, abraçando-se aos próprios joelhos. O olhar de Shōta manteve-se fixo no ar.

Como era possível? Tinham dado o seu melhor para persuadir a mulher a não trabalhar na indústria adulta e tinham-lhe contado o que aconteceria no futuro meros instantes antes. E ela parecia ter sido bem-sucedida. Passados trinta e três anos, Atsuya e os companheiros assaltaram-lhe a casa.

— Tem de haver qualquer coisa... — sussurrou Atsuya.

Shōta virou-se para ele.

— O que é que queres dizer com isso?

— Hum... não sei explicar. Mas tem de haver alguma coisa que ligue o Bazar Namiya ao Marumitsuen. Um fio invisível, digamos. E alguém o está a controlar a partir do céu.

Shōta olhou para o teto e murmurou:

— Talvez tenhas razão.

— Ah! — exclamou Kōhei. E foi averiguar as traseiras.

A porta estava aberta. Por ela passavam raios de luz matinal. A noite dera lugar à alvorada.

— Esta carta já não vai chegar ao Bazar Namiya — declarou Kōhei.

— Não importa. Esta carta é para nós. Não é, Atsuya? — disse Shōta. — Ela está a agradecer-nos. Disse-nos «muito obrigada». A nós, uns imprestáveis.

Atsuya olhou Shōta nos olhos. Os seus olhos estavam avermelhados e encharcados de lágrimas.

— Acredito nela. Quando lhe perguntei se ia transformar o centro num *love hotel*, disse que não. E eu acredito. Ela não estava a mentir. A «Cachorrinha Perdida» jamais diria uma mentira dessas.

— Concordo — concedeu Atsuya.

— Então, que fazemos? — interrogou Kōhei.

— É óbvio. — Atsuya levantou-se. — Vamos voltar àquela casa e devolver

tudo o que roubámos.

— Temos de lhe soltar as mãos e os pés — disse Shôta. — Tirar-lhe a venda e destapar-lhe a boca.

— Pois é.

— E depois? Fugimos? — perguntou Kôhei.

Atsuya abanou a cabeça.

— Não, não vamos fugir. Vamos esperar que a polícia venha.

Shôta e Kôhei não protestaram.

— Vamos para a prisão... — declarou Kôhei, com os ombros a descair.

— Se nos entregarmos às autoridades, podemos ter pena reduzida — acrescentou Shôta. Em seguida, virou-se para Atsuya. — O problema vai ser no futuro. Vamos ter ainda menos sítios onde trabalhar. O que fazemos?

Atsuya abanou a cabeça.

— Não sei. Mas uma coisa é certa: nunca mais toco nas coisas dos outros.

Shôta e Kôhei anuíram em silêncio.

Arranjaram os seus pertences e saíram pelas traseiras. Os raios de sol encadeavam a vista. Em parte incerta, os pardais piavam.

Atsuya olhou para a paleta do leite. Quantas vezes teriam aberto e fechado a caixa naquela noite? Ao pensar que nunca mais lhe tocariam, sentiu-se algo triste.

Experimentou abri-la uma última vez. E lá dentro havia um envelope.

Shôta e Kôhei tinham seguido mais à frente.

— Ó! — chamou Atsuya. — Estava isto ali dentro!

Mostrou-lhes o envelope.

Na face, escrito em tinta permanente: «Ao Senhor Sem Nome.» A caligrafia era extremamente hábil.

Atsuya abriu o envelope e retirou a carta.

Esta é uma resposta para a carta em branco que recebi. Se não sabe que carta é essa, ponha esta no seu lugar original.

Atsuya engoliu em seco. Ainda há pouco, pusera uma carta em branco na ranhura da portada do bazar. E esta nova carta era uma resposta a esse papel em branco. Tinha mesmo sido o velho Namiya a escrevê-la.

A carta dizia o seguinte:

Pois bem, Senhor Sem Nome,

Cogitei na razão pela qual se deu ao trabalho de me enviar uma folha de papel em branco. Considerei que devia tratar de algo sério, pelo que não poderia escrever-lhe uma resposta descuidada.

Depois de alguma reflexão, decidi interpretar a sua carta como uma ausência num mapa.

Muitas das pessoas que me pediram conselhos sentiam-se como crianças perdidas. Muitas vezes, tinham o mapa nas mãos, mas não olhavam para ele; noutras ocasiões, não sabiam da sua localização, pelo que não podiam fazer nada com ele.

Mas, no seu caso, o mapa está em branco. Por isso, não é capaz de decidir nem para onde nem por onde vai.

Um mapa em branco é, obviamente, algo complicado. Qualquer um ficaria desesperado em tal situação.

Peço-lhe, ainda assim, que mude o seu ponto de vista. Pode desenhar o mapa que quiser nessa folha em branco. Está tudo nas suas mãos. Haja o que houver, as possibilidades são infinitas. E isso é maravilhoso. Por favor, acredite em si mesmo. Rezo, do fundo do coração, que tenha uma vida de que não se venha a arrepender.

Pensava que nunca mais responderia a um pedido de aconselhamento. Muito obrigado por este último e encantador desafio!

Bazar Namiya

Atsuya levantou o rosto. Olhou para os seus dois companheiros. Os olhos de ambos resplandeciam.

Atsuya sabia também que os seus próprios olhos estavam a brilhar.